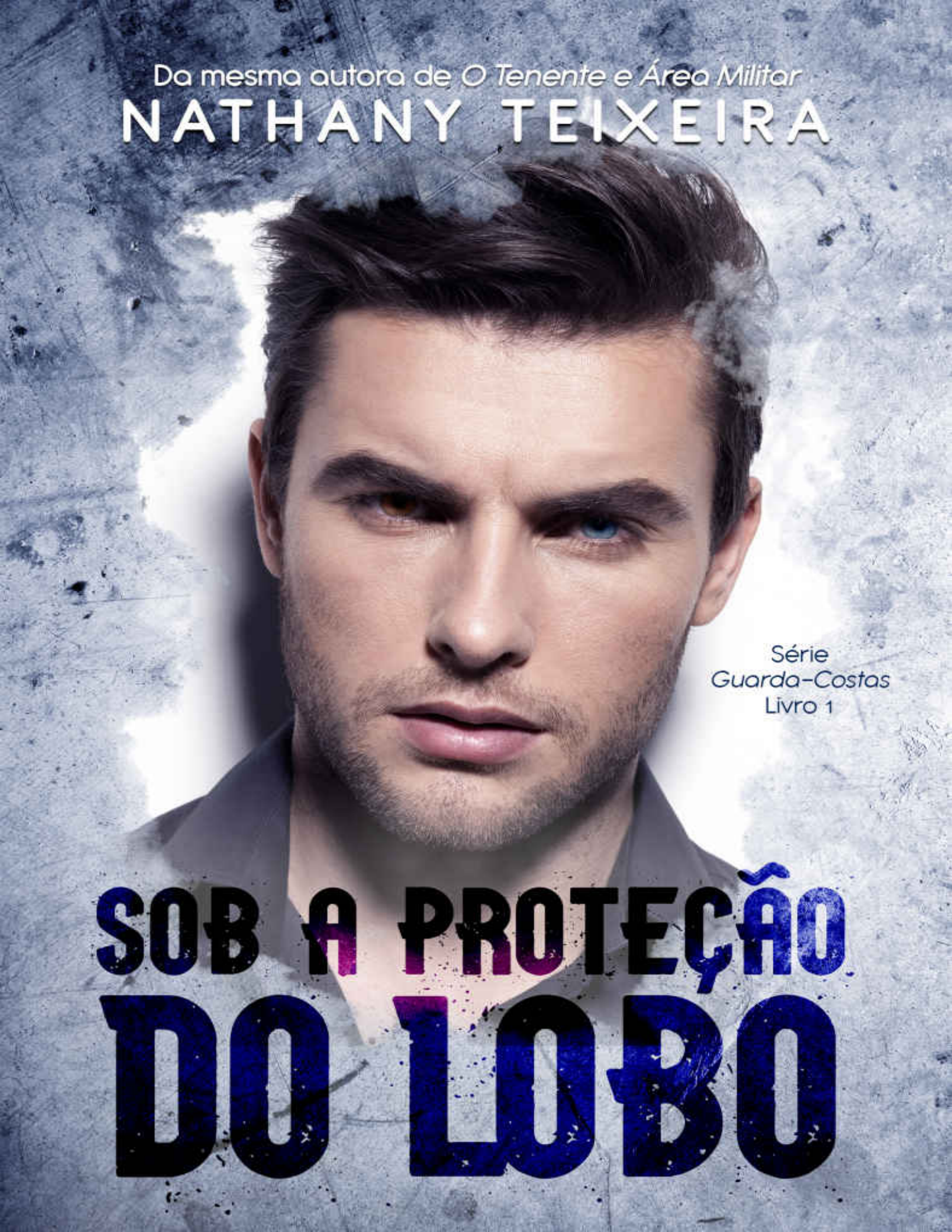
Da mesma autora de *O Tenente* e *Área Militar*

NATHANY TEIXEIRA



Série
Guarda-Costas
Livro 1

SOB A PROTEÇÃO DO LOBO

Série *Guarda-Costas* – Livro 1

SOB A PROTEÇÃO DO LOBO

Da mesma autora de *O Tenente* e *Área Militar*

NATHANY TEIXEIRA

© Copyright 2021 Nathany Teixeira

Capa: Layce Design
Revisão: Artemia Souza
Preparação de texto: Tici Pontes
Diagramação: Tici Pontes
Imagens: Designed by pch.vector / macrovector / BiZkettE1 / Freepik

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

1ª. Edição / 2021

Sumário

Sinopse
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Epílogo
Leia também
Recado da autora

Agradecimentos

SINOPSE

Jasmin Cahill cresceu na companhia dos homens de preto. Sempre escoltada, a herdeira de uma das maiores empresas de armamento e defesa do estado estava acostumada a ter companhia 24 horas por dia. Ela aceitou aquele destino, assim como se via ansiosa para assumir a empresa do pai, até que, em uma noite que era para ser mágica, ela perdeu de forma trágica uma das pessoas mais importantes da sua vida.

Naquele momento, algo se partiu, e a vontade de se manter cercada por estranhos também. Agora tudo que ela queria é viver como se não houvesse amanhã.

Christopher Holder é conhecido como LOBO. Um guarda-costas que só fala uma língua... a da violência; algo que aprendeu ainda na infância e o transformou em um homem ríspido, impiedoso e com uma mira tão única quanto seu olhar bicolor. Acostumado a trabalhar com nomes importantes e perigosos, ele é de longe uma máquina rígida de músculos e mau humor. Seu único objetivo era prezar pelo seu trabalho, mas um deslize o obrigou a receber uma missão que nunca aceitou antes: a de proteger a filha de um CEO da indústria de armas.

O que Lobo não poderia imaginar era que a jovem encrenqueira já tinha cruzado seu caminho antes, e ele precisou gastar todo o seu autocontrole para não enforcá-la no instante em que a viu.

A raiva se misturou ao dever de cumprir sua missão. Alguém estava tentando assassiná-la, e ainda que detestasse Jasmim da cabeça aos pés, ele arriscaria a própria vida para protegê-la.



E se você tivesse tudo, mas ninguém para ligar?

Talvez então você me conheceria

Porque eu tive tudo

Mas ninguém está me escutando

E isso é solitário pra caralho

Lonely - Justin Bieber



PRÓLOGO

A música lenta envolvia meu coração. O vestido longo com contas brilhantes que reluziam sobre o tecido preto pesava a cada novo giro que eu dava enquanto segurava a mão de um rapaz um pouco mais alto que eu. Um estranho, sim, mas que sorria para mim como se nos conhecêssemos há anos.

Magnólia também rodopiava em seu vestido púrpura, cheio de camadas, pelo salão festivo, decorado exclusivamente para seu baile de formatura. Minha irmã caçula estava estonteante, parecia uma princesa com os cabelos claros como os meus, caindo em ondas pelas costas nuas. Ela estava abraçada ao namorado e exibia um sorriso apaixonado, tão contagiante que por um momento nos esquecemos das presenças que geralmente sempre nos incomodavam. Os três homens de óculos escuros e muito bem armados, parados nas laterais do baile.

Agora aquilo não importava. Naquele momento, eu só queria aproveitar a companhia do estranho colega de classe da minha irmã, que tinha um charme profundo, inusitado e o melhor... não aparentava temer os nossos guarda-costas.

— Harry... — ele sussurrou em meu ouvido de repente, pouco antes de me rodar em seus braços e me puxar para perto. — Esse é meu nome, acho que deveria saber, já que pretendo te chamar para sair depois de todo esse espetáculo. — Ele olhou para a festa que estava abarrotada de alunos.

O salão mais parecia ter saído de um filme da Disney. Entre conversas altas e risadas histéricas, várias fitas de seda desciam do teto da entrada até a área de dança. Uma pequena banda tocava sobre um palco luminoso e, em uma ala mais isolada, os professores observavam os alunos e seus convidados aproveitando a festa e provavelmente agradecendo a Deus por mais uma vez terem se livrado de um amontoado de jovens agitados e barulhentos.

— Harry — repeti o nome com um sorriso. Ele me encarou, os olhos cinzas varreram os meus com intensidade.

Ele era tão lindo, tão charmoso e com certeza devia ter a idade da minha irmã, o que significava que Harry era três anos mais novo do que eu. Mas quem estava contando? Eu com certeza não...

— Para onde vamos depois daqui?

— Vai ter uma festa na casa do Carl. Um amigo da turma. Sua irmã foi convidada. — Ele soprou em meus ouvidos. — Seria sonhar demais querer que você fosse com ela?

— Nunca te disseram que não há limites para sonhar? — Sorri, tentando conter a euforia.

Ah, qual é? Ele tem 17, mas é bem gatinho...

— Acha que consegue se livrar deles por lá? — Apontou com o queixo para um dos nossos guarda-costas que mais parecia ter se tornado parte da pintura do lugar. O homem nem sequer se mexia.

— De 0 a 100? — Crispei os lábios. — 1%. Isso se um milagre acontecer. — Suspirei diante da realidade e senti sua mão comprimir ainda mais meu quadril.

— Relaxa, a gente dá um jeito — ele disse ameno. — Nossa missão hoje vai ser despistar os MIBs ali, fora do olhar deles eu vou

conseguir fazer o que mais quero desde que coloquei meus olhos em você.

— E o que é? — Meu coração bateu mais forte pela mera expectativa, mesmo ciente de que era impossível distrair qualquer um daqueles homens, queria ao menos poder imaginar aquela conversa mais tarde.

— Te beijar — sussurrou bem pertinho do meu ouvido. Um arrepio transpassou meu corpo.

Um arrepio delicioso e cheio de expectativas que, no instante seguinte, se transformou no mais puro pânico, quando um som alto tomou o salão no exato momento em que a música parou.

— Atirador! Tem um atirador! — alguém gritou. Mais um som seco e alto explodiu em algum lugar do salão.

Uma confusão generalizada começou. Imediatamente meus olhos buscaram Magnólia na multidão. As pessoas começaram a correr, tentando sair do salão e uma delas esbarrou em mim, afastando-me de Harry. Ergui o rosto e não consegui vê-lo outra vez.

— Mantenha-se abaixada! — Braços e mãos me cercaram. O guarda-costas abaixou minha cabeça, cobrindo-me com seu corpo.

— Cadê a Mag? — Tentei me erguer para olhar em volta, mas ele me impediu.

— Estou com o Cristal, saindo pela lateral.

— MAGNÓLIA! MAGNÓLIAAAAAAA... — comecei a gritar, já que ele não estava disposto a permitir que eu me levantasse.

— O Diamante está bem na nossa frente, concentre-se em se manter abaixada, senhorita — ele alertou, enquanto sons de coisas quebrando e gritos agudos tomavam o lugar.

Ergui o rosto a tempo de ver alguém esbarrando em Magnólia no meio da multidão, antes do guarda-costas mais uma vez abaixar meu rosto, fazendo-me encarar a barra do vestido púrpura de Mag se arrastando poucos metros à frente.

Certo alívio tomou meu peito. Assim que saíssemos dali todo aquele pesadelo terminaria.

Continuei caminhando, mal enxergando um passo diante de mim. Segundos depois, estávamos do lado de fora do salão de festas. Os guardas começaram a correr e nos induziram a fazer o mesmo. Fomos escoltadas até um dos quatro carros pretos parados na porta do salão, todos idênticos. Entramos no terceiro deles e eu demorei mais do que deveria para notar o que tinha acontecido.

— Graças a Deus estamos seguras... — Virei-me para minha irmã que já estava sentada no banco do carona. Sua mão pressionava a cintura e só então vi a mancha vermelha que se espalhava pelo tecido. — Magnólia? — Ela me encarou, os olhos arregalados no rosto delicado e ligeiramente mais pálido me apavorou. — MAGNÓLIA! SOCORRO! — gritei, saltando-me sobre ela que começou a se debater e convulsionar.

— O Diamante foi ferido, repito, Diamante ferido!

— Façam alguma coisa, por favor! Por favor, ajudem minha irmã! — implorei quando vi mais e mais homens chegando até nosso carro. Um deles tentou me tirar do lado de Magnólia. — Não, eu vou ficar aqui. — Mal fechei a boca e minha irmã começou a puxar o ar com força, seu peito subia e descia como se o ar não chegasse aos pulmões. Os lábios começaram a ficar roxos e foi então que o pesadelo começou.

Sempre tive pavor de pesadelos... Ficar presa em um lugar que só te causa dor era terrível, doloroso, infernal. Mas havia uma coisa muito pior que as armadilhas da mente e dos sonhos... a realidade.

Observei descrente um dos guardas rasgando o vestido de Magnólia enquanto ela sufocava.

— Ela foi esfaqueada, mas não é um lugar fatal, então por que... — Ele encarou confuso o rosto pálido da minha irmã.

— Ajude-a, faça alguma coisa, pelo amor de Deus! — Lágrimas sinuosas desceram por meu rosto enquanto meu corpo se mantinha inerte, como se de repente tivesse perdido todas as minhas forças. — Ajudem minha irmã. — Solucei.

Sentia-me inútil, assistindo-a sufocar de estava de mãos atadas. Seu corpo balançava como se estivesse sofrendo um ataque epilético.

— Vamos para o hospital. AGORA! — um dos guardas disse no rádio, mas antes mesmo que ele terminasse a frase, Magnólia parou de se mover repentinamente.

Fechei os olhos, incapaz de encará-la. O medo misturado ao pavor e a dor que se insinuava pela minha garganta me congelou.

Não queria abrir os olhos. Não queria encarar a verdade.

O meu pior pesadelo tinha se tornado realidade.

CAPÍTULO 1

3 anos depois

Lobo

Havia uma sensação dolorosa e prazerosa na solidão. Uma que eu apreciava mais do que qualquer coisa. Era esse pensamento que invadia minha mente enquanto eu rodava entre os dedos o número de telefone que a garçonete deixou na minha mesa, junto com o uísque que virei de uma vez só.

Passei os olhos pela pequena multidão que abarrotava um dos pubs mais caros no centro de Chicago. Vários jovens se divertiam sob as luzes incandescentes e ofuscantes que piscavam em meio à fumaça artificial do lugar.

Fiquei encarando a névoa acinzentada e trinquei o maxilar quando, mais uma vez, o motivo pelo qual eu me permiti ir até aquele lugar sondou minha mente.

Raramente costumava sair e quando o fazia, nunca escolhia um lugar em Chicago, a cidade onde morava e trabalhava. Sempre optava por cidades distantes que me permitissem ficar à vontade, bem longe de qualquer possibilidade de encontrar algum conhecido, mas ter que enfrentar meu pai no dia seguinte era um dos motivos que me levou até ali. Se não distraísse minha cabeça de algum jeito, acabaria enlouquecendo.

Bem sabia que não deveria ter agredido o convidado do meu VIP na minha última missão, mas eu detestava pessoas arrogantes

e odiava ainda mais os covardes que se escondiam atrás de fortunas e de poder.

— Que se foda! — Bufei sozinho.

Meu pai teria que entender a situação. Ele nem era meu cliente. A regra principal era manter o VIP intacto, ninguém falou nada sobre os amigos insuportáveis dele.

Balancei meu copo vazio em direção à garçonete que me atendeu minutos antes, dando uma boa olhada na mulher de lábios volumosos e cabelos encaracolados que caíam ao redor do rosto com cachos perfeitos. Ela se aproximou com um sorriso contido e depositou o copo pela metade em minha mesa.

— Se precisar de algo, qualquer coisa... pode me chamar — ela disse baixo. — Ou pode me ligar. — Lançou-me uma piscadela e mordiscou os lábios tingidos de vermelho, ciente de que eu ainda segurava seu número de telefone entre os dedos.

Ela era atraente e eu poderia garantir que ambos queríamos a mesma coisa, uma madrugada de sexo, mas a minha realidade naquela noite era diferente das outras que passei na companhia de alguma desconhecida. Hoje eu não conseguiria nada além de pensar em uma forma de escapar inteiro do meu pai amanhã.

— Que merda! — praguejei baixo, apoiando os cotovelos na mesa.

Não consegui me controlar durante o trabalho e agora ia ouvir por isso.

Levantei-me, disposto a colocar um fim naquela noite. Desviei de algumas pessoas que estavam energizadas pela bebida e dançavam conforme a música, até chegar próximo ao bar e notar que repentinamente, naquele canto escondido, as pessoas que

antes pulavam sem parar, agora estavam paradas como estátuas, encarando alguma coisa em meio à fumaça cinza que reluzia a luz vermelha do bar.

Busquei com os olhos o que estava chamando a atenção de todas aquelas pessoas a ponto de pararem o que estavam fazendo e foi então que eu a vi. O motivo pelo qual aquelas pessoas se sentiram incapazes de desviar o olhar e, assim como eles, me vi preso àquela visão.

Uma mulher estava dançando sobre uma das mesas do bar. Sua blusa preta e luminosa tinha um decote profundo que mexeu com minha imaginação, assim como a calça jeans desfiada e muito apertada que desenhava suas curvas. Os seios empinados e marcados pelo tecido brilhante se moviam conforme ela girava no salto fino, os cabelos loiros e muito compridos se pregaram em suas costas e rosto, os lábios vermelhos estavam manchados pelo batom e ela sorria de uma forma tão... livre, que por um ínfimo momento tudo que consegui fazer foi admirá-la. Os braços se moviam com precisão ao redor do seu corpo. Ela girou sobre um dos pés, equilibrando-se no salto com uma perfeição que causou murmúrios de admiração às minhas costas.

A dançarina mantinha os olhos fechados, enquanto deslizava as mãos pelo colo do busto, pescoço e cintura. Era uma visão excepcionalmente excitante e deliciosa. Como se ela sentisse a música em seus ossos. Como se fossem uma só.

A mulher rodopiou mais uma vez sobre a mesa lustrada e desceu logo em seguida, em uma saída perfeita que me levou a acreditar que ela era uma dançarina profissional. Pensei ter

testemunhado a melhor performance que já vi na vida, mas estava enganado.

Ela deu um passo errante quando a música se tornou mais lenta e novamente fechou os olhos. Abriu os braços e ficou ali, parada por alguns segundos, mais uma vez como se a música a penetrasse. E por algum motivo eu não consegui me mover, só conseguia observá-la. Os fios soltos presos em sua boca chamaram a minha atenção para os lábios semiabertos, e ainda de olhos fechados, ela moveu os braços e o que vi depois daquilo foi a mais incrível perfeição. A garota girou, saltou e fez movimentos delicados, sinuosos e muito sensuais.

Ela transmitia uma energia tão profunda que me perturbou. Entre os giros, a dançarina acabou se aproximando de mim e me vi prendendo o ar, observando-a. De perto era ainda mais linda. Como um anjo rebelde. Os saltos finos não atrapalhavam em nada, o que me impressionou. Não entendia como as mulheres tinham a capacidade de andar sobre aquela agulha o dia todo, que dirá dançar sobre uma como se estivesse descalça.

De repente, como que para me contrariar, a garota tropeçou em alguma coisa e seu corpo foi arremessado em minha direção. Estiquei o braço para ampará-la em um movimento impulsivo e ela se agarrou em mim como um bêbado agarraria um poste, metendo a mão bem no meio da minha cara.

— Ui, desculpe! — sussurrou, risonha, e outra mulher apareceu logo atrás dela.

— Falei que ia acabar caindo por aí, é melhor a gente ir. — A segunda, bem mais baixa que a garota que eu segurava naquele momento, aproximou-se com um semblante preocupado.

— Agora não... — ela respondeu e ergueu o rosto, ainda agarrada em meu braço.

Daquela distância conseguia ver cada detalhe do seu rosto. A feição mais fascinante que vi em muitos anos. Os olhos claros pareciam duas lanternas acesas, quentes pra caralho. De um verde tão profundo quanto uma jade.

— Você... — ela sussurrou, apontando para meu rosto. A voz levemente alterada pelo álcool exalava sensualidade.

E eu... fiquei paralisado pela beleza selvagem e incrivelmente perfeita daquela mulher. Não me movi até que ela parou a um centímetro de mim, ergueu a mão e olhou em meus olhos com atenção pela primeira vez. Pude ver quando notou a diferença entre eles, aquilo que era tão característico em mim que acabou se tornando meu codinome.

É claro que ela notaria.

Não conheci ninguém que tivesse sequer fingido não perceber. Que se foda, eu gostava daquilo. Gostava de ser lembrado, gostava de causar impacto. E por algum motivo, a garota misteriosa sorriu.

— Seus olhos... — Ela apontou para eles. — Ou eu bebi demais, ou esse daqui é azul... — Tocou minha bochecha com o indicador, segurando um sorriso travesso. — E esse daqui é preto. — Fez o mesmo do outro lado, e não consegui evitar o pensamento de que aquela era a mulher mais adorável que já cruzou meu caminho.

— Quase preto — respondi.

— Eu quero te beijar — falou do nada e enlaçou meu pescoço com os braços. O cheiro de rosas e cerveja logo me

invadiu.

— Devia seguir o conselho da sua amiga, moça — disse um instante antes do seu olhar encontrar o meu, brilhante, aceso, enigmático.

Porra, quem era ela?

A jovem, que mais parecia uma miragem, sorriu e para minha mais profunda surpresa, tascou sem vergonha nenhuma um beijo em minha boca.

— Jasmin! — ouvi a amiga chamar, quando o cheiro doce e profundo da tal Jasmin me tomou. Ela continuou pressionando os lábios contra os meus. Sua respiração alterada pela dança tocava meu rosto e, porra, aquilo era gostoso demais, mas errado na mesma medida.

— Vai com calma, garota. — Afastei-a e segurei seus pulsos. Ela resmungou algo ininteligível e riu em seguida. Estava para lá de bêbada. — É melhor levá-la embora — alertei à amiga.

— Farei isso agora mesmo, sinto muito por esse ataque. — A dançarina beijoqueira torceu o nariz e resmungou quando inclinei seu corpo, antes tão agitado, para sua companheira. — Jasmin, não se deve beijar estranhos, eu já te disse isso. Vem, vamos tomar um refrigerante. Vou pedir para meu pai vir nos buscar. — Ela amparou a amiga que, por sinal, não parecia satisfeita com o final da noite e desapareceu no meio da multidão.

Saí de lá o mais rápido que consegui. Os pensamentos retornando ao beijo mais inesperado que já recebi, e mesmo não tendo passado de um selinho seco, o cheiro dela se impregnou em minha pele. Doce como um campo florido.

Paguei a conta na saída e me peguei parado, em frente ao elevador que me levaria até o estacionamento, dando uma última olhada na multidão aglomerada na boate, secretamente na esperança de vê-la mais uma vez. O olhar arredio, sensual e instigante não saía da minha cabeça.

Demorei mais do que gostaria de admitir para conseguir me afastar dali, mas eram poucas as coisas que um homem como eu devia temer. Olhares como o daquela mulher, sedento, aventureiro, delicioso, estavam no topo da lista.

Entrei no elevador e desci para o estacionamento. Tirei as chaves da minha moto do bolso e já estava a centímetros do veículo quando ouvi um toc-toc insistente vindo das escadas de incêndio. Olhei sobre o ombro e como uma visão vinda diretamente do inferno para me atentar, lá estava ela.

A garota dos olhos de jade!

Estreitei os olhos quando notei seu semblante desesperado correndo pelas escadas da saída de incêndio. Ela chegou a olhar em minha direção, o rosto delicado ganhando vincos que mais pareciam um pedido de ajuda e antes que ela pudesse de fato chegar ao estacionamento, um homem saltou sobre ela, segurando seus braços.

— Peguei ela! — gritou e mais um homem apareceu bem atrás dele.

— ME SOLTA! — Ela se debateu contra os braços do sujeito, os saltos finos saíram do chão enquanto ela balançava as pernas no ar.

Minhas vistas ficaram vermelhas conforme a raiva subia e tomava conta de cada célula do meu corpo. Sabia que não devia me

meter em problemas dos outros, principalmente pela minha falta de autocontrole, mas preferia morrer mil vezes antes de dar às costas a uma mulher em perigo.

Corri até ela e dei um chute em um dos idiotas que a seguravam. O homem cambaleou e levou a mão até a cintura no mesmo instante, exatamente como o outro sujeito que tentava contê-la.

Então os desgraçados estavam armados?

Pensei em sacar a minha arma por um breve segundo, mas a colocaria em uma linha de um possível tiroteio, então não havia escolha.

Desferi um golpe na mão do homem à minha frente assim que ele puxou a arma, tão rápido que ele demorou a assimilar a dor que o atingiu. Girei uma cotovelada no segundo desgraçado antes que ele conseguisse sacar completamente a arma. O objeto preto caiu no chão com o impacto e chutei os dois revólveres para debaixo de um dos carros parados no estacionamento.

A garota escapou e se escondeu atrás de mim. As mãos agarravam minha jaqueta com força.

Trinquei o maxilar ao imaginar o que eles pretendiam fazer com ela e todos os pensamentos que me atingiram foram horripilantes, o que só fez aumentar a fúria que sentia no peito.

Eles não faziam ideia de com quem estavam lidando.

Agora que eu era o único armado seria mais fácil rendê-los ali mesmo. Levei a mão até a cintura, mas parei antes de sacar minha arma. Havia momentos em que a única coisa que continha minha fúria era poder distribuir alguns socos. A noite para aqueles filhos da puta tinha acabado, eu garantiria aquilo. E antes de chamar a

polícia, ensinaria a eles que não se devia tocar em uma mulher que não queria ser tocada.

Um deles, o maior de todos, tanto em altura quanto em largura, veio que nem um touro para cima de nós dois. Afastei-a com um braço para evitar que se machucasse de alguma forma, enquanto esperava o desgraçado se aproximar.

Aquilo ia ser bom...

Deixei que ele usasse todo seu impulso para me alcançar, desviei das suas mãos, rodei no mesmo momento que ele e acertei uma cotovelada no queixo do homem, que bambeou. O segundo sujeito lançou um soco no ar que raspou meu queixo. Chutei sua perna e dei três socos seguidos. Um no estômago, o segundo, um pouco acima no plexo e o terceiro no rosto, o que levou o homem ao chão em dois segundos.

O grandalhão não estava disposto a ceder e retornou com toda a sua força. Trocamos socos e por fim, dei nele uma rasteira e o joguei no chão ouvindo o som do seu corpo se chocar contra o piso grosso, com um baque. Ergui o punho disposto a amassar a cara daquele desgraçado no soco quando um terceiro homem desceu pelas escadas correndo.

Saltei e fiquei de pé em um segundo, saquei a arma e mirei na cabeça dele que ergueu os braços no mesmo instante.

— MISERICÓRDIA! Vamos ter calma... — ele gritou e encarou os comparsas caídos no chão. — Mas o que foi que aconteceu aqui? — Aquele último era o menor dos três. Alto e muito magro, também parecia ser o mais jovem. Só então percebi que eles vestiam uma roupa muito parecida. Um terno escuro e pontos de comunicação na orelha.

— E você, filho da puta, vai ficar parado aí? — gritei para ele, começando a me questionar sobre a profissão daqueles homens.

— Ah! — Ele olhou para os dois companheiros caídos no chão mais uma vez. Um deles parecia ter desmaiado, e o maior de todos gemia de dor enquanto me xingava. — Creio que estou tranquilo parado aqui! — Deu de ombros, mantendo as mãos erguidas, rendido.

Continuei mirando na sua cabeça.

— Quem são vocês? Para quem trabalham? É melhor falar agora ou pode dar adeus aos seus joelhos! — Mirei.

— Eu amo os meus joelhos, por favor, não atire neles! — ele respondeu aflito, a voz estridente quase me fez rir.

— A pergunta não é quem somos, seu maluco — o grandão respondeu, se colocando de pé. — Quem é *você*, e o que estava fazendo com a senhorita Cahill? — Cahill... o sobrenome não me era estranho. — Não somos o inimigo aqui, dá para abaixar essa merda? — ele pediu, mas obviamente não obedeci.

— Nós trabalhamos para o pai dela, idiota! — O homem que antes estava apagado, recuperou os sentidos e se sentou, no mesmo instante em que o som de um motor que eu conhecia muito bem ecoou pelo lugar. Gelei por um instante. — E merda... ela agora está roubando uma moto e a culpa é toda sua.

— Porra!

Virei-me a tempo de ver minha Spirit GP Sport, uma edição rara e cara pra caralho, passar pela saída do estacionamento como um raio, deixando para trás apenas os cabelos loiros daquela ladra safada e uma onda de fúria sem tamanho.

Enfiei as mãos nos bolsos, lembrando de ter tirado a chave em algum momento, mas... onde ela foi parar? Olhei para a vaga onde a moto estava parada. O par de saltos altos estavam jogados bem ali, abaixo do número 14, na vaga de estacionamento. Deve ter sido assim que a filha da puta conseguiu encontrar minha moto, deixei o bilhete do estacionamento preso ao chaveiro com o número da vaga.

Idiota! Idiota! Idiota!

— Caralho! — A safada me enganou direitinho.

— Ela roubou sua moto, né? — O mais jovem e o único que não apanhou naquela noite, se aproximou de mim e parou ao meu lado. Estava tão furioso que nem sequer respondi.

Lembrei-me das mãos daquela mulher me segurando como se eu fosse seu protetor. Cheguei a pensar que quando terminasse com aqueles caras ela estaria bem atrás de mim, assustada, temerosa, mas estava enganado.

Muito, muito enganado... constatei. A sensação de levar um soco na boca do estômago me atingiu.

— Perdemos o Cristal. — Ouvi o grandalhão dizer às minhas costas e imediatamente identifiquei-os como seguranças particulares. Só um guarda-costas falava assim do seu VIP. Pelo visto, ela estava mesmo fugindo de alguém. Das babás pagas pelo pai. — Graças a um idiota ela conseguiu acesso a uma moto. Não fazemos ideia de para onde foi, cerquem a região e...

— O idiota aqui sabe bem onde ela está — respondi e bufei indignado.

Era um homem cético por natureza, raramente confiava em alguém e quando o fazia, não dava brechas para nenhum tipo de

traição. Já lidei com homens perigosos de todo tipo e nunca um deles conseguiu me passar para trás, como foi que acabei sendo roubado por aquela mulher?

— O que disse? — um deles, o segundo que me enfrentou, perguntou enquanto segurava o estômago com força.

Talvez me arrependesse de não ter perguntado primeiro antes de partir para briga com desconhecidos, mas aquela era a única forma que eu conhecia de resolver problemas.

Desde que nasci, a única linguagem que aprendi foi a da porrada. Era o único jeito pelo qual sabia me expressar. Um caminho triste, mas que me fortaleceu e me transformou no homem que era. Mas, ainda que tentasse lutar contra aquele impulso, eu tinha um ponto fraco que destruía qualquer tipo de racionalidade... mulheres em perigo. Aquilo me tirava do sério, me deixava cego e sempre me trazia problemas de todo o tipo, como o da noite anterior que eu teria que arcar diante do meu pai.

— Sabe onde ela está? — ele perguntou mais uma vez quando viu que me mantive em silêncio.

— Tem um rastreador na minha moto, mas vou precisar de carona — disse entredentes.

— Ora, seu abusado! Depois de quase ter nos matado ainda tem a ousadia de pedir uma carona?

— Ele vai conosco. — O mais jovem interrompeu o grandalhão. — Precisamos dele, o Cristal é prioridade acima de tudo.

— Está falando isso porque não foi você quem tomou uma surra dele — o segundo falou.

Abri o celular enquanto eles discutiam, a fim de localizar a moto usando meu GPS.

— Se vocês ao menos parassem para raciocinar antes de saírem se atracando em estacionamentos, saberiam quem ele é. — Ergui os olhos diante do comentário do rapaz.

— E você sabe quem eu sou?

— É claro que sei. Por que acha que fiquei quieto ali atrás? Você é um ídolo para todos que querem fazer parte da Holder Security — citou o nome da empresa para qual trabalhava desde que me entendia por gente.

— Ele trabalha lá? — O grandão limpou o nariz, visivelmente interessado.

— Ele é o Lobo, seu idiota. Um dos filhos do dono da Holder Security. O mais requisitado em missões especiais. Não tem um guarda-costas que tenha entrado depois dele que não queira seguir seus passos. — Ele respirou fundo e se virou para mim. Os olhos pequenos se alargando à medida que sorria. — É um prazer conhecê-lo, senhor.

— Se querem manter o pescoço daquela garota intacto, é melhor irmos logo. Se ela cair com minha moto...

— Nem brinca! O patrão vai nos matar se ela sofrer um arranhão sequer.

— Se a minha moto sofrer um arranhão, eu mesmo vou matá-la — rosnei. — Vamos logo.

Tantos anos no ramo e ninguém, absolutamente ninguém foi capaz de me enganar. Até aquela víbora de olhos claros cruzar meu caminho. Ah, mas por mil infernos, eu iria ensinar a ela que não se devia brincar com lobos.

CAPÍTULO 2

Jasmin Cahill

Puta merda, que moto era aquela?

O tanque largo e imponente me fazia parecer uma formiga pequenininha pilotando, o motor rugia a cada vez que acelerava. Nem saberia dizer para que serviriam todos aqueles botões no painel digital. Até a manete de aceleração era diferente. Com toda certeza se tratava de um veículo muito caro e aquele homem não devia estar nada feliz com meu breve empréstimo.

Ele nunca entenderia. *Ninguém entende!*

Virei uma das avenidas principais e segui para meu destino. Acelerando um pouco mais quando entrei na orla da North Avenue Beach. A praia que Magnólia tanto adorava. Pisquei várias vezes, a adrenalina expulsando qualquer vestígio de álcool que ainda estivesse em meu sangue.

Estava tão feliz que não conseguia me sentir arrependida por ter deixado minha amiga na boate à espera do pai, que por sinal era um homem estranho e que me causava arrepios. Ligaria para Carla depois explicando tudo, afinal, foi ela quem em ajudou a conseguir um tempinho fora. Escapar dos meus guarda-costas naquele dia foi a missão mais difícil que já enfrentei na vida, mas agora, com o vento e a brisa do mar subindo quentes e tocando meu rosto sob o

capacete preto que exalava um cheiro delicioso de almíscar, vi que valeu a pena.

Estacionei ao lado de algumas outras motos e ganhei a atenção de dois homens que estavam conversando próximo a uma delas.

— Moto maneira! — um ruivo, de ombros largos, falou alegre e abriu um sorriso cheio de dentes.

Desci da moto e tirei o capacete. Meus cabelos, que já estavam meio grudados pelo suor, embolaram e precisei passar o dedo entre eles para desembaraçar os fios.

— Maneiro é uma gata dessas pilotando uma Spirit. — Seu amigo completou. Diferente do ruivo, ele não sorriu, só me encarou de um jeito tão intenso que acabei erguendo as sobrancelhas.

Olhei meu reflexo no retrovisor de outra moto que estava parada bem ao meu lado. A maquiagem escura dos olhos borrou grande parte do meu rosto, meus cabelos, que eu já suspeitava estarem desorganizados, pareciam um amontoado amarelo de fios, e para piorar, meu batom vermelho se transformou em uma tinta espalhada pela minha boca, como um palhaço de circo. E ah, ainda por cima estava descalça.

— Você precisa consultar um oftalmologista com urgência, seu caso é grave. — Virei-me para o rapaz que ainda me encarava e dei as costas sem dar ouvidos ao que ele tinha sussurrado como resposta.

Caminhei pela orla, observando a areia coral se perder de vista e encontrar o grande e infinito mar azul escuro, sob o céu estrelado que reluzia o fim do outono. Como se um manto cobrisse todo o horizonte, em uma tela que mais parecia obra de um pintor.

Continuei andando até que meus pés tocaram a areia fria. Senti os grãos passando entre meus dedos e fechei os olhos, com a sensação misturada à brisa fina que me abatia.

Quando foi a última vez que coloquei os olhos em uma praia?

Não conseguia me lembrar.

Na verdade, mal lembrava quando foi que tive a oportunidade de sair sozinha na vida. Acho que a única vez foi a que aprendi a pilotar, caí, me machuquei e nunca mais pude ganhar alguns minutos à sós de novo. Os homens de preto sempre estavam lá. *Mas hoje seria diferente.*

Levei a mão à boca, lembrando-me do breve beijo que dei naquele desconhecido. Aquele homem parecia ter saído de um filme. Os traços do rosto eram firmes, a barba marcante ao redor do maxilar acentuava o queixo quadrado, como o de um príncipe. O vi de longe, quando ainda estava dançando com minha amiga Carla no bar. Os cabelos escuros, levemente caídos na testa davam a ele um ar de mistério, daqueles que a gente perdia a alma tentando desvendar.

Quando vi os meus guarda-costas chegando na boate e tentei fugir pelo estacionamento, jamais imaginei encontrá-lo ali, com a chave de algum veículo bem na mão. Pensei rápido e roubei a chave, assim como sua moto.

Ele ia me matar, ah, com certeza... Sorri, lembrando-me do seu olhar no meu. Nunca tinha visto algo tão diferente e tão belo. Era como olhar diretamente para um lobo. Um dos seus olhos era de um azul profundo, límpido e brilhante, enquanto o outro, era tomado por um tom escuro intenso. A combinação das duas cores e

do olhar lascivo com o qual ele me encarou me fez desejar ser beijada por ele a qualquer custo.

Desci os dedos pelos lábios, agarrando-me a breve lembrança que ainda me restava. Um beijo rápido demais... Fechei os olhos, como sempre, imaginando como seria passar daquele ponto. Como seria ir além de um beijo?

Olhei para o céu onde incontáveis pontinhos brilhantes me davam boa noite e comecei a pensar nela... Magnólia sabia o que era passar de um beijo. Ela tinha um namorado que nos visitava vez ou outra e eu nem sabia como ela conseguiu “dar mais que um beijo” no rapaz, já que vivíamos cercadas. Mas, seja lá como, e ainda que continuasse virgem, ela ao menos conseguiu dar uns amassos nele. Eles estavam completamente apaixonados um pelo outro, mas depois que ela se foi, eu nunca mais o vi. Torci para que ao menos ele tenha ido visitá-la no cemitério mais vezes do que eu mesma pude ir.

— Sabe que se dependesse de mim, eu iria visitá-la toda semana, não sabe? — falei para o nada, como costumava fazer nos últimos anos.

A solidão era um dos piores castigos que alguém podia impor a outra pessoa, ainda que por amor, ainda que por proteção. Magnólia e eu costumávamos ir às compras, cinemas, reuniões com as amigas, tudo na companhia dos nossos guarda-costas. Não éramos privadas de sair, mas não o fazíamos com a frequência que o resto do mundo. Diferente daquilo, nossos dias se resumiam em estudar e dançar. Sempre juntas. E eu era feliz, mesmo sendo privada de uma vida comum, como todas as jovens que conhecíamos, ainda nos divertíamos muito juntas. Ela era minha

melhor amiga. Minha caçula... minha irmã. Mas depois de sua morte, tudo que me restou foi a solidão. Meu pai aumentou a segurança e já faz três anos que mal saio de casa. Passei a maior parte desse tempo dopada de remédios para tentar suportar a dor.

De repente respirar se tornou difícil. A dor da saudade e das lembranças vez ou outra me sondavam. Tentava expulsá-las para longe, sabia que Mag não gostaria de me ver assim, mas como evitar essa infinita vontade de chorar? Hoje era para ser dia de festa. De bolo, de parabéns para você..., mas agora o que restou? Muitos anos de vida? Para quem? Para mim? Não... não queria, obrigada.

— Se pudesse, trocaria todos os anos que ainda me restam dessa vida privada e solitária por mais um dia com você. — Encarei o céu, o nó doloroso na garganta se intensificando cada vez mais. — Feliz aniversário, irmã. Eu sempre vou te amar, está ouvindo? — Tirei um bombom do bolso, a única coisa que consegui trazer para manter nossa tradição de aniversários com chocolate, e olhei o pequeno e redondo doce em minhas mãos. Meus olhos embaçaram. — Prometo que da próxima vez eu trago seu bolo favorito. — Uma lágrima solitária desceu por meu rosto, caindo no capacete que segurava com afinco entre os braços. A tristeza começou a se transformar outra vez na mais pura indignação.

Ele nem sequer falava no nome dela. Nem mesmo se lembrava quando era seu aniversário. Queria trazer um bolinho, ainda que pequeno e só para mim, queria de algum jeito mostrar que ainda me lembro das nossas tradições, como fazíamos todas as manhãs do seu aniversário, comemorando com bolo de chocolate com cobertura de chocolate, ou seja, puro chocolate. Mas a única

forma de vir até a praia preferida da minha irmã no seu aniversário foi saindo escondida.

— Nem mesmo o bolinho eu consegui trazer... — Chorei, enxugando as lágrimas com o dorso da mão e me sentindo uma completa idiota. Já fazia três anos, mas para mim era como se fosse ontem. Eu ainda a esperava vir me acordar todo dia de manhã, eu ainda me sentava na nossa varanda toda terça e olhava as estrelas como fazíamos juntas, eu ainda sentia tanto a falta dela que chegava a ficar sem ar.

O som de carros freando atrás de mim me alertou da chegada dos meus fiéis escudeiros. Enxuguei o rosto, vestindo-me da armadura que desenvolvi ao longo desses anos e me escondi atrás de um sorriso. Já estava na hora de voltar ao meu personagem.

Virei-me para a orla, acreditando que eram meus seguranças, mas o homem que apareceu no meu campo de visão era completamente diferente de todos eles. Se raiva pudesse ser vista a olho nu, poderia jurar que tinha uma nuvem de fúria, ira e agressividade vindo para cima de mim naquele instante.

O homem misterioso da boate veio caminhando sobre a areia como se soltasse fogo pelas narinas. Os punhos fechados estavam presos ao lado do corpo, com certeza na intenção de conter a vontade de me enforcar.

— Você! — Ele rosnou antes mesmo de se aproximar.

— Que bom vê-lo novamente! — tentei manter o sorriso.

Ele parou a centímetros de mim e agarrou meu braço em seguida. Sentia o tremor em sua mão, provavelmente controlando a raiva aos poucos.

— Aquela moto é um item de colecionador, sua maluca! — ele xingou entredentes. — Como você teve a coragem de roubá-la bem debaixo do meu nariz? Só tem 50 exemplares dela no mundo, se você causou um arranhão sequer eu juro que...

— Jura que vai me dar outro beijo, vai? Não estamos fazendo nada mesmo... — provoquei e o encarei com mais profundidade, chegando a uma conclusão: Deus com certeza tinha seus favoritos.

Aquele homem era ainda mais lindo sob a luz das luzes frias da praia, onde a pouca iluminação criava um cenário mágico e romântico. E lá estava o olhar que tanto esperei rever. As íris de tons diferentes se misturavam ao mistério escondido por trás da sombra daquele olhar e me varriam como se fossem capazes de enxergar todos os meus segredos. Por um instante me senti exposta, aberta.

— Você é o homem mais lindo que já vi. Uma pena... — falei e mordi os lábios.

— Uma pena? — Os olhos bicolores sondaram meu rosto, o maxilar muito travado começou a relaxar conforme a raiva cedia para a curiosidade.

— Uma pena que eu não possa te devorar bem aqui, em cima dessa areia. — Ele tossiu e arregalou os olhos, surpreso.

Será que achou mesmo que me colocaria medo de alguma forma?

Coitado, se ele soubesse o que já tive que encarar... aquele olhar compenetrado nem sequer fazia cócegas.

— Você só pode ser maluca. Me entregue a chave e a porra do capacete! — ordenou, raivoso. Podia sentir que estava à beira de uma síncope.

— Vamos fazer uma troca. Eu devolvo sua chave e você me dá outro beijo — falei manhosa e me inclinei. — Vai, não foi tão ruim assim.

— Não sabe com quem está brincando, garota.

— Posso não saber, mas imagino. — Dei de ombros. — Você estava sozinho naquela boate em um sábado à noite. Sei que ao menos duas mulheres foram até você, mesmo assim as ignorou. Aceitou o beijo de uma estranha, mas se afastou quando notou que eu estava alterada pela bebida. E mesmo não me conhecendo, se envolveu em uma briga para me defender. E suspeito que sua moto, tão cara e tão ilimitada, seja sua única companhia em seus momentos vagos. Você é um homem bom, não me faria mal nem se quisesse, mas também é solitário, e é por isso que estou aqui. Para animar sua noite. — Abri os braços e notei quando ele crispou os olhos em minha direção. O atingi de alguma forma e fiquei feliz pelas longas temporadas de Criminal Minds que assisti e que desvendavam parte das características das pessoas.

Eu não era nenhum Spencer Reed, mas dava para o gasto quando se tratava de hipóteses.

— Você é a porra de uma filhinha de papai procurando alguma aventura, não é? Mas deixa eu te falar uma coisa... — Ele se inclinou para frente, ficando ainda mais próximo de mim. Sua respiração tocou meu rosto e me causou uma sensação estranha de intimidade e raiva. — O mundo não gira ao seu redor, e se preza pelo seu pescoço, é melhor me entregar a merda dessa chave logo.

Tentei ignorar a pontada de dor que senti no peito com a fúria de suas palavras e sorri. Ele não fazia ideia do quanto estava errado sobre mim, mas eu não ia me explicar para ele. Nunca!

— Que chato, não sabe nem brincar! — Ergui a chave na mão, a mesma que segurava o bombom que trouxe para comer na praia.

O homem avançou sobre ela e em um átimo de segundo, o bombom caiu no chão e um desespero estranho atingiu meu peito.

— NÃO! — gritei e notei que ele se assustou.

Quando vi o bombom caído no meio da areia, todo sujo, senti uma vontade absurda de enfiar um bocado daquela areia na boca daquele idiota.

— Olha o que você fez! Jogou ele no chão, seu imbecil!

— Tem sorte de não ser você enfiada nessa areia — vociferou e me deu as costas, muito largas por sinal. Peguei um amontoado de areia e joguei na cabeça dele.

— Boa sorte em tirar essa areia do cabelo! — Torci os lábios. Está certo que eu realmente parecia a tal criança mimada que ele falou, mas não costumava ser assim.

— Ah sua mimada do caralho...

— Avistei o Cristal! — Peter Lyon e seus quase dois metros de altura e beicinho torcido avançou pela areia da praia se comunicando com os outros seguranças que surgiram logo em seguida e se interpôs entre mim e o homem desconhecido que sacudia os cabelos, antes tão limpinhos.

Era um pecado sujar aquele cabelo impecável, mas ele bem que mereceu. Quem mandou jogar meu bombom no chão? Havia coisas que não deviam ser tocadas, o bombom de uma mulher era uma delas.

— Senhorita Cahill o que passou pela sua cabeça para fazer uma loucura dessas? Colocou a sua vida em um risco grave hoje —

Lyon me repreendeu enquanto o homem enigmático começava a caminhar para fora da praia.

— Ih, ela jogou areia nele! — Shaw, o meu segurança mais legal, comentou com o rosto transfigurado em mais puro horror quando passou ao lado do homem. — Sinto muito, senhor. Ela não costuma...

— Mantenham essa delinquente longe de mim. Da próxima vez, não serei tão bondoso. — Ele rosnou por último.

— Delinquente? Ele me chamou de delinquente? Ora seu... — Fiz menção de ir atrás dele, mas Lyon segurou meu braço.

— A senhorita roubou a moto dele, não pode recriminá-lo. Na verdade, deveria agradecer por ele não prestar queixa. — Bufei diante da feição compenetrada de Lyon, mas logo ela se suavizou.

Lyon era o mais severo de todos os meus guarda-costas, mas era também um dos mais antigos e um dos poucos que testemunhou tudo que aconteceu no nosso passado. Ele sabia bem o motivo pelo qual eu estava ali. Olhei para seu rosto que estava vermelho, marcado pela briga.

— Desculpe por ter causado isso. — Encarei os meus pés descalços.

— É meu trabalho protegê-la, mesmo contra sua vontade e não foi nada — disse para me tranquilizar. — Não tem com o que se preocupar.

— A senhorita está bem? — Shaw questionou com sua voz levemente afetada. Olhei para o mar, depois para o céu, por fim meus olhos recaíram sobre o bombom jogado na areia e por um momento me senti como ele. Abandonada, sem nenhuma utilidade.

Escutei ao fundo o motor alto daquela moto incrível rugir e estremecer o ar a sua volta e uma vontade absurda de estar naquela garupa me abalou. Queria tanto me sentir livre que não me importaria de desaparecer com um desconhecido mal-humorado que nem aquele. Não se aquilo me fizesse sentir viva de novo, mas bem sabia qual era a minha realidade.

— Não, não estou bem, mas vou ficar. — Foi minha resposta antes de voltar para minha vida de prisioneira.

CAPÍTULO 3

Lobo

Desgraçada, ordinária, dissimulada do cão!

Ainda estava puto quando estacionei minha moto na garagem do prédio onde morava. Um lugar luxuoso e exclusivo, onde eu raramente via a cara de algum dos vizinhos, o que me agradava e muito.

Tirei o capacete e desci da moto observando-a por um momento. Meu peito subia e descia na medida que eu tentava controlar a raiva que aquela... aquela mulher sem vergonha, de dedos leves me fez passar.

Havia poucas coisas intocáveis para mim no mundo e com certeza minha Spirit era uma delas. Passei a mão pelo tanque largo e preto como um carvão, brilhante como uma estrela no céu. Na ponta do tanque, fugindo do tom escurecido, havia um pequeno sinal em V na cor vermelha, representando a marca que era exclusiva e uma das mais caras do mundo. Uma aquisição que eu batalhei pra caralho para conquistar, e aquela safada...

Passei as mãos nos olhos e me inclinei em direção à moto. Observei cada detalhe para garantir que ela não tinha ganhado nenhum arranhão naquela pequena aventura e só consegui respirar direito quando percebi que ela ainda continuava intacta.

O que dizia muito sobre as capacidades de pilotar daquela mulher. Não era qualquer pessoa que tinha facilidade em dominar

uma máquina como essa. Só o rugido reverberante do motor costumava assustar...

— Para o inferno, como ela teve *coragem*? — praguejei alto e completamente sozinho no estacionamento. Ainda não sabia se estava mais nervoso, perplexo ou surpreso pela coragem daquela maluca de roubar um homem como eu.

De certa forma sua coragem chegava a me causar fascínio. A garota tinha o pensamento rápido, as mãos ágeis como um batedor de carteiras e para piorar, era linda como uma modelo de capa de revista. E a maldita com toda certeza sabia usar aquilo a seu favor, o que me deixou novamente irritado. Como eu pude cair num golpe idiota como aquele?

Entrei no salão do prédio batendo as mãos nos cabelos, na tentativa de tirar o resto dos grãos de areia que ela atirou em mim.

— Boa noite, senhor Holder! — Lucian, o porteiro responsável pelo turno da noite, me cumprimentou e não me passou despercebido o olhar confuso que me lançou quando notou que eu estava quase arrancando meus cabelos com as mãos, de tanta raiva.

— Boa noite — resmunguei a contragosto e continuei minha luta contra os grãos de areia, enquanto esperava o elevador.

Subi os 16 andares e saí da caixa metálica quando as portas se abriram, entrando no corredor do prédio que levava até à cobertura. Uma sequência de luzes começou a acender à medida que eu caminhava sob o piso lustroso e brilhante. Parei diante da última porta do corredor, de madeira escura, quase preta como todo o ambiente por trás dela.

Subi a capinha de proteção do teclado digital e teclei a senha da porta eletrônica e no minuto em que entrei no meu apartamento, a raiva pelo breve roubo da minha moto começou a dar espaço para a curiosidade.

Por que diabos ela estava fugindo dos seguranças? Devia ser uma das tantas garotas bem de vida que nossa empresa cuidava vez ou outra. Mas com toda certeza aqueles três não trabalhavam para a Holder Security. Nunca em nossa história um guarda-costas perdeu o VIP, e naquela situação havia três deles no encalço da garota. TRÊS! Ou eles eram péssimos profissionais, ou ela era uma fugitiva muito boa.

Parei diante do pequeno bar posicionado ao lado da minha sala de estar, tomada por tons de preto e cinza que tornavam o ambiente mais escuro e prazeroso. Servi-me de uma dose de uísque puro e a virei em uma golada, sentindo o gosto forte descer quente pela garganta e tornei a encher o copo. Caminhei até o sofá de um tom cinza bem escuro e me sentei nele, encarando uma das paredes de pedra que ornamentavam as laterais da estante.

Comprimi os lábios com força, sem saber qual foi o momento que perdi o controle do que acontecia naquela noite. Será que foi quando a vi dançando no bar? Ou quando aquela descarada me beijou?

E pelo inferno, aquele foi o beijo mais tosco que já dei em alguém, então por que ainda estava pensando nele?

A leveza do toque, o perfume instigante e envolvente. E os olhos... porra, era a pior lembrança de toda aquela noite miserável. Encará-la era como olhar diretamente para um farol. A pequena ladra era linda, deveria admitir, mas fiquei tão cego pela raiva que só

fui capaz de assimilar aquilo agora. Quando a vi naquela praia, tudo que queria era despejar sobre ela toda a fúria que estava sentindo.

Por Deus, queria enfiá-la naquela areia! De verdade.

Mas, quando me aproximei, ela se virou para mim com um sorriso enorme preso ao rosto. Um sorriso que não me enganava nem um pouco. Ainda conseguia me lembrar como se ela estivesse diante de mim. As esferas verdes, antes brilhantes e cheias de vida, estavam tristes. A maquiagem, muito mais borrada do que eu vira na boate, dizia-me que ela andou chorando e por mais que a odiasse profundamente, ver uma mulher chorar não me agradava nem um pouco.

Por um instante quis saber o que causou aquilo, mas quando um grão de areia caiu no tapete da minha sala, toda dúvida desapareceu e cedeu lugar à vontade de estrangulá-la novamente.

Que se foda o motivo pelo qual ela estava chorando. Virei mais uma dose de uísque. Ela não era problema meu e precisava me lembrar que a safada roubou minha moto. Um monte de lágrimas não devia me comover, droga.

Mas infelizmente comovia...

Recostei-me no sofá, os problemas que enfrentaria com meu pai no dia seguinte pareciam pequenos perto de tudo que aconteceu naquela noite.

Por que você estava chorando, Jasmin? O que fizeram com você?

Tentei beber mais um pouco na tentativa de esquecer aquela mulher, aquele cheiro, aquela boca... tanto quanto tentei apagar o lapso de tristeza preso naqueles olhos lindos e grandes. Não

adiantou. Nada que eu fizesse apagaria a loucura que a noite se tornou. Tudo por causa daquela pequena ladra atrevida.



Um som estridente entrou pelos meus ouvidos e pareceu perfurar meu cérebro. Abri os olhos com uma dificuldade absurda. As cortinas com blecaute escureciam todo o ambiente, mas uma pequena fresta aberta permitiu que um raio de luz adentrasse o cômodo, tocando meus olhos que se irritaram no instante que os abri.

O som insistente continuou tocando e demorei um minuto ou dois para encontrar meu celular que estava perdido em alguma parte do sofá. Pelo visto, as doses seguidas de uísque conseguiram acalmar meus pensamentos e acabei apagando ali mesmo.

— Ah, porra! — Estreitei os olhos quando encontrei o telefone perdido no canto do sofá e identifiquei o nome piscando insistentemente na tela.

"*Pai*"

Inferno!

— Oi! — Atendi com a melhor voz que consegui, e ainda assim me assemelhava a um pato rouco.

— Por acaso você morreu? — o velho questionou, nervoso. — Já viu que horas são? Por que ainda não está na empresa?

— Tive um problema na noite passada, pai. Acabei me atrasando. — Tentei explicar sem entrar em detalhes. — Chego aí em alguns minutos.

— Seja rápido, Chris. Eu e você precisamos conversar sobre sua última missão e não há lugar neste mundo que você possa se esconder — ameaçou. — Estou aguardando suas desculpas e já aviso, elas devem ser bem convincentes.

E desligou... o que significava que estava puto comigo.

Meu pai raramente perdia o controle quando se tratava dos filhos e eu tinha um orgulho imenso em relação a ele. Reid Holder, ou R.H., como era chamado pelos funcionários, sempre foi um homem bom, centrado e disponível. Era um diplomático nato, e sempre tentava atender aos interesses dos seus clientes de forma profissional, eficiente e prática. Cresci observando cada um dos seus passos e admirando o homem que viria a chamar de pai.

Quando ele começou a expandir sua empresa de seguranças particulares, ninguém imaginou que ele se tornaria uma potência por todo o país, com unidades espalhadas em todo canto. Muito menos imaginavam que a Holder Security ficaria em primeiro lugar em qualidade no nosso ramo e seria designada para missões fora do país com uma frequência assustadora, o que possibilitaria a Holder a se tornar uma multinacional em breve.

Meu pai deu duro por aquela empresa e capacitou seus três filhos para serem os maiores exemplos do lugar. Entendia por que ele estava tão chateado. Compromisso, retidão, imparcialidade e discrição sempre foram as palavras chaves que moviam a Holder Security e eu tinha quebrado ao menos duas delas em minha última missão, e agora precisava assumir as consequências.

Tomei um banho rápido, vesti um dos meus ternos pretos e decidi optar por usar minha moto, afinal precisava chegar lá o mais rápido possível, e quando subi nela todos os pensamentos que

tentei esquecer durante a madrugada retornaram com força. Um misto de irritação e preocupação me sondou ao imaginar como teria terminado a noite daquela garota sem noção.

Ora, o que era aquilo agora? Ia começar a me preocupar com delinquentes? Revirei os olhos e dei partida na moto.

Segui para o prédio central da empresa onde meu pai, eu e meus irmãos trabalhávamos.

Fui recebido com vários sorrisos calorosos no instante em que parei a moto no estacionamento, como sempre.

— Bom dia, Senhor Holder! — o funcionário responsável pela entrada e saída de veículos me cumprimentou e eu meneei um aceno breve e impaciente.

Minha cabeça estava fodida. Latejava sem parar e eu nem sequer sabia qual era o motivo principal que causava aquela dor. Se era por causa do uísque que bebi, a inquietação que sentia pela conversa que teria com meu pai, ou a raiva que adentrava minha pele por ainda pensar na garota misteriosa.

— Senhor Holder! — uma mulher de cabelos castanhos me cumprimentou com um sorriso largo, e passou por mim com um punhado de papéis entre os braços. Não a reconheci. Eram tantos funcionários que trabalhavam naquele lugar que nem se quisesse seria capaz de decorar o rosto de cada um.

Cheguei à catraca que dava acesso aos elevadores que me levariam até a sala da presidência. Havia um jovem rapaz esquelético, de ombros largos e altura mediana, responsável pela liberação da entrada. Instalamos recentemente um sensor de reconhecimento digital, o que facilitaria a organização de quem trafegava pela empresa e principalmente, reforçaria a segurança.

Com um crachá qualquer um poderia entrar, já com a o novo sistema, seria mais difícil enganar a segurança. Porém, devido a um problema, foi necessário desativar o software por alguns dias.

Parei diante da catraca, esperando, como em todas as manhãs depois que perdemos o novo programa, que alguém abrisse aquela merda, já que me recusava a carregar um crachá comigo. O rapaz ergueu os olhos pequenos em minha direção e me encarou como se aguardasse alguma coisa. Constatei que ele era um dos tantos rostos que eu não me lembrava de um dia ter visto por ali e quando falou, tive a minha confirmação. Ele devia ser um funcionário novo.

— Senhor, apresente o crachá, por gentileza, para que possamos permitir sua entrada na sede da...

— ANTHONY! — o grito repentino assustou tanto eu quanto o jovem com carinha de rato à minha frente.

Um homem extremamente elegante, mas exótico na mesma medida, vestido com um terno berinjela e gravata da mesma cor, veio caminhando com uma expressão de incredulidade. Aquele ali eu conhecia bem.

— Como você ousa barrar o Lobo? — ele praguejou quando se aproximou do jovem que enrijeceu todo o corpo no mesmo instante. — Senhor Holder, por favor, desconsidere o lapso de memória deste jovem. — Benjamin, o braço direito do meu pai na sede, um homem de mil facetas que estava sempre disposto a dar o melhor para a família Holder e detestava um fio fora do lugar, estava até vermelho de raiva. — Ele começou hoje e pelo visto não deu uma olhada nos principais rostos do lugar... — O jovem Anthony

adquiriu um tom amarelado e se apoiou na bancada por um instante antes de abri-la.

— Senhor, peço que me perdoe! Não o reconheci. — Ele se atrapalhou em liberar a catraca. Benjamin abriu a boca para dizer algo, mas eu o interrompi.

— Anthony, não é?

— Sim, senhor! — ele respondeu e encolheu os ombros.

— O que você fez faz parte do seu trabalho. A identificação é obrigatória, não se preocupe. Você está começando hoje e provavelmente vai cometer erros reais em algum momento, dê o seu melhor para evitá-los e não ter que ouvir ninguém chamar sua atenção. — Quanta ironia. Lá estava eu, indo levar o maior esporro da minha vida e aconselhando alguém sobre não errar. — Pega leve, Benjamin. Você também já esteve no lugar do garoto. E afinal de contas, ele só estava exercendo o seu papel de barrar qualquer um sem crachá.

— Sim, senhor — ele respondeu a contragosto.

— Vou dar o meu melhor, eu prometo — Anthony disse, encarando-me com um brilho nos olhos diferente, revigorado. Meneei um aceno e fui em direção ao elevador, não sem antes escutar Benjamin questionar o rapaz.

— Quantas pessoas com os olhos dessa cor você acha que trabalham aqui?

Dei risada e entrei no elevador com mais alguns funcionários do lugar que logo se apressaram em me cumprimentar.

Subi até o décimo quarto andar, onde a presidência da empresa ficava, e comecei a me sentir sufocado à medida que me aproximava da sala presidencial.

Aproximei-me da mesa de canto de madeira maciça onde Emma, uma mulher de aproximadamente 40 anos, de cabelos castanhos, olhos amendoados e uma boca muito pequena que às vezes me assustava, encarava-me com um sorriso no rosto.

— Bom dia, senhor Holder! — ela disse e abriu um sorriso cheio de dentes, pegou o telefone e discou. — Ele chegou — avisou ao meu pai com uma voz animada. — O presidente está esperando pelo... — Antes que ela terminasse a frase eu já estava abrindo a porta.

Quanto antes o sermão começasse, mais rápido acabaria.

Entrei no escritório do meu pai, um lugar amplo, espaçoso e tão escuro quanto minha casa. Olhei imediatamente para a cadeira preta que estava de costas para mim, atrás de uma mesa de mogno retangular.

Dei um passo para dentro da sala que estava tomada pelo cheiro familiar de Cohiba Behike, um dos charutos favoritos do meu pai, que por sinal ele ganhava regularmente de um cliente antigo. Um charuto bem caro e que ele só costumava fumar quando estava a ponto de explodir um de nós.

Trinquei o maxilar, preparando-me para o que estava por vir. Caminhei entre as largas pilastras cinza escuro, que contrastavam com o chão de pedra azul marinho e combinavam com as paredes de um preto luminoso. A cor que representava nossa organização.

Passei os olhos pela parede à direita, que era coberta por certificados, títulos adquiridos e prêmios recebidos nos 35 anos desde a fundação daquela empresa, quando meu pai ainda era um jovem que mal sabia manusear uma arma, enquanto esperava pacientemente o velho resolver virar a cadeira em minha direção.

— Pai? — chamei depois de um interminável minuto. A fumaça do charuto subia em ondas no ar, como letras de uma música dançando pela sala escura.

Ele virou a cadeira lentamente e quando ficou de frente para mim, percebi que segurava um porta-retratos em uma das mãos e com a outra, abanava o charuto de um lado para o outro. Seu olhar de desagrado me sondou da cabeça aos pés.

— Vocês cresceram, não é? — ele comentou, colocando sobre a mesa a foto da nossa família, onde eu e meus dois irmãos segurávamos o certificado de conclusão do curso de treinamento de guarda-costas, cursado na International Security School, em Israel. Uma academia que era considerada a melhor do mundo. E meu pai, que raramente sorria, estampava um amontoado de dentes ao nosso lado, sempre com seu terno preto extremamente alinhado e os cabelos acinzentados milimetricamente penteados para trás. Engoli em seco quando ele ergueu os olhos inquisidores, de um tom azul-marinho, escuro como o céu a noite, em minha direção.

Meu pai estava perto dos seus 65 anos, mas ainda era um homem muito forte e jovial. Nunca se casou depois de ser traído pela única mulher que um dia nutriu interesse. Um homem desapegado de amor, como muitos dizem por aí. Mas quem o conhecia de verdade sabia o que existia por baixo daquele terno preto e da postura militar sempre impecável.

Não fazia ideia de qual teria sido o meu destino, ou o dos meus irmãos, se aquele homem turrão e sisudo não tivesse entrado nas nossas vidas. Meu velho foi contra tudo o que a sociedade via em crianças como nós. Ele enxergava além de todo preconceito, Reid via a dor através de cada atitude que tomávamos e se

tínhamos um lar e uma família, era graças a ele, que adotou cada um de nós quando não nos restava mais do que ar para respirar e hoje nos tomava como seus filhos. E se eu tinha uma certeza naquela vida era de que R.H era meu pai.

Reid tinha amor de sobra naquele coração duro. Se um dia eu conheci aquele sentimento foi através das atitudes do meu pai, que me acolheu quando ninguém mais teve coragem. Que me mostrou a diferença entre controlar a raiva e ser controlado por ela. E era por isso, por tudo que já vivemos, que meu coração estava apertado. Decepcioná-lo era pior do que perder um dos meus braços.

— Lembro quando você costumava se esconder nas salas de cada um dos edifícios que eu ergui, só para pregar peças nos novos funcionários — relembrou e alisou o maxilar. — Eu sentia vontade de te prender em casa toda vez que isso acontecia. — Deu uma risada profunda que me fez prender a respiração. — Mas nunca fiz isso. Com nenhum dos três. Os furacões que chamo de filhos. — Ele ergueu os olhos sábios e marcados por linhas de expressão. — Já aceitei e entendi muita coisa, Christopher... — Merda, merda, merda. Ele me chamou pelo nome, sem apelidos, sem codinomes. A coisa está ruim para o meu lado. — Mas depois de tudo pelo que passou, tudo que aprendeu... Depois de se tornar um dos meus melhores homens na Security, o mínimo que eu esperava era compromisso.

— Pai, garanto que tive motivo para...

— Esmurrar a porra do convidado de um SHEIK? — ele gritou repentinamente ficando de pé. O corpo musculoso se manteve ereto. — Você perdeu a cabeça de vez, menino?

Fechei os punhos com força até sentir os nós dos dedos formigarem. Ele não fazia ideia da merda que presenciei naquele lugar. Como poderia ficar alheio?

— Me diga, você ao menos pensou em quais consequências teríamos?

— Sinto muito, pai — falei entredentes —, mas meu único arrependimento foi ter arrancado apenas um dente do desgraçado.

— Quer morrer, é? — uma voz firme e risonha falou atrás de mim, pegando-me desprevenido.

— Porra, Fantasma! — Dei um pulo no lugar e me virei para ele que sorriu e deu de ombros. — Como é que você faz essa merda? — praguejei. — Bata os pés quando andar, antes que eu te acerte um soco no susto.

O apelido do meu irmão condizia muito bem com sua capacidade de se locomover praticamente sem ser notado. Quando você menos esperava, ele estava lá. Como uma assombração de 1,90m de altura, silencioso e rápido.

— Qual é, eu estava bem atrás de você. Não me viu porque está ocupado demais enfrentando o nosso pai — ralhou. Apesar de ser o mais novo dos três irmãos, Fantasma era o mais sensato e controlado. Um autocontrole que vez ou outra assustava.

— Ele vive para testar meu coração. Esse garoto ingrato — meu pai disse e soltou o corpo na cadeira novamente.

Encarei Fantasma que me observava com um olhar suspeito. Ele comprimiu os lábios e sem se dar conta, tocou as cicatrizes no dorso da mão direita. Algumas das tantas que ele tinha pelo corpo. Meu irmão caminhou até uma mesa de vidro ao lado de onde meu pai estava sentado, onde duas garrafas de uísque estavam

dispostas ao lado de alguns copos de vidro. Pegou três copos e abriu uma delas, despejando o líquido âmbar neles logo em seguida. Beber de jejum era um costume para dias difíceis, e ao que tudo indicava, aquele dia ficava pior a cada instante.

— Diga-me, irmão... — Entregou um dos copos ao nosso pai e se aproximou de mim, estendendo-me um deles. — Além de provocar nosso pai e com certeza ter perdido o senso de amor à vida, o que o levou a fazer tal besteira? — Virei o uísque de uma vez. Precisava daquela merda para continuar a conversa.

— Nada que ele diga pode ser ao menos tolerado. Lobo expôs a qualidade dos serviços prestados pela Security — meu pai vociferou. — Um nome que eu demorei muito para construir. A ponto de sermos imbatíveis. Os clientes querem nos contratar, qualquer um no ramo sonha em trabalhar conosco e agora me diga, como eu explico a estas pessoas que um dos meus filhos, um dos mais competentes profissionais na área, agrediu o convidado de um VIP?

— Calma, meu pai. Não há condenação sem julgamentos, não é mesmo? — Fantasma interveio com sua calma rotineira. — Diga, Lobo... o que houve? E não adianta inventar qualquer desculpa porque eu sei quando está mentindo. Você não costuma descumprir ordens desse nível. Aconteceu alguma coisa.

Pressionei os olhos com os dedos e quando os abri, encarei o terno preto perfeitamente alinhado do meu irmão. Ele estava certo.

— Sim, aconteceu.

— Sabia! — Fantasma sorriu animado e se apoiou na mesa do nosso pai. Os olhos do velho sondavam meu rosto como águia. — Vamos, vamos, defenda-se! — Ele agitou as mãos em minha direção.

Quando recebi a designação de proteger o Sheik em uma festa no próprio palácio do VIP, eu sabia com o que teria que lidar. Sempre sabemos.

Pessoas arrogantes, ricos, esnobes e totalmente sem noção. Alguns até são agressivos com os seguranças, afinal, depois de uma ou duas doses já não querem uma sombra protegendo a porra do pescoço deles. Até aí, tudo normal...

— O evento começou bem — disse. — E como eu previ, várias pessoas se embriagaram durante a festa e eu precisei escoltar o VIP até sua suíte. — Minha mão começou a tremer à medida que fui relembrando o que aconteceu e comecei a encarar um ponto fixo no chão à minha frente. — Fiquei na porta daquele homem um bom tempo para garantir que ninguém entraria por lá, já que as janelas eram responsabilidade da equipe beta. Quando a madrugada ficou silenciosa, eu comecei a ouvir alguns sons estranhos.

— Sons? — eles perguntaram em uníssono.

— Sim. — Trinquei o maxilar. O gemido sufocado que andava me aterrorizando nas noites que se seguiram retornou à minha mente com tudo.

Um pedido de socorro oprimido. O sofrimento através do olhar, as marcas no rosto da garota. Tudo voltou à tona como se eu ainda pudesse vê-la bem diante dos meus olhos.

— Lobo...

— Merda! — gritei ao notar Fantasma parado a centímetros do meu rosto. — Dá pra parar de fazer essa porra e ficar quieto num lugar só?

— Não fiz nada. — Ele arregalou os olhos claros em minha direção. — Juro! Não é, pai? — Olhou sobre o ombro para nosso velho que me observava com uma ruga acentuada entre as sobrancelhas. — Você estava encarando o nada com um semblante meio assassino...

— Diga, Christopher — meu pai me chamou de repente. — O que ouviu?

— Um pedido de ajuda — revelei e percebi a expressão em um misto de curiosidade e espanto que tomou o rosto de ambos.

— Ajuda? — Fantasma perguntou.

— Sim. Segui o som e encontrei o filho da puta do convidado agredindo uma mulher. A garota parecia estar pedindo ajuda há muito tempo. O rosto estava todo marcado. Não parava de tremer. Quando me viu, gritou apavorada — revelei e me escorei em uma das pilastras do lugar. — Ela era uma acompanhante de luxo, mas não fazia programa. Foi contratada para acompanhá-lo na festa e ir embora logo em seguida, mas ele a levou para o andar de cima e quis mudar o acordo do contrato. Ela não aceitou e ele a espancou. Se eu não tivesse chegado a tempo, sabem muito bem como as coisas terminariam, então não, pai... eu não poderia ter ficado quieto diante da merda que eu vi. — Só percebi que estava gritando quando Fantasma pressionou meu ombro com os dedos firmes.

Meu pai levou a mão aos lábios, em um silêncio que chegava a me deixar irritado. Ele sabia. Na verdade, tanto meu pai, quanto meus irmãos sabiam o motivo pelo qual eu nunca permitiria que aquilo passasse em branco e graças ao Sheik, nosso VIP, que entendeu que aquela situação poderia ser prejudicial para seus planos com os investidores que o visitariam no dia seguinte, eu saí

de lá com apenas uma acusação de agressão, mas a verdade era que nem sabia se aquele desgraçado iria sobreviver à surra que dei nele.

O nosso cliente não contou ao meu pai a verdade. Disse que eu soquei seu convidado, quando na verdade, o espanquei, e morreria antes de me arrepender disso.

Meu pai bateu as pontas dos dedos na mesa de mogno.

— Entendo por qual motivo fez isso — ele disse por fim. — Mas sabe que não posso permitir que passe ileso por essa situação. Independentemente do que viu, você permitiu que seus instintos agressivos dominassem suas atitudes. Você sabia qual era o certo a se fazer.

— Prender o homem e levá-lo às autoridades. Talvez bater a cara dele numa pilastra pelo caminho, mas...

— Zion! — meu pai esbravejou o nome de Fantasma, o que o fez saltar no mesmo lugar.

— Calma, pai. Só estou brincando. — Sorriu, inocente.

— Precisa controlar sua animosidade, Christopher. — Meu pai passou as mãos pelos cabelos e se levantou. — E eu já sei como. Vou tirá-lo dos casos mais intensos por enquanto.

— O quê? — Dei uma risada. — Não pode fazer isso, pai. Tenho três casos fechados. Os VIPs estão contando comigo e...

— Fantasma vai ficar com dois e Snake com o último.

— Snake não vai aceitar um dos meus casos. Ele mal tolera os clientes que recebo. Sabe que ele se dá melhor com outro estilo de VIP. — *Os mafiosos*.

Um gosto amargo subiu por minha garganta ao me lembrar de que Snake quase seguiu um caminho diferente de todos nós, um

caminho que eu conheci de perto. O de assassinos de aluguel. A corja maldita que combatemos todos os dias.

— Ele vai aceitar — garantiu com firmeza.

— Pai, eu sou capaz de cuidar dos meus próprios casos. Garanto que foi um episódio isolado. — Tentei ganhar algum tipo de confiança.

— Já está decidido. Tenho um novo caso específico para você, Lobo. E só vai voltar às missões depois de cumpri-lo. — Ele se aproximou com o charuto em uma das mãos.

— E qual caso é? — Crispei os lábios, detestando aquela ideia a cada novo segundo.

— Ah, você não vai gostar nada disso. — Fantasma me lançou um sorriso cínico. O desgraçado estava se divertindo.

— Um amigo me ligou ontem de madrugada cobrando um favor especial que fiquei devendo a ele no México, alguns anos atrás. E diante da nossa situação atual, não vejo como posso negar a ele tal pedido.

— Que foi...?

— Ele precisa de um guarda-costas para a filha. — Soltou num rompante e me encarou.

— Tá brincando comigo?

— Não. Você foi designado para a missão. Preciso de você nesse caso.

— Eu pareço alguma babá? Tenho a cara da porra de uma babá, pai? — falei alterado.

Não podia nem sequer cogitar fazer a segurança de uma das filhas dos amigos milionários do meu pai. Só nas últimas 24 horas tinha praguejado contra toda e qualquer criatura filha de algum

ricaço que precisava usar os nossos serviços por causa daquela... mão leve da noite passada.

Porra, só podia ser algum carma.

— Escuta, Lobo, ele me pediu o melhor. E você precisa mesmo se afastar das ações por enquanto.

— Tome isto como um elogio, caro irmão. — Fantasma torceu os lábios. — Ele pediu o melhor... e você é a ovelha premiada. — Ergui o punho fechado, contendo a vontade de socar a cara do meu irmão, bem ali. — Ih, nervosinho! — Ele riu e saiu de perto de mim.

— Qualquer coisa, menos isso. Não conte comigo pra essa merda. — Meu pai se aproximou ainda mais e ergueu a mão livre, pousando-a no meu ombro logo em seguida.

— Eu entendo, filho. O motivo pelo qual teve que fazer aquilo. — Ele olhou dentro dos meus olhos com aquele jeito que me fazia voltar no tempo, como se tivesse 13 anos de novo, escondido em um canto de um quarto escuro no orfanato, sem nenhuma perspectiva de que um dia sairia daquele lugar. — Você sabe que entendo. — Respirei fundo, ele tinha razão. Eu sabia que ele compreendia. — Mas vocês são meus exemplos. São os exemplos da Holder. Preciso que faça isso para que apaguemos a imagem anterior. E eu prometi àquele imbecil que mandaria meu melhor homem.

— Não há nada que eu possa fazer para me livrar disso, não é mesmo? — Ele balançou a cabeça negando e um sorriso preguiçoso ergueu os cantos da sua boca. — O tal imbecil é seu amigo ou corro o risco de quebrar os dentes dele também? — Cedi contra minha vontade e segui meu pai até a mesa, sentando-me à

sua frente enquanto Fantasma se sentava relaxadamente ao meu lado.

— Ele é um homem bom, mas você precisa ficar atento. Serão só 15 dias — alertou e eu me inclinei, desesperado para saber o que me aguardava, e ao mesmo tempo querendo me levantar e fugir dali imediatamente. — Ele é presidente de uma grande empresa de armamento e defesa. Trabalha com gente grande, presta serviço para o exército e outros órgãos governamentais de segurança do país. Sua filha é sua única herdeira. Ele sempre recebeu ameaças, mas ao que tudo indica, daqui 15 dias haverá uma fusão na empresa que deixou todos os sócios agitados. Ele está temeroso, principalmente porque a filha se recusa a receber proteção. Ela não está disposta a colaborar.

— O que devo esperar dela? — falei num resmungo.

— É esperta. Já enganou os melhores homens que ele contratou. Precisa ficar atento, Lobo. Ou ela vai te dar trabalho.

— Duvido muito.

— Não duvide, dizem que a menina é uma bela peste.

— Onde está a pasta da peste? — Meu irmão gargalhou com o som engraçado das palavras similares.

— Está nas mãos do pai dela. São sigilosas demais e ele não se sentiu confortável entregando-a à nossa equipe. Então vá de imediato até a residência buscá-la, reúna uma equipe se necessário e comece o mais breve possível. — Ele uniu as mãos e as apoiou na mesa à sua frente. — Coisas horríveis aconteceram àquela família, filho. Tome cuidado para que a história não se repita e proteja a garota.

— Sabe muito bem que nenhuma missão falhará nas minhas mãos. Foi você quem nos treinou desde jovens. Conhece minhas habilidades. — Levantei-me repentinamente. — Protegi todo tipo de gente e nunca perdi um cliente. Não vou começar agora com uma garotinha.

— Mataram a irmã dessa jovem na mesma situação em que ela se encontra hoje, e eu aposto que o guarda-costas dela naquela época pensava o mesmo que você. — Ele me pegou de surpresa e engoli em seco com aquela nova informação. — Parece que depois da morte da irmã, ela desistiu da segurança e esse pode parecer um caso simples, meu filho, mas é o mais difícil que um guarda-costas pode enfrentar. Proteger alguém que não quer ser protegido.

As palavras do meu pai me atingiram. Nunca tinha perdido uma vida e não saberia o que fazer se tivesse. Provavelmente carregaria aquele fardo pelo resto da minha existência.

— Considere o trabalho feito. — Meneei um breve aceno.

— Tome cuidado, filho.

— Boa sorte, Lobo. — Fantasma me lançou um aceno quando eu já estava prestes a sair de lá.

Desci novamente para o estacionamento e coloquei o capacete com uma sensação estranha me incomodando. Aquele não era só o caso mais patético da minha profissão, era uma vergonha ter trabalhado com tantos nomes importantes e agora ter sido reduzido, ainda que temporariamente, a babá de uma patricinha dos infernos, mas mesmo com a raiva que sentia, saber que a irmã dela tinha sido assassinada me deixava nauseado e pronto para qualquer coisa.

Se eu acreditasse em sexto sentido, diria que aquele frio no estômago enquanto ligava minha moto era o próprio destino me avisando que, depois daquele dia, minha vida nunca mais seria a mesma, mas eu não acreditava... e foi assim que tudo mudou.

CAPÍTULO 4

Jasmin Cahill

O som de passarinhos cantando em uma euforia típica das colinas me acordou. Estiquei-me na cama como um gato preguiçoso e me enrolei nas cobertas, relembrando a noite de ontem e minha pequena fuga.

Sentia-me feliz pelas horas de agitação e coração na boca pelas quais passei. Era como se tivessem injetado um pouco de vida em minhas veias. Desde que parei de tomar os remédios, há alguns meses, venho notando uma melhora significativa no meu humor e disposição diários, e aquilo se refletia no misto de intensidade que estava sentindo.

Levantei-me da cama, ainda sonolenta e com certo medo de encontrar meu pai pelos corredores da casa. Já fazia três dias que não o via. Só sabia que chegava muito tarde e saía muito cedo devido às mudanças que ele estava fazendo na empresa e imaginava que ele não estaria nem um pouco satisfeito depois da minha pequena escapada de ontem.

Lavei o rosto no banheiro que ficava dentro do meu quarto, ainda pensando no que diria a ele quando o momento chegasse. Fui até meu closet e enfiei a mão no meio da confusão de pilhas de roupa, ciente de que teria que arrumar tudo aquilo sozinha, já que pedi para Ruth, a governanta da casa e terrorista torturadora de almas nos horários livres, para manter todas as mãos existentes

naquele lugar bem longe do meu quarto. Agora a porta não tinha mais tranca. De acordo com Ruth, aquela era uma forma de me manter “segura”, junto com a garantia de que ninguém entraria ali sem ser chamado.

Nos últimos meses minha paciência, que já era diminuta, desapareceu de vez. Queria espaço e privacidade. E já que não poderia ter a primeira opção, teria ao menos que recorrer à segunda.

Minha rotina se resumia a me levantar, ter alguém bisbilhotando meu quarto e a quantidade dos meus medicamentos enquanto eu tentava engolir um café. Estudar, estudar e estudar todo tipo de assunto relacionado à empresa do meu pai e os armamentos que ela fornecia. Caminhar pelo jardim, ler um livro, almoçar, passar o resto da tarde sendo seguida dentro da minha própria casa pelos guarda-costas e, antes de dormir, mais um pouco de remédios acompanhados de um sono profundo induzido e no dia seguinte, a novela se repetia em um looping infinito, com pequenas alterações, como, por exemplo, quando precisava ir até a empresa do meu pai. Neste caso toda a corja de seguranças seguia no meu encalço e geralmente quase não conseguia respirar.

De todas as vezes que precisamos sair juntos, só consegui despistá-los duas vezes. Em uma delas, graças a falta de senso da minha amiga Carla, fui pega tentando me esconder entre as peças de carne de um açougue que ficava próximo à empresa do meu pai. Um esconderijo mal-sucedido e que ainda me deixou fedendo à carne crua por um bom tempo. Ao menos Carla foi criativa, não podia negar.

Revirei o amontoado de sapatos que para variar também estavam desorganizados e tentei pescar uma sandália baixa e confortável que gostava muito. Sem querer, acabei pegando um dos pés da minha sapatilha de ponta. A que mais usava nas aulas de balé contemporâneo.

Por um momento fiquei ali, a encarando. Ela estava gasta demais para continuar a ser usada. O tecido encardido não dava sinais de que um dia ela foi rosa.

Torci os lábios, encarando aquele pé solitário. Não gostava da sapatilha de ponta para dançar, também não era fã da professora de balé. Gostava de dançar descalça e sentir a aspereza do chão contra meus pés, ou do gramado macio e úmido, assim como também gostava de inventar coreografias de expressões livres e reproduzi-las. O que enfurecia a professora. Então, mesmo não gostando da sapatilha, eu a usava. Magnólia também, porém, toda vez que a professora ia embora, arrancávamos as sapatilhas e dançávamos por horas a fio na academia da nossa casa.

Dançar...

A noite passada foi a primeira vez que consegui dançar em três anos.

Encarei a sapatilha surrada, lembrando-me que por um tempo aceitei toda essa rotina. Aceitei que me levassem de um lado para o outro, decidindo minha vida, traçando meus caminhos e permiti, mais uma vez, que me prendessem dentro daquela gaiola de ouro que era conhecida como a “Casa da Colina”, a casa do imperador do ramo de armamento, meu pai. A maior mansão da região em que morávamos, com uma vista espetacular de um penhasco onde uma mata criava um quadro vivo.

Sempre fui apaixonada por aquele lugar, mas agora... olhei sobre o ombro em direção aos vários frascos de remédios sobre a larga penteadeira cor de gelo do meu quarto. Agora eu daria tudo que tinha para não passar nem mais uma noite ali. E por isso, eu estava tomando as rédeas da minha vida. Uma hora ou outra meu pai precisaria entender que eu não era mais sua garotinha, e que apesar de temer o mundo lá fora depois da maldade que conheci, eu ainda queria explorá-lo.

Prendi meus cabelos em um alto rabo de cavalo e conferi minha aparência no espelho largo pendurado em frente à porta, com hastes douradas e um pouco maior que eu. Observei a mulher do reflexo como se não nos víssemos há muito tempo. Olheiras enormes marcavam ambos os meus olhos e minha boca, antes rosada, estava pálida, completamente sem cor. Meu humor, minha energia, tudo foi completamente destruído nos últimos anos, restava-me muito pouco da Jasmin do passado.

Pisquei os olhos com força e me afastei do espelho. Não adiantaria nada ficar ali de qualquer forma. Quanto mais encarava minha imagem refletida ali, menos me reconhecia.

— Onde foi que você se escondeu, Jasmin? — sussurrei de costas para o espelho e uma batida sutil na porta me arrancou dos meus devaneios. Enfiei uma camiseta pela cabeça de qualquer forma e fiz o mesmo com a primeira calça que encontrei. Abri a porta e dei de cara com um rosto familiar.

— Senhorita Cahill, a senadora Magowan está aqui te aguardando, e seu pai também. — A voz baixa e sorrateira de Ruth, nossa governanta, entrou pelo quarto e um aperto na garganta me obrigou a parar de respirar.

Olhei no relógio que ficava ao lado da minha cama e já passava das 10h da manhã. Meu pai costumava sair às 6h. O que significava que ele ainda não tinha ido trabalhar só para falar comigo, fora que tinha trazido reforço. Se tia Claire despencou da sua casa, que ficava do outro lado da cidade, só para conversar comigo, o negócio estava bem feio para meu lado.

— Espero que coma algo no café da manhã quando terminarem. Caso desmaie pela propriedade, tenho total autorização para lhe enfiar um bocado de comida pela garganta. — Ruth completou, gentil como um coice.

— Se eu sobreviver nas próximas horas, prometo que tomo café. Será a alimentação do renascimento — brinquei, tentando esconder meu pânico. Ruth estava acostumada a me ver pular as refeições e, mesmo com seu mau humor constante, sempre tentava me manter alimentada e saudável. Era seu jeito de cuidar de mim.

Talvez, depois daquela manhã, ela não precisasse mais que se preocupar comigo, afinal, meu pai ia me matar, com certeza.

— Peça a tia Claire que venha até meu quarto, por favor — pedi.

Ruth meneou um aceno com a cabeça, confirmando, e saiu logo em seguida.

Fechei a porta e me escorei nela. E agora, meu Deus?

Tá certo que a noite foi emocionante, mas começar a manhã dando início à terceira guerra mundial não era minha intenção. Pensei que teria mais tempo para pensar no que diria ao meu pai.

Ao que tudo indicava, meu tempo acabou.

Subitamente o rosto sombrio e extremamente lindo do homem misterioso da noite passada invadiu meus pensamentos.

Ele, assim como meu pai muito provavelmente também estava, ficou bem irritado. Ainda conseguia sentir seus dedos segurando meu braço num autocontrole enérgico.

Como alguém conseguia ficar ainda mais bonito quando estava com raiva? Poderia viver um século que jamais esqueceria aquele par de olhos exóticos e furiosos vindo em minha direção.

Uma batidinha na porta me avisou que tia Claire tinha chegado e não demorou muito para que ela abrisse uma gretinha e seus cabelos platinados passassem por ela.

— Querida? Posso entrar? — chamou.

— Claro, tia. Entre, por favor. — Apressei-me a abrir a porta. Tia Claire usava um vestido tubinho branco muito elegante que realçava os cabelos muito claros, assim como a pele. Os olhos azuis turquesa brilhavam mais em contraste com o batom forte. Era uma mulher excepcionalmente linda.

Assim que passou pela porta, ela deixou sobre a mesinha do quarto sua bolsa, também branca e com cara de ter custado um carro zero e me puxou para um abraço apertado.

— O que foi que você fez, Minzinha? — ela me chamou pelo meu apelido de infância e me enfiei ainda mais na curva do seu pescoço, buscando aquele abrigo que só encontrava nos braços dela, com aquele perfume cítrico que me lembrava proteção, meu coração tão desesperado se acalmou por um momento.

— Só queria sair um pouco, tia. Não aguento mais ficar presa dentro desta casa. — Gesticulei.

Ela se afastou do abraço e se virou para a poltrona rosada que ficava ao lado da cama e se sentou ali, colocando as mãos

sobre os joelhos. Na mesma hora, o anel de diamantes que meu pai deu a ela reluziu contra a luz do quarto.

Tia Claire era noiva do meu pai. Eles se conheciam há muitos anos. Pelo que me contaram, Claire, antes de se tornar senadora, era amiga de escola da minha mãe. Eram inseparáveis. Minha mãe a amava tanto que a atual senadora se tornou minha madrinha. O que foi um presente. Depois que minha mãe faleceu no parto da minha irmã, as coisas perderam um pouco o rumo naquela casa, mas tia Claire não nos abandonou. Pelo contrário, esteve ao nosso lado por anos a fio. Não me lembrava muito daquela época porque era pequena demais, mas sempre que tentava me lembrar do passado, lá estava o rosto sorridente da tia Claire para me tranquilizar. Com o passar do tempo, ela e meu pai se tornaram mais próximos. Há dois anos assumiram um relacionamento e eu fiquei sinceramente feliz por eles. Como se mamãe a tivesse deixado aqui para cuidar de nós.

Claire também esteve ao nosso lado quando Magnólia se foi. Apesar de nunca ter passado uma noite aqui na mansão da colina, eu sentia sua presença comigo o tempo todo. Ela era meu porto seguro, e agora eu precisava mais do que tudo da sua ajuda para sobreviver ao meu pai.

— Mason está uma fera, querida — alertou, ajeitando os cabelos que escorriam até pouco abaixo do ombro. — Estamos verdadeiramente preocupados com você. — Ela correu os olhos pelo quarto até encontrar os vidros de remédios jogados sobre a mesa. — Soube que parou de tomar os remédios por conta própria.

— Parecia um zumbi depois que os tomava, estavam me fazendo mal — expliquei. — Agora estou mais disposta.

— Disposta a fugir e colocar sua vida em risco, não é? — Ela comprimiu os olhos e torceu os lábios. Respirei fundo, pronta para a primeira repreensão do dia. — Querida, você nem ao menos consultou a psiquiatra que te indiquei antes de parar o tratamento. Não pode fazer as coisas assim, é perigoso. O que acha de voltar a tomar suas medicações? Isso vai tranquilizar um pouco o coração aflito do seu pai.

Comprimi os lábios, ciente de que ela não estava errada, mas eu me sentia tão melhor sem eles, não queria mais voltar a me sentir dopada durante o dia, anestesiada. Foi exatamente por isso que decidi parar de tomar meus remédios. Eles foram prescritos pela médica da tia Claire desde que comecei a sofrer com terrores noturnos, após a morte de Mag. Sua principal função era me desmaiar durante a noite e amenizar a dor que sentia durante o dia. Mas eu não queria mais aquilo. Ainda que a dor fosse enorme e recorrente, ainda que de repente uma pontada aguda ameaçasse me romper ao meio com as lembranças, não suportava mais “não sentir”.

— Sinto muito, tia. Não quero voltar a tomar meus remédios — afirmei categórica.

— Ai, as crianças... — Ela suspirou ruidosamente. — Foi por isso que pintei meu cabelo em um tom platinado, para esconder os fios brancos que você me causa. — Ela sorriu. — Ainda assim, está encrencada, mocinha.

— Em qual nível, tia?

— Qual é o limite? — Ela me lançou uma piscadela ao se levantar. — Tenho que voltar ao trabalho, mas quis ver com meus próprios olhos se você estava bem.

— Obrigada. — Abracei-a novamente.

— Prometa-me que não vai se colocar em perigo novamente — pediu.

— Sabe que não minto para você, não é? — respondi sincera.

— Santo dos corações fortes, me ajude! — Ela beijou minha testa e parou na porta, prestes a sair. — Tome cuidado, querida e desça daqui alguns minutos que vou, mais uma vez, tentar acalmar seu pai.

Agradeci-a e me joguei na cama fingindo uma calma que eu não sentia.

Saí do quarto dez minutos depois. A noite passada foi mais energizante do que meus últimos dez anos e se para sentir aquela sensação de liberdade eu precisasse enfrentar a fúria do meu pai, tudo bem. Era um castigo que eu estava disposta a pagar. Talvez eu só precisasse assumir as rédeas da minha vida, para de fato, começar a viver novamente.

Nossa casa era dividida em dois andares por uma escada oval com duas partes que terminavam em um hall muito abastecido de quadros, que ficavam espalhados pela imensa parede da entrada. Comecei a descê-la pela direita, o lado que costumava ficar mais escondido, e antes mesmo de chegar ao final da escada, avistei meu pai bem no meio do hall, parado como uma estátua.

Diminuí o passo sentindo o assustador frio na barriga que sempre precedia uma de nossas conversas. Ele encarava as montanhas através da gigantesca porta de madeira da entrada. Um sol frio e acinzentado invadia a casa, quase tocando seus pés. Ao me ouvir descer às escadas, ele respirou fundo e enfiou as mãos

nos bolsos da calça social azul marinho, que combinava com seu terno. Seus cabelos, de um tom castanho bem claro, estavam penteados para trás.

— Bom dia, pai! — tentei fingir um sorriso, mas daquela vez não consegui.

— *Bom dia, pai?* — ele repetiu, virando-se para mim. Só então percebi que ele não estava sozinho.

O chefe da equipe de segurança estava parado ao seu lado com um olhar enviesado em minha direção. O senhor Wood era um homem forte, apesar de ser uns bons dez anos mais velho que meu pai. Tinha um rosto oval e um sorriso acolhedor com jeito de avô, o que por sinal eu só poderia deduzir, já que não conheci nenhum dos meus avôs paternos ou maternos.

A única coisa que me incomodava em Wood era que ele escondia seus mil olhos e duzentas e cinquenta e nove mãos atrás daquele rosto gentil, e geralmente costumava me enganar. Ao que parecia, não havia lugar nesta casa que o senhor Wood não estivesse acompanhando em tempo real.

Ele foi o que mais me deu trabalho entre todos os seguranças. Sempre me capturava antes mesmo que chegasse até o portão principal.

— Bom dia, senhorita Cahill — ele me cumprimentou educadamente, apesar de manter o corpo imóvel demais, como se estivesse muito tenso.

— Você não tem o mínimo de noção do que fez na noite passada, Jasmin? — Meu pai se virou para mim. Segurava um jornal amassado entre as mãos e à medida que se aproximava de mim, apertava ainda mais o pobre coitado entre os dedos.

— Papai, eu só queria um pouco de ar. Pode me culpar por isso? — tentei parecer calma. — Ninguém se machucou.

— Ninguém se machucou — ele repetiu baixo, sorrateiro e um sorriso triste ergueu os cantos dos seus lábios. — Ninguém se machucou, Wood! — Meu pai sorriu de um jeito sombrio que fez um arrepio atravessar meu corpo. Ele deu mais um passo em minha direção e no instante seguinte, toda a simpatia em seus olhos claros desapareceu de vez. — Dois dos nossos seguranças foram feridos devido à briga que você causou com um desconhecido. E como se não bastasse, você teve a ousadia de roubar a moto do homem. — Ele jogou o jornal sobre a pequena mesa de centro do hall.

— O que é isso?

— Veja... dê uma olhada nas manchetes. VEJA! — ele gritou furioso quando me recusei a encarar aquele maldito jornal. — Herdeira da multinacional Hill e Cahill é vista bêbada dançando sobre mesa em boate. Testemunhas alegam que a jovem estava na companhia de um estranho e saiu do local na garupa da sua moto. — Ele deu uma risada sarcástica. — É difícil entender você, Jasmin. Tudo que faço é para sua segurança. Tudo que precisei te privar foi pensando em você e para quê? Para você se arriscar dessa forma imatura e inconsequente? Faz ideia de como a internet é rápida? Essa notícia saiu em sites de fofoca poucos minutos depois de te verem nessa boate. Qualquer um, absolutamente qualquer um conseguiria chegar até você naquele lugar, bastava uma breve pesquisa e você estaria morta.

A voz dele era tão dura quanto seu olhar, e aquilo só acendeu um sentimento ruim que tentava esquecer todas as noites. Um

sentimento doloroso, sufocante, que me fazia querer culpá-lo por tudo que aconteceu conosco, três anos atrás. A mais pura raiva.

— Você fala como se realmente se importasse comigo — acusei de súbito. Ele me encarou e crispou os olhos.

— Quer dizer que não me importo com minha única filha? — murmurou. — Que tudo que faço por você é um grande nada?

— Se você realmente se importasse comigo saberia que dia foi ontem. — Ergui o nariz, como sempre fazia quando as lágrimas ameaçavam embargar minha voz. — Se você se preocupasse, saberia o quanto era importante ir até aquele lugar. Era a praia que ela mais amava, eu precisava mais do que qualquer coisa sair daqui e...

— Colocar sua vida em risco. — Meu pai respirou fundo, como se lutasse uma batalha há muito tempo e já se sentisse esgotado. — Acha mesmo que é isso que Magnólia iria querer?

— Ela não iria querer me ver como um pássaro enjaulado. — Uma lágrima desceu por meu rosto sem controle. — Como esperava me manter presa logo no aniversário dela, pai? — As raras vezes que tentei fugir sempre envolviam o aniversário de Mag e ele deveria saber daquilo.

Eu precisava sentir que ela ainda estava comigo de alguma forma, precisava mostrar à minha irmã que jamais me esqueceria dela.

— Para você pode ser só mais um dia no calendário na sua agenda lotada, mas para mim, ontem foi o aniversário da pessoa que mais sinto falta no mundo.

— Eu, mais do que ninguém, sei bem que dia era, Jasmin. Eu estava lá, há mais de 20 anos, quando ela nasceu. Quando

perdemos sua mãe e eu voltei para casa com uma criança poucos anos mais nova que você, completamente sozinho — relembrou, taciturno. — Eu me lembro desse dia como ninguém. O dia em que perdi e ganhei em uma medida miserável. Eu estava lá.

— Então onde você estava ontem? — Minha voz surgiu fraca. — Fiquei aqui o dia inteiro sozinha, e enquanto eu só conseguia pensar nela, você só pensava no trabalho. Sempre foi assim e sempre vai ser. Então, por favor, não finja que se importa porque nós dois sabemos qual é sua prioridade, pai.

— Você está enganada. — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro e apertou os olhos com os dedos.

— Olhe nos meus olhos, pai, e me diga que ontem você não estava organizando sua tão sonhada fusão? Não é por isso toda a sua preocupação?

— A minha preocupação é com sua vida, filha. — Ele soltou num rompante, o tom de voz alto como sempre costumava falar. — Não faz ideia, Jasmin... — Ele se aproximou mais e quando dei um passo para trás, tentando me afastar, meu pai segurou meu braço com cuidado. — Minha filha, nenhum dos meus amigos têm herdeiros que conhecem a empresa tão bem sem nem a frequentar direito que nem você. Estudou anos para assumir a Hill e Cahill em meu lugar um dia, e eu vivo pelo momento em que vamos sair juntos por aquela porta para ir trabalhar. E é por isso que estou lutando tanto. Por isso estou trabalhando todos os segundos dos dias. A fusão vai facilitar sua adesão à empresa. Aquilo é seu, filha. Todo o meu legado, todo o futuro da Hill e Cahill e você não imagina a quantidade de ameaças que recebo todos os dias contra a sua vida. Principalmente depois que iniciamos a criação do J.A.S.

— J.A.S... que nome mais sem criatividade. — Bufei e cruzei os braços e ele sorriu levemente.

— Você sempre diz que é ridículo, mas como eu poderia dar outro nome que não fosse o seu para uma criação que está sendo inteiramente sua? — Ele tocou meu outro braço com a mão. — Quantas jovens de 23 anos você conhece que são capazes de criar um espectro eletromagnético de defesa?

— Depois de entender a energia dirigida e os propósitos de controle de espectro fica fácil — resmunguei e torci os lábios.

— Fica fácil para você, que é uma excepcionalidade, com certeza. — Sua voz repleta de um tom de orgulho me irritou. Era difícil continuar com raiva do meu pai quando ele me encarava com aquele semblante de fascínio. — Mas pessoas perigosas se opõem a todo método de criação que dificulte a invasão na comunicação de seus alvos. E depois de lançarmos o J.A.S, as coisas podem piorar, e muito. Recebo diariamente incontáveis ameaças contra sua vida. Coisas absurdas, sem sentido e terríveis demais para permitir que eu ao menos durma sem nenhum pesadelo. Tudo isso inflamado pela possibilidade da fusão da empresa. — Notei pelo canto do olho o chefe Wood ficar mais tenso a cada nova palavra dita por meu pai.

— Não posso permitir que algo te aconteça, Jasmin. Pode achar o contrário e temo que em algum momento da vida, todos os filhos pensem isso dos pais, mas a verdade é que minha única preocupação, o motivo pelo qual eu acordo todos os dias com determinação, é você, minha filha. — Ergui ainda mais o nariz, contendo a vontade súbita de chorar. — Você, por outro lado, deixou de tomar seus remédios e agora... está saindo escondida. Diante de

todo o risco que corre, temo que morrer ou viver já não faça diferença para você.

Eu queria odiá-lo. Queria gritar que ele não se importava porcaria nenhuma comigo, mas a sinceridade que vi ali me desarmou. Meu pai também tinha olheiras sob os olhos e mantinha um semblante triste e cansado. No fim, todos estávamos sofrendo de alguma forma, mas minha liberdade não devia pagar por isso.

— Parei de tomar os remédios porque quero voltar a viver. Assim como quero voltar a sair, pai — confessei. — Depois do que aconteceu, o senhor aumentou a segurança e cortou a zero todo e qualquer passeio fora da Casa da Colina que não fosse a trabalho. A única vez que consegui ir em um shopping foi ontem. Não posso viver trancada aqui para sempre — confessei.

— Não estou pedindo para que fique. — Ele respirou ruidosamente. — Não por muito mais tempo. — Acariciou meus ombros como se eu fosse novamente sua garotinha de 10 anos pedindo para tomar sorvete enquanto estava resfriada. — Sei que tenho sido irredutível, e até mesmo alienado. Você e sua irmã, apesar de sempre estarem acompanhadas, iam a qualquer lugar que desejassem. Mas depois de perder Mag, mesmo diante de vários seguranças, o medo se instaurou em minha alma, filha — revelou, entristecido. — Me dê apenas mais 15 dias e prometo que as coisas vão se resolver.

— Você já diz isso há muitos anos. Só mais alguns dias, só mais um mês. — Encarei meus próprios pés. — Cansei, pai.

— Sei que está cansada, mas não vou permitir que minha única filha se machuque. Já perdemos demais, Jasmin. — Ele respirou fundo, passou as mãos pelas laterais dos cabelos muito

alinhados e me deu às costas. — Contratei uma equipe extra para ficar de olho em você.

— O quê? — Só podia ter escutado errado. — Mais uma equipe, pai? O que essa casa está virando, uma filial de guarda-costas?

— Já que não me escuta por bem, terá que escutar por mal — ele disse no instante que um som estrondoso reverberou por toda a mansão, e eu poderia jurar que reconhecia aquele som. Mas quais as chances de...

— Ah, merda! — xinguei quando vi a moto larga e imponente parar bem em frente à entrada da casa e um homem grande descer dela.

— Jasmin! — Meu pai me repreendeu. — Não foi essa a educação que te dei. Trate de respeitá-lo. Ele é o chefe da nova equipe que trabalhará com Wood até que a fusão e aceitação dos sócios termine. É melhor se comportar nos próximos 15 dias. Não vai ter outra opção sob os cuidados do Lobo.

Lobo?

O homem desceu da moto e retirou o capacete. Os cabelos escuros estavam amassados, mas o terno preto se mantinha impecavelmente alinhado.

Ai, meu Deus!

Eu estava morta. Mortinha... supermorta. Ele ia arrancar minha cabeça assim que me visse.

Encolhi-me atrás de uma das pilastras, fugindo do seu olhar. Um arrepio estranho percorreu minha coluna quando ele entrou pela casa. Conseguia ouvir seus passos firmes, como se cem homens

marchassem para a guerra. Recusei-me a sair do esconderijo. Poderia parecer que não, mas tinha muito amor pelo meu pescoço.

— Lobo, certo? — meu pai disse. — Seja bem-vindo, sou Mason, um grande amigo do seu pai.

— Só estou aqui por esse pequeno detalhe — falou mal-humorado e arrancou uma risada do meu pai que se virou para o chefe Wood com euforia.

— Bem que avisaram que ele era de poucos amigos. Venha, quero que conheça minha filha. Esta é... Jasmin? — Meu pai não demorou um instante para me encontrar encolhida atrás da pilastra, com um medo do cão sondando meu coração.

O que aquele homem faria quando me visse?

Poderia apostar que se procurassem no dicionário o significado de azarada, encontrariam meu nome em caixa alta como resultado. De tantas voltas que o mundo poderia dar, aquela com toda certeza me deixou tonta.

— Jasmin, filha, o que está fazendo escondida aí? Venha! — meu pai chamou e eu respirei fundo antes de conseguir me mover. — Este é seu novo guarda-costas. Trate-o com respeito. — Frisou.

Entrei no campo de visão do homem que mais parecia uma estátua de bronze, parado, sem mexer um único músculo sequer. Seus olhos se encontraram com os meus e pude ver a surpresa cedendo espaço para raiva e um brilho de perversidade que me fez oscilar. Ele ia me matar na primeira oportunidade, tinha certeza.

— Pelo inferno! — Lobo praguejou baixo, duro. Os olhos tão diferentes sondaram meu rosto com precisão e tive a impressão de que toda a minha alma estava sendo exposta, aberta pelo homem

que exalava perigo e agressividade. — De todas as pessoas no mundo, tinha que ser você...

CAPÍTULO 5

Lobo

Por todos os demônios, aquilo só podia ser uma brincadeira de péssimo gosto, ou eu definitivamente ofendi alguma divindade no tempo vago. Não tinha cabimento. Um misto de raiva e choque me tomou ao colocar meus olhos naquela...

— Ladrazinha descarada! — Apontei o dedo para ela que mordeu o lábio e correu em direção ao pai, escondendo-se atrás dele como a sem vergonha que era. O homem que estava à minha lateral rapidamente ficou em alerta.

Estreitei os olhos em direção a ela que me encarava através do vão entre o braço dobrado do pai. Levei a mão até o bolso e fiquei ainda mais puto quando me dei conta de que estava conferindo se a chave da minha moto ainda estava lá.

— Já se conhecem? — Mason ergueu as sobrancelhas e questionou em um tom preocupado.

— Talvez eu já o tenha visto em algum lugar — a safada respondeu.

— Antes ou depois de roubar minha moto?

— A moto era dele, Jasmin? — Mason gritou alto e arregalou os olhos, fazendo-a dar um salto de susto. Lá se foi sua calma forçada. O homem levou ambas as mãos à cabeça e sacudiu o rosto, descrente. — Vou enlouquecer! Sim, já estou LOUCO.

— Como é que eu ia imaginar que você contrataria logo o dono da moto? Ah, e a propósito, ela é um grande exemplar. — Lançou-me um sorriso petulante que fez com que o próprio fogo do inferno descesse por minha garganta.

— Jasmin!

— Sua... sua... — Dei um passo na direção daquela... coisinha pequena e soltei o ar, exasperado, trincando ainda mais o maxilar na tentativa de conter a vontade de correr até ela e agarrar aquele pescoço fino com as mãos.

Pelo amor de Deus, qual foi o meu pecado contra o universo?

— Papai, só temos uma opção agora — ela disse, ainda usando o pai de escudo para se manter distante de mim, fazendo o homem rodar no meio da casa. — Mandá-lo embora. O mais rápido possível. — Ela encarou minhas mãos fechadas em punho e arregalou um pouco mais os olhos excepcionalmente verdes. Verdes como a pequena cobra que era. — Ele vai me matar assim que tiver a chance. Se o senhor me ama, tire-o daqui antes que ele tenha a chance.

— Agora me chama de senhor, né? — Ele se virou para a filha.

— Nenhuma ação será necessária. — Rosnei, tentando a todo custo manter minha postura. — Vou me retirar imediatamente da missão. Já que há conflitos de interesse. — Comprimi os lábios. — Vou sair dessa merda de lugar antes que ela consiga roubar qualquer outro item meu. — Dei as costas e comecei a caminhar para bem longe daquela mulher maluca.

— Lobo! — O pai da desvairada veio correndo atrás de mim e me alcançou quando eu já estava me aproximando de onde tinha

estacionado minha moto. — Lobo, espere, por favor.

— Enviarei outra equipe. Não trabalharei com sua filha, Mason, nem por um decreto. Mas não se preocupe, haverá uma fila esperando para trabalhar com a família Cahill — avisei e vi o homem endireitar a postura imediatamente.

Ele apoiou os punhos na cintura e respirou fundo. Imaginei que seria ali que ele começaria a negociar a missão, afinal, Cahill não era qualquer um.

Quando ouvi o sobrenome na noite anterior, sabia que o conhecia de algum lugar. A multinacional Hill e Cahill era conhecida em todo o país. Um conglomerado gigantesco e administrado por um homem que, diante da sociedade, é um exemplo e hábil negociador. Seria natural que ele negociasse, e ainda mais previsível que eu negasse. Mas diferente do que esperei, Cahill estava disposto a ir além para proteger a ratinha que ele chamava de filha.

— Por favor, Lobo, me escute. — Ele se aproximou, ficando a centímetros de mim. A casa de paredes muito brancas reluzia gigantesca atrás dele. — Aqui, diante de você, não está o presidente da Hill e Cahill. Está um pai desesperado. — Ele abriu um botão da camisa social. — Sei que minha filha é difícil de lidar. Impulsiva, irresponsável, rebelde... — Respirou fundo e encarou as colinas distantes. — Mas acredite em mim, ela é uma boa garota. Jasmin é tudo que eu tenho e já não sei o que fazer para mantê-la em segurança. Meu último recurso é o melhor dos melhores. É você, Lobo. Por isso gastei meu único trunfo com a Security. Porque ela é tudo que me resta. Por favor, não abandone a missão.

Abandonar uma missão...

Passei a mão pela barba muito baixa. Nunca abandonei uma missão antes. Por mais difícil, por mais impossível que pudesse parecer. E agora...

Olhei para trás de Cahill e vi uma mexa de cabelos muito loiros pender para fora da luxuosa porta de madeira da entrada da casa. A pequena meliante estava escondida, observando tudo.

— Tenho a sensação de que sua filha é muito mais que apenas impulsiva. — Ele meneou um aceno.

— E pode estar certo — confirmou. — Ela é extremamente inteligente, criativa e mordaz, o que dificulta e muito as coisas. Ainda assim, peço que nos dê a chance de trabalhar com sua equipe. — Cahill insistiu e perguntas começaram a invadir minha mente.

Detestava quando aquilo acontecia. Era mais forte do que eu. Mais forte do que negar uma missão era descobrir o porquê meu trabalho se fez necessário. E eu começava a me perguntar, por que diabos aquela garota dava tanto trabalho? Onde ela aprendeu aquela maldita mão leve? E pior... Por que sua vida estava em perigo?

Perguntas perigosas... que me induziam a aceitar o cargo pelo simples fato de querer saber e principalmente, de não decepcionar meu pai.

Pelo visto, dois pais terminariam o dia feliz, enquanto eu...

— Vamos conversar. Preciso entender o caso, assim como preciso que saiba que se eu aceitar essa missão, não quero que se intrometam na minha forma de trabalhar — vociferei. — Você conhece muito bem o tipo de pessoa que estou acostumado a lidar,

mas a sua filha não. Está ciente de que farei o que for necessário, doa a quem doer, para manter o pescoço daquela mulher no lugar?

— Sim, estou — respondeu rápido e enérgico. — É tudo que precisamos, Lobo — disse, visivelmente mais aliviado. — Acompanhe-me até o escritório. Chefe Wood, por favor! — ele chamou o homem que aguardava pacientemente o desfecho da história próximo a entrada da casa. — Reúna a equipe na sala de reuniões.

— Sim, senhor. — Ele me lançou um olhar torto e desapareceu logo em seguida.

— Tem certeza de que posso deixá-la aqui? — Apontei para a moto e o encarei. Mason deu uma risada seca e comprimiu os olhos com as mãos.

— Como ela pôde roubar sua moto? — Ele abriu os olhos, parecia mais velho do que quando cheguei aqui minutos antes. — Como aquela menina sabe pilotar uma coisa dessas?

— Uma das minhas maiores curiosidades.

— Ela deu algum prejuízo? Pagarei qualquer dano que tenha ocorrido por culpa dela.

— Então você vai gastar bastante com tratamentos para controle da minha raiva — revelei. — Vamos, não temos tempo a perder.

— Que Deus me ajude... — disse e se virou para a mansão que tinha a frente abastada por canteiros com flores amarelas, vermelhas e rosadas e pequenos arbustos desenhados por formas distintas que formavam um caminho, como um labirinto, até a entrada.

Poderia jurar que ouvi um chiado baixo quando passei pela porta novamente e tive que me conter para não me virar e flagrar aquela doida escondida ali atrás.

Argh! Nunca em todos os anos da minha carreira tive que concluir uma missão e proteger alguém que odiasse tanto.

Aquela... descarada de olhos verdes, sem-vergonha. O pior de tudo era lembrar do quanto gostei de vê-la dançar. Como se nada ao meu redor fizesse mais sentido, como se meus olhos existissem apenas para contemplar a beleza que ela era sobre aqueles saltos finos, envolta em uma névoa de liberdade que causava cobiça.

— Merda! — Pisquei, tentando me livrar da lembrança.

— O que disse? — Cahill perguntou já ao lado da entrada do escritório.

— Nada.

— Bem, então entre. Fique à vontade. — Ele apontou para a sala escura. — Quer beber algo?

— Não. Vim para conhecer o ambiente e descobrir se precisarei solicitar uma equipe extra e ainda não recebi a pasta de arquivos para estudar, assim como a planta da casa. Pela informação que recebi, você me forneceria ela pessoalmente por motivos de segurança.

Entrei em uma sala onde uma parede inteira era coberta por livros, em uma biblioteca de madeira tão antiga que se alguém a revirasse, possivelmente encontraria toda a linhagem da rainha Elizabeth, catalogada antes mesmo da extinção dos dinossauros. Aquela merda estava quase desabando.

— Por que você mantém essa estante decadente? — Cahill olhou sobre o ombro enquanto servia para si uma dose de alguma bebida violeta. — Ela vai acabar cedendo.

— Este era o escritório da minha falecida esposa — revelou. — Era onde ela passava a maior parte do tempo. — Respirou fundo e bebeu o líquido de uma só vez. — Minha esposa era escritora e estava quase terminando seu primeiro livro quando engravidou pela segunda vez. Ela amava muito essa estante. Minha Sophie adorava passar os dedos sobre as lombadas dos livros, ou organizá-los por cores, títulos, autores. Ela se divertia. Creio que, de toda a casa, incluindo o jardim e a vista no mirante, este aqui era seu lugar preferido. — Podia sentir em sua voz um tom que já tinha conhecido enquanto observava outras pessoas. O som do amor misturado à saudade. — Ela faleceu no parto da minha caçula e nunca terminou o livro. — Seus olhos se perderam por um momento. — Ainda que minha noiva tenha feito algumas sugestões de melhoria, sou incapaz de alterá-la.

— Não precisa ouvir meus conselhos, Cahill, mas se quiser manter a segurança nesta casa, é melhor fazê-lo. Troque as vigas, principais da estante, e mantenha os livros como estão. Acredito que sua falecida esposa não iria gostar dessa coisa despencando em cima da VIP, estou certo?

Ele pensou por um momento e meneou um aceno, concordando assim que alguém bateu na porta e a abriu logo em seguida.

Chefe Wood passou pela porta e atrás dele estavam três outros homens que me reconheceram assim que ficaram diante de mim.

— Você! — O mais robusto deles, que usava um bigode muito grosso e estava com um belo roxo no olho, apontou para mim com uma expressão furiosa e subitamente começou a ficar vermelho.

— Ah, seu desgraçado! — Outro segurança, o mais alto de todos, apontou em minha direção e veio para cima de mim com tudo.

— Lá vamos nós! — Revirei os olhos e alinhei o corpo, pronto para um novo combate.

— O que diabos estão fazendo? — Wood praguejou, entrando no meio da confusão.

— Foi ele chefe. Ele quem nos atacou ontem — o bigodudo respondeu. — Eu vou arrancar esse cabelo engomadinho! Vem cá! — Quando ele se lançou novamente para a frente, Wood o segurou pela gola da camisa e o puxou para trás.

— Foi ele o suspeito que atacou vocês covardemente com uma gangue? — Cahill questionou e foi a minha vez de encarar os mentirosos.

— É... não foi bem assim. — Ele abaixou o rosto e alisou os bigodes com os dedos. — Talvez o Lyon tenha exagerado na quantidade de pessoas.

— Eu estava sozinho.

— Ele estava sozinho? — Cahill e Wood questionaram juntos e trocaram um olhar surpreso. — Bem... — Mason suspirou ruidosamente e apertou as têmporas com as pontas dos dedos. — Ao menos tudo o que ouvi falar de você é verdade.

— Como? — respondi, sem saber se continuava encarando os seguranças para evitar que algum deles pulasse em cima de mim

ou se olhava para Cahill.

— Seu nome te precede, Lobo. E se essa não é uma prova de que estamos contratando a pessoa certa, não sei mais o que pode confirmar. — Ele se virou para Wood. — Ele bateu e desarmou três homens. Os *nossos* homens. — Cerrou o maxilar.

— Mas teve a moto roubada pela senhorita Cahill. Não vamos esquecer esse detalhe. — Um deles reforçou.

— Se ao menos cumprissem o papel de vocês... — comecei.

— Chega! — Wood interrompeu e se virou para mim. E foi então que eu me dei conta...

Estava ferrado com aquela equipe ridícula como suporte.

— Vou apresentá-los devidamente e estejam cientes de que trabalharão juntos em prol da segurança da senhorita Cahill, colocando todos os seus desejos e objetivos pessoais de lado. Ouviram?

— Sim, senhor! — O coro de patos ressoou pela sala e eu contive a vontade de revirar os olhos novamente.

— Para quem ainda não conhece...

— Eu conheço! Eu Conheço! — Quase não tinha notado o mais jovem de todos, e mais franzino também, parado no canto do escritório e saltando como se sua vida dependesse daquilo.

— Cale a boca, Shaw! — Wood gritou, perdendo a paciência com sua creche. — Este aqui é Christopher Holder. Mais conhecido no nosso ramo como Lobo. Ele será responsável pela equipe Alfa a partir de agora.

— Chefe, desculpe discordar, mas esse sujeito não conhece a senhorita Cahill. Não sabe nada sobre nossa rotina, como pode

assumir a equipe? — Lyon, o mais alto e também o mais irritado reclamou.

— Uma equipe Alfa tem que estar pronta para lidar com todo tipo de situação. Vocês não só perderam o Cristal, como também apanharam de um único homem e colocaram suas próprias vidas em risco. — Wood praguejou e os vi encolhendo a cada nova palavra raivosa que o homem soltava. — A partir de agora, vocês estarão sujeitos as diretrizes do Lobo. E acho melhor se conformarem com isso, ou então serão dispensados. — Um silêncio perturbador seguido de um “Sim, senhor” coletivo tomou o escritório.

— É um prazer tê-lo conosco. — Wood disse e manteve o semblante sério. — Estes são Mark Shaw. — Apontou para o magricela de olhos bem atentos que acenou empolgado. — Peter Lyon... — O mais alto nem sequer olhou em minha direção e agradeci por isso. — E aquele ali é Eric Jay. — O bigodudo mastigava um chiclete e me lançou um sorriso seco, de lado, que mais parecia uma ameaça. — Somos a equipe Alfa de segurança da Casa da colina. A equipe Beta fica situada no conglomerado Hill e Cahill.

— A equipe Alfa agora é comandada por um Lobo, não é engraçado? — Shaw riu alto.

— Vou arrancar sua língua! — Lyon murmurou para o jovem que se encolheu dentro do terno.

— Eu geralmente acompanho o senhor Cahill enquanto ele está na empresa, mas quando estou na mansão fico no comando da sala de vigilância, ou no ponto externo da casa, que lhe mostrarei mais tarde, e todas as ações devem ser reportadas a mim, sem exceção — Wood explicou.

— E qual é a ameaça? — questionei por fim, percebendo que eles se referiam à VIP como Cristal. — Quero saber cada detalhe. O que estou enfrentando e quero também uma planta de toda a casa, além da pasta da VIP.

— Está aqui. — Cahill me interrompeu, empurrando pela grande mesa do seu escritório uma pasta mostarda recheada de papéis. — Sou o presidente de uma multinacional, como já sabe. — Ele se jogou na cadeira de couro que estava posicionada atrás da mesa. — Jasmin é minha única herdeira. E quando eu disse que ela era extremamente inteligente, não estava exagerando. Minha filha está criando um projeto muito importante dentro da empresa, algo que eu acredito que fará sucesso entre os órgãos governamentais e vai desagradar muita gente. — Ele uniu ambas as mãos sobre a mesa e seus olhos se perderam encarando-as. — Jasmin está ciente do perigo que corre e costumava colaborar para sua proteção, mas há alguns meses algo parece ter mudado. Ela perdeu toda e completa noção do perigo. — Ele balançou a cabeça, como se não pudesse acreditar no que dizia. — Se ela ao menos fizesse ideia da quantidade de ameaças que recebo diariamente contra sua vida... — confessou.

— Alguma suspeita? Alguém que queira se livrar da VIP especificadamente? Que vá ganhar algo com isso? — Comecei as perguntas de rotina.

— Três anos atrás eu já recebia ameaças como as de agora, porém, não as considerava com tanto afinco como deveria, e permiti que minhas filhas fossem a um baile. Algo simples e comum para jovens na idade delas. Pensei que estariam seguras, mas mesmo cercadas de seguranças, um homem conseguiu atacar e matar

minha caçula — revelou e abaixou os olhos para um dos botões em sua camisa. — Ele a esfaqueou. — Arregalei os olhos.

— Como ele conseguiu passar pelos seguranças a ponto de esfaqueá-la? — Um tiro eu entenderia, era difícil encontrar atiradores de elite nos altos dos prédios ao redor de algum evento onde o VIP participaria, mas uma facada?

— Alguém deu um tiro para o alto no salão de festas, para causar uma confusão. — Wood completou.

— O assassino se aproximou nesse momento e não fez mais do que esbarrar o corpo contra o da minha filha. — Mason continuou. — A faca quase não cortou o vestido. Mal tocou a pele, mas em menos de cinco minutos, minha filha morreu. — Ele ergueu os olhos de um tom azul metálico, escuro e profundo e ergui as sobrancelhas no mesmo instante.

— Se a facada não foi fatal, como... — Parei no instante que uma ideia me ocorreu. Mas seria absurdo demais cogitar aquilo.

— O que vou te contar aqui é sigiloso. Jasmin não faz ideia disto, e peço que continue assim. Foi muito difícil convencê-la de que a facada foi fatal. Não gosto de mentir para ela, mas não queria que minha filha vivesse com medo de um simples esbarrão.

— Qual foi o verdadeiro motivo da morte? — Já estava preocupado.

— A lâmina estava banhada em cianeto — contou. — Magnólia foi envenenada. — Perdi o ar como se alguém tivesse me acertado um soco bem no meio do estômago e fui incapaz de falar. Só havia um assassino de aluguel que utilizava métodos como aquele. Um maldito sádico desgraçado que eu conhecia muito bem. — Está vendo agora? — Cahill soltou o ar exasperado. — Jasmin

pensa que eu sou o monstro que contrata monstros para privá-la de viver. O que ela não sabe é que não há uma noite que eu não tenha pesadelos onde ela é a próxima vítima desse desgraçado, e foi assim que eu acabei privando minha filha de tudo. — Soltou o ar. — Preciso que a mantenha longe de qualquer um que possa machucá-la e principalmente, encostar nela. Manter a distância é essencial neste caso. Posso contar com você, Lobo?

— Preciso falar com você a sós, agora! — inclinei-me sobre a mesa e pedi baixo. Aquela não era nem de longe a conversa que tinha imaginado ter com Cahill, mas diante das novas informações, tudo havia mudado.

Ele crispou os olhos confusos. Meneei um aceno em direção aos demais seguranças na sala e ele pareceu entender o que eu queria.

— Nos deixem a sós por um momento — pediu e os ouvi resmungar alguma coisa antes de saírem um a um da sala, deixando-nos sozinhos.

— Agora que sabe o que aconteceu, vai desistir da missão? — Cahill inqueriu, preocupado.

— Escute bem o que vou te dizer. Não gosto da sua filha. Na verdade, eu a odeio com todas as minhas forças. — Ele deu uma risada animada. — Mas saiba que, a partir do momento que eu aceitar essa missão, serei capaz de matar meio mundo e talvez morrer pelo caminho antes que um fio de cabelo da senhorita Cahill seja arrancado. Então sim, você pode contar comigo — confirmei. — Mas precisa saber a dimensão do seu problema. Creio que sei quem pode estar por trás destes ataques.

— Pelo amor de Deus, homem! — falou alto e se levantou, quase jogando a cadeira no chão. — Se sabe qualquer coisa sobre quem pode ter algo a ver com isso, por favor, diga — pediu aflito. — Faz três anos que busco qualquer pista, qualquer indício de culpado e a única coisa que encontro são informações inúteis. — A voz de Mason começou a oscilar. Podia ver que até mesmo sua respiração ficou mais agitada e diante do seu desespero, decidi ser o mais sincero possível.

— Só há um homem, se é que podemos chamá-lo assim, que é capaz de usar artifícios como este para assassinar alguém, e eu conheço bem os preços que ele cobra. É de extremo alto nível — revelei sentindo o gosto amargo preencher minha boca com as lembranças do passado retornando à minha mente. Cahill arregalou os olhos.

— Então sabe quem pode ter matado minha filha? Diga quem é, diga! — gritou. — Colocarei meio mundo atrás do desgraçado agora mesmo.

— Ele é conhecido como Naish — revelei.

— Naish?

— Sim.

— Tem mais alguma informação além desse nome estranho? — Cahill pegou uma caneta e um pedaço de papel, pronto para anotar tudo que eu dissesse.

— Sinto informar, mas ele não tem sobrenome, nem moradia fixa. O desgraçado nem mesmo tem digitais porque as arrancou muitos anos antes. — Cahill abriu a boca, espantado com as novas informações. Podia ver o brilho do desespero, misturados à esperança de encontrar o filho da puta preenchendo seus olhos. —

Ele é um psicopata, extremamente inteligente e cruel. Um assassino em série disfarçado de assassino de aluguel. — Apertei a mandíbula contendo a fúria de saber o que aquele filho da puta andava fazendo. Tirando vidas de jovens inocentes. — Se ele recebe uma missão, não a abandona de forma alguma. Reconheci o método de assassinato porque ele não usa armas. Pode até estar trabalhando com alguma equipe extra, mas sua principal assinatura é terminar o serviço por conta própria, através de uma facada embebida em cianeto. Por isso não tenho dúvidas de que é ele, e como bom maluco que é, ele preza por manter seu ritual. Se alguém for tentar algo contra Jasmin será ele. E eu o matarei antes mesmo que ele note minha presença.

— Como sabe tanto sobre ele? — questionou com os olhos perdidos, como se estivesse absorvendo a informação.

Porque quase trabalhei para ele uma vez. Queria responder.

— Ossos do ofício — menti. — Precisaremos de mais seguranças do que previ, mas contra mim, Naish não tem uma única chance sequer.

— Me tranquiliza ouvir isso — ele falou baixo. — Hoje ainda colocarei todos os meus homens à procura deste nome e... obrigado. — Ele estendeu a mão em minha direção e eu a encarei por um tempo antes de aceitá-la. — Faz tempo que busco um nome para o pesadelo que me cerca repetidamente. Agora eu encontrei e através dele, vamos encontrar o mandante do crime.

— Não me agradeça. Em vez disso, informe se obtiver algum sucesso e não ouse me esconder mais nada, Cahill. É a última vez que peço.

— Tudo bem — concordou, anestesiado.

— O que acontece depois desses 15 dias? Se o culpado não for preso até lá, vai representar perigo para a VIP enquanto viver, principalmente se Naish tiver recebido para entregar a morte dela. Ele nunca vai parar. — Uma pontada no âmago me atingiu com a hipótese.

— É por este motivo que estou desesperado para colocar as mãos no culpado logo. Quero que minha filha viva em paz. E estou contando que vamos conseguir encontrar algo neste tempo, mas caso não tenhamos sucesso, vou precisar reforçar a segurança dela, principalmente para treiná-la na minha empresa até Jasmin se preparar para assumi-la. Isso vai mantê-la longe de problemas e já pedi seu pai uma equipe fixa para quando esse momento chegar. Sei que ela precisa de liberdade e pretendo dar isso a ela, mas com segurança. — Ele parou e me encarou de súbito. — Quanto a esta nova informação sobre Naish... conto com você para orientar minha equipe. Eles precisam estar preparados caso este homem apareça, acha que consegue fazer um retrato falado?

— Já fiz. — Dei às costas e caminhei pelo escritório, inquieto. — Mas Naish é esperto. Ele é procurado pela Interpol em diversos países e nunca nem sequer foi capturado por uma câmera na vida. — Torci os lábios. Meu coração acelerado revelava que o quanto cogitar que Naish podia estar envolvido com a morte de uma das herdeiras da Hill e Cahill mexeu comigo. — Não descansarei enquanto não usar todos os meus artifícios para encontrá-lo. Mostrarei o retrato falado a todos os seus seguranças, mas adianto que faz quase 10 anos que o vi pela última vez. Desde então ele se tornou uma lembrança detestável.

— Ainda assim, mostre a eles, por favor. — Cahill deu a volta na mesa e parou bem ao meu lado. — Depois desses dias, estará liberado do compromisso conosco, mas até lá... preciso que nos ajude com isso. Já perdi uma filha, Lobo. — Ele respirou fundo. — Preciso que proteja Jasmin desse mesmo fim.

— Este é meu trabalho, Cahill — afirmei.

Faria tudo e qualquer coisa para proteger meus VIPs, mesmo que um deles tivesse me roubado e fosse a própria encarnação da mais pura cara de pau. Tinha uma única certeza naquele momento. Ainda que Jasmin esperneasse e até me batesse pelo caminho, não permitiria que ninguém tocasse na ladrazinha, principalmente Naish.

— Forneça-me todas as informações que possuir. Deixe-me a par de tudo e, ainda que sua filha seja capaz de tentar me roubar novamente, eu a trarei para casa amarrada e segura.

— Conto com você. O chefe Wood vai te explicar todo o processo e fornecer qualquer acesso ou informação que precise — alertou em direção à porta. — Tenho uma reunião agora, mas quero colocar meu pessoal para trabalhar nisso. Ligue-me se precisar. — Meneei um aceno e vi Cahill sair pela porta, apressado.

Wood me aguardava do lado de fora e não demorou a me interceptar assim que seu chefe saiu dali quase aos tropeços. Podia ver no olhar sisudo do homem que ele queria perguntar o que tinha acontecido lá dentro, mas se conteve.

— Acompanhe-me. Precisa conhecer seu novo local de trabalho.



Segui Wood pela mansão, que tinha um colossal par de escadas oval bem no meio do hall, que por sinal era coberto por quadros com imagens estranhas e abstratas, enquanto ele me apresentava os pontos principais do lugar, e nem por um momento vi a VIP novamente.

— No segundo andar está a sala de vigilância, vamos. — Ele seguiu à minha frente e indicou o caminho.

Subimos as escadas de mármore brilhante e entramos em um corredor cheio de portas — e mais quadros horrorosos pendurados nas paredes, que eram de um tom frio de gelo, quase branco. Grandes lustres de cristais pendiam em cada canto daquele lugar.

— Os quartos ficam à esquerda. — O chefe me orientou quando paramos em frente à última porta do corredor, que ficava ao lado de um quadro impressionante e muito belo, o único por sinal, que retratava com detalhes o mirante que existia na propriedade e dava vista para uma mata vasta.

— Achamos viável manter uma sala de apoio próximo ao local onde a senhorita Cahill passa mais tempo e aqui também temos a vantagem de ver toda a residência do ponto mais alto — informou e entrou na sala onde uma parede inteira foi destinada a vários monitores que acompanhavam todos os cantos da casa. Havia também três cadeiras pretas e uma cama, posta ao lado de uma mesinha onde um abajur repousava.

Em alguns contratos, o segurança precisava passar a maior parte do tempo na casa do VIP, em turnos extensos, e nestes casos, existiam camas na sala de vigilância principal, para que pudessem revezar e descansar. No meu caso, fui contratado por 15 dias

ininterruptos, um dos tipos de contrato que só aceitaria pela mais pura obrigação, como foi o caso. Geralmente só trabalhava com casos que durassem um ou dois dias no máximo.

— O alojamento dos seguranças fica na casa ao lado do jardim. Ganhará a chave de um dos quartos — avisou. — Aceita um pouco de café? — Ele se sentou próximo à única mesa do lugar.

— Não, obrigado. — Observei-o servir o café em uma única xícara branca e com toda a paciência do mundo, o homem se virou para mim novamente.

— Cahill chegou ao extremo com Jasmin, a ponto de contratar mais uma força exterior para vigiá-la neste momento tão importante, mas para protegê-la, você precisa conhecer um pouco da personalidade daquela jovem.

— Uma personalidade bem difícil, posso garantir. — Bufei, irritado mais uma vez por me lembrar do que aquela mulher me fez passar.

— Digamos que ela esteja... motivada — contou. — Trabalho com essa família há dez anos. E mesmo sob meu comando, mesmo com todo empenho que minha equipe colocou neste trabalho, Jasmin conseguiu escapar. Não podemos permitir que isso aconteça novamente.

— Não vai. A manteremos em segurança. — Encarei um dos monitores que ficava próximo à piscina, em algo que se parecia muito com uma academia improvisada e foi então que a vi. Jasmin encarava o interior da academia como se de lá de dentro fosse sair algum tipo de monstro. — O que ela está fazendo?

— Uma das muitas coisas estranhas que anda fazendo nos últimos meses. — Ele suspirou. — Aquela é a academia de dança.

É um dos raros pontos da casa onde não há câmeras em seu interior. Ela cresceu treinando ali, junto com a irmã, mas desde a morte de Magnólia, Jasmin não consegue entrar lá. Antes ela não conseguia nem passar perto do lugar, agora até passa, mas fica parada na porta como se houvesse uma barreira a impedindo de entrar.

Olhei novamente para a imagem. Dali ela parecia tão pequena e indefesa.

— Ela não está sozinha. — Ele apontou para um dos monitores. — Lyon está parado alguns metros atrás.

— Grande coisa. Eles já deixaram que ela fugisse uma vez — resmunguei.

— Lobo, Lobo... — Ele quase cantarolou. — Meus homens fizeram o possível e o impossível para deter aquela garota. Jasmin tem o rosto de um anjo, mas não se deixe enganar pela sua voz doce. Ela é ardilosa quando quer e não poupa esforços para mostrar sua vontade ou impor sua opinião ao pai. Não podia esperar menos da criadora do J.A.S.

— Cahill comentou sobre o projeto, mas não disse sobre o que se tratava este tal J.A.S.

— Pergunte a ela quando tiver a oportunidade. Vai gostar de ouvi-la falar sobre ele. É um dos poucos momentos que conseguimos rever o brilho que um dia existiu nos olhos dela.

— Dispenso, não quero conversas desnecessárias com a VIP.

— Cristal. — Ele me corrigiu e depois de mais algumas informações técnicas sobre o lugar, acabei questionando algo que me incomodava mais a cada segundo que passava.

— Estou curioso. — Sentei-me na cadeira que parecia pequena demais para suportar meu corpo. — Se ela sabe o risco de vida que está correndo, por que ainda tenta fugir? Ela quer morrer, por acaso? — A pergunta ficou no ar por um instante, como se um fantasma pairasse sobre nós.

— Escute com atenção o que vou te falar. — Crispei as sobrancelhas quando Wood se inclinou para frente e olhou dentro dos meus olhos. — Há três anos, Jasmin testemunhou o assassinato da irmã caçula e só não teve o mesmo destino por pura sorte, talvez. — Subitamente desviei o olhar, sem querer encarar o passado por trás daqueles olhos verdes ou qualquer coisa que diminuísse a raiva que sentia daquela garota, mas pelo visto, a maldita história só estava começando.

— E como já sabe, o responsável pelo assassinato conseguiu fugir — contou. — Temíamos que a qualquer momento, ele tentaria terminar o que começou com Jasmin e diante deste perigo, Cahill aumentou ainda mais a segurança ao redor dela.

— Ela sempre viveu escoltada desse jeito?

— Sim, ela e a irmã passaram grande parte da vida atrás destas paredes, na Casa da Colina — ele confirmou. — A diferença é que agora Jasmin não tem mais a irmã ao seu lado. Ela está sozinha e decidida a fugir e se aventurar por aí sem medo do que pode acontecer a ela. Não sei o que pretende, mas sinto que vai se repetir.

— Existe alguma rota de fuga pela mansão?

— Não que saibamos.

— Se existir, eu vou descobrir. — Coloquei-me de pé mais uma vez.

— Tem outra coisa que me sinto no dever de te alertar.

— Do que se trata?

— Ela vai tentar se livrar de você — avisou, com o rosto tranquilo.

— E como ela conseguiria tal proeza, se me permite saber?

— Infernizando sua vida, provocando-o de todas as formas. Ora, vamos lá, seja criativo. — Ele riu. — Ela é. — Deu de ombros, parecendo se divertir com aquilo. — Não há como trabalhar por tantos anos ao lado de alguém e ser imparcial ou frio como nossa função manda. Então aqui, a pedidos do próprio Cahill, costumamos interagir com ela e tentamos sempre deixá-la o mais à vontade possível. Mas como disse, ela é inteligente. Consegue descobrir seu ponto fraco com um olhar e muito provavelmente vai tentar usá-lo contra você de alguma forma.

— Deixe que tente. — Revirei os olhos.

— Espere e verá — alertou. — Querer controlá-la é como querer lutar com um leão. Você pode até tentar, mas não há garantias de que saíra vivo. — Encarei Wood como se ele estivesse jogando o café na própria cabeça. Aquele homem só poderia estar maluco.

— Não sou um amador, Wood. Sou um profissional e honro minha carreira — retruquei, mal-humorado.

— É melhor estar preparado porque quando ela perceber que você será a próxima pedra no sapato dela, não terá um minuto de paz. — Ele bebericou o café enquanto eu ainda tentava assimilar aquela nova informação.

Queria ver aquela safada tentar algo. Prenderia ela no próprio quarto se necessário fosse, mas nada que ela fizesse surtiria efeito.

Fiquei de pé e o Wood fez o mesmo.

— Volto em breve. — Ignorei o assunto e me virei, prestes a sair da sala quando o chefe me chamou mais uma vez.

— Lobo... — Olhei para ele já na porta da sala de comunicação. — Tenha paciência com Jasmin. Ela não lida muito bem com estranhos e já sofreu demais para enfrentar reprimendas severas.

— Estou acostumado a lidar com todo tipo de gente, Wood, uma mulher mimada como ela e sem nenhuma preocupação com a própria vida não é uma delas. Todos temos uma história triste por trás de quem somos, isso não nos dá o direito de fazer o que bem entendemos — respondi. — Não estou aqui para passar a mão na cabeça dela e muito menos serei sua babá. Vou colocar essa garota no lugar, espere para ver.

— Eu mereço! — Ele soltou o ar, exasperado. — Por que mandaram alguém tão cabeça dura?

Saí daquela casa alguns minutos depois em posse da pasta da VIP-Cristal-Ladra e com a cabeça à mil. Estudaria a residência naquela manhã para retornar ao local com a equipe necessária para realizar a missão e, antes de qualquer coisa, usaria meus contatos para ver se conseguia rastrear de alguma forma o paradeiro de Naish nos últimos meses. Um sentimento estranho me atingiu ao imaginar o que aquele desgraçado faria com ela se tivesse a chance, e estava disposto a mover céus e terras para que ele não fosse capaz nem de se aproximar da VIP.

Coloquei o capacete e já estava sobre a moto quando meu olhar encontrou com o dela por um instante. Acuada, ela me encarava ao lado de uma das árvores do jardim na entrada. Suas

bochechas estavam vermelhas, como se estivesse debaixo do sol por horas. Ela teve a ousadia de estreitar os olhos em minha direção e virou as costas logo em seguida.

Talvez de fato eu me tornasse o intruso que ela faria de tudo para expulsar dali, o que me fazia sentir um misto de prazer, curiosidade e temor.

Não fazia ideia do que os próximos dias me revelariam, mas mentiria se não dissesse que estava curioso para descobrir.

CAPÍTULO 6

Jasmin Cahill

Assisti, com o coração na boca, o homem que em breve se tornaria um dos novos contratados do meu pai, subir na moto e partir dali sem cerimônia, mas não sem antes me lançar um olhar torto e ameaçador.

Que droga!

Aquele sujeito seria problema na certa. Precisava me livrar dele se quisesse garantir ao menos um pouco de liberdade, e já tinha motivos suficientes para que meu pai aceitasse trocá-lo por outro. Qualquer outro que não tivesse aquele par de olhos inquisidores e profundos. Não me sentia à vontade sendo observada por ele, como se de repente todos os meus medos e receios fossem expostos diante de um estranho.

Como seria morar sob o mesmo teto que ele? Em uma noite vivi com aquele estranho mais do que experimentei em toda a minha vida.

Todos os momentos, da fuga até o roubo da moto, foram magníficos e excitantes, mas nada se comparava à breve lembrança daquele beijo rápido, firme, irredutível e que me deixou eufórica por mais. E era ali que eu chegava a estremecer.

Eu não o beijei porque estava alterada pelo álcool, pelo contrário. O beijei porque me senti completamente atraída por sua beleza rústica, firme, febril. Pelos ombros largos, a barba que

contornava o maxilar muito quadrado, mas principalmente os olhos. Eram como o encontro de dois rios singulares, diferentes. Uma beleza rara, exótica, e meu Deus do céu, impossível de ser notada.

O queria distante! Sim, bem longe, e precisava dar um jeito naquela situação imediatamente antes que ele retornasse e pegasse aquela vaga.

Sentei-me na escadaria da entrada do jardim e liguei para meu pai.

— *Jasmin?* — Ele atendeu no último toque, preocupado. Quase não costumava ligar para ele.

— Ei, pai, não se preocupe, está tudo bem. — Apressei-me em acalmá-lo.

Sabia o que estava angustiando seu coração e o entendia, juro que sim. Mas não conseguia me livrar da sensação de que estava sufocando entre aquelas paredes. E toda aquela falta de ar me motivava a querer liberdade.

Morreria de qualquer forma se continuasse presa ali dentro. Queria espaço, queria um pouco da liberdade que um dia experimentei. Queria minha vida de volta, ainda que corresse o risco de perdê-la. Não iria definhar ali. Não poderia aceitar mais aquilo.

— Não pode contratar aquele homem, pai — falei de uma vez quando percebi que ele se acalmou. — Sabe que não nos daremos bem, ele me odeia e admito que dei motivos para isso.

— Como foi que você roubou aquela moto, Jasmin? — Ele ignorou completamente o que eu tinha falado.

— Isso importa quando é a vida da sua filha em jogo? — Dramatizei, usando minha melhor voz de “estou à beira do precipício”. — Ele vai querer me matar por conta própria assim que

tiver a oportunidade, não entende? Já sinto as mãos dele em meu pescoço. Mal consigo respirar. — Minha voz dramática fez com que uma risada seca escapasse pelo telefone. — Não ri, pai. Gosto do meu pescocinho do jeito que está. Prefiro não ser esganada, sendo assim, é melhor dispensá-lo.

— Não farei isso. Você precisa aceitar que ele vai trabalhar conosco por alguns dias. — Ele soltou o ar com força. — Precisamos dele, Jasmin. Espero que não faça mais nada que me decepcione, filha. Amanhã preciso que venha até a empresa para uma nova reunião com os cientistas do projeto J.A.S, então descanse hoje, se acalme e quando menos esperar, tudo vai ser do jeitinho que era antes.

Duvido muito, pensei ao desligar o telefone assim que ele se despediu.

— Ele é incrível. Talvez indique um de nós para trabalhar na Holder Security também. Imagina só? — Ouvi a voz de Shaw e olhei para trás. Ele conversava distraído através do rádio comunicador. Virei-me para frente e fingi não prestar atenção, mas continuei ouvindo a conversa descaradamente. Já que não consegui me livrar de Lobo, só me restava descobrir tudo que podia sobre meu mais novo adversário. — Qual é, Lyon, você só está chateado porque o Christopher te deu uma surra. — Então o nome dele era Christopher... — Não, eu não ia me meter naquela confusão e arriscar meu rostinho bonito. — Comprimi os lábios para não dar risada. — Ele é filho do dono da Holder, esqueceu? Consegue colocar quem ele bem entender lá dentro, tenho esperanças de mostrar meu trabalho para ele. O incrível Shaw em ação. Lyon? Lyon?

Tapei a boca contendo a gargalhada que subiu pela minha garganta depois de ouvir o incrível Shaw reclamar de ter sido desconectado da frequência de rádio. Aquele rapaz era uma figura. Levantei-me e passei em frente a ele que me lançou um comprimento silencioso. Com seus olhos grandes e amendoados e um sorriso muito branco, Shaw era o menor de todos, com braços finos que sumiam dentro do terno sempre bem alinhado, mas era uma graça. Tinha os cabelos muito lisos que vez ou outra caíam em seus olhos atentos, mas parecia ter um coração de ouro.

Fui para meu quarto, disposta a estudar um pouco para encarar os cientistas da empresa do meu pai, que por sinal não gostavam nem um pouco de mim. Estava escrito na testa deles que receber a ideias de uma mulher jovem, ainda que fosse a filha do CEO, não os agradava nem um pouco. Mas quem se importava com o que eles pensavam? Eu, com certeza, não.

Joguei-me na cama de braços abertos e caí sobre o amontoado de cobertas. Os pensamentos ainda presos na breve conversa de Shaw. Então o tal do Lobo era filho do dono da Holder Security? Meu pai vinha tentando conseguir um dos guarda-costas de lá fazia muito tempo, mas havia uma grande lista de espera para o nível de segurança que ele desejava. Alguém que fosse capaz de me manter debaixo do radar. Não sei o que mudou naquela equação, mas somando e dividindo tudo, eu estava com um sério problema.



Passei o resto da tarde com a cara enfiada em um dos meus livros favoritos de física aplicada e quando comecei a enxergar dobrado, percebi que era hora de parar. Recostei-me na cadeira e estiquei os braços, espreguiçando-me. Meus olhos saíram das páginas do livro. A mesa de estudos que ficava no meu quarto foi posicionada ao lado da janela, para que vez ou outra eu pudesse admirar o quadro vivo que as colinas formavam através dela. Era um pouco daquilo que eu precisava para recuperar minha atenção.

O fim do pôr do sol deixava um rastro alaranjado sobre as copas das árvores que desciam como um rio pela colina muito verde. Uma visão que mais parecia ter saído de um filme. Estava distraída quando o som de pedras sendo esmagadas pelas rodas de um carro chamou minha atenção. Prendi o ar.

Será que era ele?

Ergui-me em um salto e corri até a janela. Um carro preto, de vidros muito escuros parou ao lado de um dos três carros destinados aos guarda-costas. Quando a porta do motorista abriu, meu coração subiu na boca e desceu para o estômago ao notar quem descia daquele maldito veículo.

Lobo bateu à porta e olhou para os dois lados, como se procurasse por alguém. Ainda usava a mesma roupa de antes. Um terno impecavelmente preto da blusa social ao sapato. Tudo era daquela cor, o que para meu mais puro azar, deixava o homem ainda mais lindo e realçava o tom de sua pele. Sem notar que estava sendo observado, ele sacou a arma, conferiu o pente, alinhou o comunicador ao rádio e por fim, para completar o look “MIB Homens de preto”, colocou um par de óculos escuros.

Definitivamente aquele se tornou o espécime masculino mais incrível que já vi. Levei a mão ao peito querendo me jogar da janela por não ter conseguido me livrar dele, e com um sentimento de que meus próximos dias seriam mais arriscados que tudo.

Lobo exalava perigo. Bastava colocar meus olhos nele para que um misto de sensações me atingisse. Precaução, medo e uma insana vontade de saber como seria beijá-lo novamente. Oh, céus, eu estava perdida!

Afastei-me da janela e torci os lábios. E agora?



Evitei colocar meu narizinho para fora do quarto pelo máximo de tempo que consegui. Não queria encontrar com Lobo pelos corredores da casa, muito menos ser vigiada por ele pelas câmeras. Saber que aquele homem estava de olho em mim me causava uma sensação estranha no peito e decidi me enfiar debaixo do chuveiro para ver se a água levava para longe de mim aquele olhar aceso e inflamado que vez ou outra preenchia minha mente.

Passei uns bons 40 minutos embaixo de uma água escaldante que no fim só serviu para me fazer pensar mais no que deveria esquecer. Saí do banheiro frustrada e vesti meu conjunto de gatinho que consistia em uma blusa bem curtinha com bigodes e um short preto com um pompom no lugar do rabo. Amava roupas personalizadas e metade do meu closet estava cheio delas. Para completar o visual, coloquei meu arco com orelhinhas de gato e me joguei na cama.

Meu quarto era um dos meus lugares favoritos naquela imensa propriedade. Em tons de rosa, dourado, bege e um cinza bem clarinho, todo o meu cantinho tinha algo especial e marcante. Vários travesseiros ficavam sobre a cama larga, assim como alguns edredons e um tule antigo que nem sei como chegou até ali, mas que era tão quentinho e confortável que nunca permiti que se livrassem dele.

Olhei para a mesinha entulhada de folhas e canetas e tudo que poderia caber ali, inclusive alguns rabiscos de novas ideias que poderia dar a meu pai futuramente e torci o nariz para os livros amontoados bem ao lado deles. Precisava arrumar aquela bagunça antes que Ruth surtasse de vez e invadisse meu quarto. Aquela mulher farejava bagunça e ela atacaria meus livros sem dó nem piedade se os visse espalhados por ali.

Levantei-me da cama, desesperada para tocar um dos livros e quem sabe entrar à noite lendo um deles. Já estava prestes a pegar um quando meu celular apitou com uma mensagem. Desbloqueei a tela e encarei as mesmas palavras que vi na noite anterior, com um misto de surpresa e euforia.

Festa hoje. Você vem? Te dou cobertura.

Ri com o final da mensagem que era nosso código secreto para “Estarei te esperando. Se vira.”

Minha amiga Carla era uma das poucas pessoas que conheci capaz de se arriscar para me ajudar a escapar dos homens de preto.

Ela estudou comigo e sempre fomos muito ligadas. Carla esteve ao nosso lado em diversas situações. Nos poucos momentos em que eu e minha irmã podíamos sair, e nos vários em que precisávamos ficar em casa. E mesmo diante todas as restrições, ela nunca nos abandonou. Sabia que podia contar com suas ligações, suas visitas, e principalmente, com sua ajuda para me livrar dos meus guarda-costas, assim como na noite passada.

Sentei-me novamente na cama, ponderando se deveria ir ou não. Jamais imaginei que minha breve fuga terminaria no jornal.

Rodei o celular na mão, indecisa, o olhar perdido no tapete cheio de escamas no mesmo tom do quarto que cobria grande parte do chão do lugar.

E agora, ainda tinha um acréscimo na soma de problemas que eu precisaria driblar para sair dali: Lobo.

— Mas que droga! — Enfiei o rosto nas mãos, ponderando as minhas opções.

Existia um caminho, apenas um que me facilitaria uma fuga caso precisasse sair da casa da Colina. Era arriscado, mas poderia tentar.

Apertei o aparelho entre os dedos.

Talvez, se eu me comportasse, ninguém precisaria nem ficar sabendo que eu saí. Meu pai com certeza descobriria, mas se não envolvermos os jornais, ele talvez não me trancasse em casa pelo resto da vida depois.

E aí? Às 22h na colina?

Ela mandou outra mensagem quando demorei para responder. Tentei imaginar o quanto Lobo ficaria irritado se eu conseguisse fugir bem debaixo do seu nariz ameaçador e sorri com a ideia. Adrenalina pura serpenteou por minhas veias e eu digitei minha resposta sem me preocupar com as consequências.

Conte comigo. Te encontro às 22h. Ps.: você não vai acreditar em quem é meu novo guarda-costas. Te conto no caminho.

Pronto! Estava decidido. Eu ia encarar a fúria do Lobo.



Cabelo, roupa, maquiagem, sapato, fuga pela janela... arrasta, arrasta... Comecei a mentalizar meu plano e tudo que precisaria separar para colocá-lo em ação. O horário estava se aproximando e eu me sentia tão ansiosa que estava sem apetite.

Parei em frente ao meu closet bagunçado e enfiei a mão lá dentro, revirando os vestidos um a um. Olhei para um modelinho branco e o dispensei logo em seguida. Peguei mais um verde escuro e torci o nariz, jogando-o sobre a cama. Fiz isso com mais umas dez peças e já estava quase começando um escândalo por não ter roupa para sair quando encontrei um que me agradasse perdido bem no fundo do closet.

— É você! — Segurei entre os dedos um vestido preto cheio de lantejoulas brilhantes, com um decote avantajado e expressivo.

Olhei sobre o ombro onde o pequeno cemitério de roupas repousava sobre a minha cama. Peguei tudo em um grande abraço e enfiei dentro do closet novamente. Uma risada seca escapou pelos meus lábios. Pobre de mim quando Ruth encontrasse aquela bagunça.

— Ela vai me enfiar aí, junto com vocês — falei para os vestidos e ri sozinha.

Juntei tudo que precisaria. Meu vestido, saltos altos, uma pequena bolsinha com as joias que usaria e minha maquiagem. Olhei para o relógio dourado sobre a mesinha de estudos que marcava 21h em ponto. Hora de colocar o plano em ação.

Abri uma gretinha da porta e observei o grande corredor do segundo andar completamente vazio. O único som que retumbava em meus ouvidos era o do meu próprio coração acelerado. Tinha enrolado todos os meus pertences em uma toalha, tentando esconder tudo o máximo possível, mas ainda assim, a toalha adquiriu um tom oval estranho, então a enfiei embaixo do braço e saí de fininho, desejando me misturar às pinturas que encontrei pelo caminho.

Passei por um dos espelhos que ficava no corredor e gostei do emaranhado de fios loiros que vi no reflexo. Baguncei ainda mais o cabelo e desgrenhei alguns fios para dar a impressão de “pretendo ficar em casa” e blá blá blá, além de tentar chamar atenção para o arco com orelhas de gato tortas que ainda usava. Tudo milimetricamente pensado para desviar os olhos dos seguranças da minha toalha recheada.

Desci a escada cantarolando e fui em direção à cozinha que para meu alívio estava completamente vazia. Passei os olhos

sorrateiramente por uma das câmeras que vigiavam a cozinha e tive a certeza de que se os seguranças não estavam à vista, provavelmente estavam reunidos me observando por ela naquele exato momento.

Há muitos anos perdi a esperança de comer algo sem ser monitorada, então nem se eles quisessem, me enganariam. Aquela foi a única rota de fuga da mansão que consegui depois de muitos meses estudando-a. Eu não podia dar um passo errado, caso contrário, seria o meu fim.

Coloquei a toalha sobre uma das cadeiras e distraída, ou melhor, fingindo distração, abri um dos armários e o revirei de cima abaixo atrás de algo que pudesse fingir estar comendo. Demorei a encontrar algum biscoito, já que Ruth era adepta a pedir que sempre cozinhassem tudo no dia, raramente encontrava algo enlatado por ali. Até os biscoitos que eu comia eram assados na hora, mas por sorte, achei um pacotinho escondido em um cantinho.

Sentei-me na mesa e abri o pacote de biscoito de chocolate salvador de vidas, pesquei um deles com a ponta dos dedos e o levei à boca, mastigando com calma. Quem me visse jamais imaginaria o mini enfarto que estava quase sofrendo ali.

Será que aquele plano maluco iria dar certo?

Não fazia ideia, mas se até agora nenhum dos seguranças tinha me cercado em canto algum, talvez nem sequer suspeitassem, realmente.

Terminei os biscoitos e peguei minha toalha com a maior naturalidade do mundo e fui em direção ao banheiro do primeiro andar, onde a minha rota de fuga começava.

Quando entrei no banheiro, que era grande e bem espaçoso, tranquei a porta e conferi o relógio. Tinha exatos 30 minutos para me arrumar e encontrar com Carla no local combinado.

Desenrolei a toalha e peguei o vestido, enfiei a peça, que era muito justa, de qualquer jeito pela cabeça. Para meu mais puro desespero, a porcaria do vestido agarrou no brinco do segundo furo, que nunca tirava da orelha, e me vi rodopiando no banheiro, entalada pelo vestido.

— Merda! — xinguei já começando a transpirar. Sacudi o corpo de um lado para o outro, mas não estava adiantando. Bufei, nervosa demais para conseguir raciocinar.

Nervosa não, indignada!

Parei por um instante com os braços presos para cima, começando a sufocar e imaginei o quanto de vergonha caberia em mim se tivesse que sair dali daquele jeito, como um atum enlatado em lantejoulas, e admitir que minha fuga deu errado logo no início.

Não. Não. Não!

Não podia desistir de jeito nenhum.

Rebolei mais um pouco e com muito custo, consegui libertar o brinco e descer o vestido.

Ataquei a bolsinha de maquiagem logo em seguida, caprichando no batom vermelho, já que não poderia perder tempo no resto dos detalhes, como contornos, sombras e muito brilho.

Penteei os cabelos e alguns minutos depois, conferi meu visual no espelho.

— Uau, você é uma ninja das arrumações instantâneas — falei para meu reflexo que brilhava junto com o vestido.

Parte um do plano concluída com sucesso. Ou quase! Passei a mão pela orelha que latejava devido ao esforço contra o brinco...

A próxima missão era uma das partes mais difíceis. Olhei sobre o ombro, para a janela retangular e comprida do banheiro. Nunca tinha fugido por ali antes, mas aquela janela era um dos raros pontos cegos que existiam na propriedade, onde as câmeras não conseguiam capturar movimentos e, se eu me saísse bem naquela noite, eles continuariam sem fazer ideia de como eu consegui escapar. O plano se resumia em pular a janela, me arrastar pela propriedade e chegar à saída sem ser notada por eles. Não era lá o melhor plano do mundo, mas ia dar para o gasto.

Puxei o pequeno armário que ficava em um dos cantos, abarrotado de toalhas e mais um monte de quinquilharias. Coloquei o armário de madeira embaixo da janela e subi nele.

Abri o vidro e me pendurei na janela, equilibrando-me com muito custo. Estava quase pulando quando um pensamento me veio à mente.

Se um dia algo acontecer, uma de nós precisa cuidar do papai.

A frase que Magnólia me disse certa vez enquanto voltávamos da escola me atingiu com tudo. Lembro-me de ter brigado com ela por todo o caminho até em casa, só pelo simples fato de ela cogitar que um dia poderia me deixar sozinha. Mas agora, pendurada na janela como uma ladra inexperiente, começava a me perguntar o quanto daquele pedido eu ouvi nos últimos anos.

Fugi no aniversário de Mag porque era uma data muito especial, e mesmo sem querer, acabei não só chateando meu pai, como prejudicando seus negócios ao sair na capa daquele maldito

jornal. Eu sabia o quanto ele dava o sangue por aquela empresa, assim como eu tentava impressionar aqueles cientistas idiotas em todas as oportunidades que tinha, não só para encher os olhos de um monte de velhos arrogantes, mas para levar orgulho ao meu pai, para me sentir parte de tudo aquilo que ele criou.

Não seria certo fugir agora, só pela simples vontade de cair na madrugada com Carla. Eu tinha muito a perder. Muito mais do que meu próprio pescoço. Magnólia deixou papai aos meus cuidados e ele, por sua vez, deixou um projeto secreto e muito, muito caro em minhas mãos. Como poderia encará-lo, ou sequer enfrentar a corja que ele chamava de sócios se não me portasse como a filha de um CEO da indústria de armas? Como a herdeira de todo aquele legado?

A fuga da noite chegou ao fim. Precisava ser responsável. Minha última escapada provavelmente abriu margem para que me chamassem de infantil, mimada e coisas do tipo. Não podia permitir que se repetisse, não tão cedo.

Virei-me para o banheiro novamente, rodando na janela com cautela. Estava segurando meus saltos com uma das mãos e me equilibrando na janela com a outra. Arremessei o sapato para dentro do banheiro.

— CARALHO! — gritei quando meu pé escorregou na janela e caí para trás com tudo.

Braços firmes me seguraram antes que eu pudesse cair, feito uma batata, no chão de granito. Arregalei os olhos e suguei o ar com força, imediatamente reconhecendo aquele perfume cítrico e delicioso que invadiu meus sentidos no mesmo instante. Soltei um gemido insatisfeito.

— É assim que costuma transitar de um cômodo ao outro nesta casa? Pelas janelas? — Lobo me segurava em seu colo, mantendo-me colada em seu peito rijo como se eu não pesasse mais que uma dúzia de ovos.

— O que... — Ergui o rosto e todo o sangue do meu corpo desceu para os pés ao encará-lo novamente tão de perto. Podia sentir sua respiração forte tocar meu rosto. — Você! — falei fraca diante a expressão dura e imutável do homem.

— Não consigo acreditar que a mulher que foi capaz de roubar a minha moto pensou mesmo que conseguiria fugir pulando uma janela. — Ele riu de lado, o semblante em um misto de provocação e divertimento. — Estou perplexo. Pensei que você fosse capaz de algo mais elaborado que isso. — Comprimi os lábios e soltei o ar pelas narinas.

— Será que dá para me colocar no chão? — Ele sondou meu rosto, enigmático. Os olhos bicolores subiam e desciam, analisando-me tão de perto que senti a base do meu pescoço começar a esquentar. Ele me colocou no chão com cautela e só então me vi capaz de respondê-lo.

Meu cabelo tinha caído em meu rosto e parte dele estava preso no meu batom.

— Como é que sabia onde me encontrar? — Cuspi um monte de fios e passei a mão no rosto, tentando manter algum resquício de dignidade. A raiva se insinuando por todas as minhas células.

— Este é o único ponto cego que existe na propriedade.

— Exatamente! — vociferei. — Como você me viu?

— O ponto é cego, eu não. — Lobo sorriu novamente e sondou meu rosto por um instante. — Está me subestimando,

senhorita e vai se arrepender disso. — Ele se aproximou, encurralando-me na parede.

O corpo, muito largo, cercava-me completamente. Ergui o rosto para encará-lo e acabei mergulhando na profundidade do seu olhar.

Diante da pouca luz, o tom do olho azul ficava mais intenso, marinho, como se fosse um pedaço do céu, já o brilho do castanho aumentava, deixando-o com um par de olhos bicolores que pareciam perfurar minha pele.

— Ainda não ouvi um pedido de desculpas adequado — ele disse baixo demais, perto demais. O hálito de chiclete de menta tocou meu rosto e uma súbita vontade de beijá-lo, para sentir aquele sabor, permeou meus sentidos.

Mas que porcaria!

— E se eu não pedir? O que vai fazer? — retruquei, tremendo da cabeça aos pés, e ele ergueu o queixo quadrado, marcado por uma barba serrada baixa que dava a ele contornos bem definidos e para meu azar, lindos de morrer.

— Não zombe da minha capacidade, senhorita Cahill. Acompanharei cada passo seu dentro desta casa. É melhor não tentar uma coisa dessas novamente. — Ele desceu os olhos pelo meu vestido e retornou ao meu rosto.

— V-vai ficar me vigiando?

— Acaso este não é meu trabalho? Ficar de olho em você? — Ele endireitou a postura, afastando o corpo do meu. Mesmo assim, ainda podia senti-lo me pressionando contra a parede, como uma força invisível que ameaçava levar parte da minha alma. — Olhando para seu plano de fuga, estou começando a acreditar que

este será um trabalho muito fácil — provocou. — Se quiser fugir, vai ter que bolar algo bem mais criativo que isso. E ainda assim, eu estarei aqui, só te esperando.

— Pois bem. — Tentei recuperar minha postura de bandida má, o que não deu muito certo. — Se é guerra que você quer, Lobinho, é guerra que você terá!

Dei às costas, prestes a entrar correndo dentro de casa, quando Lobo segurou meu braço, fazendo-me encará-lo de perto mais uma vez.

— Tome cuidado, senhorita Cahill. — Ele abriu minha mão e colocou um embrulho dourado e redondo em minha palma. Logo depois, Lobo me deu às costas e sumiu entre os arbustos do lugar.

Abri o embrulho, quase rasgando a pequena embalagem, ansiosa para descobrir o que tinha dentro. Meu coração subiu para a garganta e quase saiu boca afora quando coloquei meus olhos sobre um bombom de chocolate preto com cobertura de granulados.

Olhei para o lugar onde vira Lobo pela última vez, mas não vi nem sombra do homem.

O que era aquilo agora? Ele queria me confundir? Era alguma estratégia para enganar o inimigo?

Subi as escadas, voltando ao meu quarto com os pensamentos nas nuvens. Minhas mãos trêmulas agora seguravam o bombom como se ele estivesse coberto de ouro.

Bati a porta do quarto, confusa. Ainda sentia as mãos duras e firmes daquele homem insuportável ao meu redor e tudo que queria era tirá-lo da minha mente, mas não consegui.

Caminhei pelo quarto segurando o bombom com os pensamentos fervilhando.

Eu ainda me lembrava do exato momento em que ele derrubou meu chocolate na areia da praia, mas nem em meus sonhos poderia imaginar que ele tentaria se retratar pelo que houve.

— Que droga. — Respirei fundo e congelei quando percebi que o cheiro dele tinha ficado impregnado em mim.

E agora, meu Deus?

Olhei para o chocolate, ainda descrente. Pensei que ele fosse me esganar na primeira oportunidade que tivesse. Receber aquilo foi de longe uma das maiores surpresas que já tive na vida.

Tirei o vestido e pulei na cama só de calcinha, enfiando-me debaixo das cobertas com o bombom.

— Que gosto você tem? — perguntei para o doce e o mordi em seguida.

Gemi quando o sabor do chocolate trufado tomou meu paladar.

Subitamente comecei a me perguntar qual seria o gosto dos lábios de Lobo. Tão rudes, firmes, febris... Por um instante desejei dar mais que só um selinho naquele ogro das montanhas. E adormeci antes que pudesse me arrepender daquele pensamento.



— Você é bonita, sim. — Magnólia jogou um pedacinho de galho na minha canela.

— Ai! — reclamei, ainda que não tivesse doído.

— Você bem que mereceu. — Minha irmã gargalhou. O loiro escuro em seus cabelos compridos reluzia sob a luz do sol fraco. O jardim da nossa casa era o nosso lugar favorito, o sol afagava a pele

com seu calor fraquinho e dali, a grama parecia muito mais verde, como toda a mata além da colina. Uma vista mágica.

— Acho que todo mundo um dia olha no espelho e se acha feio — retruquei.

— Minha irmã, para que você olhe no espelho e pense uma coisa dessas, o mínimo que precisa é estar com problemas na visão. — Ela se inclinou em minha direção e quando eu tentei me afastar, Mag agarrou um punhado do meu cabelo e o puxou devagar. — Venha aqui agora, deixa eu ver se tem um cisco nesse olho enorme.

— Me solta, Mag! — Gargalhei e continuei a rir pelo que me pareceu uma eternidade, até que de repente o sol foi encoberto por uma nuvem escura. — Acho que vai chover. — Apoiei-me sobre os cotovelos. Minha irmã ficou em silêncio. — Mag?

Virei-me para ela e congelei com a visão que tive. Magnólia estava deitada ao meu lado. Os olhos abertos e sem vida me encaravam como se me pedissem ajuda.

— *Mag*! — Uma dor excruciante me sufocou. Levei a mão ao peito, tentando respirar, mas não consegui.

O rosto pálido da minha irmã continuava me encarando, branco como mármore. A pouca luz que restava foi embora. Tentei gritar, mas nem sequer consegui me mover. Uma sombra saiu da escuridão e veio em minha direção. Era um homem.

Meu Deus, não. Por favor! Alguém! Alguém me ajude!

Tentei falar, mas não consegui. Todo o meu corpo estava petrificado de medo. O homem não tinha rosto, conseguia ver apenas suas mãos e a faca que trazia consigo em uma delas.

— Não — chorei. — Por favor, não. — Ele se abaixou ao meu lado, encostou a faca na lateral do meu corpo e foi então que o meu pesadelo começou.

CAPÍTULO 7

Lobo

No instante que vi Jasmin caminhando pela casa usando uma roupa de gatinho e com aquela toalha embaixo do braço eu soube que alguma ideia estava sondando aquela cabecinha do mal.

Estava na sala de vigilância quando ela entrou no banheiro do primeiro andar e como de costume, procurei a câmera que me mostraria a janela exterior do lugar. Quando me dei conta de que se tratava de um ponto cego, soube no mesmo instante qual era o plano da safada.

Foi por muito pouco que não permiti que ela ao menos tentasse fugir, para descobrir como ela pretendia fazer aquilo, mas quando a vi pendurada na janela, equilibrando-se com um vestido minúsculo e o olhar perdido no horizonte, temi que ela acabasse caindo e se machucando.

Ainda conseguia sentir o perfume que ela deixou impregnado em mim, junto com grande parte do brilho da sua maquiagem. Meu terno parecia um carro alegórico, de tanto glitter.

Deveria admitir que aquela garota me causava um misto de sensações estranhas. Raiva, preocupação, raiva de novo, curiosidade... tudo se misturando ao fato da breve lembrança do beijo que dei nela.

Na noite em que nos encontramos pela primeira vez, acabei jogando no chão um bombom que, pelo visto, era muito importante

para ela. Não gostava de dever nada a ninguém e hoje, quando estava reunindo tudo para começar o trabalho na mansão dos Cahill, passei por uma pequena loja que vendia chocolates e não consegui evitar a lembrança do rosto triste de Jasmin ao vê-lo cair no chão.

Sabia que não deveria me importar. Tinha completa ciência do que ela poderia pensar sobre aquele gesto, mas eu não era conhecido por pensar antes de fazer qualquer coisa e, depois de ver o rosto de surpresa da garota, me dei conta de que valeu a pena.

Depois daquilo, meu Cristal, ou melhor, o Cristal que fui incumbido de proteger, subiu para o quarto com o bombom, encarando-o de um jeito estranho que me deixou em dúvida se ela realmente o comeria ou não, e se trancou lá pelo resto da noite.

A madrugada chegou sem que eu a visse novamente. Cahill, pelo visto, também passaria a noite fora, provavelmente com sua noiva, ou envolvido em trabalho.

Servi-me de uma xícara de café e me sentei, como um soldado de pedra diante das câmeras. Focado nas únicas duas que me davam acesso ao quarto de Jasmin. Distrai-me observando sua janela do lado de fora. O que será que ela estava pensando quando decidiu que fugiria? Qual era o problema daquela garota? Será que realmente não se importava mais com a própria vida?

Quando se tratava da senhorita Cahill, eu tinha muitas perguntas e nenhuma resposta.

— Lobo, se quiser esticar as pernas... podemos trocar o externo pelo interno. — A cabeça de Lyon pendeu no vão da abertura da porta. Ele ainda me encarava com um semblante estranho, deixando claro que não gostava nem um pouco de mim.

— Tudo bem, preciso mesmo dar uma volta.

Levantei-me na cadeira no exato instante que um grito horripilante ecoou pela casa silenciosa. Parte da minha alma saiu do corpo quando identifiquei que aquele som estava vindo do quarto de Jasmin.

Saquei a arma e corri em direção à saída da sala. Os berros ficavam mais altos e mais aflitos a cada segundo, mas antes que eu pudesse sequer chegar ao corredor, Lyon segurou meu braço com força.

— Me solta, caralho. Não está ouvindo? — Mais um grito alto ecoou. Doloroso, agudo, como se alguém a estivesse torturando. Nunca em toda a minha vida tinha escutado nada tão horripilante.

— Porra, Lobo, espera! — Ele continuou segurando meu braço com firmeza. Dei um solavanco, descrente de que ele estava mesmo se impondo àquilo e imediatamente uma suspeita me ocorreu.

E se Lyon estivesse encobertando alguma tentativa de assassinato contra ela?

Saquei a arma e mirei no rosto dele.

— Tá maluco, cara? Estamos do mesmo lado.

— Não tenho tanta certeza disso. — Apressei-me em chegar perto do quarto de Jasmin e Lyon continuou no meu encalço.

— Não é o que está pensando. Você não pode entrar lá. Ela sofre de terror noturno. Parou de tomar os remédios e sabíamos que isso ia voltar a acontecer a qualquer momento.

Terror noturno?

Parei por um instante, já com a mão na maçaneta da porta.

— Não podemos interferir. — Lyon me encarava como se eu fosse um completo idiota. — Não cabe a nós, Lobo. Acredite em mim, vai passar.

Mais um grito agudo ressoou pela casa e eu não fui capaz de ignorá-lo. Foda-se o que cabia a mim ou não. Ela estava sofrendo, não podia simplesmente acreditar que aquela merda ia passar.

Abri a porta do quarto com um solavanco e meus olhos se arregalaram diante o que vi.

Jasmin se debatia na cama como se alguém estivesse bem ali, em cima dela, machucando-a de alguma forma. Mas não havia nada, absolutamente nada. Ela trincava os dentes e apertava os olhos, gemendo alto como se sua pele estivesse sendo dilacerada.

— Fecha essa porta, Lobo — Lyon pediu ao meu lado.

Ainda estava congelado diante daquela visão e do horror em forma de grito que Jasmin dava a cada novo minuto, que demorei um pouco para reagir, mas eu jamais, em hipótese alguma, a abandonaria ali, sozinha daquele jeito, debatendo-se como um animal ferido.

Entrei no quarto entre os gritos agudos e um choro compulsivo que partiu meu coração em vários pedaços.

— Lobo! Mas que porra! — Lyon chamou, mas o ignorei.

Jasmin chutou as cobertas e no mesmo instante seus seios redondos e muito empinados ficaram à mostra. Ela estava praticamente nua. Não usava nada além de uma calcinha preta bem fininha.

— Caralho! Não entre, Lyon — mandei, desejando impedir que ele a visse daquele jeito. Agarrei o lençol e a cobri. Evitei olhar

novamente para qualquer parte desnuda do seu corpo, ainda que já tivesse visto coisa demais. — Senhorita Cahill?

Apoiei meu joelho sobre a cama.

— Não faça isso, seu burro! — Lyon insistiu. — Não a acorde.

— Não vou acordá-la, vou acalmá-la — avisei e passei o braço ao redor da cintura de Jasmin, trazendo o lençol junto comigo.

Imediatamente ela virou seus golpes em minha direção, como se eu tivesse me transformado em seu maior inimigo. Coloquei seus braços agitados nas laterais do meu pescoço e a puxei para meu peito, tentando controlar os movimentos agressivos que ela fazia. O rosto de Jasmin estava banhado de lágrimas e vários vincos destacavam sua testa com as caretas que fazia.

Ela tentou me empurrar, os gritos ficaram mais agudos e por um momento, temi que realmente tivesse tomado a decisão errada, mas ainda que fosse o caso, não me arrependeria. Jamais permitiria que ela cruzasse aquele inferno sozinha.

Comecei a acariciar suas costas e a fazer sons baixos com a boca. Sons que ouvi muito na minha juventude, depois que fui morar com meu pai e acordava no meio de quase todas as noites tendo pesadelos horríveis. Sons que eu torcia para que acalmassem o coração de Jasmin de alguma forma.

— Calma, shh... — sussurrei entre seus cabelos úmidos de suor. — Você está segura. Já passou — repetia como um mantra.

Jasmin soltou um gemido sôfrego e as mãos que, outrora queriam me afastar, agarraram o blazer do meu terno com força, como se estivesse apoiando toda a sua energia nos nós dos dedos da mão. Ela soluçou, respirou fundo e enfiou o rosto no meu peito, apagando de vez logo em seguida.

Passei mais um longo minuto segurando-a em meus braços no mais profundo silêncio.

Não queria ter motivos para me aproximar daquela ladrazinha. Muito menos para gostar dela. Minha intenção era odiá-la com todas as minhas forças até desaparecer daquela mansão, mas ouvir seus gritos me deixaram cego de desespero. Ainda podia sentir sua dor em meus ossos e sim, seria hipócrita se dissesse que não desejaria aquilo para um dos meus piores inimigos, porque de fato, desejava, eles mereciam, mas Jasmin não. Ela não era minha inimiga, era minha protegida e estava sofrendo de um jeito que eu nunca vi.

Seja lá o que ela estava sonhando, era terrível e doloroso. Temia só de imaginar.

Inclinei seu corpo adormecido até deitá-la na cama. Um semblante cansado tomou seu rosto delicado.

Pelo visto, Jasmin aprendeu a lidar com a dor muito cedo. Um ponto que tínhamos em comum e que não facilitava em nada o meu plano de odiá-la. Passei os olhos por seu rosto novamente, a aflição obrigando-me a encará-la por mais tempo do que deveria e acabei encontrando a embalagem de bombom aberta sobre a cama.

— Então você comeu — sussurrei, abatido pelo susto e coloquei a embalagem sobre a mesinha do seu quarto.

A única coisa que conseguia pensar era no medo que sentia de que aquele episódio se repetisse.

Saí do quarto mais confuso do que quando entrei. Lyon me aguardava, parado no mesmo lugar de antes.

— Não devia ter feito aquilo — o homem resmungou.

— E o que queria que eu fizesse? Deixasse-a naquele estado?

— É o que sempre fizemos. — A resposta me chocou.

— Ela tem pesadelos daquele jeito e vocês simplesmente deixam a garota gritar e sofrer a noite toda? — questionei, perplexo.

— Não é um fator recorrente, acontece vez ou outra e não costuma demorar mais do que quinze minutos. — Tentou se explicar. — De qualquer forma, não podemos acordá-la.

— MAS PODEM ACALMÁ-LA, PORRA! — vociferei. Shaw subia pelas escadas laterais e nos encontrou discutindo no alto dela.

— Aquilo... — Shaw disse sem fôlego, como se tivesse corrido até ali. — Era um dos pesadelos? Já acabou?

— Ao menos alguém se preocupa — continuei encarando Lyon que me fuzilou com o olhar.

— Não adianta nada ele ficar que nem um cachorrinho parado aqui na porta sem poder abri-la. — Lyon acusou e me virei para ele, farto daquilo.

— Eu entenderia uma atitude dessas vindo de um estranho — ele comprimiu os olhos —, mas você, Lyon? Conhece a senhorita Cahill há quantos anos? Só Wood está aqui há dez.

— Quatro anos, senhor — Shaw respondeu de prontidão.

— Cala a porra da boca — Lyon vociferou.

— Como pode se manter alheio? — Balancei a cabeça, ainda descrente.

— Acha que não sofro com a dor da senhorita Cahill? — Ele estreitou os olhos e deu dois passos em minha direção. — Se é isso que pensa, está enganado, Lobo. Faz ideia do que é escutar isso e não poder fazer nada? Essa situação está além do que podemos

controlar. Ela parou de tomar os remédios, uma hora ou outra isso ia acontecer novamente.

— Isso vai mudar.

— Como? — Lyon questionou, e mesmo que seu olhar ameaçasse me queimar vivo, podia enxergar um mínimo de esperança reluzindo nas pupilas castanhas.

— Conversarei com Cahill e solicitarei uma nova segurança aqui.

— Mais um? — Lyon levou a mão aos olhos e os comprimiu.

— Um, não. Uma. Assim que meu tempo neste lugar acabar, restará uma vaga na equipe. Pedirei que incluam uma mulher que possa ajudá-la quando as crises começarem, já que ninguém neste lugar parece se importar. — Lyon meneou um aceno quando percebeu que eu estava irredutível. — Podem descansar o resto da madrugada, continuarei aqui, a postos.

Lyon respirou fundo e eu dei às costas a ele e Shaw, voltando à sala de vigilância.

Encarei minhas mãos trêmulas quando fiquei completamente sozinho.

Meu Deus, não sabia explicar o pavor que me tomou ao sentir o pânico e terror em que Jasmin estava presa. Dentro dos próprios pensamentos.

Peguei meu celular. Algo que só fazia durante o trabalho em situações extremas e disquei os números da única pessoa que talvez pudesse me ajudar. O único que eu conhecia que já tinha sofrido daquele mesmo mal.

— Torço para que não tenha matado ninguém, meu irmão. Faz apenas dois dias.

— Você é sempre tão otimista quanto a mim, Fantasma. — Ele riu do outro lado.

— Receber uma ligação sua não pode ser chamado de rotineiro, a esta hora, ainda por cima, é de fato preocupante, não acha? O que houve?

— Preciso que me diga tudo o que sabe sobre terror noturno.

Peguei um pedaço de papel e uma caneta que estavam em cima da mesa de controle disposto a passar o resto da madrugada aprendendo tudo que se poderia saber sobre aquela merda. Devia existir algum tipo de tratamento, ou algo que eu possa fazer caso ela tenha uma nova crise.

Não descansaria até encontrar algo que pudesse aliviar o sofrimento da minha pequena ladra.

CAPÍTULO 8

Jasmin Cahill

Nem sequer tinha aberto os olhos quando uma fisgada pulsante me incomodou. Revirei-me sobre as cobertas quentinhas. Meus braços e pernas estavam doloridos, como se eu tivesse sido atropelada por um carro em alta velocidade. Minha cabeça ameaçava explodir em ondas latejantes.

Conhecia aquela sensação. A que sempre me atacava após uma noite de terror noturno. Como se minha mente de repente vagasse em águas turbulentas.

Sentei-me na cama e pisquei, tentando lutar contra a vontade de permanecer escondida ali pelo resto do dia.

Encarei a coberta cinza e felpuda, tentando me recordar de alguma coisa da noite passada. Geralmente não costumava me lembrar do que sonhava. Apenas alguns relapsos vinham à minha memória e não sabia se aquilo era bom ou ruim. Queria ao menos saber o que acontecia naqueles sonhos que me deixava assim, tão destruída fisicamente e emocionalmente.

Olhei para um ponto fixo onde uma fresta de luz passava pela cortina e tocava a cama. Por algum motivo, sentia que algo de novo aconteceu durante a noite. Revirei minhas memórias atrás de algum flash de memória que fosse. Conseguia me lembrar do medo que senti, sim. Ainda que não soubesse de quê, ou contra o quê, eu o

sentia, bem lá no fundo. Espreitando-me. Estava me afogando naquele sentimento quando... *ele me salvou.*

Suguei o ar com força, lembrando-me subitamente de um cavaleiro, usando uma armadura negra como a noite, vindo em minha direção. Foi ele quem me tirou de onde quer que eu estivesse. O que era muito estranho, porque eu ainda sentia seus braços ao redor de mim, acariciando-me como se eu fosse alguém muito importante e por um instante quis poder voltar a dormir, apenas para reencontrá-lo.

Quem seria aquele homem estranho, mas ao mesmo tempo tão familiar?

Levantei-me utilizando toda a minha força de vontade, com os pensamentos presos no cavaleiro misterioso. Não queria sair da cama, mas diante da reunião animadora, para não dizer desesperadora, que me aguardava na Hill e Cahill, não tinha outra opção.

Caminhei até o espelho e me assustei ao notar a bagunça em que meus cabelos se encontravam. Meu reflexo parecia um pouco desbotado, sem cor, outra consequência de uma crise. Costumava me sentir abatida quando elas apareciam, mas ao menos me esforçaria para parecer melhor do que de fato estava.

Virei-me para o banheiro, disposta a tomar um banho bem quente, mas antes disso, dei uma olhada no amontoado de remédios em cima da minha mesinha e até cogitei conversar novamente com a psiquiatra que a tia Claire me indicou. De acordo com ela, a médica cuidava da sua saúde mental desde que tinha 20 anos. Ainda assim, não conseguia gostar daquela mulher. Ela me analisava como se eu fosse uma baratinha que ela quisesse apagar

a qualquer custo, e mesmo quando informei que não gostaria de tomar nada que afetasse meu rendimento durante o dia, ela insistiu em me entupir de remédios.

Eu sei, eu sei. Quem sou eu para contrariar uma médica formada e especializada? Ninguém. Mas esse ninguém aqui quer ficar acordado e sem sentir náusea, que por sinal era outro efeito colateral horrível que aqueles remédios causavam, além da falta de apetite que me fez emagrecer quase 10 quilos. Talvez, em algum momento, devesse procurar alguma outra especialista, mas agora, mesmo me sentindo mal em relação aos terrores noturnos, ainda preferia minha consciência intacta.



Terminei de me arrumar quase uma hora mais tarde e parei em frente ao espelho para conferir meu visual. Tinha prendido meu cabelo em um alto rabo de cavalo e escolhi um vestido branco, justo, com mangas curtas e um tecido marcado por ondas cor de gelo, que mais pareciam uma sequência de códigos, com um comprimento um pouco acima do joelho. Elegante, mas adequado para o dia. Peguei meus óculos de sol com hastes brancas e minha jaqueta da mesma cor, que combinava com o look monocromático e os coloquei. O fim do outono estava se aproximando e o inverno já dava as caras através de ventos muito frios. Então era melhor estar preparada.

Desci as escadas um tempo depois. Meu salto causava um toc-toc constrangedor pelo caminho. Parei quando cheguei ao hall

de entrada e sondei o lugar até que meus olhos recaíram sobre o homem parado ao lado da porta.

Os olhos de Lobo encontraram os meus e por um momento me vi presa ali. O rosto impenetrável parecia ainda mais belo sobre aquela seriedade confiante de quem caminharia tranquilamente sobre um mundo em chamas. Sua atenção se manteve fixa em cada um dos meus movimentos, fazendo minhas bochechas esquentaram. Levei o dorso da mão até elas, enquanto ele me observava com muita cautela.

— Está pronta, senhorita? — Sua voz surgiu baixa, porém o tom rouco e firme me fez titubear. Havia algo diferente nele.

— S-sim! — gaguejei e me amaldiçoei internamente quando ele deu um passo em minha direção, ficando perigosamente mais perto.

— Tem certeza de que se sente bem? — inqueriu. Pisquei confusa e arregalei os olhos quando me dei conta de que, se tive uma crise na noite anterior, provavelmente Lobo deve ter escutado tudo e, aquele olhar que antes me parecia quente e intenso, agora se assemelhava muito ao que eu chamaria de... pena?

Meu rosto, que já estava quente, pegou fogo de vez. Admitiria qualquer sentimento, principalmente vindo daquele estranho que conseguia provocar todas as células do meu corpo, mas pena?

— Estou perfeitamente pronta para o dia de hoje — aleguei e ergui o queixo.

— Estar pronta e se sentir disposta são duas coisas diferentes. — Ele ia mesmo ficar se preocupando comigo? Logo ele, meu inimigo declarado? Que guardasse essa piedade para outra pessoa qualquer.

— Irritar os sócios da Hill e Cahill é uma das minhas atividades favoritas — brinquei na tentativa de não demonstrar o quanto ele ter presenciado aquela situação tinha me abalado. Sabia que as crises eram mais dolorosas para quem ouvia do que para quem, de fato, sentia e de certa forma, me sentia envergonhada por ter tido essa fragilidade exposta diante dele. — Não posso adiar este compromisso, não acha? — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro e um sorriso de lado, obscuro e indecente tomou seu rosto enquanto Lobo ajustava o rádio comunicador.

— O Cristal está pronto. Vamos sair — anunciou no ponto de escuta e pegou os óculos escuros. Outros dois carros estavam parados bem próximos ao que eu entraria.

— Não vai tomar café, senhorita Cahill? — Ruth me interceptou antes que eu sequer me movesse e sua voz estridente me arrancou da hipnose que aquele homem me lançou.

— Vou comer na empresa, Ruth, prometo — avisei e a vi torcer o nariz.

— Como se aquela comida ensacada fosse igual à que Judith prepara — resmungou. — Depois adoece e não sabe o porquê.

— Minha querida Ruth, você acordou tão doce hoje. — Sorri para a mulher que me deu às costas e saiu.

Lobo abriu a porta do carro para que eu entrasse. Passei por ele ignorando o pulsar insistente que retumbava em meu peito pelo simples fato de estar na presença do homem.

O que era aquilo agora? Meu coração estava com algum problema, só podia ser. A presença dele me incomodava. Todos aqueles músculos apertados dentro do terno, aquele olhar inquisidor

e tão diferente, sua voz, rouca, baixa e ameaçadora, tudo, absolutamente tudo me incomodava.

Deslizei pelo banco de couro do carro.

— Bom dia, senhorita Cahill! — Shaw disse alegre, abrindo a porta da frente do carro.

— Espero que seja bom mesmo, Shaw — resmunguei e retirei minha jaqueta ao perceber que o interior do carro estava quentinho.

Shaw assumiu o banco do carona, enquanto Lobo se adiantou e, depois de orientar o resto da equipe, o homem se sentou no banco da frente.

— Coloque o cinto, senhorita Cahill — disse ríspido.

— Ah, qual é, nem é tão longe assim, vai amassar meu vestido! — reclamei e no instante em que lobo arrancou os óculos escuros e se virou para mim, soube que tinha o irritado.

— Coloque o cinto ou eu vou até aí e te amarro com ele — rosnou.

Abri a boca incrédula e percebi que Shaw se encolheu um pouco no banco da frente. Ninguém nunca tinha me tratado com tamanha aspereza e falta de educação.

Respirei fundo e em vez de pular nos cabelos dele e puxar até arrancar um tufo como sentia vontade, abri um sorriso que fez com que um vinco surgisse no meio da sua testa.

— Ah, mas é claro. Pedindo assim, com tanto carinho. — Foi bom ter recebido aquele coice. Daquela forma, consegui me reconectar com meu alvo principal. Irritá-lo até que desistisse daquele cargo.

Lobo se virou para frente e por um breve instante encarei a janela ao meu lado. O sol do fim de outono estava fraco, amarelo, mas ainda assim havia um brilho especial através das colinas que despontavam para um horizonte mágico.

A Casa da Colina era um lugar tão belo que em algumas manhãs tinha a impressão de que se houvessem jardins no céu, se pareceriam com aquele lugar.

O primeiro carro começou a andar e seguimos em fileiras, como sempre. O carro em que eu estava era o segundo de três veículos exatamente iguais. Completamente preto, de vidros escuros e janelas blindadas. Uma técnica muito comum usada por guarda-costas para confundir qualquer inimigo.

A única diferença daqueles carros para qualquer outro com que Lobo já possa ter trabalhado era a possibilidade de conectar meu celular ao som sem interferência externa. Ou seja, mesmo que ele queira desligá-lo, não conseguiria.

Talvez seja de um pouco de música que aquele homem precisasse para desemburrar aquela cara linda.

Quer dizer, cara feia, horrorosa.

Já estávamos chegando na rodovia principal quando decidi dar início ao meu plano.

— Está pronto para a festa, Shaw? — questionei o guarda-costas que me encarou com uma feição meio amarela e um sorriso pálido, muito provavelmente com medo de Lobo surtar e nos jogar em algum barranco.

Peguei meu celular e coloquei uma das minhas músicas favoritas para tocar.

A *Thousand Miles*, tema de um filme antigo, mas eu que amava muito. *As branquelas*.

A música começou a tocar e eu, que já não era nem um pouco fã, comecei a acompanhar a letra em alto e bom som.

Making my way downtown
Walking fast
Faces passed
And I´m home bound

— Ta na na na tan taaaaaaannnn! — Se não for para cantar até a instrumental eu nem canto. — Vem comigo, Shaw!

— Staring blankly ahead, Just making my way... ai! — Ele parou quando recebeu uma cotovelada de Lobo.

— Já não basta essa maluca cantando feito uma arara descontrolada dentro desse carro fechado? — vociferou irritado.

— Eu ouvi isso, hein! — reclamei. — Seu chato. — Empinei o nariz na direção da janela e me senti motivada a soltar minha arara interior pelo resto da viagem. Cantei metade da minha playlist na cabeça dele.

Quando Lobo estacionou o carro em frente ao grande prédio onde a sede da Hill e Cahill ficava, podia jurar que uma fumaça subia de sua cabeça, tamanha a raiva que sentia e ele precisou de todo o seu autocontrole para não me arrastar pelos pés de dentro do carro.

Ele abriu a porta para que eu descesse. Deslizei pelo banco e saí do carro, esbarrando em seu braço no caminho. Um friozinho percorreu meu estômago quando senti seu toque sutil.

Ainda estava brava por ele ter zombado de mim na noite anterior, mas não entendia como meu corpo e minha mente podiam discordar tanto de mim. Bastava encostar nele que já ficava toda arrepiada.

Lobo dos infernos!

Olhei para o colossal edifício de vidros espelhados à minha frente, transformando toda a sede em um arranha-céu prateado e muito brilhante. Algumas pessoas caminhavam pelo pátio em uma conversa amena e algumas delas começaram a notar minha presença, que mesmo rara, se tornava cada vez mais pública. Sabia que todos os funcionários do meu pai conheciam meu nome, mas muitos deles nunca me viram de fato. Acho que depois de ter virado notícia nos jornais, meu rosto se tornou bem comum por ali.

Respirei fundo, tomando coragem para enfrentar qualquer coisa que surgisse em meu caminho e dei um passo incerto em direção ao edifício.

— Senhorita Cahill. — Parei ao ouvir Lobo me chamar e antes mesmo que eu me virasse para ele, suas mãos cercaram meus ombros e com cuidado, ele colocou minha jaqueta sobre eles. — Esqueceu isso — alertou.

Virei-me, parando diante dele. Tão perto quanto na noite em que nos beijamos e me peguei traçando um caminho pela boca rude, levemente escondida pela barba bem aparada e subindo novamente para os olhos escondidos sob os óculos escuros.

Meu peito esquentou, comecei a respirar mais devagar, como se sua aura misteriosa me deixasse zonza. Graças a Deus meus óculos me camuflavam, de outro jeito não saberia explicar a vontade

de continuar encarando-o. Senti-me presa ali, presa à imagem deliciosa que era Lobo diante de mim.

Oh, céus... por que esse homem tinha que ser tão lindo?

— Preciso que se atente ao que vou dizer agora. Tudo bem?

— S-sim. — Surpreendi-me ao notar seu tom de voz, sempre tão ríspido, com uma nota estranha de preocupação.

— Sei que não ficou nada feliz com o que aconteceu na noite passada — relembrou e eu torci os lábios.

— “Nada feliz” não chega nem perto — refutei.

— Pode me odiar o quanto quiser — assumiu, calmo. Shaw tentava não prestar atenção à conversa enquanto se mantinha parado às costas de Lobo. Cada um dos outros seguranças aguardava dentro de seus respectivos carros. — Não estou em busca da sua aprovação, estou em busca da sua proteção. E para isto, preciso que saiba que, a partir do momento que cruzar aquela porta, nós dois seremos um.

— Seremos o quê? — Minha voz saiu esgoelada.

— É isso mesmo que ouviu. Serei sua sombra. Absolutamente ninguém tem permissão para encostar a mão na senhorita, está entendendo? — alertou sério e tirou os óculos escuros. As esferas coloridas se expandiriam, como duas estrelas brilhantes e diferentes. Parecia preocupado. Preocupado demais.

— Está acontecendo algo que eu não saiba? — falei num sussurro.

Provavelmente, sua preocupação era baseada no que aconteceu com minha irmã. Magnólia foi esfaqueada por um desgraçado que se aproximou demais. Isso levou a vida da minha irmã, e com certeza também poderia levar a minha.

— Nada com que se preocupar. — O vinco entre suas sobrancelhas grossas não me enganava. — Apenas siga minhas orientações.

— Acha que alguém na empresa do meu pai pode tentar algo? — Olhei sobre o ombro, já cismada.

— Não sou seu segurança atoa, senhorita Cahill. Alguém sempre pode tentar alguma coisa, a qualquer momento. — Ele ergueu os óculos escuros e os colocou novamente. — É por isto que estou aqui. As regras são simples. Ninguém se aproxima a menos de meio metro da senhorita. Ninguém a tocará, e não ficará sozinha por um instante que seja.

— Até no banheiro? — arregalei os olhos, horrorizada.

— Neste caso, eu entro primeiro e avalio o local. Você entra em seguida.

— Ai, meu Deus. — Até a minha hora do xixi agora estava comprometida.

— Eu ficarei com você, enquanto os demais esperam aqui. Vamos?

— Acho que sim. — Pisquei, confusa.

— Estamos andando — ele avisou no comunicador e começamos a caminhar.

Daquela vez ele estava mais perto, o que bagunçava meus pensamentos ainda mais.

Entramos na sede, que era um lugar muito amplo onde cada centímetro do ambiente, dos quadros decorativos ao piso laminado, era tonalizado nas cores azul, branco e cinza. As cores da Hill e Cahill.

— Bom dia, senhorita Cahill. — A recepcionista me saudou e liberou a entrada sem nem sequer se preocupar com a sombra de quase dois metros atrás de mim. Provavelmente meu pai já avisara que Lobo estaria comigo.

— É aqui que tudo acontece — comentei com ele sobre o ombro quando paramos diante do elevador. — Todos os projetos, de um simulador móvel de treinamento de aviação, até sistemas de comunicação sem fios. Ah, temos também um equipamento incrível de visão noturna e antenas terrestres espaciais para uso dos setores governamentais. Mas meu favorito são as armas de micro-ondas.

— Armas de micro-ondas? Isso é novidade — Lobo disse às minhas costas.

— É uma arma capaz de emitir micro-ondas em direção à pele, que faz a própria água do nosso corpo esquentar em uma temperatura insuportável — expliquei, sentindo a empolgação fluir em minhas veias. Amava cada um dos projetos da Hill e Cahill. — Não é letal, de forma alguma, e só pode ser fornecida ao exército, mas causa uma dor intensa, é uma sensação de que se está morrendo. Não é empolgante?

— Defina empolgante, senhorita? Não gostaria de estar na mira desta arma.

— Teria que se afastar em pelo menos 80 metros, que é seu alcance máximo, para não ser atingido. Já disse que esse é meu produto favorito?

— Sim, a ponto de eu ficar bem preocupado.

O elevador executivo chegou e assim que entramos na caixa metálica, que graças ao bom Deus estava vazia, fui abraçada pela

costumeira ansiedade de me posicionar diante 12 cientistas que me viam como a filha mimada e intrometida do chefe. De fato, aquela não era a melhor sensação do mundo.

A porta do elevador estava quase fechando quando alguém enfiou a mão pela greta, fazendo-a abrir novamente e quando vi quem estava entrando tive que conter a vontade de revirar os olhos.

— Senhorita Cahill! — Foster, um homem jovial e muito belo, deveria admitir, cumprimentou-me como se fôssemos amigos de infância. — Até que enfim retornou à empresa. — Ele se aproximou quando a porta se fechou, mas Lobo foi mais rápido e colocou a mão no peito do homem, afastando-o de mim com um olhar tão feroz que, por um momento, até eu senti medo.

— Mantenha distância — alertou com o olhar vidrado no homem.

— Arrumou um cão de guarda capaz de controlar suas vontades escandalosas, senhorita? — ele zombou. — Ou ainda pretende ilustrar os jornais com seu... autocontrole reduzido?

Arregalei os olhos quando meu guarda-costas ergueu a mão, prestes a agarrar o idiota pelo pescoço.

— Pelo que vejo, Foster... — Toquei o braço de Lobo, na tentativa de acalmá-lo e vi quando ele fechou ambos os punhos, encarando Foster como se estivesse em um ringue de luta. — Ainda não aprendeu a manter as mãos em seu devido lugar e nem a língua dentro da boca. — Inclinei-me brevemente em sua direção. — É melhor tomar cuidado, ou pode acabar ficando sem uma delas — sussurrei e vi o mais puro ódio transcorrer pelo olhar do homem que sorriu como se não tivesse sido afetado.

Foster era um dos sócios do meu pai. Tinha uma porcentagem pequena, mas significativa na empresa, e era um, entre vários sócios, que se opunha ao projeto J.A.S. Principalmente pelo fato de ele estar sendo criado por mim. Homens como ele estavam acostumados a mandar e serem obedecidos. Desde que comecei o projeto, tanto Foster quanto os outros fizeram tudo para me desanimar, mas quando perceberam que eu jamais desistiria, tudo que restou foi me aceitar goela abaixo.

Ele usaria todas as artimanhas que tivesse na manga contra mim, e foi pensando em homens como ele, e na intenção de proteger meu pai, que evitei sair na noite passada.

— É bom revê-la — ele disse e se virou para a porta do elevador, que parecia estar a caminho do céu em vez de para o vigésimo terceiro andar.

Lobo se manteve no espaço entre mim e Foster e não pude deixar de notar a fúria com a qual ele encarava o homem. Torci os lábios, ignorando o pulsar estranho em meu peito ao vê-lo me protegendo com tanto afinco.

A porta do elevador se abriu e Foster saiu sem olhar para trás. Puxei Lobo pela beirada do paletó assim que colocamos os pés para fora do elevador.

— Agora quem precisa me ouvir é você — pedi baixo, já dentro do corredor muito longo e cheio de portas que nos levaria até um dos laboratórios. Ele ergueu as sobrancelhas, aguardando que eu falasse. — Um total exorbitante de duas pessoas apoiam meu projeto nesta empresa. Meu pai, e minha tia Claire. Se você socar alguém neste lugar...

— Será por um motivo plausível. — Ele me interrompeu. — E eu não ia fazer nada demais. Talvez só sacudi-lo um pouco. — Contive a vontade de rir com muito custo e mantive o semblante sério.

— Por favor, Lobo, isso é muito importante. — Segurei seu braço e me aproximei mais dele, tentando evitar que alguém ouvisse minha conversa pelos corredores da empresa. — Os sócios do meu pai vão me provocar. É o que fazem de melhor, e se você bater em qualquer um deles, minha fama aqui vai ficar ainda pior. Então, fique fora disso.

— E por que seu pai permite que te tratem desta forma? Você é a herdeira de todo este lugar, o mínimo que esses desgraçados têm que fazer é te respeitar — disse sério e compenetrado.

— Meu pai nem faz ideia do que acontece por aqui. Nenhum dos seguranças entrou comigo na sala de testes antes.

— Por que não contou a ele? — Endireitei a postura e me virei para o corredor, daquela vez vestindo a máscara de sarcasmo que geralmente protegia meu coração.

— Nunca quis ser a filhinha do papai, Lobo — respondi. — Muito menos permitirei que um monte de homens frustrados e machistas espalhem por aí que recorri a ele por ser fraca demais. — Pressionei os lábios. — Vou lidar com isso sozinha e vou mostrar a esse monte de bunda murcha do que sou capaz. Vem comigo?

— Você é completamente maluca. — Ele não conseguiu segurar um sorriso. — Faz sentido. De que outra forma roubaria minha moto?

— Nunca vai esquecer este pequeno infortúnio?

— Jamais! — Caminhamos pelo corredor passando por várias portas fechadas marcadas por placas numéricas douradas. Paramos diante do laboratório 06.

— Promete que não vai pular no pescoço de ninguém dentro desta sala? — Apontei para o número na porta.

— Contanto que não ultrapassem o limite para se aproximar de você — disse sério. — Do contrário...

— Sim, sim, eu já sei. Sangue, corpos... eu imagino. — Balancei as mãos em frente ao rosto dele. — Posso mesmo contar com você? — questionei temerosa.

— Sempre deve contar comigo, senhorita Cahill. Farei qualquer coisa para mantê-la em segurança — prometeu em um tom de voz baixo, profundo que me fez prender a respiração. — Seja lá o que for enfrentar aí dentro, saiba que não estará sozinha.

Ah, droga, não fala assim!, quis pedir.

Ficava cada segundo mais difícil ignorar a pontada estranha que a voz daquele homem me causava, mas me obriguei a ignorá-lo. No momento, tinha preocupações maiores e se errasse ali dentro, perderia muito mais do que gostaria de admitir.

— Então, vamos lá. — Bati na porta e esperei, até que ela se abriu e os jogos começaram.

CAPÍTULO 9

Lobo

A porta se abriu e um homem muito baixo, com longos bigodes e um jaleco branco que ia até o joelho, nos recepcionou com um sorriso tão fraco que por um momento pensei que ele estivesse sofrendo de algum mal intestinal.

— Senhorita Cahill, como é bom vê-la — disse como se não estivesse escrito no meio de sua testa enrugada que não estava nem um pouco satisfeito em colocar os olhos em nós.

— É tão bom notar que sentiram minha falta. — Ela abriu um sorriso debochado para o homem e ergueu o rosto, encarando-o de frente.

Jasmin retirou os óculos escuros com calma e abriu um sorriso ainda mais reluzente quando notou que todos os olhares dentro daquela sala se viraram para a porta a fim de vê-la. Estava linda naquele vestido, linda não, radiante seria a palavra mais certa e deveria admitir que estava surpreso. Não pela beleza cintilante que ela exibia, longe disso.

Jasmin Cahill era uma mulher estonteante em qualquer tipo de situação, mas depois da noite que ela teve, esperava tudo dela, menos que fosse capaz de se levantar como se nada tivesse acontecido. E depois de tudo que a ouvi dizer no elevador, foi impossível não ficar impressionado e admirado pela coragem dela, ainda que morresse antes de admitir aquilo.

Sua força de vontade para enfrentar qualquer um sem se esconder atrás do poder do pai me afetou, e como se estivesse disposta a me surpreender ainda mais Jasmin entrou pela sala com uma pose relaxada de quem estava entre amigos e ignorou todos os olhares arredios que recebeu. Um a um, os 12 homens, que estavam igualmente vestidos de jaleco branco e sentados relaxadamente ao redor de uma longa mesa retangular de madeira pura, a cumprimentaram e em seguida, todos aqueles olhares recaíram sobre mim, que me mantinha ao lado dela.

— Senhorita Cahill, não podemos permitir a entrada de estranhos nesta sala. Seu projeto é secreto. — Um deles disse.

— Senhor Jordan, não acha que eu traria comigo alguém que roubaria meu projeto, não é mesmo? — O homem me sondou dos pés à cabeça e comprimiu os lábios.

— Acho que a senhorita é muito jovem para saber o que lhe convém.

— Pois eu discordo. Creio que o senhor se esqueceu que pessoas como eu, herdeiras de todo um conglomerado, precisam de um guarda-costas 24 horas por dia. Ele vai aonde eu vou. Tem alguma oposição? — disse serena e uniu as mãos em frente ao vestido.

Bem sabia que aquela afirmação era pura mentira. Jasmin me jogaria do terraço daquele prédio se tivesse a oportunidade, ainda assim, vê-la mentir para defender minha posição ao seu lado fez com que certo prazer me atingisse.

— Sendo assim, acho que ele será de extrema necessidade, não concorda Jordan? — Outro homem, o único que observava Jasmin com um semblante tranquilo no rosto, meneou um aceno em

direção a ela, que retribuiu. Ao que tudo indicava, não eram todos que a detestavam ali dentro.

— Bem, então vamos começar. Não temos tempo para perder. — Ela caminhou até o meio da mesa e pegou uma pasta mostarda disposta sobre ela, assim como um controle remoto que estava ao seu lado.

Mantive-me parado há um metro de distância dela enquanto a observava apontar o controle para a parede. Subitamente, uma tela branca e muito larga desceu por ela e slides começaram a ser apresentados com todo tipo de números que nem em duas vidas eu entenderia.

Jasmin passou a próxima hora explicando seu projeto com uma determinação invejável. Ali, diante daqueles homens, eu mal a reconhecia. Ela falava com uma propriedade absurda. Nem sequer parecia a mesma jovem de 23 anos que roubou minha moto e jogou areia na minha cabeça. Não, pelo contrário, diria que aquela versão de Jasmin, palestrando diante de mim, tinha a alma de uma cientista.

Ela apontava para a tela em euforia, se movimentava mais a cada segundo, empolgada com o desfecho da apresentação que até agora eu não tinha entendido. O vestido branco marcava a curva dos seios empinados, passando pela cintura desenhada até se acentuar no quadril, revelando uma bunda redonda que precisei de muito esforço para desviar o olhar. O que não era o caso daqueles velhos tarados. Alguns deles a observavam com visível interesse. Uma vontade súbita de arrancar os olhos dos malditos me atingiu.

Alguns minutos depois, Jasmin finalizou a apresentação e o tal Jordan ergueu a mão no instante em que ela fechou a boca.

— Diga-me, senhorita Cahill, pretende torrar o dinheiro do seu pai e o nosso em um projeto como este apenas por luxo, ou de fato acredita que grandes empresas terão interesse em comprá-lo? — Fechei os punhos quando vi Jasmin trincar o maxilar, e torci para que ela soltasse um dos palavrões que parecia tão acostumada a praguejar. Ia ser incrível ver a cara do filho da puta se ela o mandasse a merda ali mesmo.

Mas diferente do que imaginei que faria, a única reação de Jasmin foi sorrir. Pelo visto, o sarcasmo também era uma configuração de fábrica da garota.

— Ora, doutor Jordan, não é porque o senhor é da época de Noé que não conseguiria entender os tempos atuais. — Alguns dos cientistas levaram a mão à boca, contendo uma risada. O rosto de Jordan adquiriu um tom avermelhado como o de um tomate maduro. — O que proponho não é um projeto simples. O J.A.S será capaz de ampliar um raio de espectro magnético com energia dirigida para identificar qualquer ameaça, interna ou externa. Criando uma rede de defesa que impossibilitará qualquer ataque contra sistemas, radares e outros sensores. Se o senhor ainda se lembra, há um número significativo de guerras eletrônicas que nosso país precisa enfrentar. Acha mesmo que ninguém terá interesse nesta criação?

— Irrefutável! — O homem que a apoiou mais cedo voltou a falar. — A senhorita Cahill nos apresenta com fatos e testes que a probabilidade do J.A.S emplacar como um dos nossos sistemas de proteção mais vendido é de aproximadamente 99% diante da base de compras dos nossos clientes — ele explicou aos colegas.

— Obrigada, doutor Willian. — Ela se virou para ele. — Alguém tem algo contra a finalização do projeto? — Jasmin sondou

com os olhos um por um dos homens sentados ali e consegui notar a inquietação nos semblantes preocupados de cada um deles, que se mantiveram em silêncio, ainda que quisessem fazer o contrário. — Perfeito. Enviarei as análises ao setor responsável e vamos começar a produção. — Ela pegou o controle e fechou a tela de apresentação que subiu lentamente às suas costas e desapareceu em um painel na parede. — É muito bom estar com os senhores, mas sinto informar que preciso ir embora. Tenham uma boa tarde.

— Até a próxima, senhorita Cahill. Estou ansioso para rever seus novos projetos — doutor Willian disse com sinceridade e ela o agradeceu e recebeu as despedidas nada calorosas dos demais membros daquela sala.

Saímos daquele lugar logo em seguida e assim que colocamos o pé no corredor já conseguia sentir o clima ficar mais leve.

Jasmin soltou o ar, exasperada. Parecia mil vezes mais cansada do que quando entrara naquela sala e desejei que pudéssemos chegar ao carro logo para que ela pudesse descansar.

— Parece que você tem mais do que dois apoiadores para seu projeto. — Lembrei a caminho do elevador. Jasmin segurou os óculos escuros na mão e os encarou. O sorriso de minutos atrás desapareceu por completo e só então percebi o semblante triste tomou seu rosto delicado. — O que houve? Sua apresentação foi espetacular — questionei, antes que pudesse me controlar.

O elevador chegou e coloquei o braço na porta, permitindo que ela entrasse.

— Só é... cansativo demais. Eles pensam que não sei que me detestam, mas eu sei. E é bem estranho entrar lá, falar, falar e

falar para no fim, ouvir resmungos como respostas diante de um projeto que é tudo para mim — revelou. — Mas não importa — disse apertando o botão da saída.

— Importa, sim — acabei falando e parei no momento em que um homem entrou no elevador antes que a porta se fechasse. Estreitei os olhos e fechei os punhos ao notar que era o mesmo babaca de mais cedo.

— Está trabalhando no elevador agora, Foster? — Jasmin não perdeu tempo e notei o exato momento em que ela jogou para debaixo do tapete a expressão triste em seu rosto.

— Uma coincidência e tanto, não? — O crápula sorriu e apertou o botão que o levaria ao subsolo, um andar abaixo da portaria, onde desceríamos. — Espero que sua reunião tenha sido interessante. — O elevador começou a descer.

— Foi de fato muito produtiva — ela disse sem encará-lo e pude sentir que Jasmin estava beirando seu limite emocional.

Desde a crise que sofrera na noite passada, a provocação daquele idiota quando chegou, a intimidação que sofreu dentro da sala com os cientistas, acumulando tudo, ela parecia prestes a explodir e ver aquilo só me fez querer ainda mais enfiar aquele tal de Foster na ventilação do elevador.

— Ah, tenho certeza de que foi. Ouvi várias risadas vindo da sala dos cientistas há alguns minutos, aposto que deixou uma boa imagem para trás. Também dançou sobre a mesa? Essa parece ser uma das suas características que mais se destacam.

— Seu filho da puta! — Fui para cima dele que arregalou os olhos, mas parei no instante que senti a mão de Jasmin em meu braço. Ele riu seco.

Pude ver o rosto dela ir ganhando tonalidades de vermelho à medida que tentava controlar a raiva que sentia e não conseguia entender como alguém poderia ser tão imbecil quanto aquele homem.

Imbecil, não, burro pra caralho. Como ele tinha a ousadia de provocar a futura dona de tudo aquilo? Não importava qual porcentagem ele tinha na empresa, Jasmin seria herdeira de cada centímetro daquele lugar e por um momento desejei estar aqui quando sua posse acontecesse, só para vê-la jogando aquele idiota no meio da rua.

O elevador se abriu e segurei a porta para que ela passasse.

— Não disse nenhuma mentira, disse? — ele provocou novamente quando ela estava quase saindo do elevador.

Jasmin brecou os passos, respirou fundo e continuou a andar. O desgraçado começou a rir dela. Aquilo foi a gota d'água.

Apertei o botão que mantinha o elevador parado e com as portas abertas e entrei dentro dele novamente.

Uma das vantagens de ter treinado a arte do Aikido por mais de dez anos era ser mestre em golpes curtos e extremamente dolorosos, que geralmente não causavam nenhum alvoroço.

— Mas que porra... — ele parou de falar e gemeu sem ar assim que acertei uma cotovelada em seu estômago tão rápido que ele nem sequer teve tempo de se defender. Segurei seus ombros e endireitei seu corpo, como se fossemos velhos amigos enquanto ele sufocava pela dor.

— Respire, fique calmo e endireite a postura. Isso não foi nada. — Encarei-o, com um breve sorriso. — Se voltar a provocá-la, vou quebrar cada um dos seus ossos e saberá o que é dor de

verdade. — Ele arregalou os olhos e se apoiou na barra de ferro do elevador enquanto eu saía.

Jasmin me esperava na catraca com um olhar preocupado.

— Me diz que não fez nada!

— Não fiz nada.

— Ai, que safado, mentiroso! Bateu nele, não foi? — questionou preocupada. — Se meu pai souber disso... — De repente ela arregalou os olhos, como se uma ideia se infiltrasse em sua mente e me encarou com um olhar de quem estava planejando dominar o mundo que me fez estremecer. — Deixou marcas?

— Se está pensando em usar isso para tentar se livrar de mim, saiba que tenho total autonomia para bater em quem eu bem entender para protegê-la e assim o farei. — Conectei o rádio e acionei o canal 3 de comunicação. — Estou com o Cristal, estamos saindo — alertei a equipe.

— Agradeço sua intromissão, mas sou bem capaz de resolver meus problemas por conta própria, e sim, eu ainda quero me livrar de você. — Encarou-me e comprimiu os olhos, feroz como uma gatinha nervosa. — Você ainda vai se arrepender e muito de ter aceitado este trabalho.

— A senhorita parece determinada. — Contive um sorriso.

Ela torceu o nariz e caminhou em direção à saída. Os saltos altos ressoando um sonoro batuque contra o piso do lugar.

Seguimos em silêncio até o carro. Abri a porta e Jasmin entrou sem cerimônia e se acomodou no banco de couro. Diante da luz fraca que o sol irradiava naquele fim de manhã, seus olhos reluziam o tom verde, deixando-os ainda mais claros. Ela pegou o cinto de segurança e o travou ao redor do corpo e quando me notou

ali, ainda parado, encarando-a sabe-se Deus por quê, Jasmin torceu os lábios e empinou o nariz.

— Não vou a lugar nenhum, Lobinho. Veja só, já até coloquei o cinto.

Se ela soubesse que o motivo pelo qual não consegui parar de encará-la era bem diferente do que qualquer preocupação com sua segurança... eu estaria perdido de vez.

— É Lobo. Sem diminutivos, está ouvindo? — vociferei e ela revirou os olhos com um sorriso. Obriguei-me a quebrar a conexão que me mantinha preso naquele par de olhos cor de jade e fechei a porta.

Levei a mão ao peito quando uma pontada me atingiu bem ali, mas não fazia ideia do motivo. Talvez aquela dor fosse causada pela tensão e preocupação que senti desde que Jasmin colocou os pés para fora daquele carro, mais cedo. Levando em consideração todo o histórico de sabonete que aquela garota possuía, e o risco iminente de que Naish estivesse só esperando a oportunidade perfeita para atacá-la, sentia uma preocupação profunda ao cogitar o que poderia acontecer se ela fugisse.

Ter o sangue de uma inocente em minhas costas era meu maior medo. Agora, imaginar que este sangue pode vir a ser o de Jasmin me deixava apavorado.

Era isso, aquela pontada era de pura preocupação.

Foi o que continuei repetindo para mim mesmo todas as vezes que busquei seus olhos através do retrovisor enquanto fazíamos o caminho de volta para a Casa da Colina.

CAPÍTULO 10

Jasmin Cahill

A luz do sol passava pela janela do carro e tocava minhas pernas desnudas com um carinho quentinho. Meus pensamentos vagavam enquanto encarava a paisagem passando rápido através da janela.

Lobo dirigia em silêncio e eu mal conseguia olhar em sua direção. *Ele tinha mesmo batido em Foster por minha causa?*

O pensamento fazia meu peito arder de um jeito inconveniente, incômodo. Ninguém nunca tinha me defendido de nenhum dos ataques verbais que já sofri naquela empresa. As raras pessoas que já presenciaram algo jamais se importaram e eu também nunca fiz questão de ser protegida contra aquilo, afinal, sentia-me forte o suficiente para lutar contra aqueles idiotas com mais do que alguns insultos, com projetos tão incríveis que nem mesmo o mais odioso entre eles poderia rejeitar. Mas Lobo me fez experimentar algo que nunca tinha sentido antes.

Quando estávamos na sala apresentando a continuação do projeto, vez ou outra um daqueles idiotas me fazia um novo insulto disfarçado de brincadeira. Já estava acostumada com aquilo e mesmo diante das idiotices que diziam, conseguia manter minha postura e sempre os respondia com sarcasmo mais puro que poderia existir, mas Lobo não parecia satisfeito com aquele meu jeito de lidar com a situação.

Toda vez que um dos cientistas abria a boca, ele fechava os punhos até que veias grossas destacassem o dorso de sua mão e os encarava com uma feição de quem arrancaria a cabeça deles ainda naquela reunião. O que me deixou em um misto de preocupação e surpresa.

O trabalho de Lobo era me proteger contra ameaças que colocassem minha vida em risco, além de me irritar constantemente, mas em nenhum momento ele precisaria proteger minha integridade moral, mas foi exatamente o que ele fez.

Ainda não conseguia acreditar que ele bateu mesmo no Foster. Santo Deus, como eu queria ter visto a cena. Sorri para a janela, imaginando o quanto aquele babaca deve ter ficado irritado.

Mesmo que tivesse pedido ao meu guarda-costas para manter as mãozinhas longe de qualquer encrenca, estava radiante por ter sido defendida por ele. E era exatamente por isto que não conseguia encará-lo. Uma palpitação despontava em meu peito só pela ideia de ficar diante aqueles olhos singulares e chamativos. Lobo estava revirando meus sentimentos e eu não gostava nada daquilo. Na verdade, estava apavorada.

Chegamos à Casa da Colina um tempo depois e fomos recebidos pelos dois seguranças responsáveis pela entrada e saída de veículos do local.

Um a um, todos os guardas estacionaram os carros no espaço estrategicamente reservado para eles. Um ponto que ficava exatamente entre a casa e a saída principal. Aquilo facilitava uma fuga emergencial, caso necessitássemos de uma.

Assim que paramos, Shaw se adiantou e desceu do carro, abrindo a porta para mim.

— Tenha um excelente dia, senhorita Cahill. — Ele desejou e foi se encontrar com Lyon e Ray.

Apressei-me a sair das vistas do homem que pretendia evitar, mas por algum motivo, Lobo desceu do veículo e parou diante de mim, impedindo a minha passagem. Todos os sentimentos conflituosos que eu tentei evitar durante a viagem retornaram com força no instante em que ele tirou os óculos escuros e sondou meu rosto com calma. Os olhos expressivos brilhavam como duas lanternas com luzes em tonalidades diferentes. Então, tive a impressão de que por um mísero segundo ele desceu os olhos para minha boca, mas aconteceu tão rápido que não saberia dizer se foi real ou só uma alucinação da minha mente criativa.

— A senhorita não tomou café na empresa, como disse que faria — ele relembrou. O tom de voz forte surgiu baixo, profundo.

— Eu... — Pisquei. — Não consigo comer quando estou prestes a entrar em uma das reuniões. Fico tão ansiosa que nem mesmo água consigo beber.

— Então deveria comer algo imediatamente após sair de lá. — Ele inclinou a cabeça de lado e me dei conta de que quando estava assim, conversando com Lobo tão de perto, sempre ficava com a cabeça muito erguida, como se estivesse olhando para o céu. Ele era muito alto e, daquele ângulo, sua boca ficava ainda mais chamativa. De repente não consegui desviar os olhos dela. — Aquele lugar sugou metade da sua energia, se não se alimentar, acabará passando mal.

— Vou comer. — Ah, como eu queria devorá-lo ali mesmo. — Porcaria — xinguei alto quando meus percebi para onde meus

pensamentos estavam me levando e vi Lobo erguer as sobrancelhas. — NÃO, não é você a porcaria.

— Fico bem satisfeito em saber. — Ele estreitou os lábios, como se segurasse um sorriso.

— De fato, devo estar com fome e confusa. — Passei a mão no rosto. — Obrigada pela ajuda hoje. — Seus olhos desceram para os meus, lançando-me no inferno que era acompanhar suas íris bicolores sondando cada pedacinho da minha face e esquentando partes em meu corpo que, até o momento, estavam bem quietinhas. — Sei que pedi que não interferisse, mas fiquei feliz que o tenha feito.

— Senhorita Cahill... — Ele me interrompeu. — Não fiz absolutamente nada além do que me é exigido como seu guarda-costas. Ainda que queira arduamente se livrar de mim, é meu trabalho defendê-la, de tudo e de todos, principalmente dos babacas que não podem se aproximar fisicamente, mas tentam da pior forma... emocionalmente. — Ele completou e meu coração pulou um pouco mais com a seriedade e compromisso de suas palavras.

— Ainda quero me livrar de você. — Comprimi os olhos e o encarei. — Mas não vou atormentá-lo pelo resto do dia. Pense nisto, é uma oferta de paz — brinquei.

— Deveria tomar cuidado com suas ofertas, senhorita Cahill. — Ele se aproximou ainda mais. Seu cheiro envolvente me cercou como em um labirinto, onde me perdia cada vez mais. A voz baixa se uniu ao olhar perigoso de quem era capaz de conquistar uma nação em apenas uma tarde. — Posso acreditar que está começando a gostar da minha presença.

— Minha gratidão não chega a tanto — desdenhei.

Ele ergueu a mão em minha direção. O semblante sério e forte me hipnotizou. Fechei os olhos quando imaginei que Lobo, por algum motivo que fosse, iria tocar meu rosto. Na verdade, esperei por isso como se minha vida dependesse daquele toque e subitamente recebi um peteleco leve bem no meio da testa.

— Ai! — reclamei alto e abri a boca em choque.

— Não coloque sua vida em risco novamente como na noite anterior. — Ele apontou o dedo em minha direção, como um pai que repreende a filha rebelde.

— Ora, seu... — Não podia acreditar que fechei os olhos na frente dele esperando pelo seu toque.

Quanta humilhação! Idiota, idiota, idiota.

— Entre e coma. Está ficando meio verde — ele zombou e me lançou um sorriso de lado.

Raiva e fúria subiram por meu pescoço e esquentaram meu rosto, mas contive a vontade de pular no pescoço de Lobo e passei por ele batendo os pés, furiosa. Esbarrei no seu ombro com toda força que tinha, mas acabei me desequilibrando no impacto contra aquela parede de músculos que ele chamava de peito.

— É melhor olhar por onde anda, Senhorita Cahill — fiquei ainda mais irritada quando senti sua mão envolver minha cintura com cautela e proteção. O braço rijo só se afastou do meu corpo quando eu recuperei o equilíbrio.

— Talvez seja você quem precise tomar cuidado, Lobinho — sussurrei e ergui minha mão direita, onde a chave do seu carro, que antes estava dentro do seu blazer, agora pendia entre meus dedos, bem diante do seu rosto.

— O quê? — Ele encarou a chave e seu olhar foi se transformando. Primeiro confuso, depois surpreso e logo em seguida, as íris coloridas se transformaram em um olhar ferino, devorador, incendiário, como um mar em fúria.

Ele bateu a mão na própria roupa, provavelmente tentando verificar se era mesmo sua chave.

— Sua ratinha atrevida! — praguejou em choque, o que me fez rir alto.

— É melhor nunca mais aparecer com sua moto por aqui, ou já sabe o que vai acontecer, Lobinho. — Joguei a chave em sua direção e antes que ele a agarrasse, dei às costas e comecei a andar o mais rápido que pude para dentro de casa, estava praticamente correndo em cima daquele salto fino. A voz raivosa de Lobo às minhas costas não me deixava outra opção.

— Eu vou te pendurar no lustre, sua... — Não ouvi o final da frase, mas quando parei sob o lustre de cristal que ficava no Hall de entrada, fui assolada por um pressentimento que me dizia que Lobo era mesmo capaz de me prender ali.

Dei risada. Se Lobo queria me provocar, então era melhor estar preparado. Porque eu poderia muito bem ser uma oponente à altura. Só precisava me livrar do encanto que aqueles olhos distintos me lançavam.



Não há no mundo um ser que tenha metade da força de uma mulher. Somos extremamente fortes emocionalmente, e para quem acha que não somos fortes fisicamente, eu gostaria de sugerir um

dia, apenas um maldito dia sentindo cólica. Uma dor que derivava das profundezas do inferno.

Naquela tarde, minha menstruação resolveu dar as caras mais cedo do que eu esperava e tudo que eu consegui fazer foi sofrer.

— Eu vou morrer, Ruth! — Rolei na cama e me encolhi sob as cobertas. Minha barriga estava inchada, minhas pernas doíam assim como o resto do meu corpo e eu me sentia tão triste que era como se um vilão tivesse roubado a felicidade do mundo.

— Costuma sobreviver todos os meses, senhorita. Não será este que vai matá-la. — A mulher caminhou pelo meu quarto com paciência, foi até a mesinha que costumavam ficar meus remédios e pegou um que eu ainda não tinha tomado. — De acordo com a receita da médica, se começar a tomar este anticoncepcional hoje, sua menstruação não vai durar mais que dois ou três dias. — Ela pegou a cartela e o copo de água que tinha trazido consigo.

— Acha mesmo que se eu tomar isto, — tirei a cabeça debaixo das cobertas — as próximas vezes que menstruar os sintomas virão mais fracos?

— Sim, acredito. Minha filha também precisou tomar anticoncepcional porque sofria muito com os sintomas pré-menstruais. No seu caso, eles vêm depois que ela chega, mas acredito que o efeito será o mesmo. — Ela tentou me acalmar.

Procurei uma médica ginecologista um mês atrás. Já não suportava todos os sintomas horríveis que sentia naqueles dias. As alterações no humor eram o pior. Eu ia da alegria à tristeza profunda em um piscar de olhos e ela me garantiu que com a medicação certa, eu conseguiria passar por este período com mais facilidade.

— E sua filha teve melhora? — Ruth raramente falava da filha, que pelo pouco que sabia, era casada e tinha duas filhas.

— Melhorou demais. Ela só parou de tomar a medicação quando engravidou e depois da minha segunda neta nascer, a médica trocou o medicamento para um mais fraco, já que ela não sentia mais tantos sintomas. Talvez melhore depois que você tiver um filho — comentou e me entregou um comprimido e a cartela.

Ergui meu corpo a contragosto. Meus olhos já estavam transbordando lágrimas.

— E se eu nunca encontrar alguém que queira ter filhos comigo? — Meus lábios tremeram com a hipótese e antes que eu me desse conta da infinidade de outros métodos disponíveis para quem quer ser mãe solteira, já estava chorando.

Ou melhor... eu abri o maior berreiro.

— Vou ficar sozinha para sempre. Sou uma mulher chata, irritante. Eu roubo as coisas. — Sentei-me na cama com o comprimido numa mão e o copo que Ruth me estendeu na outra e joguei a cabeça para trás, chorando como se não houvesse amanhã. — Eu vou morrer virgem, Ruth! VIRGEM! — Solucei aos berros.

— Vou buscar um chocolate quente e uma bolsa térmica para colocar na barriga. Vai ajudar com a dor além do remedinho para cólica que te dei mais cedo. — Ela tentou soar mais gentil e ver Ruth, geralmente uma soldada pronta para a guerra, tentar ser carinhosa comigo me fez chorar compulsivamente. — Deus amado, já volto!

— T-tá! *Folta lofo*, *for favor*. — Minha voz anasalada se uniu aos olhos inchados e toda a dor que eu sentia.

Sentia-me uma tola, ingênua, solitária. Eu não passava de uma nerd que em breve precisaria de 40 gatos para me fazer companhia. Solucei, chorei mais um pouco e tomei o remédio em seguida. Encolhi-me novamente debaixo das cobertas. Sabia que aquele sentimento ruim logo passaria, mas não conseguia evitar a tristeza e desespero que me abatiam naquele período. Apertei a coberta contra meu rosto.

Só me restava começar a pensar onde eu conseguiria arrumar 40 gatos.



Mais tarde, quando o remédio para cólica começou a fazer efeito e eu já conseguia andar, ainda que devagar, sem me apoiar nos móveis, decidi ir para a sala assistir a um filme.

Desci as escadas devagar e passei em frente a um espelho que ficava na lateral do hall de entrada. Meu rosto estava pálido, os cabelos presos em um coque alto e desfiado não ajudava muito a disfarçá-lo. Mas ao menos eu me sentia quentinha dentro do conjunto de moletom rosa choque que estava usando.

Funguei e me arrastei até a sala, agradecendo a Deus por não encontrar nenhum dos seguranças em meu caminho. Seria capaz de chutar a canela de um deles se ficassem em cima de mim.

Entrei no cômodo amplo, onde dois sofás de couro em tons de cinza estavam dispostos de frente para uma televisão que tomava quase metade da parede. Peguei o controle remoto e me joguei no sofá. Ruth entrou na sala logo em seguida segurando uma manta preta entre os braços.

— Pedi que Judith fizesse pipoca doce — ela anunciou me entregando a manta e meus olhos lacrimejaram.

— Obrigada — falei emotiva. Amava pipoca doce.

Cobri as pernas com a manta enquanto Ruth pegou outro controle, o da janela, e com um clique as persianas automáticas foram se fechando. A mulher também acendeu apenas as luzes do painel da TV, transformando aquele ambiente em um pequeno cinema e saiu logo em seguida.

Liguei a TV e não demorei um minuto a encontrar o filme que queria ver. Crepúsculo... pela centésima vez. Ruth retornou alguns minutos depois com o balde de pipocas bem cheio, deixando um cheirinho adocicado delicioso no ar e me entregou junto com um copo de refrigerante que eu logo coloquei no suporte sobre a pequena mesinha no centro da sala, para não correr o risco de derramá-lo em mim.

O filme começou e Edward, como sempre, fez meu coração apaixonado acelerar. Suspirei.

Ai, como eu queria um romance de filme como aquele. Onde o mocinho faz de tudo para proteger sua amada. Ele era romântico, delicado, cuidadoso e gostoso ao mesmo tempo.

Não estava nem na metade do filme quando decidi pegar meu celular, aos prantos e ligar para Carla.

— Ei, amiga! — Ela atendeu animada.

— Por que eles só existem em filmes? — solucei.

— Do que é que você está falando, Jasmin? — sua voz soou preocupada. — Está chorando? O que aconteceu, pelo amor de Deus?

— O Edward aconteceu! — chorei. — Não existe um cara perfeito como ele. Na verdade, na minha vida não existe nem um cara imperfeito. Não existe ninguém.

— Está naqueles dias, não está? — Minha amiga suspirou fundo e eu concordei com algumas fungadas.

— Amiga, você é linda, maravilhosa. Além disso, é engraçada, divertida e fiel. Vai encontrar alguém que valorize cada pedacinho de você — disse gentil.

— Eu te amo, Carlinha. — Meus lábios tremeram.

— Também te amo, minha surtadinha favorita. — Brincou. — Agora me conta, e aquele segurança lá? O bonitão. — Depois do incidente da janela e do bombom, liguei para Carla contando tudo sobre a coincidência do destino que foi encontrar o homem da boate na porta da minha casa no dia seguinte, em cima da mesma moto que eu tinha roubado e com uma fúria transcendental chamuscando os olhos bicolores. — O que ele anda aprontando além de te proibir de sair comigo? Ele é bem gato, amiga. Por que não se distrai com ele? Ambos estão à toa mesmo. Aposto que ele vai te ajudar a esquecer qualquer *bad.*

— Tsc! — Funguei. — Aquele idiota me detesta. Duvido muito que pense em mim de qualquer forma que não seja a que envolva monitorar meus passos.

— Mas que droga. Se ele caísse na sua lábia seria mais fácil distraí-lo. Ainda não acredito que ele te pegou naquela janela. — Ela soltou o ar, exasperada, relembrando a noite anterior em que o plano de sairmos escondidas tinha sido frustrado.

O que não contei para minha amiga foi que desisti de sair antes mesmo de ser surpreendida por Lobo.

Carla era uma pessoa sensacional e popular. Com uma pele dourada de dar inveja, minha amiga tinha curvas colombianas bem acentuadas, algo que ela herdou da família por parte do pai, um viúvo chamado Matías. Carla, um nome similar ao do seu pai, assim como eu, perdeu a mãe muito nova e aquele foi um dos laços que nos uniu. Além de linda, ela era gentil e engraçada. Não faltavam convites para sair com ela, que vivia uma constante noite em festa. Carla costumava sair em 5 de 7 dias na semana, e festejar com tanta frequência acabou apresentando a ela o amor que tinha por organizações de eventos. Minha amiga estudava para se tornar a melhor no ramo e por isso, nunca, nunquinha, lhe faltariam convites a me fazer.

— Sabe que meu aniversário está chegando, não sabe?

— Faltam duas semanas ainda, Carla. — Arregalei os olhos, por um momento temendo que tivesse me esquecido do aniversário da minha única amiga.

— Faltam, mas meu pai quer viajar comigo semana que vem, então vamos comemorar no próximo fim de semana.

— O QUÊ? — gritei. — Neste final de semana?

— Sim. E você precisa ir, amiga. Nem que eu tenha que entrar aí, agarrar esse tal de Lobo e te sequestrar.

— Não precisa agarrar ele — resmunguei.

— Então é melhor você fazer isso. — Ela riu. — Escolha uma lingerie daquelas fatais que eu sei que você guarda a sete chaves para o dia que “o cara especial” aparecer e desfile bem na frente dele. Eu duvido que esse Lobo vá se manter distante.

— E se ele me rejeitar? Ou melhor, e se ele cair no meu papo, o que eu faço?

— Fica com ele, ué! — Será que ela achava mesmo que as coisas eram tão fáceis assim? — Amiga, preciso desligar. Vou sair com minha mãe. Te ligo mais tarde, tá bom? Pensa no que eu disse.

Desliguei o telefone e fiquei rodando o aparelho entre os dedos um bom tempo pensando na loucura que minha amiga tinha dito.

E se?

Não... balancei a cabeça, expulsando aquele pensamento para bem longe. Só podia estar ficando maluca por sequer cogitar uma ideia daquela, sim. Completamente doida.



— Maluca, surtada! — repeti as palavras mais tarde, encarando meu reflexo no espelho do meu quarto.

A noite já tinha chegado quando uma ideia me veio à mente. E se?

Aquele pequeno questionamento me inspirou a abrir meu closet e remexer o espaço reservado para lingeries que tinha separado. Vez ou outra eu comprava lingeries pela internet, quando ainda sonhava com o momento em que eu poderia ficar a sós com um rapaz na noite em que eu perderia minha virgindade, apaixonada por alguém que me beijaria até de manhã... traria café na cama para mim e faríamos amor até perder a noção do tempo. Um sonho tão lindo que foi morrendo à medida que os anos passavam e nada mudava.

Decidi então, experimentar uma delas. Obviamente só a parte de cima, já que estava naqueles dias.

Subi os olhos pelo meu reflexo, observando o short preto do baby doll combinar com a peça superior, que também era preta, porém, diferente do shortinho, o sutiã era cheio de fitas, algumas transpassavam os seios e desciam em amarrações até meu umbigo, onde faria liga com a parte debaixo, caso estivesse a usando.

O olhar de Lobo perpassou por minha mente.

O que será que ele diria se me visse usando aquela lingerie?

— *Sem vergonha, descarada!* — imitei sua voz com um tom infantil para o reflexo e ri.

Dei uma volta, depois outra e parei na terceira com o nariz torcido, um pouco insatisfeita com minha aparência de mosquito sensual.

— Você é sexy! — tentei me inspirar. — Você. É. Sexy! Ah, porcaria, isso nunca ia dar certo. — Olhei para meus peitos diminutos pressionados pelo sutiã elegante e peguei o roupão amarelo de coelho, cobrindo-me com ele. Sentei-me na cama em seguida, olhando os pontinhos brilhantes no céu através da janela aberta.

Não me sentia sexy, para ser mais exata, naquele momento eu não me sentia nada bonita também. Tirei a lingerie e me encolhi dentro do roupão felpudo quando me lembrei que era terça-feira. Meu dia especial com as estrelas... algo que sempre costumava me animar.

Fechei os olhos, o humor mudando novamente, fazendo com que uma carência absurda sondasse meu coração.

Às vezes, a solidão te fazia querer a companhia de alguém que não deveria. De alguém instigante, singular e perigoso demais.

No início daquela madrugada, quando estava prestes a começar meu ritual de todo fim de terça-feira, tudo o que eu conseguia pensar era no par de olhos penetrantes e tão inalcançáveis quanto a minha liberdade.

Só conseguia pensar em Lobo.

CAPÍTULO 11

Lobo

Tentei descansar um pouco durante a tarde no alojamento dos seguranças, já que o turno noturno seria meu, mas quanto mais eu rolava naquela cama de solteiro, que por sinal era tão pequena que deixava parte dos meus pés para fora, menos eu conseguia parar de pensar nela.

Como Jasmin era capaz de enfiar a mão dentro do meu bolso sem que eu nem sequer sentisse? Parecia uma batedora de carteira profissional, o que me deixava ainda mais intrigado.

Em qual momento da sua vida tão controlada, aquela mulher aprendeu a roubar daquele jeito?

A pergunta rondou minha mente o dia todo. Estava mais uma vez impressionado com sua capacidade precisa de me enrolar com seus olhos de jade só para invadir meus bolsos.

Olhei para o teto branco até que outra preocupação me sondou. Ergui o pulso e encarei meu relógio de prata. Naquele horário talvez conseguisse falar com Snake. Então desisti de dormir e peguei meu celular, disposto a falar com meu irmão mais velho e quem sabe, conseguir algum tipo de informação relevante.

Não consegui relaxar nem por um segundo desde minha primeira conversa com Cahill. A pequena hipótese de Naish ter sido contratado para colocar fim à vida de Jasmin me deixava louco. Conhecia aquele homem mais do que gostaria de admitir e sabia

muito bem do que ele era capaz. Não exagerei quando disse para Cahill que estávamos lidando com um psicopata.

Desde que vi Naish pela primeira vez, quando tinha 16 anos, já sabia que ele era um homem diferente. Algo no seu sorriso perfeito me deixava agoniado.

Na época eu ainda não entendia o sentido da palavra família e tinha, mais uma vez, fugido do meu pai adotivo. Acabei me perdendo. Sem um local para dormir, sem nada para comer, a única coisa que me restava era a raiva. Um sentimento que meu pai estava lutando para me ajudar a controlar, mas eu era muito burro e ingrato na época para perceber. Foi naquela ocasião que conheci o Adrian. Um rapaz não muito mais velho que eu, porém, diferente de mim, o porto-riquenho tinha um senso de humor e alegria invejáveis. Morava na rua desde pequeno e também era filho de viciados, mas conseguiu dar um jeito de não morrer nas ruas e se dispôs a me ensinar como também evitar isso.

Foi ele quem me apresentou Naish. Adrian trabalhava fazendo pequenas entregas para o homem. Nada de valor, eram só papéis. Mesmo Naish exalando uma aura perigosa, Adrian teve coragem de abrir um deles uma vez, e de acordo com o que me disse, não conseguiu ler uma palavra sequer. Ou estava em outra língua, ou se tratavam de códigos. Ele não se importou, eu muito menos. Era um tipo de grana fácil e sem envolvimento com as drogas, o que mais me chamou atenção. Depois de ver o que elas podiam fazer a um ser humano, adquiri um ódio transcendental por elas e não vi problema em fazer nada que Naish precisasse que não as envolvesse.

Encontrei-me com ele uma vez e o homem mostrou grande interesse em trabalhar comigo, principalmente pelo tamanho do meu porte. Mesmo tendo só 16 anos, já tinha músculos muito bem definidos devido aos treinos que fazia com meu pai, e também era bem maior do que meus colegas que tinham a mesma idade que eu.

Passei um mês com Adrian nas ruas esperando as ordens de Naish para começarmos o trabalho, porém, meu pai me encontrou antes e eu acabei voltando para casa.

Retornei para a rua afim de procurar Adrian ao lado do meu pai alguns dias depois. Holder, com o coração bom que tinha, se sensibilizou pela situação do meu amigo e se dispôs a dar um trabalho digno a ele. Revirei a cidade atrás dele, mas não o encontrei. Só fui rever Adrian dois anos depois, em um momento que mudou toda a minha vida e transformou Naish no meu pior inimigo.

— Irmão... — Snake atendeu no terceiro toque, sua voz carregada de tédio me arrancou dos meus devaneios.

— Está trabalhando? — questionei.

— Acho que já terminei por aqui. — Ouvi um gemido sôfrego bem ao fundo da ligação.

— Que merda foi essa? Está tudo bem?

— Nada com o que se preocupar. — Ele me cortou.

— Não me diga que está sufocando um dos meus VIPs? — Sentei-me na cama. — Caso tenha se esquecido, precisamos mantê-los vivos.

— Bem que eu gostaria, irmão. Como suporta toda essa monotonia? Preciso de algo para animar isto aqui antes que eu morra de tédio.

— Se sua animação terminar com ele vivo e inteiro, por mim, tudo bem.

— Inteiro também? Só vivo não serve?

— Snake! — chamei sua atenção. Às vezes me esquecia de quem era o mais velho entre nós dois. — Estou ligando para saber se recebeu meu pedido.

— Sim, irmão. Já repassei para meus homens de confiança e iniciamos as buscas. Também tenho um contato em Los Angeles que pode ser útil. Ele me deve uma das mãos, então vai colaborar.

— Quando você diz que o homem te deve uma das mãos, você quer dizer que ele te deve um favor? — Comprimi os olhos, confuso.

— Quero dizer que se não fosse por mim, ele não teria uma das mãos. É simples. — Sua voz surgiu risonha. — Mas graças a minha intromissão, ele perdeu só um dos dedos. E não foi o dedão.

— Mas que porra, Snake. Não! — Balancei a cabeça de um lado para o outro. — Não quero saber o que você anda fazendo da vida.

— Ora, você perguntou.

— Atenha-se a me dizer só o que você sabe sobre Naish. Acha que seremos capazes de localizá-lo?

— Lobo, você sabe que tentar capturar esse homem é o mesmo que tentar capturar uma lenda, certo? — disse sério. — Ele é como uma sombra que só existe na cabeça das pessoas. Não tem absolutamente ninguém que tenha visto o rosto do homem e sobreviveu para contar história, nem um fio solto que consiga identificá-lo, além de você, é claro. — Ele soltou o ar exasperado. — O que me deixa bastante preocupado. Se ele descobrir que está

trabalhando no mesmo caso que ele, porém em lados opostos, sabe o que vai acontecer.

— Ele vai ficar ainda mais interessado em matá-la logo. — Recostei-me no encosto da cama e encarei a grande mansão dos Cahill através da janela lateral do quarto. Um aperto sufocante subiu por meu peito. — Por isso preciso achá-lo, irmão.

— Enviei o retrato falado aos cuidados de Cahill como pediu — disse —, mas quero garantir que não vai fazer nenhuma besteira. Espere o retorno dos meus homens. Sabe que tenho ouvidos embaixo de cada pedra de Chicago e vamos encontrar alguma pista.

— Preciso achá-lo rápido. Mal consigo respirar quando estou com minha VIP na rua, fora da proteção da mansão — soltei o ar ruidosamente. — Só de imaginar que basta um toque que seja para que ele... — parei de falar, temendo o que acabaria dizendo.

— Quero que se preocupe com você também, Chris — ele alertou. — Sabe que sempre foi um alvo em potencial para aquele maluco. Não permita que ele se aproxime sem reforços e meta uma bala no meio da testa daquele filho da puta assim que tiver a oportunidade. Não ouse titubear.

— Quando foi que eu sequer pisquei antes de dar um tiro, irmão?

— Espero que nada tenha mudado. Acabe com aquela raça imunda. — Outro grito, agora mais agudo reverberou pela linha. — Preciso ir. — Snake desligou antes que eu tivesse a oportunidade de questionar mais sobre aquele barulho.

Soltei o telefone na cama e continuei sondando as paredes muito brancas da mansão. Teria que me preparar para a guerra se

quisesse manter Jasmin, minha ratinha de mãos leves, em segurança.

— Quando foi que comecei a me preocupar tanto com você? — questionei com o olhar perdido.

Estava fodido.



Depois de um longo banho, já tinha me arrumado para o turno noturno, mas não sem antes fazer mais duas ligações importantes. Uma para Cahill e outra para a Holder Security.

Saí do alojamento dos seguranças que tinha cinco quartos com banheiro, divididos por um corredor extenso e uma cozinha, onde as refeições eram servidas em três horários fixos todos os dias, de acordo com os turnos.

O pôr do sol lançou sobre a mansão uma luz alaranjada muito clara que realçava todo o verde ao redor do lugar. Subi para a sala de vigilância, pronto para a madrugada que se sucederia.

— Equipe Alfa, aqui é o Lobo. Estou assumindo o posto da sala de vigilância — alertei no canal de comunicação.

— Ok, senhor — Shaw respondeu e logo em seguida Lyon e Ray também resmungaram algo em concordância. Acionei o canal de rádio de Wood logo em seguida.

— Wood, aqui é Lobo, na escuta?

— Sim, Lobo. Algum problema?

— Pode vir até a sala de vigilância? Precisamos conversar.

— Entendido.

Depois do que aconteceu na noite passada com Jasmin, passei o restante da madrugada conversando com Fantasma e me atualizando sobre tudo o que se poderia saber sobre terror noturno. Não havia ninguém que poderia me ajudar mais do que ele, afinal, Zion sofreu e muito com aquele mesmo mal. E apesar de não ter testemunhado as crises, ou sequer conhecê-lo na época, sabia que ele já tinha sofrido com elas e que talvez pudesse me ajudar.

E estava certo. Acabei descobrindo através de Zion que o terror noturno era um distúrbio muito comum em crianças, e que raramente afetava os adultos, porém, podia acontecer caso a pessoa sofresse algum trauma ou algo do tipo.

Diferente dos pesadelos, onde a pessoa acorda e geralmente se lembra do que sonhou, no terror noturno há um esquecimento, além dos gritos, agressividade e a agitação que podem colocar a vida de quem está sofrendo com o transtorno em risco.

Jasmin provavelmente teve breves flashs do que aconteceu durante a noite, mas não se lembrava. De acordo com Zion, quem sofria de terror noturno não podia ser acordado durante a crise, do contrário, apresentarão confusão mental por alguns minutos, o que os assustaria ainda mais, e mesmo não sendo considerado um distúrbio fatal, é extremamente necessário que a pessoa seja observada, já que ela pode acabar se machucando gravemente.

Não conseguia entender como aquele bando de inúteis puderam deixá-la sozinha por todo aquele tempo.

— Chegou cedo. — Wood entrou na sala com a mão repousada na arma em sua cintura e caminhou com tranquilidade até a cadeira mais próxima. — Soube que tiveram uma madrugada difícil, deveria descansar mais um pouco.

— Sabia que ela podia ter caído da cama?

— O quê? — Ele comprimiu as sobrancelhas e vários vincos surgiram em sua testa como se eu tivesse acabado de ofender sua mãe.

— E se tivesse algum objeto pontiagudo por perto, Wood? Ela poderia se ferir gravemente — ralhei e ele encarou os próprios pés por um instante.

— Está falando da crise que a senhorita Cahill teve. — Subitamente ele ergueu o olhar em minha direção quando entendeu do que se tratava.

— Do que mais seria? — vociferei, puto da vida. — Wood, a senhorita Cahill estava se debatendo como nunca vi na vida, fora os gritos. — O homem fechou e abriu os lábios duas vezes antes de encontrar a voz para falar. — Ela correu um grande risco de se machucar inconscientemente e ninguém pretendia fazer absolutamente nada, além de abandoná-la ao próprio desespero.

— Tem razão — admitiu e foi a minha vez de arregalar os olhos, surpreso. — Sempre quis manter o lado profissional do pessoal separados, e geralmente, quando a senhorita Cahill tinha crises, seu pai não estava em casa. O senhor Cahill presenciou apenas duas delas, enquanto nós...

— Ouvimos várias. — Shaw, que só agora notei que estava parado na porta, completou.

— Nós precisamos separar o lado profissional do pessoal, Wood, você tem razão, mas se envolve a segurança dela, nos envolve também. Ela precisa da nossa ajuda e do nosso profissionalismo, mesmo quando estiver inconsciente.

— Concordo com você — Wood afirmou.

— Entrei em contato com Cahill hoje pela manhã. — Ganhei a atenção dos dois que agora me encaravam com uma interrogação piscando no meio da testa. — Contei a ele sobre o episódio e reforcei tudo que disse a vocês — relatei. — Sugeri a Cahill que contratasse de imediato uma guarda-costas sob minha indicação para ajudar no turno noturno. Assim ela pode ficar responsável por ajudar a senhorita Cahill, caso os episódios retornem.

— E o que ele disse? — Shaw soou esperançoso.

— Victoria Davis.

— Como? — Wood perguntou, confuso.

— Victoria Davis, a nova contratada, começa na próxima semana. Até lá, se a senhorita Cahill tiver outra crise, eu mesmo irei interferir.

— Uau — Shaw respondeu animado. — Ele não é incrível, chefe? — Torci os lábios diante o entusiasmo repentino do rapaz.

Shaw era enérgico, não ficava parado um minuto sequer, mas além de muito exagerado, ele também parecia ter um coração gigantesco.

— Fico feliz em saber disto — Wood afirmou com um pequeno sorriso no rosto marcado por linhas de expressão. — Espero que a senhorita Cahill encontre um pouco de paz ainda nesta vida — disse. — Bem, tenham um bom trabalho. Tenho que voltar ao escritório. O senhor Cahill precisa de mim.

— Espere! — chamei quando Wood já estava na porta e me aproximei o bastante para que Shaw não ouvisse o que estava dizendo. Apesar de saber de suas boas intenções, desde a noite em que conversei com Fantasma, uma preocupação que estava mais

para teoria da conspiração sondou minha mente e não queria espalhá-la por ali.

— Sim? — Wood me observou com um semblante preocupado.

— Quem medicou a senhorita Cahill?

— Quer saber qual foi a psiquiatra que a atendeu? — Meneei um aceno confirmando.

— Vou conseguir o nome dela para você. No momento não me lembro, mas foi uma boa indicação da senadora Claire — ele contou e enfiou as mãos nos bolsos da calça preta que usava. — A senadora sempre se preocupou com Jasmin como se ela fosse sua própria filha. É a figura feminina que a senhorita Cahill tem como referência.

— Entendo. — Comecei a estalar os dedos como sempre fazia quando estava pensando demais em um assunto. — Consiga o nome da médica, por favor.

— Vai tentar convencer a senhorita Cahill a se consultar com ela novamente? Porque isso faria um bem enorme para a menina.

— Sim, é exatamente o que vou fazer — menti.

Wood sorriu e saiu dali com uma expressão contente presa ao rosto, enquanto eu só conseguia me lembrar da breve conversa que tive com meu irmão.

— Qual é o tratamento para transtorno noturno? Como ela pode sair deste sofrimento, irmão?

— Admito estar sendo consumido pela mais pura curiosidade pelo fato de vê-lo envolvido em algo tão pessoal de uma VIP. Geralmente você se mantém afastado até de nós, irmão.

— É assunto de trabalho, Fantasma. Faz parte da minha profissão — respondi, mal-humorado.

— Sim, claro. Compreendo. E que irmão eu seria se não o ajudasse com seu trabalho, não é? — Ele riu descaradamente.

— Fantasma! — rosnei.

— Tudo bem, tudo bem — disse e respirou fundo, parando de rir. *— O tratamento é a boa e velha terapia.*

— O quê?

— Isso mesmo, irmão. Ela precisa de um acompanhamento psicológico. Nada mais. Em breve estará novinha em folha.

— E os remédios? Não precisa tomar nenhum?

— Em casos extremos o paciente precisa ter o sono induzido por medicação, geralmente nos primeiros meses da terapia, mas são remédios fracos, só para facilitar a indução de um sono tranquilo.

— Você precisou tomar algum deles?

— Sim — admitiu em um tom de voz mais baixo. *— Mas como disse, são extremamente leves, apenas para induzir e não forçar o sono. Raramente um médico os usa, ainda mais no caso dela. Pelo que você falou, as crises são esporádicas, certo?*

— Sim, os seguranças disseram que não acontecem com frequência.

— As minhas ocorriam todas as noites. — disse com pesar. *— Por isso foi necessário a indução medicamentosa. O caso dela é diferente. Procure outra psiquiatra e se quiser, posso indicar minha terapeuta. Ela é uma especialista e duvido que sua Jasmin terá que tomar algum medicamento.*

Minha Jasmin!

Xinguei uma meia dúzia de palavrões antes de desligar naquela noite, mas o que me surpreendeu foi ter descoberto sobre a medicação. Alguma coisa não se encaixava naquela equação e se Wood acreditava que eu a influenciaria a retornar para aquela psiquiatra, estava muito enganado. Faria o exato oposto o mais breve possível.

— Qual o relatório até agora, Shaw? — questionei o jovem assim que me sentei diante das câmeras. — Como a senhorita Cahill passou o dia? Ela está bem?

Queria me atualizar sobre cada passo que ela dava, principalmente nos instantes que precisava me ausentar da sua presença.

— Defina bem, senhor?

— Como?

— É que... aparentemente a senhorita Cahill está em perfeitas condições. Mas por causa do seu advindo mensal, ela parece prestes a morrer de tanto chorar.

— Advindo mensal? — Ergui as sobrancelhas, confuso e demorei alguns segundos até entender sobre o que ele estava falando.

— Bem, o senhor sabe. Aqueles dias em que...

— Sim, sim. Não precisa explicar. — Segurei uma risada diante da cara de preocupação e desespero de Shaw.

— Onde ela está agora?

— Lyon, está na escuta? Está vendo o Cristal? — Shaw acionou o comunicador e conectei minha rede no mesmo canal para

ouvir a resposta.

— Sim, ela acabou de entrar no quarto.

— Ainda estava chorando? — perguntei e me senti um tolo logo em seguida. O que eu tinha a ver com as lágrimas daquela garota?

— Sim, senhor. Parece nunca ter fim. — Ele suspirou.

— Droga — praguejei, profundamente incomodado. — Ok. Shaw, desça para o externo, vou assumir a sala de vigilância.

— Sim, senhor. — Ele pareceu aliviado. — Se precisar de absolutamente qualquer coisa, pode me avisar. — Meneei um aceno e ele saiu da sala logo em seguida.

Acomodei-me na cadeira em frente aos monitores e não demorou muito para que a pequena ladrazinha saísse do quarto novamente.

— Mas o que é isso? — Encarei o monitor e arregalei os olhos.

Comecei a rir sozinho ao ver Jasmin usando um conjunto rosa choque que poderia facilmente cegar alguém. Ela tinha um repertório de roupas muito diferente. Pela manhã, Jasmin parecia uma empresária de sucesso, fazendo jus à herança que iria herdar. No entanto, pouco depois, ela me aparecia com um conjunto todo rosa fluorescente que não condizia com aquela postura, mas que dava a ela uma aura diferente, agitada, alegre como a de uma menininha.

Continuei a observá-la, mas meu sorriso morreu no instante em que ela chegou à escada. Mudei de câmera e dei um zoom na que ficava bem na lateral à escada. Não podia vê-la com clareza, mas Jasmin prendeu o cabelo em um coque que deixava seu rosto

claro à mostra. As bochechas muito vermelhas eram de quem estava chorando por horas a fio. Um semblante de dor tomou seu rosto à medida que ela caminhava e uma fisgada despontou em meu peito. Queria poder ajudá-la de alguma forma, mas aquilo estava além da minha alçada.

Fui seguindo-a pelas câmeras até que a vi chegar na sala e ser amparada por Ruth. Jasmin assistiu a um filme, chorou, comeu pipoca, chorou de novo, deixando-me ainda mais agoniado e por fim, pausou o filme para fazer uma ligação. Para variar, chorou novamente, enfiando o rosto na manta fornecida por Ruth.

— Você vai desidratar, garota! — Levantei-me, irritado.

Será que tudo aquilo era por causa da TPM? Ou havia algo que tinha a magoado? Será que eu disse alguma coisa que a chateou?

A hipótese me apavorou.

Nunca convivi com uma mulher além da experiência horrível que tive quando morava com minha mãe e com meu pai, então não fazia ideia se aquilo era normal.

Já estava quase ligando para uma das agentes da Holder Security com quem costumava ter mais contato para tentar descobrir qualquer coisa quando Jasmin decidiu desligar a TV. Ela estava prestes a subir novamente quando Ruth a interceptou e a levou até a cozinha, onde a cozinheira a serviu uma sopa.

Depois disso, Jasmin, que mais parecia um urso de pelúcia rosa, praticamente escalou a escada e sumiu dentro do quarto logo depois.

Peguei-me aflito, torcendo para que ela melhorasse logo com o mesmo fervor que torcia para que Jasmin ao menos conseguisse

dormir a noite toda sem nenhum episódio de terror noturno.

Não sabia o que estava acontecendo comigo, mas andava mais preocupado com aquela aspirante à Bonnie e Clyde do que comigo mesmo.



A madrugada chegou e a hora da troca de turnos também. Ray ficaria responsável pela sala de vigilância, mas nem se eu quisesse, conseguiria sair dali, e de acordo com alguns boatos que tinha escutado, o homem era inquieto e adorava fazer a guarda noturna no pátio, para poder caminhar de um lado para o outro, então, assim que o vi entrar mastigando seu habitual chiclete, tive uma ideia.

— Quer fazer a ronda externa e me deixar aqui na sala de vigilância? Posso trocar com você — falei despretensiosamente.

Ele enrugou os lábios e me olhou de forma suspeita.

— Tá falando sério? Quer mesmo trocar o externo para poder ficar aqui? — Ele me olhou como se eu estivesse rasgando uma nota de cem dólares bem diante do seu nariz.

— Sim, estou falando muito sério, mas se não quiser...

— Eu quero, quero sim! — disse rápido.

— Ótimo. Então, ao trabalho. — Inclinei a cabeça para a porta e o observei sair quase correndo da sala de vigilância.

Fiquei sentado ali com os olhos fixos na tela central, onde a porta do quarto de Jasmin ficava. Estava preocupado e muito nervoso por não conseguir parar de pensar nela, assim como temia que, de alguma forma, a tivesse magoado, e pensar que ela

pudesse estar chorando por alguma coisa que eu disse estava me matando por dentro.

Eu era uma pessoa difícil de lidar e muitas vezes passava do ponto. Tinha consciência daquilo, e por isso, estava temeroso. E se eu fosse o culpado?

Permaneci ali por mais um longo tempo. Saquei minha arma, tirei e recoloquei o pente umas boas três vezes, inquieto como não costumava ficar. Recostei-me na cadeira almofadada que ficava mais desconfortável a cada segundo que passava. Na metade do tempo eu tentava não pensar nela, enquanto na outra metade, tudo que conseguia fazer era pensar na maldita.

Respirei fundo e encarei o monitor, sem saber o que esperar do restante da madrugada quando, para meu completo espanto, a porta do quarto de Jasmin se abriu lentamente. Coloquei-me de pé num salto e fiquei observando a tela como se a qualquer momento ela fosse aparecer diante de mim através do monitor.

Olhei para o relógio e percebi que já era quase uma da manhã. Aonde ela estava indo?

Jasmin usava um roupão amarelo tão fluorescente como o sol, e pior, o negócio tinha rabo e uma toquinha presa a ele que continha orelhas bem compridas de coelho. Só parte do cabelo loiro da garota escapava pelas laterais do seu ombro, o que significava que ela não estava tentando passar despercebido pelas câmeras. Ao menos foi o que imaginei. Afinal, ela estava usando uma fantasia de coelho amarela. AMARELA!

Que tipo de coelho era amarelo?

Continuei observando-a. Jasmin desceu as escadas, fazendo-me partir para uma segunda câmera e assim por diante até

chegar na cozinha.

— Qual sua posição, Ray? — questionei no rádio comunicador.

— Parado na entrada principal da casa, Lobo. Shaw vai assumir a saída norte em trinta minutos.

— Ótimo. — Se ela estivesse planejando algo, Ray a encontraria antes mesmo que eu anunciasse seu paradeiro no rádio.

Continuei de pé, observando o coelho ofuscante revirar todos os armários em busca de algo. Será que estava com fome?

Surpreendi-me quando ela encontrou um pacote de salgadinho, daqueles amarelos fedorentos e que não fazem nada de bom com o estômago. Torci os lábios. Ela comeu só uma sopa a noite toda, pelo que percebi. Aquele salgadinho poderia causar uma dor de estômago insuportável.

— Ah, que se foda. Isso não é problema meu. — Andei de um lado para o outro na pequena sala de vigilância. Os olhos pregados nos passos de Jasmin, que agora retornava ao quarto com o salgadinho a tira colo e os olhos presos no chão a sua frente.

Ela abriu a porta do quarto e sumiu lá dentro logo em seguida. Soltei o ar, exasperado, imaginando que, a partir de agora, só a veria no dia seguinte caso ela conseguisse dormir.

Voltei a me sentar na cadeira. Certa calma me sondou ao acreditar que parte dos problemas tinham acabado. Ao menos teríamos uma madrugada tranquila.

Mas quem eu queria enganar?

Aquela ali era Jasmin Cahill e pelo visto, nada relacionado a ela era calmo ou sossegado.

Não tinham se passado nem cinco minutos quando vi a janela do quarto de Jasmin se abrindo pela câmera externa. Crispei os olhos estranhando o movimento, quando do nada a garota coelho subiu na janela.

— Puta que pariu! — Por um instante todo o sangue do meu corpo pareceu descer para os pés.

O que ela estava fazendo? Se caísse daquela altura, poderia não sobreviver. Congelei ao cogitar aquilo.

Levantei-me num solavanco e corri o mais rápido que pude em direção ao seu quarto. Todo tipo de pensamento permeava minha mente. Eu nem sequer tinha visto o rosto dela quando foi até a cozinha. E se fosse sonâmbula? Não tinha nada escrito em sua ficha sobre isso, mas também ocultaram o fato do terror noturno.

Em um segundo fui metralhado de pensamentos horríveis e um deles realmente me fez temer. E se ela quisesse tirar a própria vida?

Abri sua porta com tudo e olhei para a janela. Prendi a respiração quando não a vi mais ali e o desespero correu por minhas veias.

— JASMIN! JASMIN! — gritei enfiando a cabeça através da janela. Medo e o mais puro pavor me consumiram.

E se ela caiu?

— Se Ruth acordar com essa sua gritaria, estamos os dois mortinhos. Pode parar de dar chilique, por favor? — ela falou baixo e muito sério. Só então encontrei a coelha sentada sobre o telhado que fazia divisa entre o quarto dela e um quarto secundário na direção oposta. — Pela sua cara de quem foi perseguido por uma assombração, acho que ninguém te contou, né? — Ela empinou o

nariz muito vermelho, assim como as maçãs do seu rosto, provavelmente de tanto chorar durante o dia. As mãos pequenas seguravam com afinco o pacote de salgadinho entre os dedos. — Pensei que soubesse de tudo.

Torci os lábios diante da sua petulância e crispei os olhos, encarando-a. Uma das orelhas estava meio torta e o capuz contornando seu rosto dava a ela uma aparência tão fofinha que aos poucos a raiva que eu havia acumulado começou a ceder. Como que, pelos infernos, se brigava com alguém vestida de coelho?

— O que está fazendo aí? — falei devagar e tentei manter minha expressão séria. Meu coração, de certo, estava em ótimo estado, caso contrário, uma hora dessas eu já estaria morto, enfartado no chão do quarto daquela mulher. Jasmin era realmente um teste cardíaco eficiente.

— Hoje é terça, ou foi — falou num sussurro.

— O que acontece às terças? É dia de escalar? — Ela jogou a cabeça para trás numa uma risada que fez o gorro cair, revelando os fios muito loiros desalinhados e um rosto muito mais abatido do que eu poderia imaginar.

— Não é dia de escalar. — Ela balançou a cabeça como se aquela ideia fosse a mais absurda do mundo. — É dia de ver as estrelas — contou. — Todas as terças eu e minha irmã nos sentávamos aqui para observá-las e sempre trazíamos um salgadinho desses para dividirmos. Já deve imaginar que Ruth não é muito fã deles, não é? — Ela sacudiu o pacote azul diante do rosto. — Então sempre escondíamos um no quarto e comíamos aqui. É uma das tantas tradições que tínhamos e que eu me recuso

a deixar morrer. Com o tempo, até Ruth cedeu e eles agora ficam guardados na cozinha.

Estava pensando num amontoado de xingamentos que diria para tirá-la dali a força, mas... e agora? Ela estava repetindo uma tradição que tinha com sua falecida irmã. Não podia simplesmente arrastá-la dali de cima. Uma sensação estranha ameaçou rasgar meu peito ao meio por imaginá-la ali, sozinha.

Jasmin tornava a minha missão de odiá-la a cada segundo mais difícil.

Droga de coelha safada!

Subi na janela, contra todos os meus sentidos de autopreservação que me alertavam para fazer exatamente o oposto.

— O que está fazendo? — ela questionou num fio de voz.

Equilibrei-me sobre o telhado e me sentei nas telhas ao seu lado.

— Não precisa ficar aqui comigo — disse. — Tudo bem se quiser ir embora.

— Meu trabalho é te proteger — respondi sucinto e tentei manter ao máximo o profissionalismo. — Não posso permitir que caia e quebre o pescoço. — Jasmin deu outra risada e levou a mão à boca. Percebi que gostava daquele som alegre, vivo. Um que raramente a via fazendo.

— Você até que é engraçado, onde estava escondendo esse senso de humor? — Abriu o pacote de salgadinho que no mesmo instante exalou o velho odor de chulé comestível.

— Tenho uma fama para zelar, senhorita Cahill. É difícil criar uma carreira como segurança mal-humorado, então preciso mantê-la. É melhor não sair por aí contando isso para os outros.

— Prometo guardar segredo, com uma condição.

— E qual é? — Virei-me para ela, atento e preocupado.

— Gostei quando me chamou pelo nome. Jasmin! JASMIN! — Ela encenou o pequeno surto que tive quando pensei que ela tivesse caído da janela. — Dramático? Sim, mas eu gostei tanto. — Ela sorriu.

— Por um momento fiquei preocupado com você. Diante da sua facilidade em cair de janelas, é justificável. Ai! — reclamei quando ela deu uma cotovelada no meu braço, mas fiquei genuinamente feliz quando Jasmin sorriu e pude notar que a expressão triste que vira em seu rosto momentos antes tinha desaparecido de vez.

— Obrigada por ter se preocupado. — Ela enfiou a mão no salgadinho e levou um à boca. — E falei sério, gostaria que me chamasse de Jasmin.

— Vai continuar a roubar minhas chaves?

— Quem sabe? É mais forte que eu. — Ela riu e não consegui conter o sorriso que surgiu em meu rosto.

— Escuta, Lobo... — Ela respirou fundo e encarou as próprias mãos, que notei terem apertado um pouco mais o pacote de salgadinho fedorento. — Me desculpe. — Ergui as sobrancelhas, confuso. — Por ter roubado sua moto e ter desejado que você de repente virasse um sapo. Sinto muito, passei dos limites.

— Acredite, faz parte do meu trabalho ser odiado pelos VIPs, mas nunca nenhum deles desejou que eu virasse um sapo.

— Algum deles já roubou algo seu?

— Não. Este feito também é exclusividade sua. — Ri. — O que está acontecendo, senhorita Cahill?

— Não vai mesmo me chamar pelo nome?

— Não. — Ela bufou. — E me responda. Está pensando em fazer alguma besteira?

— Não estou pensando em fazer nada além de ver as estrelas comendo esse isopor, quer? — Meneei um aceno, negando.

— Então o que houve? Recebeu alguma visita dos fantasmas de Natal? Não acredito que seja uma mulher que se desculpe com facilidade, principalmente depois de ter dito na minha cara que jamais o faria. — Ela sorriu com um salgadinho a centímetros da boca e o mordeu logo em seguida.

— Só não quero brigar com alguém que está tentando me proteger com tanto afinco — falou como se ao menos fizesse sentido.

— Acha que me engana, senhorita? Aposto que pretende me jogar deste telhado assim que tiver a oportunidade. — A descrença podia ser sentida em minha voz.

— Aí está ele de novo! O Lobinho raivoso e cético... — Ela revirou os olhos e conseguiu ficar ainda mais fofa do que antes.

Mas que diabos! O que estava acontecendo comigo para achar uma coelha devoradora de salgadinho fofa?

— Deve ter escutado — falou de súbito.

— Escutado o quê? — Fiquei confuso por um instante.

— A noite passada — relembrou. — Sei que tive um episódio. Você deve ter escutado. — Ela se encolheu dentro do roupão. — Sinto muito pelo que teve que ouvir. Obviamente eu nunca ouvi os sons que faço, mas dizem que é terrível. — Ela olhou para as mãos

apoiadas no pacote de salgadinho, desviando os olhos brilhantes dos meus.

— Não ouvi nada — disse quando percebi que Jasmin estava desconfortável.

— Você pode ser um bom guarda-costas, mas não é um bom mentiroso — alegou. — Hoje de manhã, quando coloquei os olhos em você, pude notar que me encarava de um jeito estranho. — Engoli com dificuldade. Será que estava escrito na minha testa os sentimentos conflituosos que vinha tendo por aquela mulher? — Consegui entender no mesmo instante.

— O que exatamente você entendeu? — Meu coração palpitou mais forte, aguardando a resposta.

— Que você não só ouviu tudo, como também estava com pena de mim. — Ela torceu os lábios, encheu a mão de salgadinho e enfiou na boca. — Não gosto que tenham pena de mim.

— Se tem uma coisa que nunca senti por você, senhorita Cahill, foi pena. Raiva, ódio, uma vontade absurda de te enforcar..., mas pena? — Ela gargalhou, fazendo-me sorrir junto com o som delicioso da sua risada. — Pena, não, nunca. — As bochechas de Jasmin coraram ainda mais e não consegui parar de observá-las. Era a coisa mais linda que já vi.

— Obrigada. — Ela comeu mais um pouco do salgadinho e tudo que consegui fazer foi me lembrar do momento em que a abracei na noite passada.

Ela estava trêmula, apavorada e o medo a fez querer me afastar a princípio, mas logo a seguir os braços que me empurravam começaram a me puxar para mais perto e era aquela maldita sensação, a de tê-la em meus braços, apoiando-se em mim,

buscando refúgio na minha proteção, era aquela sensação que me fazia pensar nela o tempo todo.

Eu ia enlouquecer a qualquer momento.

—Tem certeza de que não quer? — Ela apontou para o pacote quase vazio na minha direção. Balancei a cabeça com um sorriso despontando em minha boca e guardou o pacote, agora vazio, enrolado no bolso do roupão. — Posso te perguntar uma coisa?

— Se eu disser que não, vai adiantar?

— Nadinha. Vou perguntar 24 horas por dia até você me responder. — Sorriu, descarada.

— Então pergunte, já que está tão obstinada. — Comprimi os olhos em direção à coelha.

— Por que me deu aquele bombom? — Ela me pegou de surpresa e só me restou dizer a verdade.

— Naquele dia na praia... acabei derrubando seu bombom e percebi que ficou muito chateada.

— Achou mesmo? Creio que sou muito transparente com meus sentimentos. — Suspirou teatralmente.

— Você arremessou uma bola de areia no meu cabelo. — Apontei para os fios castanhos extremamente alinhados. — Ficou bem claro que aquele era um bombom importante. Não gosto de dever nada a ninguém. Foi por isso que o devolvi.

— Ninguém deveria tocar no bombom de uma mulher. — Torceu o nariz.

— O que tinha de tão importante naquele bombom? — Foi a minha vez de questioná-la.

— Era o aniversário da minha irmã — revelou. — Sempre passeávamos por aquela praia no seu aniversário. Sempre que podíamos, quer dizer. — Ela torceu os dedos na pontinha dos cabelos e abriu um sorriso triste. — Ela era viciada em chocolate e eu, a louca das tradições, queria levar um pedaço de bolo para comer na praia em homenagem a ela.

— Foi por isso que fugiu naquele dia? — A luz da lua cheia tocava os olhos de Jasmin, transformando-os em um lago profundo de ondas esverdeadas.

— Sim. Queria muito ir até lá, mas como não consegui fugir com um pedaço de bolo, então levei o bombom para comer lá. — Ela desceu os olhos para a telha coral.

— E eu o derrubei no chão. — Amaldiçoei-me mentalmente. Um nó doloroso fechou minha garganta. Tudo que ela queria era comer o doce na praia preferida da irmã. — Sinto muito pela minha atitude, senhorita Cahill.

— Não se desculpe, roubei sua moto, não se lembra? Eu bem que mereci. — Fiquei sem palavras, encarando-a como se nunca tivesse visto aquela mulher na minha frente. Uma necessidade absurda de tocar sua mão me invadiu, mas reprimi-a imediatamente e tossi.

— Ela é bem legal — falou de repente e me deixou novamente confuso. Estava sendo difícil acompanhar seu raciocínio olhando-a sob aquela luz intensa da lua que realçava cada pedacinho dela que eu queria ignorar. A boca desenhada formava um coração que eu adoraria traçar com o dedo.

— Do que diabos você está falando? — Pisquei assustado ao perceber no que estava pensando.

— Da sua moto. — Ela riu.

— Ah... sim. Sim! — Respirei fundo — Ela é uma moto de colecionador, como já disse uma ou duas vezes.

— Dez vezes, na verdade — brincou.

— Já que voltamos a falar da minha Spirit... tem algo que estou curioso para saber desde que nos encontramos pela primeira vez.

— O que é?

— Como aprendeu a pilotar uma moto como aquela?

— Nunca nem tinha encostado em uma moto como a sua — revelou. — Aprendi a pilotar com uma bem menor quando era adolescente. Um grande amigo do meu pai tinha um filho que estudava em uma escola próxima a minha. Acabamos nos tornando amigos e meu pai deixava que eu e minha irmã passeássemos no rancho da família dele aos finais de semana. Um dos raros lugares que ele aceitava que frequentássemos sem os seguranças, já que o amigo dele já tinha os próprios. Na época as coisas eram bem mais tranquilas e foi lá que aprendi — contou animada. — Não faz ideia do tanto de vezes que caí de cara na terra aprendendo a pilotar. Eu chegava em casa toda roxa, mas consegui esconder os machucados por um bom tempo. Tempo o bastante para me aprimorar e parar de cair, mas um dia, acabei sendo pega no flagra. Quando meu pai descobriu, nunca mais nos deixou voltar lá. — Deu de ombros com um biquinho preso aos lábios. — Mas é verdade o que dizem. Uma vez que você aprende a andar de bicicleta, nunca mais esquece, e com motos é a mesma coisa.

— Você adaptou seus conhecimentos para pilotar a minha moto — afirmei, perplexo.

— Sim. Acho que tudo depende da coragem. Quem pilota um modelo de moto é capaz de pilotar qualquer outro, mesmo que encontre dificuldade no início, acaba se tornando tudo igual. — Assim que Jasmin fechou os lábios, um silêncio entre nós se formou e foi quebrado pelo seu estômago que roncou alto. — Ah, meu Deus, era só o que me faltava. — Tapou os olhos com as mãos. — Desculpe por isso, mas acho que o salgadinho abriu meu apetite. — Encarou-me entre os dedos e dei risada.

— Melhor entrarmos. Você precisa comer algo mais substancial. — Levantei-me e Jasmin também fez o mesmo.

— Acho que está certo. — Estendi minha mão para que ela segurasse.

Seus dedos finos tocaram os meus com insegurança e percebi que estavam gelados demais.

— Se segure em mim, não vou te deixar cair — avisei e ela ergueu os olhos em minha direção. As íris cor de jade me sondaram com cautela.

Ela deu um passo inseguro, depois outro e segurava minha mão com força conforme caminhava. Ajudei-a a entrar pela sua janela e quando fiz o mesmo, encontrei Jasmin sentada em sua cama. A lembrança de vê-la ali, debatendo-se sem controle me abateu.

— Só tem um problema — ela disse baixo e encarou os pés descalços.

— O que foi? — Aproximei-me dela, que ergueu os olhos para mim.

— Não sei cozinhar e a única coisa pronta que encontrei na cozinha era esse salgadinho, então... — Deu de ombros. — Acho

que é melhor eu ir dormir.

— Posso cozinhar algo para você comer. — Me vi oferecendo e minha língua queimou assim que fechei a boca. Que porra eu estava fazendo?

— Faria isso por mim? — Um semblante de surpresa tomou seu rosto e ela me encarou com os olhos arregalados.

— Proteja seus pés com alguma coisa quente. Está frio demais para andar por aí descalça — resmunguei. — Te encontro lá embaixo e é melhor chegar lá antes que eu me arrependa.

— Obrigada, Lobinho! — Ela saltou da cama.

— Já estou me arrependendo — disse enquanto saía pela porta.

Pelo visto, parte do meu juízo tinha ficado naquele telhado.

CAPÍTULO 12

Jasmin Cahill

Só consegui acreditar que Lobo ia mesmo cozinhar para mim quando entrei na cozinha e o vi parado em frente ao fogão sem o blazer do terno e com um avental de Judith, onde um girassol reluzia bem no meio.

— O que foi? — Ele se virou para mim quando me flagrou segurando o riso ao vê-lo vestindo aquilo. — Isso? — Apontou para o avental. — É meu material de trabalho. Respeite-o, por gentileza.

— Sim, senhor. — Não consegui segurar uma gargalhada e notei que ele esticou os lábios, como se segurasse o riso.

Aproximei-me de Lobo e tive a impressão de que o fogão diminuiu de tamanho quando o homem parou em frente a ele. Meu guarda-costas aparentemente já tinha cozinhado o macarrão, que resfriava em um escorredor e agora estava prestes a terminar o molho.

— Sabe fazer macarronada? — Observei-o mexer um molho que exalava um cheiro delicioso pela cozinha.

— Sei fazer muita coisa. — Seus ombros largos, antes tão protegidos pelo paletó do terno, agora estavam mais a mostra e eu podia ver a protuberância dura dos músculos do braço se movendo conforme mexia a panela.

— Imagino que sim. — Não contive o comentário e ele sorriu de lado.

Vê-lo ali, despretensiosamente querendo me ajudar, acelerava meu coraçãozinho iludido de uma forma que eu queria muito evitar. Ainda assim, tinha ficado extremamente feliz pela companhia que Lobo me fez, minutos atrás. Era a primeira vez que via as estrelas com alguém que não fosse minha irmã.

— Espero que goste de macarronada. Esqueci de perguntar o que comia e acabei escolhendo minha especialidade — ele comentou e revirou o armário atrás de alguma coisa, e só parou quando encontrou um vidro vermelho de tempero.

— Sim, adoro. Na verdade, há poucas coisas que eu não coma. — Batuquei os dedos sobre a bancada da ilha que dividia a cozinha ao meio. — Até pedra desce com um pouco de água. — Brinquei enquanto Lobo seguia na sua busca infindável, agora revirando os talheres. — Talvez eu possa ajudar com alguma coisa. — Ofereci-me, inquieta e me aproximei da bancada onde um ovo repousava solitário.

— Você pode pegar a... — Ele mal tinha aberto a boca quando eu acabei esbarrando no ovo que rolou até a beirada da mesa, bem ao lado do fogão. Fui com tudo em sua direção com a mão esticada, mas não consegui chegar a tempo. O ovo caiu no chão no instante que me virei e esbarrei no sal, também tentei segurá-lo, e foi nesse intuito que senti um cheiro estranho de algo queimando.

— Meu cabelo! — gritei ao perceber que uma grande mecha estava queimando e acabei derrubando o sal quase todo no meu roupão.

— Senhorita Cahill! — Lobo me chamou entredentes e me segurou pelos ombros. Seus olhos percorreram meu cabelo até

pararem em uma das pontas. Só então vi um tufo de cabelo chamuscado. — Em menos de 30 segundos a senhorita quebrou um ovo, derrubou o sal e queimou o próprio cabelo. Faça um favor a nós dois e sente-se.

Encolhi-me dentro do meu roupão de coelho.

— Desculpe... — sussurrei me estapeando na intenção de tirar o sal da minha roupa. — Mas o que aquele ovo fazia ali?

— Coloquei-o ali quando pensei em fazer uma omelete, mas mudei de ideia para algo mais elaborado e que talvez a agradaria mais. Deixe-me ajudá-la — disse, mal-humorado e se virou para pegar um pano. — Você deveria ser proibida de pisar na cozinha. — Lobo começou a passar o pano nas laterais do meu roupão, tirando o sal que eu ainda não tinha visto. Sua mão enlaçou a abertura do roupão e seu corpo ficou ainda mais próximo do meu.

Ergui os olhos para observá-lo. Podia sentir sua respiração quente tocando meu rosto. Seu polegar resvalou em meu pescoço e estremeci, soltando um gemido baixo, assustada com o arrepio que me atingiu.

Seu olhar atento capturou o meu e ele repetiu o movimento, deslizando o polegar pela lateral do meu pescoço. As mangas da sua blusa estavam dobradas e exibiam os braços torneados e cobertos por um pelo escuro que subitamente quis tocar. Seus olhos quentes pousaram sobre meus lábios com a expressão de quem lutava contra algo novo, algo com gosto de proibido.

Fechei os olhos quando novamente o arrepio subiu por minha coluna e entreabri os lábios. Lobo soltou um som forte e baixo e enlaçou minha nuca com força. Pude sentir a aspereza de sua mão contra minha pele e tudo que desejei foi poder senti-la deslizar por

todo o meu corpo. O pensamento fez com que o centro do meu corpo pulsasse de expectativa.

Abri os olhos, levei a mão à sua gravata e a segurei, aproximando-me mais do seu corpo rijo.

— Senhorita Cahill. — Ele se afastou subitamente e suguei o ar com força. — Não posso. Sinto muito, mas não posso fazer isso — Sua voz estava carregada de dor.

Respirei com dificuldade, tomada por um êxtase que fazia minhas pernas tremerem e só então me dei conta da câmera parada bem diante de nós, observando cada segundo do que fazíamos.

Lobo apoiou as mãos nas duas extremidades do fogão e abaixou a cabeça.

— Não posso, não devo — repetiu, como se tentasse se convencer daquilo.

— Se eles não estivessem vendo, você poderia? — ousei perguntar. Queria muito saber se ao menos ele se sentia atraído por mim da mesma forma que eu parecia incendiar por ele.

— O que acha? — vociferou e arrancou o avental.

— Que diria o mesmo, ainda que estivéssemos completamente sozinhos — confessei. — Lobo se ergueu e quando se virou, nem sequer parecia o mesmo homem.

Algo nada sutil crepitava por trás das íris brilhantes de um jeito intenso, febril. Os punhos contraídos elevavam os músculos do braço e me diziam que ele estava tentando se controlar. Podia sentir o perigo através de cada passo que ele deu em minha direção e nem por um segundo quis me afastar.

— Não tem ninguém responsável pela sala de vigilância além de mim hoje — contou em um timbre baixo, rouco, que me

esquentou ainda mais. — É exatamente por isso que estou mantendo distância da senhorita. — Ele tentou se afastar novamente, mas agarrei seu braço com força e decidi colocar para fora o que mais estava me incomodando.

— Não consigo esquecer aquele beijo idiota — disse. Meu peito subia e descia no ritmo da minha respiração oscilante. — Mesmo quando te odeio, eu ainda lembro. — E sabe o que é pior? Ficar apegada a um beijo tão simples e ainda querer mais.

Lobo avançou sobre mim tão rápido quanto as batidas aceleradas do meu coração. Repentinamente senti seu braço envolver minha cintura em um toque firme, possessivo, puxando-me para ele. Seus olhos desceram para minha boca, o semblante faminto me inebriou e pude ver o exato momento que cedia a atração estranha, impulsiva e deliciosa que parecia nos cercar entre fios dourados e muito quentes.

Ele abaixou a cabeça e tomou meus lábios com os seus em um beijo cuidadoso e sedutor. Sua mão envolveu minha nuca e os dedos se firmaram ali causando um misto de sensações que eu jamais iria esquecer. Lobo abriu passagem em meus lábios com a língua, beijando-me com uma urgência erótica que me arrebatou.

Ele embolou os dedos em meus cabelos, enquanto me mantinha presa nos braços ardentemente duros, causando uma série de arrepios que me deixavam sem ar enquanto seu beijo levava tudo de mim.

Minha sanidade, meu desejo, minha alma... tudo!

Senti a protuberância dura pulsando em minha barriga e fui preenchida por um sentimento de êxtase por saber que também o afetava. Ele me ergueu pela cintura e me encostou contra a parede

da cozinha. Enlacei sua cintura com minhas pernas e subi em seu colo, tomada por um desejo afoito, desesperado. Lobo chupou minha língua e todo o meu corpo reagiu àquela sensação descendo por minha pele. Seus dedos calejados arranharam a pele do meu pescoço e desceram pelo vale dos seios, contornando-os por cima do roupão. As mãos subindo e descendo por minha silhueta com demasiada calma contida.

Arfei em sua boca, extasiada entre seus braços. Nunca tinha recebido um beijo como aquele na vida, que aumentou minha pulsação, desnorteou meus pensamentos e me deixou refém de Lobo, que parecia disposto a me devorar com os lábios.

Tê-lo entre minhas pernas, pressionando-me daquele jeito despertou algo primitivo, obsceno, que me inclinou a embolar os dedos em seus cabelos arrumados e gemer quando seu dedo resvalou a lateral do meu seio sob o roupão.

Mas o som trêmulo que escapou por meus lábios fez com que Lobo abrisse os olhos de repente, como se levasse um grande susto e afastasse a boca da minha.

— Porra! — Ele me colocou no chão e praguejou baixo, apoiando as mãos na geladeira, acima dos meus ombros, cercando-me. As veias em seus braços pulsavam. — Sinto muito. — Comprimiu os olhos com a ponta dos dedos. — Eu prometo... prometo que não voltará a acontecer. — Havia tanto arrependimento em sua voz que congelei. — Ele se afastou sem olhar em meus olhos novamente.

Acompanhei, desorientada, Lobo ir até o fogão, montar um prato de macarronada e colocá-lo cheio bem diante dos meus olhos.

A aparência e o cheiro estavam maravilhosos, mas subitamente perdi o apetite.

— Coma e descanse um pouco. — A frieza sutil em sua voz estava de volta. — Vou voltar ao trabalho. — Ele deu as costas e saiu da cozinha em passos rápidos.

Deixei-me cair sobre uma cadeira e encarei a macarronada por um bom tempo, imaginando o que poderia ter feito para que ele agisse daquela forma, mas não consegui entender. Levei a mão aos lábios inchados, marcados por ele e fechei os olhos.

Ainda podia sentir a barba áspera resvalando na pele sensível. Sua mão deslizando por meu corpo, seu desejo pulsando grosso, duro. Aquela foi a sensação mais gostosa que já senti.

Suspirei, inquieta com a sensação de que ninguém nunca possuiria minha boca daquela maneira intensa, rude e extraordinária.

De todos os homens no mundo, tinha que ser um com o qual eu nunca poderia ficar?

Rodei o garfo na macarronada e experimentei. Gemi, inconformada quando o sabor se espalhou por minha boca. Além de lindo e gostoso, ele ainda cozinhava divinamente bem.

Porcaria!

Lobo

Maldição!

Chutei a primeira cadeira que encontrei assim que coloquei os pés na sala de vigilância.

— Caralho! — Recostei-me na mesa, encarando as câmeras à minha frente.

Jasmin estava parada, encarando o prato como se ele de repente fosse capaz de criar vida diante dos seus olhos e eu só conseguia me amaldiçoar. Sempre vi com maus olhos qualquer um no meu ramo que desviasse da conduta moral e acabasse se envolvendo com um dos VIPs e era por isso que minha consciência estava me matando naquele momento.

Mas como poderia convencer meu corpo daquela conduta? Como poderia negar a atração continua e desesperadora que me abrasou ao vê-la ali, tão perto?

Ainda sentia o gosto doce daqueles lábios nos meus, da língua tímida, mas curiosa, sondando minha boca com entrega, do gemido baixo e sôfrego que ela emitiu quando pressionei seu corpo com o meu. Merda, a rigidez do meu membro pulsava dolorosamente enquanto a vontade de voltar lá e possuir aquela mulher ameaçava me sufocar.

Eu a queria, porra, a queria pra caralho, mas quem eu seria se me permitisse aquilo? Que tipo de guarda-costas eu seria se tocasse na minha VIP?

Minha...

Aquela palavra nunca me pareceu tão distante.

Passei as mãos pelos cabelos, ciente da decisão que precisaria tomar.

Daquele dia em diante, me manteria o mais distante possível da VIP. Ainda que a atração que sentia por ela estivesse crescendo a cada segundo, faria tudo para me manter longe o bastante, ainda

que todo o meu corpo pedisse o contrário, antes que fosse tarde demais.

Assisti Jasmin voltar ao quarto mais tarde com o peito latejando. Ela evitou olhar para qualquer uma das câmeras durante o trajeto. Um nó se estabeleceu em minha garganta quando ela bateu à porta do quarto.

Talvez estivesse me amaldiçoando naquele exato momento. Eu estava.

Joguei-me na cadeira e afundei o rosto nas mãos, torcendo para que ela conseguisse dormir sem sofrer nenhum pesadelo. Precisava de algumas horas longe dos olhos de jade daquela mulher para conseguir me estabilizar novamente.

Era meu desejo naquela noite. Que Jasmin permanecesse bem distante dos meus olhos. Mas pelo visto, alguns homens precisam ser testados diante das suas fraquezas.

Passava das quatro da manhã quando os gritos irromperam pela casa, reverberando pelas paredes e atingindo diretamente meu coração.

Nem sequer pensei e quando me dei conta, já estava no quarto dela.

Daquela vez, Jasmin estava vestida com uma camisolinha rosa que ao menos não a deixava nua. Ela chorava mais do que gritava e se debatia com o rosto tomado de vincos, como se estivesse perdida no meio do inferno.

Respirei fundo por um momento. Vê-la daquela forma me causava um incômodo doloroso e profundo que nunca tinha sentido antes, não depois de ter sido adotado. Há muito tempo eu não

sentia aquela vontade abrasadora de poder tirar com as mãos a dor de alguém.

Tomei-a em meu peito e a abracei com carinho. Seu corpo, muito mais pesado do que o normal, estremecia entre gemidos dolorosos. Comecei a recitar as palavras que a acalmaram na noite anterior. Desta vez, Jasmin não me afastou. Ela tremia, chorava e gemia baixo e profundamente, deixando-me agoniado.

— Estou aqui — falei em seus cabelos, sentindo o perfume doce de flores do campo me marcar de uma forma irremediável. — Ouça a minha voz, Jas. Você não está sozinha — murmurei. Ela envolveu os dedos no casaco do meu terno, enfiou o rosto na curva do meu pescoço e se agarrou a mim. Acalmando-se pouco a pouco.

Passei um longo tempo ali, embalando seu corpo no meu. Jasmin acabou dormindo novamente, mas não consegui soltá-la. Respirei fundo, apreciando um pouco mais do seu cheiro, guardando-o em minha memória com todas as forças.

Inclinei seu corpo até deitá-la sobre a cama e a cobri. Seu semblante estava calmo e cansado, mas ainda assim, parecia um anjo de tão linda.

Ergui uma mão e levei até seu rosto, acariciando a pele com cuidado.

Desejava tocá-la como nunca quis antes. Até o sol nascer, até esquecer quem éramos um para o outro, até que não houvesse mais nada que me impedisse de fazê-la minha.

Era um pensamento absurdo, que eu deveria enxotar imediatamente, mas quanto mais me obrigava a não pensar nela, mais eu pensava.

— O que eu faço agora?

Já era tarde demais.

CAPÍTULO 13

Jasmin Cahill

Sentei-me na cama de súbito, assustada, e voltei a cair no colchão quando me dei conta de que estava acordada.

— Meu Deus! — Apoiei meu corpo nos cotovelos e pisquei algumas vezes. Minha mente estava confusa e minha garganta dolorida, assim como meu corpo.

Mais uma vez... constatei.

Arfei e fechei os olhos. Uma vontade aguda de chorar subiu pelo meu peito, mas lutei com todas as minhas forças para evitá-la.

Sentia-me tão sozinha naqueles momentos. Tão solitária que chegava a sufocar, mas uma breve lembrança, quase surreal, preencheu minha mente com um pontinho de esperança.

Os braços protetores, o carinho cheio de afago e cuidado. Meu protetor, meu cavaleiro. Ele me salvou novamente, tinha certeza. Ainda conseguia sentir em minha pele sua preocupação, o que começou a me intrigar.

Como ele poderia parecer tão real se era fruto da minha imaginação? Balancei a cabeça de um lado para o outro.

Meu cavaleiro devia ser um escape criado pela minha mente para me libertar daqueles malditos pesadelos, mas ainda assim era muito grata por ter algo em que me agarrar depois de mais uma crise de terror noturno.

Revirei-me na cama e fiquei ali por um tempo, perdida em meus próprios pensamentos. Sabia que não poderia ficar ali o dia todo, precisava estudar e rever alguns detalhes do projeto. Além do jantar que teria hoje com papai e tia Claire.

Precisava me esforçar.

Levantei-me contra a minha vontade e tomei um longo banho. Cada segundo que se passava, eu tentava não pensar no que aconteceu na noite anterior, mas sempre que me distraia com qualquer coisa, uma gota que fosse, era arremessada ao instante em que a língua de Lobo invadia minha boca com desejo. Bastava pensar nele para que todo meu corpo se acendesse e uma tristeza profunda tomasse meu peito. Era o misto de sensações mais estranhas que já senti.

A única certeza que tinha era de que não poderia ficar escondida no quarto o dia todo, então, depois de passar um bom tempo encarando a porta de madeira do cômodo, decidi começar meu dia. Se eu o encontrasse, fingiria que nada aconteceu entre nós e imaginava que ele faria o mesmo. Então, ergui os ombros e abri a porta, pronta para encará-lo, ou ao menos eu imaginava que sim.

Certa decepção me atingiu quando desci para tomar café e não o vi pelo caminho.

Entrei na cozinha que exalava um cheiro delicioso de café recém passado.

— Que cheiro bom, Judith! — disse e observei Ruth, que estava parada ao lado da cozinheira, com seu habitual traje social, virar o nariz pontudo em minha direção. — Bom dia, Ruth...

— Bom dia, senhorita. Andou cozinhando durante a noite? — Arregalei os olhos, surpresa por ela ter notado. Tentei limpar tudo o máximo que consegui na noite passada, mas pelo visto, algum vestígio tinha ficado para trás.

— Sim, senti fome de madrugada.

— E como cozinhou, já que não sabe? — Ruth inqueriu e cheguei a abrir a boca com a esperteza nada sutil da mulher.

— Bem, fiz a maior bagunça. — Peguei um pedaço do meu cabelo, o que estava com as pontas chamuscadas e a mostrei. — Até queimei o cabelo, mas consegui cozinhar assistindo a um tutorial na internet — menti. — Não foi tão difícil — respondi com naturalidade.

— Pobrezinha, vou deixar alguns sanduíches prontos na geladeira para caso sinta fome. — Judith interrompeu prestativa.

— Será de grande ajuda, obrigada. — Sorri, mas não deixei de notar o olhar revirado de Ruth para mim.

Terminei meu café e desapareci da cozinha o mais rápido que pude. Passei o restante da manhã tentando estudar, mas as palavras de repente perderam o sentido, assim como eu, aparentemente, tinha perdido o rumo.

— Droga. — Empurrei o amontoado de livros sobre a mesinha de estudos do meu quarto e enfiei o rosto nas mãos. Sentia-me perdida e frustrada. Tudo que eu era estava bem diante de mim, e não conseguir prestar atenção nos estudos me fazia sentir uma fraqueza absurda.

Meus olhos recaíram para um par de fones abafadores que estavam abandonados sobre a mesinha há muito tempo. Eles

estavam embolados e nem sequer me lembrava da última vez que os usei.

Abri mais os olhos, encarando-o e uma ideia me veio à mente.

Desde que perdi minha irmã, vinha sentindo que perdi parte de mim mesma. Aquele era o pior sentimento que alguém poderia carregar, o de ser alguém vazio, solitário. Mas a verdade era que eu nunca estive sozinha de verdade.

Peguei os fones e os desembolei bem devagar.

Havia algo que interligava Magnólia e eu. Assim como havia algo que me trazia vida, uma vida que eu ignorei por três anos. Minha essência, minha alegria e também minha tristeza.

A dança.

Peguei meu celular e conectei os fones de ouvido. Desci para o jardim logo em seguida e quando me vi sozinha entre os arbustos, coloquei a primeira música de uma das minhas playlist favoritas. Uma que não escutava há muito tempo.

A melodia começou lenta, sentimental e foi e intensificando. Fechei os olhos, parada no meio do jardim, sentindo cada palavra adentrar minhas células, como uma vitamina, fortalecendo meu coração.

Abri os olhos e comecei a caminhar olhando para meus pés, sentindo a música chacoalhar minha alma e quando me dei conta, estava parada em frente a academia de dança.

A última vez que entrei lá dentro eu era outra pessoa. Esperançosa, alegre.

Encarei o meu reflexo através de um dos grandes espelhos presos à parede e comecei a me perguntar o que aconteceria se eu

entrasse lá novamente. Dei um passo e parei em seguida. Meu coração acelerou tanto que temi ter um treco a qualquer momento, mas o som em meus fones me instigava a continuar, a descobrir como era me sentir viva mais uma vez.

Queria tanto sentir a música novamente que só de imaginar, meus olhos embaçavam com as lágrimas que tentava conter.

Dei mais um passo, como se estivesse sendo puxada pela maré para um mar aberto desconhecido, mas que prometia uma liberdade que há muito não experimentava. Quando percebi, já estava com um pé dentro do salão de dança. Pela primeira vez em três anos. Minhas pernas tremiam, assim como meus dedos. O cheiro de piso encerado tocou meus sentidos enquanto os dois espelhos pendurados nas laterais mostravam meus olhos muito vermelhos com a força que fazia para não chorar.

Um misto de dor e saudade me preencheu quando repousei os olhos sob a caixa de som em um cantinho do salão. Caminhei até ela, meio anestesiada e percebi que havia um pendrive sobre a mesa. Antes que me arrependesse, conectei-o na caixa de som, tirei os fones e aumentei o volume. Parei no meio da sala e fechei os olhos quando o primeiro acorde me alcançou e uma versão angelical de *Amazing Grace* preencheu todo o ambiente.

Abri os braços, sentindo a música varrer todo o meu corpo e tocar minha alma. Havia dor, frustração e saudade escondidas sob a camada da minha pele e cada um daqueles sentimentos começou a latejar à medida que a música me invadia.

Ergui a cabeça, o som me envolveu em uma nuvem mágica, onde toda a minha angústia e solidão foram expostas. Ergui o pé em uma ponta e estiquei a perna, exibindo todos os meus medos.

Como eu queria dançar, como queria libertar minha alma daquele tormento, de toda a dor que me marcava diariamente.

Foi então que me concentrei na letra da música, onde uma voz, encantadora quanto a de cem anjos, recitava com calma e amor:

Maravilhosa graça, quão doce é o som
Que salvou um miserável como eu
Eu estive perdido, mas agora fui encontrado
Era cego, mas agora eu vejo

Solucei ao sentir que chegou a hora de permitir que aquele som me envolvesse. O rosto molhado não me impediu de me erguer sobre os pés, rodando meu corpo lentamente conforme a música me lavava. Conforme ela limpava minhas feridas tão antigas e tão dolorosas.

Saltei sobre a dor, rodei entre pesadelos e me permiti expressar com o corpo tudo o que sentia em minha alma tão machucada.

Dançar era como voar sem asas e por um longo tempo eu me esqueci de qual era a sensação de tirar os pés do chão.

O Senhor prometeu-me o bem
Sua palavra assegura minha esperança
Ele meu escudo e porção será
Enquanto a vida durar

Solucei alto parando no instante em que a música cessou. O silêncio me tirou da bolha mágica a qual tinha me enfiado. Todo o meu corpo tremia da cabeça aos pés, mas uma paz, uma que até ontem eu não sentia, me atingiu. Era como se Mag estivesse ali, feliz por mim.

Levei a mão ao peito com medo de que a qualquer momento meu coração fosse parar e quando tive coragem de abrir os olhos pela primeira vez, vi Lobo parado na porta da academia, observando-me com um vinco entre as sobrancelhas e os óculos escuros na mão.

Minhas pernas ficaram bambas e perdi as forças, caindo de joelhos no chão. Todo o choro que vinha prendendo nos últimos anos se libertou.

Lobo

Ninguém me avisou. Ninguém me preparou para o que era a visão de Jasmin dançando naquele lugar.

Estava fazendo a rota quando escutei a música ecoando da academia de dança e nem sequer acreditei que ela pudesse ter entrado lá. Desde que cheguei, um dos assuntos mais falados era aquele. Todos naquele lugar pareciam esperar pelo momento em que ela fosse voltar a dançar e eu, como tolo que era, imaginei que já tivesse testemunhado Jasmin dançando *de verdade*.

Estava enganado.

Parei em frente ao salão com os olhos vidrados na imagem mais graciosa do mundo. Aquela noite na boate nem se comparava

ao que estava acontecendo dentro daquele salão.

Ela estava com os olhos fechados. Os cabelos loiros e soltos balançavam livres ao redor do rosto, junto com os movimentos que ela fazia. As pernas iam de um lado para o outro em saltos alternados, os braços se moviam como uma fita em um show de cores vivas, embalando seu corpo junto com a melodia. Vê-la dançar era emocionante e delicioso de uma forma quase sobrenatural. Como se Jasmin tornasse impossível encontrar beleza em qualquer outra coisa no universo, que não fosse ela.

Leve, pura, perfeita. Sim, Jasmin era mesmo como um anjo.

Ela deu um salto alto, com as pernas bem abertas e caiu no solo, rolando e se levantando em uma velocidade impressionante, como se nem se desse conta dos movimentos intensos que fazia. A expressão em seu rosto era impactante, em um misto de dor e alívio.

Jasmin estava chorando. Os lábios trêmulos me diziam muito. Ela tinha acabado de superar um dos seus maiores traumas. Não entrava lá desde que a irmã se fora e sua dança revelava saudade, amor, perda e todos os sentimentos que eu custei a sufocar em minha vida.

Demorei a me dar conta de que minha mão estava parada rente ao peito, na tentativa de conter a dor súbita que despontou ali.

Ela era como a música entrando em meus ouvidos, encantadora, viciante, libertadora. Jasmin era uma bailarina esplêndida e eu a sentia dançar no único lugar que ela deveria ficar bem longe. Dentro do meu peito.

Levei à mão aos óculos e os retirei. Incapaz de olhar para qualquer outro lugar. Jasmin deu um último giro e parou no instante

em que a música terminou. Ela abriu os olhos que agora estavam vermelhos, assim como a pontinha do seu nariz e me descobriu ali, observando-a. Pude sentir quando sua essência me atingiu, como se estivéssemos conectados por uma linha transparente através do olhar, uma linha que tentava me puxar para ela, ainda que lutasse com todas as minhas forças. Ficamos nos encarando por um longo minuto e os lábios de Jasmin começaram a tremer. Ela fechou os olhos, ergueu a cabeça e despencou no chão soluçando.

Não sei dizer o que senti quando a vi cair de joelhos. O choro alto me atingiu e um misto de raiva, preocupação, desespero e agonia me cercaram. Não pensei duas vezes. Corri em direção a ela, jogando-me de joelhos à sua frente. Envolvi seu corpo que tremia muito e a embalei em meus braços. Jasmin enfiou o rosto na curva do meu ombro como se buscasse algum tipo de conforto e proteção. Seus dedos enlaçaram meu terno e ela chorou compulsivamente. Um grito doloroso subiu por sua garganta, fazendo a porra dos meus olhos arderem.

Só conseguia imaginar como era para ela entrar ali novamente. Dançar em um lugar que sempre foi feito para duas, mas agora... só existia uma.

A dor da perda era algo que eu conhecia bem, assim como a maldade do mundo, e eu daria qualquer coisa para que ela não tivesse que enfrentar tudo aquilo.

Ela soluçou, tossiu, engasgou. E eu continuei ali, ajoelhado com ela em meus braços no meio do salão de dança, amparando-a de todas as formas que podia.

— Você foi corajosa — sussurrei em seus cabelos. — Está ouvindo, Jas? Foi muito corajosa. — Ela balançou a cabeça,

concordando entre soluços. — Vai ficar tudo bem. — Beijei sua testa e arregalei meus próprios olhos quando percebi o que tinha feito.

Olhei sobre o ombro, verificando se havia alguém por perto e as únicas duas pessoas que encontrei foram Ruth e Judith. Ambas agarradas ao braço uma da outra, observando a cena. Judith chorava copiosamente, enquanto Ruth dava o seu melhor para esconder às lágrimas silenciosas que desciam por seu rosto. Ao notar que eu as vi, ambas desapareceram dali no instante em que Jasmin se agarrou a mim.

As mãos apalparam meu peito, como se tentasse perceber se aquilo era mesmo real. Segurei sua mão com a minha e ela sugou o ar, surpresa com algo e me abraçou com força.

— Era você — disse baixinho, ainda agarrada ao meu paletó.

— O quê? — questionei, confuso.

— O cavaleiro de armadura negra. — Soluçou. — Q-que me salva toda noite. Eu reconheceria... — Ela afastou o rosto, encarando-me com o as bochechas muito vermelhas. — Reconheceria esse abraço em qualquer lugar. — Congelei no lugar.

Mas que porra! Ela lembrou.

— É você, não é? Que me abraça quando tenho crises. — Havia algo escondido sob as íris verdes cercadas por lágrimas. Algo profundo como as águas de um lago.

— Sinto muito, senhorita Cahill. Eu menti — confessei. — Menti quando disse que não ouvi nada. Na verdade, escutei tudo e não consegui me controlar. Sinto muito por ter invadido sua privacidade, principalmente depois do que aconteceu ontem, mas...

— Obrigada. — Ela me abraçou com força, surpreendendo-me. — Obrigada — repetiu e chorou copiosamente.

Acariciei suas costas e a embalei em meu peito por longos minutos.

— Não era sua obrigação — disse e ergueu os olhos um tempo depois. — Sei que os pesadelos podem ser mais incômodos para quem os escuta do que para quem os têm. Sinto muito pelo que teve que escutar. — A voz fanhosa me fez sorrir.

Sondei seu rosto, agora muito mais vermelho. Os olhos, mesmo inchados, eram lindos e expressivos. Envolvi seu rosto com ambas as mãos.

— Qual a parte do “somos um” você não entendeu? — Ela suspirou fundo e abriu um sorriso fraco, porém, verdadeiro. Podia jurar que era o primeiro que dava em muito tempo.

Seus olhos ficaram presos aos meus por e ali eu percebi duas coisas. Sentia uma vontade absurda de provar o gosto daqueles lábios novamente. Queria devorar cada pedacinho daquela boca desenhada, queria senti-la em todos os cantos e aquela constatação me assustou.

Desde o momento em que aceitei a missão eu já tinha uma certeza em meu coração. Faria de tudo para protegê-la, ainda que precisasse matar meio mundo no caminho, e agora, tinha certeza absoluta de que se não me controlasse e agisse somente como seu guarda-costas, acabaria com Jasmin em meus braços.

Bem sabia que já tinha caído em seus encantos.

CAPÍTULO 14

Jasmin Cahill

Passei o restante do dia dentro do quarto. Sentia-me exausta, física e emocionalmente, e ainda não podia acreditar em tudo o que tinha acontecido.

Então era ele...

O cavaleiro que me salvava toda noite. Um misto de vergonha e gratidão me preencheu. Ainda podia sentir seus braços ao meu redor, protegendo-me com carinho. Um carinho que eu não esperava, principalmente depois do beijo de ontem.

Um toc-toc leve chamou minha atenção.

— Posso entrar? — Ruth disse da porta.

— Sim, claro — falei, deitada em minha cama.

Ruth entrou logo em seguida, trazendo o almoço para mim. O cheiro delicioso da comida de Judith preencheu o cômodo e meu estômago roncou alto.

— Muito obrigada, Ruth — agradeci quando a mulher pousou o almoço na mesinha do quarto.

— Fiquei sabendo que resolveu voltar a dançar. — Ela pigarreou e um brilho intenso preencheu seus olhos escuros.

— Sim. — Sorri de lado com a lembrança que me trazia uma sensação de liberdade indescritível. — Acho que no fim das contas, não vai demorar muito para que a professora volte.

— Estou particularmente feliz com esta notícia, senhorita Cahill. — Ela não me olhou nos olhos, mas notei o tom de voz baixo e emocionado que Ruth, sempre tão durona, tentava esconder.

— Obrigada, Ruth, por nunca desistir de mim. — Suspirei.

— Coma tudo, senhorita e fique bem. Já é agradecimento o suficiente. — E saiu sem voltar a me encarar. Sorri para a travessa tampada sobre a mesa e pela primeira vez senti que começava a ver um pouco de luz na escuridão que me cercava há três anos.



Tentei ler um livro depois que terminei o almoço, mas não conseguia me concentrar. Bastava começar a ler para que meus olhos se perdessem e minha mente voltasse ao exato momento em que fui envolvida no abraço mais gostoso do mundo. Lobo tinha cheiro de perigo, e gosto de perdição. Uma combinação que me deixava quente a ponto de estremecer.

Abandonei o livro e fechei os olhos, desejando voltar àquele instante, onde suas mãos firmes me envolviam como se eu pertencesse a ele. Sua voz baixa sussurrando em meu ouvido ainda me fazia arrepiar.

Naquela manhã ele não se importou com a etiqueta que tanto zelava, pouco ligou para as regras que o afastavam de mim. Mal raciocinei quando a música parou. Tudo que consegui fazer foi cair no chão, fraca pela descarga de emoções que corria pelas minhas veias. Minha mente estava confusa, obscura, meu coração doía tanto que cogitei estar sofrendo um enfarto e quando imaginei que, mais uma vez teria que lidar com aquilo sozinha, para minha

surpresa, Lobo entrou na minha dor. Ele tocou minhas feridas com suas mãos e mesmo que ainda doessem, senti pela primeira vez que não estava completamente sozinha com toda aquela aflição.

Soltei o ar entre os lábios, tentando ignorar o palpitar estranho no meu peito. Um calorzinho insistente que me deixava eufórica.

Meu celular tocou quando recebi uma mensagem. Alcancei o aparelho e desbloqueei a tela. Comprimi os olhos quando vi que era uma mensagem da tia Claire.

Não se esqueça que temos um jantar hoje, querida. Estou levando um presente sensacional. Seu pai pediu a Ruth que fizesse sua torta de maçã favorita, e a minha também :).

Sorri para o celular. Podia imaginar minha tia tentando convencer Ruth a fazer aquela torta que, cá entre nós, era divina.

Nem conseguia me lembrar quando foi a última vez que jantamos todos juntos. O que será que deu neles? O jantar já estava marcado, mas torta de maçã e presentes surpresa?

Estreitei os olhos, já imaginando o que poderia ter acontecido. A bocuda da Ruth deve ter contado a eles sobre os episódios de terror noturno e da minha pequena ida à academia.

Ainda assim, não consegui evitar a faísca de alegria que explodiu em meu peito. Papai estaria em casa de noite, disposto a passar um tempo comigo. Revirei-me nos lençóis de seda e parei olhando para o teto. Talvez fosse a chance perfeita para, quem sabe, conseguir autorização para ir à festa de Carla no final de semana. Aquilo seria perfeito.

O não eu já tinha, bastava agora buscar o sim.



A noite caiu e uma corrente fria se abateu sobre a casa. Escolhi um vestido felpudo rosa claro e curto, mas bem quentinho. Fiz alguns cachos nos cabelos e arrisquei marcar os olhos com um sombreado preto que os destacavam. Corri até o espelho quando terminei e gostei muito do que vi.

Estaria me enganando se dissesse que estava me arrumando para jantar com meu pai e minha tia.

Na verdade, estava pensando *nele.* Ainda que soubesse que aquilo era uma loucura.

Uma sensação estranha me incomodou quando me virei para a porta prestes a sair e fiquei me perguntando onde estavam as tais borboletas no estômago que sempre ouvia falar quando as mocinhas ficavam nervosas nos livros de romance. O nervosismo que estava sentindo mais parecia com uma dor de barriga, isso sim.

Desci as escadas olhando para todos os cantos e murchei um pouco quando não vi Lobo por ali.

Será que aquele não era seu turno? Torci os lábios quando percebi que talvez ele nem sequer me visse naquela noite.

Caminhei até a sala de jantar, onde uma conversa alta e agitada acontecia. Ao que tudo indicava, eles já tinham chegado.

— Olá, minha querida! — Tia Claire me cumprimentou, abrindo um gigantesco sorriso no rosto fino. Entrei no ambiente sem muitas expectativas e corri até ela, jogando os braços ao redor de seu pescoço em um abraço apertado.

— Que saudade, tia.

— Você está muito linda, filha — meu pai comentou e eu me virei para ele.

— Obrigada, pai. É bom vê-lo depois de tanto tempo — provoquei, sentando-me ao seu lado. Ele deu um sorriso fraco e tocou a taça de vinho à sua frente.

— Ando trabalhando mais do que deveria e sinto muito por isso — admitiu. — Prometo que em breve as coisas voltarão ao normal.

— É o que espero. Mal o vejo e olha que de certa forma, trabalhamos juntos — Claire mencionou com um largo e estonteante sorriso.

Minha tia adquiriu parte das ações da empresa juntamente com os novos sócios. Infelizmente uma parte ainda menor, pelo que tinha entendido, do que o babaca do Foster possuía.

— Tia Claire, me conte, como andam as coisas no senado? — Puxei assunto.

— Ah, querida, eu te entediaria com este assunto enfadonho. — Brincou.

— A mim, entedia — meu pai sussurrou em minha direção e recebeu um tapa no braço de tia Claire. Dei risada, feliz por estarmos em família.

— Melhor que este assunto é o presente que tenho para você. — Ela bateu palmas em frente ao rosto e levou a mão ao colo. Só então vi uma caixinha prateada, com um pequeno laço da mesma cor.

— Tia, não precisava. — Abri um sorriso enquanto pegava a caixinha das suas mãos.

— Faz tempo que não te dou um presente. — Ela colocou as mãos, que carregavam quatro anéis em cada uma, sobre a mesa.

Abri a caixinha, tomada de expectativa. Um par de brincos reluziu assim que tirei a tampa. Eram duas pérolas, mas diferente das que costumávamos ver por aí, elas não eram brancas ou cor de gelo, e sim, muito pretas.

— São pérolas negras — papai disse, empolgado.

— De cada 100 pérolas produzidas na natureza, apenas uma é preta. — Tia Claire completou, entusiasmada e só então me dei conta da raridade dos brincos que estava segurando. — Elas são formadas dentro da concha por camadas de Náctar...

— Nácar, querida — meu pai a corrigiu e deu um tapinha carinhoso em sua mão sobre a mesa.

— Isto! — Rimos juntas. — Nácar.

— Estes brincos devem ter custado uma fortuna, tia. — Abri a boca, surpresa.

— Nada que você não mereça. — Levantei-me e dei a volta na mesa, abraçando-a com afinco.

— Muito obrigada, vou usá-los com sabedoria.

— Dizem que eles atraem positividade e energia, então, use-os sempre — garantiu.

Passamos o restante da noite envolvidos em uma conversa amena.

— Comprei um rancho no interior que você vai adorar, Jasmin. — Minha tia comentou. — Um dia vou te levar lá para conhecer e quem sabe, andar um pouco a cavalo.

— Adoraria, tia — falei super empolgada. — Nunca montei um cavalo na vida. Seria uma experiência incrível.

— Acho que o ar do campo vai fazer muito bem a você, querida. — Papai completou e eu sorri diante da sua calmaria. — Soube que voltou a dançar — comentou casualmente e concordei com a cabeça. — Fiquei extremamente feliz em saber disto, filha. — Ele alcançou minha mão.

— Eu também, querida. — Tia Claire acariciou meu ombro.

— Chegou a hora de retomar minha rotina — comentei no minuto em que Judith serviu a torta de maçã e percebi o quanto meu pai parecia leve.

Talvez minha chance estivesse ali, bem debaixo do meu nariz. Já fazia muito tempo que não encontrava meu pai de bom humor, tinha que aproveitar a oportunidade.

— Papai, por falar em rotina, lembra da Carla? — Comecei e notei que tanto a atenção dele, quanto a da minha tia se voltaram para mim.

— Carla? — Ele crispou os olhos.

— Minha amiga — relembrei-o. — A de cabelos cacheados e...

— Que sempre está envolvida em suas fugas? — Ele colocou as mãos sobre a mesa.

— Sua memória está boa. — Tia Claire riu e notei que meu pai segurou um sorriso. Aquilo era uma coisa boa. — O aniversário dela está chegando e eu queria muito poder ir.

— O que está acontecendo aqui? — ele questionou sério, inclinando-se sobre o pedaço da torta de maçã que foi servido em seu prato. — Você está *me* pedindo para ir a uma festa? — Prendi a respiração por um momento, já prevendo a negativa. — Desde quando você me pede alguma coisa? Pular os muros está fora de

cogitação? Pensei que fosse tentar fugir. — Meu pai riu e pegou o garfo, cutucando a torta logo em seguida. Soltei o ar, exasperada.

— As sombras que vivem atrás de mim não me permitem sequer respirar sozinha. — Olhei para minha tia que observava a conversa com interesse e voltei a atenção para meu pai, piscando os cílios sem parar. Se não conseguisse convencê-lo por bem, só me restava fazer um drama. Chorar e me jogar no chão, quem sabe? — É uma festa importante, todos os meus amigos estarão lá e eu sinto muito a falta deles, pai — disse sincera.

— Haverá mais festas como essas depois da fusão da empresa e do lançamento do J.A.S, minha filha. Ainda é muito perigoso... hum, prove a torta, Claire. Está magnífica. — Ele desviou do assunto e enfiou mais uma garfada na boca.

— Pai... — chamei e cobri sua mão sobre a mesa com a minha, ganhando sua atenção novamente. — Você reclama que não respeito suas decisões, mas também não respeita as minhas.

— Filha, você sabe que...

— Eu tenho 23 anos, pai. Sou uma mulher formada e muito inteligente. Sei que cometi alguns erros nos últimos meses e mentiria descaradamente se dissesse que me arrependo do que fiz. — Soltei num rompante. — Estou vivendo uma vida solitária dentro destas paredes. Não posso ver os poucos amigos que tenho, não posso estudar fora e mal tenho a companhia do meu próprio pai. Então, sim, eu fugiria novamente se isso me trouxesse o pouco de alegria, ainda que colocasse minha vida em risco. Mas estou respeitando sua preocupação e com certeza também estou disposta a seguir com os homens de preto no meu encalço, mas quero ir

nesta festa pai, é algo importante. E se quer que eu continue te respeitando, preciso que faça o mesmo por mim.

Ele me encarou pensativo e fechou a mão em punho. Passou os olhos pela mesa e torceu os lábios.

— Sabe por que me preocupo tanto, não sabe? — ele me perguntou. — Toda vez que você sai por aquela porta eu tenho medo de que nunca mais retorne, filha. — Sua voz diminuiu um tom e pela primeira vez em anos, vi meu pai renunciar ao papel de empresário durão e imbatível.

Seus olhos ganharam um tom cinza escuro sob a luz opaca da sala e deixavam claro toda a insegurança por trás de cada uma daquelas palavras.

— Você é minha Jasmin. Minha flor, minha joia. — Enlacei meus dedos nos dele, emocionada por encontrar uma conexão que não sentia há muito tempo. — Se eu te perder, perco tudo.

— Não vai me perder, pai — garanti. — O senhor não estava se gabando por ter um Lobo no encalço da sua filha? Talvez seja a hora de usá-lo. — Brinquei e arranquei um sorriso no rosto cheio de vincos do meu pai.

— Ela está certa, Mason. É só uma festa e ela foi privada por anos de ir a qualquer evento que não acontecesse entre estas paredes. Conhecemos a Carla e, apesar de juntas elas terem cometido uma sandice ou outra, sabemos que é uma boa garota. Quem nunca cometeu tolices na juventude? — Minha tia saiu em minha ajuda. — Deixe-a ir sob vigilância dos seus seguranças.

— Você está do lado de quem? — Meu pai estreitou os olhos para ela e eu sorri, eufórica com a simples possibilidade de ele dizer sim.

— Por favor, pai! — Choraminguei como se tivesse 10 anos de idade.

— Não sei. De nada adiantou a equipe de segurança quando... — Ele parou de falar e bem sabíamos a que se referia. Ao dia da morte de Magnólia. Murchei imediatamente. Meu pai jamais permitiria que eu me arriscasse daquela forma. Já estava quase desistindo da ideia quando ele respirou fundo e se recostou na cadeira.

— Talvez, haja um jeito que possa ser seguro.

— O que isso significa? — A ansiedade não me deixou ficar calada.

— Que se... e somente se, Lobo achar viável a ideia que tenho em mente, talvez você possa ir a tal festa. Mas sua amiga traiçoeira também vai precisar colaborar.

Contive um grito de alegria que subiu para minha garganta e balancei a cabeça consecutivamente.

— Tem certeza de que confia nesse Lobo? O homem parece problema, já disse que deveria ter cuidado com ele. — Tia Claire interveio. — Tenho ótimas indicações e podemos substituí-lo.

— Não — respondi enfática demais e recebi o olhar dos dois sobre mim logo em seguida. — Quer dizer, ele é mesmo insuportável. Mas meu pai demorou muito tempo para conseguir alguém como ele. E se Lobo for garantir minha segurança na festa, posso suportá-lo por mais um tempo.

— Jasmin está certa. Lobo pode ser duro na queda, mas é exatamente o que minha filha precisa, Claire. — Ah, pai... você não faz ideia de como. — Ela precisa de alguém que saiba enfrentá-la.

Eu te amo, filha, mas você tem o gênio difícil, igualzinho ao da sua mãe.

— E tem mesmo, mas é tão amorosa quanto. — Minha tia completou com um sorriso maternal que me encheu de alegria.

Agora só me restava ter esperanças de que Lobo toparia aquela pequena aventura. Meu destino estava nas mãos dele.

Lobo

Depois daquela manhã conturbada, pedi a Lyon que assumisse meu posto na sala de vigilância e permaneci o mais distante possível da casa. Após o impulso que tive quando vi Jasmin chorando, percebi que estava aos poucos perdendo meu controle e parte da minha compostura como guarda-costas naquele lugar e aquilo era algo que eu não poderia permitir.

Vê-la dançar era impactante, excitante e porra, me deixava delirando, como se ela fosse capaz de dançar sobre minha razão, com aqueles saltos curtos e movimentos leves que me deixavam louco. Não sabia o que aqueles olhos verdes tão profundos tinham, que andavam me desestabilizando cada vez mais, mas sentia-me disposto a lutar contra o que quer que fosse, mesmo sendo incapaz de tirá-la dos meus pensamentos. Lugar que, pelo visto, ela resolveu fazer morada.

Naquele momento, Jasmin jantava com o pai e com a senadora, que por algum motivo sempre que esbarrava comigo me lançava um olhar que beirava o ameaçador.

Peguei-me imaginando como ela deveria estar feliz com a presença dos dois, depois de dias sem vê-los direito enquanto encarava um arbusto.

— Merda! — praguejei quando percebi que por mais que tentasse esquecê-la, tudo que fazia era pensar nela.

— Espero que esse arbusto não tenha cometido nada grave contra você. — Virei-me rápido ao ouvir a voz de Cahill às minhas costas. O homem me recebeu com um sorriso caloroso.

— Boa noite, Cahill. — Tentei ignorar o fato de que estava tão focado pensando na filha dele que mal o notei se aproximando. — O que faz aqui fora? — Olhei para a varanda clara e vazia às suas costas.

— Preciso da sua opinião — revelou.

— Sobre?

Ouvi Cahill explicar brevemente sobre os planos de Jasmin de ir a uma festa da amiga e fiquei surpreso ao vê-lo cogitar a ideia.

— De acordo com ela, a casa da Carla é espaçosa, mas com poucas entradas. Três no máximo. Há um jardim na entrada e um estacionamento pequeno, subterrâneo. — Ponderei as hipóteses diante do pouco que sabia.

— Preciso da planta do local para analisar os pontos de perigo. Aparentemente é uma casa fácil de se fazer a segurança — revelei e repousei a mão sobre a arma no coldre.

— Eu disse para Jasmin que permitiria que ela fosse até a festa se você conseguir garantir a segurança da minha filha naquele lugar. Ninguém pode entrar portando nada suspeito. Armas, objetos cortantes, nada. Você sabe qual é minha maior preocupação, mas

como já te disse, ela não. Minha filha não sabe qual foi o verdadeiro motivo que tirou a vida de Magnólia. — Cahill foi incisivo.

— Sim, me lembro. E concordo com o fato de poupá-la destes detalhes. Ela só ficaria mais nervosa a cada passo que desse fora deste lugar. É melhor que eu tenha essa preocupação, não ela.

— Agradeço sua opinião acolhedora. — Ele sorriu brevemente e voltou a seriedade. — Gostaria de te informar, em absoluto sigilo, que minha noiva, Claire, deu a Jasmin um par de brincos de pérola negra. — Encarei-o, tentando entender em que momento aquela informação se tornou relevante. — Entretanto, não são brincos simples. — Ele apressou-se a dizer quando viu meu rosto confuso. — Fazia um tempo que eu queria presenteá-la com algo que pudesse ser rastreado, para sua própria segurança, mas vindo de mim, ela logo desconfiaria, então pedi a Claire que comprasse um exemplar em uma das nossas unidades, implantasse o rastreador e a presenteasse. Vou garantir que Jasmin o use em todos os momentos, principalmente nesta festa. — Olhei para o homem, pensativo, cogitando as probabilidades. — Também teremos que contar com a ajuda da aniversariante, mas de acordo com minha filha, ela fará o que for necessário. Você acha que consegue garantir a segurança dela diante tudo isso?

Então aquele passeio estava exclusivamente dependendo da minha autorização. Uma chama intensa reverberou em minha mente, imaginando o quanto Jasmin ficaria irritada se eu negasse sua saída. Talvez aquela fosse a vingança perfeita para ficarmos quites.

Sim, eu poderia simplesmente dizer não e mantê-la ali, segura e irritada. Porém, mais do que furiosa, ela ficaria muito triste e aquilo eu não queria de jeito nenhum. Teria que analisar as nossas possibilidades e se houvesse alguma chance de levá-la em segurança, eu o faria.

Ao que tudo indicava, com o passar dos anos eu acabei me tornando um enfadonho sentimentalista.

— Posso garantir a segurança da senhorita Cahill, é um fato, e seria capaz de fazê-lo, mesmo em ambientes desconhecidos — garanti em uma voz robótica. — Mas preciso considerar o agravante que temos nesta situação. — O homem endireitou a coluna num piscar de olhos.

— Sim!

— Primeiramente, preciso que Jasmin não conte a absolutamente ninguém que pretende comparecer a esta festa — comecei. — Quanto menos pessoas souberem, menos as chances de sua presença chegar ao ouvido de quem estamos tentando evitar. — Cahill balançou a cabeça energicamente, concordando. — Depois, contrate meia dúzia de seguranças a mais com a Holder Security. Peça três homens e três mulheres. Não há vagas, mas diga ao meu pai que foi um direcionamento meu e ele conseguirá bons homens — ditei e levei a mão a maxilar, desenhando a barba com os dedos e pensando nos detalhes. — Solicite também todo o material de identificação de metal. Todas as saídas serão barradas, usaremos apenas uma das três entradas da casa, por ali os convidados deverão entrar e sair. Também revistaremos cada um deles minuciosamente. A senhorita Cahill estará proibida de ingerir qualquer tipo de bebida diferente da que ela levar e que será servida

por um de nós. Manterei um atirador nas proximidades por garantia e todos da equipe também deverão estar presentes, dentro da casa, escoltando-a. Eu cobrirei a senhorita Cahill de perto e garantirei que nenhum estranho se aproxime dela, principalmente portando algo que possa feri-la de alguma forma. Isso é tudo. Desta maneira, conseguiremos ir à festa.

— Santo Deus do céu! — Cahill soltou o ar, exasperado — Tudo isso... — Ele sorriu, afetado e satisfeito. — Sabia que você era eficiente. Obrigado, direi à Jasmin que ela poderá ir à festa e vou providenciar tudo que pediu. — Ele se virou, prestes a ir embora.

— Se me permite perguntar, Cahill. — Interrompi o homem que se virou para mim sorridente. — Por que resolveu autorizar algo deste tipo? Sei que sou capaz de protegê-la, mas diante de tudo que está acontecendo, o que mudou?

— Estamos travando uma guerra, Lobo. Alguém está tentando destruir minha família. Preciso que Jasmin lute ao meu lado e para isto, tenho que confiar nela e em você. — Meneou um aceno pouco antes de sumir dentro da mansão, murmurando algo sobre estar ansioso para contar a ela a novidade.

Voltei ao meu posto e comecei a traçar algumas rotas e estratégias que poderiam ser úteis naquela operação quando passos leves chamaram minha atenção, quase uma hora depois. Virei-me para ver quem era e me surpreendi ao encontrar os grandes olhos de Jasmin, verdes como uma joia preciosa. Eles ficavam maiores e ainda mais vivos quando marcados pela maquiagem preta que ela usava.

— Oi. — Timidamente, ela deu um passo em minha direção, depois um outro. À medida que se aproximava ficava impossível não

a admirar.

Como alguém poderia se parecer tanto com um ser celestial?

O pensamento me veio à mente assim que coloquei os olhos nela, vestida com uma roupa cheia de pelinhos rosa, como a maioria das coisas que ela usava e, diferente das outras vezes que a encontrei, Jasmin estava irradiando uma felicidade que chegou a atingir meu peito. Cada detalhe, da boca carnuda e desenhada que criava um arco gracioso no centro, até o nariz empinado e rebelde... a voz macia como sua pele. Tudo era perfeito.

— Senhorita Cahill. — Meus olhos desceram pelo rosto delicado até pousar nos lábios chamativos e que me faziam pulsar de desejo e me amaldiçoar ao mesmo tempo.

— Só queria agradecer pelo que disse ao meu pai. — Ela uniu as mãos em frente ao corpo. — Se não fosse por você, não teria a autorização dele para ir à festa da Carla.

Ela deu mais um passo tímido em minha direção. Havia tanta coisa não dita pairando entre nossos olhares. O beijo repentino na cozinha, o abraço quente e delicioso na academia de dança, a vontade louca que sentia de agarrá-la bem ali, pouco me fodendo com quem estivesse olhando.

— Não me agradeça. — Tentei soar o mais sério possível. — Vou precisar da sua cooperação para que tudo dê certo, e claro, da colaboração da aniversariante.

— Terá tudo que quiser. — Seus olhos repousaram em minha boca e ela mordeu os lábios sutilmente, fazendo um incomodo quente como o inferno se espalhar pelo meu corpo.

Jasmin passou as mãos nos cabelos muito lisos e uma parte escorreu para seu rosto. Quando me dei conta, já tinha levado os

dedos até a mecha macia e muito loira. Acomodei-a com cuidado atrás da orelha e só então vi o brinco de pérola negra que Cahill mencionou.

— É um brinco muito lindo. Combina com você. — Minha voz surgiu baixa demais.

— Está dizendo que sou linda?

— Como se não soubesse.

— Ao menos nunca o ouvi dizer. Isto já é uma vitória.

— Para qual luta? — Ela deu um passo a mais em minha direção. A mão repousou suavemente em meu peito. Desci os olhos para os seus, controlando-me ao máximo para não tomar sua boca ali mesmo, e quando Jasmin abriu os lábios, tive a sensação de que metade do meu mundo desabou em suas palavras.

— A que pode me fazer beijá-lo outra vez sem que fuja logo depois. Quero poder senti-lo e por algum motivo penso que deseja o mesmo. — Sua mão subiu mais, meu coração acelerado retumbava contra o peito. — É esta guerra que quero ganhar, contra o que o afasta de mim.

Segurei seu pulso com cautela e afaguei o interior da sua palma com meu polegar enquanto nossos olhos trocavam faíscas em um clima extremamente excitante.

— É melhor manter suas mãos leves longe de mim, Cristal — provoquei, ciente de que ela não gostava nem um pouco do apelido. — Posso acabar considerando sua ideia. — Ela estremeceu diante do comentário e todo o seu rosto enrubesceu, assumindo um tom vermelho delicioso.

— É-é exatamente isso que quero — gaguejou, confusa.

— Tem certeza? — Apertei mais seu punho, cercando-o com minha mão. A imagem daquela mulher embaixo de mim, gemendo meu nome até se perder, preencheu minha mente e tive que conter o impulso violento de puxá-la para mim.

— Tenho sim — sussurrou e soltei seu pulso, antes que não conseguisse mais fazê-lo.

— É melhor não brincar comigo, senhorita Cahill — alertei. — Sou um homem impaciente, como já deve ter notado. — Ela me encarava com uma expressão estranha presa ao rosto, como se um novo brinquedo estivesse bem diante dos seus olhos, mas ela não sabia ao certo como brincar com ele. — É melhor entrar, eles devem estar te esperando lá dentro.

— Sim, é verdade — disse e se virou para a mansão. — Ainda torço para que um dia me chame de Jasmin. — Ela não se virou para me encarar. — Gosto como meu nome soa em sua boca — revelou e uma energia pragmática me sondou.

Ela não sabia... nem sequer fazia ideia de que seu nome sondava meu subconsciente por cada maldito segundo do dia, unido à vontade avassaladora de beijá-la a noite toda, dizendo aquele nome lindo ao menos um milhão de vezes.

Mas aquele desejo desenfreado estava longe do meu alcance tanto quanto o pequeno anjo que estava parado bem à minha frente.

— Boa noite, senhorita Cahill!

— Boa noite, Lobinho... — *Touché*.

Jasmin desapareceu dentro de casa logo em seguida.

CAPÍTULO 15

Jasmin Cahill

Os dias que se sucederam até a festa foram os mais excitantes da minha vida, mas não voltei a encontrar Lobo que, pelas informações que consegui obter com Shaw, estava responsável pelos turnos da madrugada.

Com toda certeza fugindo de mim, o que me deixou bem frustrada.

Por outro lado, Carla aceitou todas as inúmeras regras que meu pai impôs, juntamente com Lobo, para a festa e agora eu me sentia inquieta, ciente de que minha amiga tinha renunciado ao conforto dos seus próprios convidados para que eu pudesse estar presente, o que me lembrava que aquela teria que ser uma noite perfeita.

— Está radiante, senhorita Cahill — Judith cochichou ao lado de Ruth quando a governanta terminou de finalizar as ondas em meu cabelo, que pendia até o meio da cintura em um loiro acetinado e intenso.

O vestido vermelho que escolhi era longo, mas com um decote em fenda que destacava meus seios, ainda que pequenos. E para completar, passei um batom do mesmo tom do modelo, que deu ainda mais volume aos meus lábios.

— Os brincos, senhorita. — Ruth me lembrou e peguei o par de pérolas negras, colocando-as.

— Se eu esquecer eles, minha tia me mata. — Brinquei ao lembrar do quanto tia Claire insistiu que eu os usasse sempre que pudesse, afinal, de acordo com ela, tudo que era caro merecia ser usado o máximo de vezes possíveis. Uma filosofia que nunca tinha ouvido antes.

Papai não pôde vir para casa hoje, mas, pela primeira vez na história, ele tinha feito uma ligação de vídeo apenas para me ver, e apesar de não ser o ideal, fiquei feliz com isso e escutei seus conselhos para a noite de hoje tanto quanto seus elogios.

Desci um tempo depois, equilibrando-me em um salto alto fino que não usava há muito tempo. Quatro carros estavam parados em frente à entrada da mansão da colina, todos pretos e idênticos. Um número a mais do que geralmente costumava usar.

Eu, provavelmente, viajaria no terceiro deles, onde o homem que andava atormentando meus sonhos mais eróticos estava parado, exibindo as costas largas sob o terno completamente preto que lhe caía muito bem.

— Se divirta, senhorita. — Judith acenou, despedindo-se.

— Tome cuidado — Ruth pediu e só então Lobo notou minha presença.

Comecei a descer os degraus da entrada no exato instante em que ele se virou em minha direção. Os olhos, tão diferentes quanto sua própria essência, prenderam-se aos meus por um longo momento antes de descer pelo meu vestido, demorando-se nos detalhes. Pude ver quando engoliu com dificuldade e me senti deslumbrada. Não o via há três dias e aquele palpitar estranho em meu peito, que mais parecia saudade, aumentou conforme me aproximava dele.

— Boa noite — disse a ninguém específico e passei os olhos pelos outros guarda-costas do lugar, sentindo o olhar de Lobo preso aos meus movimentos.

— Boa noite, senhorita Cahill. Está deslumbrante! — Shaw disse e poderia jurar que ouvi um rosnado vindo do homem ao seu lado.

— Que cara é essa, Lobinho? — sussurrei ao me aproximar dele e sondei a expressão mal-humorada. — Anime-se, hoje vamos nos divertir. — Abri um sorriso para ele que manteve o semblante duro.

— A *senhorita* vai se divertir — frisou — e voltar em segurança. Garantirei isso, agora, por favor, entre no carro.

Notei o tom profissional que ele se dirigiu a mim e não consegui conter a pequena angústia que me assolou. Depois do clima que senti entre nós na última vez que nos vimos, podia jurar que estávamos começando a nos dar bem, mas aí, de repente, ele ficava todo sério, esquisito e fugia de mim pela casa.

Passei por ele para entrar no carro enquanto Lobo segurava a porta do carona e me surpreendi quando uma voz sussurrada me alcançou.

— Está extraordinária, senhorita Cahill. — Meu guarda-costas logo desviou o olhar e eu arregalei os olhos, descrente que ele tinha mesmo dito aquilo.

— Obrigada. — Deslizei pelo banco de couro do carro com o habitual calor no peito que sentia toda vez que estava próxima dele.

Lobo entrou no carro em silêncio e eu me acomodei no banco de trás. A ansiedade por aquele dia finalmente ter chegado

começou a me assolar e torci as mãos umas nas outras, alisando os anéis em meus dedos repetidas vezes.

— Está nervosa? — A voz de Lobo surgiu suave, preocupada.

— Acho que um pouco. É a primeira festa em anos que posso ir com a autorização do meu pai — confessei e encarei seu olhar através do retrovisor.

— Você é estranha. — Ele riu e colocou os óculos escuros.

— Não tem nada estranho ficar nervosa diante da minha situação — refutei e ele abriu ainda mais o sorriso estupidamente branco. — Por que está rindo? — Inclinei-me no banco para ficar mais perto e poder encará-lo com meu melhor olhar mortal.

— Você é corajosa o suficiente para fugir, mas está com medo de uma festa pela qual tem autorização para estar. Está com medo de sofrer algum tipo de ataque? — Ele se virou para mim. Sua presença tomou todo o interior do carro, assim como seu perfume cítrico que se misturava ao meu, adocicado.

— Essa é só uma das minhas preocupações. — Soltei o ar, exasperada. — Meu pai confiou em mim pela primeira vez em muito tempo. Tenho medo de, por algum motivo, decepcioná-lo e ir parar novamente nos anúncios dos jornais de fofoca da cidade. Além disso, não vejo algumas das pessoas que estarão lá há muitos anos. Não faço ideia de como vai ser e não gosto disso. Ah, e claro, tem o risco de algum maluco tentar me matar.

— Quanto a seus amigos, tenho certeza de que se sairá bem. Não tem como ser diferente. Você consegue carregar na palma da mão 12 cientistas que não vão com a sua cara. Pergunto-me o que não pode fazer com esses idiotas. — Dei risada. — E quanto ao

restante, não se preocupe. É por isso que estarei ao seu lado. Não permitirei que se envolva em nenhum escândalo, assim como posso garantir que ninguém vai se aproximar de você.

— Obrigada. — Foi tudo que consegui dizer e no instante seguinte, Shaw entrou no carro e se sentou ao lado de Lobo, no banco do carona.

— Estamos saindo — Lobo avisou no comunicador e o primeiro carro começou a se mover.

Fiquei observando Lobo por mais um momento e o vi passar a mão pela arma em sua cintura e desatar a trava que a prendia no coldre.

— Devo me preocupar, Lobo? — Shaw questionou quando notou o movimento.

— Não é nada — disse já passando com o carro pela saída da mansão. — Sempre que ando com um VIP mantenho a arma destravada do coldre. Perseguições em carros são difíceis, facilita e muito estar com a arma livre. Um segundo pode fazer diferença.

— Acha mesmo que alguém pode atacar o nosso carro? — Enfiei a cabeça no vão que ficava entre os bancos da frente. — Me diga, quero estar preparada. Não posso ter uma dessas? — Apontei para a arma.

— De jeito nenhum! — ele vociferou.

— Tá maluca? — Shaw soltou no mesmo instante. — Desculpe, queria dizer que não, senhorita. Não pode ter uma dessas.

Ri do desespero do rapaz e revirei os olhos.

— Senhorita Cahill, poderia colocar o cinto de segurança? — Lobo pediu e fiz uma careta do banco de trás. — Consigo vê-la pelo

retrovisor, caso tenha se esquecido.

— Pronto, Lobinho, está satisfeito? — Puxei o cinto e olhei para o retrovisor. Shaw riu diante do apelido. — Essa porcaria vai amassar meu vestido.

— Não me importo com seu vestido se sua segurança estiver garantida.

— Eu deveria tirá-lo. O que acha? Assim ele não amassa. — Brinquei e vi Lobo quase cuspir um palavrão sobre o volante.

— Não é uma boa ideia, senhorita — Shaw gemeu. — Para nossa própria segurança, por favor, mantenha-se vestida. Ou ele nos mata — sussurrou a última parte através do vão entre o banco.

A noite seria divertida.



Antes mesmo de chegarmos ao local do evento, já podíamos escutar a música alta que vinha de lá. Viramos uma esquina e nos deparamos com uma casa gigantesca de pilastras brancas e altas no fim do quarteirão, de onde alguns raios de luz colorida escapavam.

Estacionamos em um espaço reservado para meus seguranças. Lobo desceu do veículo e abriu a porta para mim. Comecei a me debater com o vestido e os saltos, tentando sair do carro.

— Venha. — Ele estendeu a mão em minha direção e a encarei com um olhar suspeito. — Vamos, não vou mordê-la.

— Nem se eu pedir? — Brinquei e a segurei com firmeza.

— Controle-se, senhorita Cahill. — Ele estreitou os lábios em um sorriso escondido.

Eu cheguei a tirar uma das pernas para fora do carro, mas tropecei ao sair do carro e fui arremessada para fora com o impulso. Acabei me pendurando em Lobo com uma das pernas dentro do carro e a outra do lado de fora.

— Senhorita... — Ele nem teve tempo de terminar a frase.

— Meu pé! — gritei enfiando o rosto no seu peito para me apoiar.

Lobo me segurou com cautela e me ajudou a recuperar o equilíbrio, enquanto eu me endireitava.

— Desse jeito começo a pensar que ficará difícil manter a promessa de te devolver sem nenhum arranhão.

— Caralho dos infernos! — praguejei irritada, encarando o carro como se ele fosse criar vida própria.

— O vocabulário a qual é adepta quando fica nervosa é bem interessante. — Ele riu.

— Não enche. — Alinhei o corpo, tentando ignorar a mão de Lobo em meu cotovelo, garantindo que eu estava bem e equilibrada.

Respirei fundo e sondei ao redor para verificar se não tinha ninguém assistindo a cena e fiquei feliz quando percebi que a entrada do lugar estava vazia, exceto pelos demais seguranças no lugar.

— Está pronta? — ele perguntou.

— Agora que meu pé está livre... — confirmei com um aceno. — Meu vestido está amassado? Talvez tenha borrado a maquiagem, e meu cabelo? Ai, meu Deus, não trouxe um espelho sequer. —

Virei-me para o reflexo do vidro do carro, passando a mão pelo vestido incontáveis vezes.

Lobo se aproximou às minhas costas até estar próximo o bastante para que somente eu pudesse ouvi-lo.

— Senhorita Cahill, não acredito que há uma só pessoa tão bela quanto a senhorita neste lugar. — Virei-me para ele, respirando com tranquilidade novamente.

— Acha mesmo ou só está falando isso porque é pago para estar ao meu lado?

— Sou pago para te proteger, não para mentir — revelou. A pouca distância entre nós me permitia observar de perto as veias que desciam marcando seu pescoço largo e grosso, assim como os braços sob o terno feito em sua medida perfeita. — A senhorita é a mulher mais bela que já vi. Uma ladra, surtada e de boca suja? Com toda certeza, mas extremamente linda, como uma joia. — Gargalhei alto e abri um sorriso que parecia ter vindo direto do meu coração em um misto de emoção e alegria por aquelas palavras inesperadas.

— Já pedi desculpas — sussurrei, risonha e Lobo tocou meu pulso com intensidade. O sorriso leve que jazia em seus lábios desapareceu de repente.

— Lembre-se das regras principais. Ninguém, exceto a aniversariante poderá se aproximar da senhorita. Meio metro é o limite. Estarei como uma sombra ao seu lado e estou disposto a arrastar mais de uma pessoa para fora desta festa, caso descumpram a ordem.

— Sim, entendi. Nada de abraços, nem mãos bobas.

— Não me faça arrancar a mão de ninguém — ele respondeu entredentes e fez um calorzinho subir por meu pescoço. — Vamos logo começar essa loucura — concordei. — Estamos andando — ele avisou no rádio e todos os outros seguranças entraram em formação.

Lyon e Ray seguiram na nossa frente e Lobo se manteve imediatamente às minhas costas, ao lado de Shaw. Subi o olhar para um dos cantos da entrada e vi de relance o pai de Carla com os olhos escuros e pragmáticos pregados em mim. O homem estava elegante em um terno cinza e meneou um aceno, erguendo o copo que segurava em minha direção assim que notou que eu o observava. Abri um sorriso para ele, disfarçando o calafrio que sempre sentia toda vez que nos encontrávamos. Matías era alto, de ombros rijos e largos e sua filha tinha herdado vários traços fortes dele, de menos os olhos, que eram intensos e viviam à espreita, como se ele sempre estivesse esperando por algo.

Pisquei, desvencilhando-me do seu olhar e encontrei outros seguranças na entrada da festa que nos cumprimentaram com um aceno quando passamos pelo arco, decorado com balões brancos, da entrada da casa.

— Jasminnnnnnnnn! — O grito reverberou por cima da música alta e logo encontrei na multidão uma morena linda, com os cabelos muito encaracolados e uma pele cor de mel reluzente, destacada em um vestido amarelo justo no busto e soltinho no comprimento.

— É ela, certo? — Ouvi a voz de Lobo atrás de mim.

— Sim — sussurrei de volta. — Carla! — Antes que minha amiga me abraçasse, Lyon a observou da cabeça aos pés, como se

Carla pudesse estar guardando uma arma escondida no decote.

A mulher gritou e veio saltitando em minha direção.

— Como é bom vê-la. Abracei-a com carinho. — Feliz aniversário! Recebeu meu presente?

— Mas é claro e estou fascinada até agora. Não é todo dia que ganho a coleção completa dos meus jogos favoritos. — Sorri, feliz. Carla tinha um hobbie diferente, além das festas que amava organizar. Ela era gamer, viciada em jogos raros e por sorte, consegui alguns que faltavam em sua coleção.

— Sinto muito por... você sabe! — Apontei com o nariz para Lyon, que já tinha se posicionado junto com Ray e Shaw nas devidas extremidades a qual foram designados, enquanto Lobo estava tão próximo de mim que conseguia até mesmo sentir sua respiração.

— Jasmin, minha querida, você foi a responsável por agitar esse lugar. — Carla encarou Lobo como se ele fosse um pedaço de filé pendurado no meio do salão e aquilo me incomodou. Ainda não tinha confidenciado os sentimentos conflituosos e persistentes que aquele homem vinha me causando, então minha amiga não fazia ideia de que ele não era só o alvo das minhas atormentações criativas.

— Olá, Jasmin! — Uma das amigas de Carla, Lia de alguma coisa, não me lembrava, acenou do outro lado do salão muito bem ornamentado com grandes lustres de cristais reluzindo os pontinhos coloridos dos jogos de luzes que minha amiga espalhou pelo lugar, fora o grande espaço destinado às bebidas e ao buffet, que tinha luzes brilhantes por trás de cada um dos arranjos.

Balancei a mão na direção de Lia e no mesmo instante uma das seguranças da Holder Security se aproximou de mim.

— Senhorita Cahill, sou Morgan, uma das suas guarda-costas de hoje. — A mulher alta se aproximou. — Diga-me tudo o que desejar beber, e eu providenciarei dentre as bebidas que trouxemos. — Encolhi os ombros, desconfortável. Não era fácil tentar socializar quando nem sua bebida podia se misturar ao dos seus amigos.

— Pessoa chique é outro nível. Se depender do meu pai, todos nós vamos morrer envenenados. — Carla brincou, tentando me distrair e funcionou.

Alguns minutos depois eu já estava até tonta de tanto tentar reconhecer o rosto dos meus colegas à distância naquela confusão de luzes coloridas.

Várias das minhas antigas amigas de escola estavam lá e, mesmo que não nos víssemos há muito tempo, elas pareciam felizes em me rever. Parei para conversar com algumas delas durante a festa, mantendo a distância de meio metro que cada uma delas gentilmente fez questão de ignorar.

Quase uma hora depois, eu já tinha tomado algumas doses de rum e estava visivelmente mais agitada. Uma música latina preencheu o salão e as luzes foram levemente reduzidas.

— Quero dançar! — Virei-me para Lobo. Sentia as bochechas ardendo levemente pelo álcool.

— Poderá dançar sozinha, ou com sua amiga. — Lobo inqueriu e fiz beicinho. — Sinto muito, estamos em alerta máxima desde que as luzes diminuíram.

Apontei para um clarão que iluminava o centro da pista de dança e deixava tudo mais visível.

— Não pode dançar comigo? — Aproximei-me do homem elegante ao meu lado. — Por favor...

Lobo

A dama de vermelho à minha frente era a visão mais deliciosa e instigante que já tinha colocado os olhos, e não facilitava em nada ela querer dançar comigo ali. Sabia que aquela pequena era uma dançarina nata e chegava a me doer ter que vetá-la daquilo, mas sua segurança vinha em primeiro lugar.

— Então com a Carla vossa senhoria permite? — zombou e abriu um sorriso muito largo. As bochechas estavam bem mais vermelhas depois da bebida.

— Se sua amiga quiser, permitirei. Com a condição que dance perto de mim.

— Carla! — ela gritou de súbito. Pensei que ela fosse fazer alguma objeção, mas diferente do que imaginei, ela pareceu mais empolgada quando viu a amiga correndo até ela. — Dança comigo?

— Só se for agora... — Ah, pronto! Pra quê fui dar a ideia?

— Vem com a gente, Lobinho! — Ela me lançou uma piscadela e caminhou entre o espaço aberto e cercado pelos demais seguranças até o meio da pista de mãos dadas com Carla.

Mantive-me a meio metro de distância, garantindo que aquele show fosse apenas das duas e para minha surpresa, Carla também sabia dançar, obviamente nada comparado à Jasmin, mas juntas,

elas começaram a ganhar a atenção de cada um dos convidados embaladas em um som leve e delicioso de uma música latina.

Jasmin sorria com os olhos, com os lábios, com a alma. Uma sensação reconfortante me abraçou ao vê-la ali, tão liberta. Mais uma vez me peguei perdido nos movimentos encantadores que ela fazia com cada centímetro do corpo, rodopiando de forma angelical e misturando tudo isso ao gingado forte e latino de Carla. Ela era uma estrela, tinha sua própria luz e toda aquela claridade começava a invadir a escuridão na qual eu vivia.

Faltavam poucos dias para que meu contrato com os Cahill terminasse e, antes, tudo que eu queria era não ter que aceitar aquela missão, mas agora, desejava qualquer coisa, menos que aquele tempo ao lado dela acabasse.

— Suspeito de camisa azul se aproximando do Cristal. Fiquem em posição. — Recebi a mensagem no comunicador e imediatamente levei à mão até minha arma, aproximando-me mais um passo de Jasmin até que o rapaz entrou no meu campo de visão.

Sondei-o da cabeça aos pés. Era um playboy loiro, estatura mediana e que entrou na minha lista de pessoas mais odiadas no instante em que Jasmin o viu. Ela se soltou da amiga e abriu um sorriso encantador para o desconhecido. Fechei a mão em punho ao constatar que, aparentemente, ele não representava nenhum perigo para ela, mas ainda assim meti a mão no peito do rapaz.

— Mantenha-se afastado — alertei e o vi virar um sorriso sarcástico em minha direção.

— Somos amigos. — Seu olhar percorreu o corpo de Jasmin descaradamente enquanto ela dizia algo à Carla.

Senti uma vontade imensa de seguir o conselho de Fantasma e bater a cara dele em alguma pilastra do lugar, principalmente quando ele esticou a mão para ela, convidando-a para dançar.

— Posso? — Ela se virou para mim.

— Acaso ele é seu pai? — o desgraçado perguntou e o segurei pelos ombros, batendo a mão com força por todo o corpo do filho da puta enquanto o revistava.

— Ei, cara, que porra é essa? — Segurei-o pelo colarinho do blazer e o puxei para perto sem me importar com a provável atenção que estávamos chamando.

— Não sou o pai dela, sou o guarda-costas. É melhor não tentar nenhuma gracinha. Caso contrário, eu meto uma bala na sua cara. — Soltei-o e notei que agora ele mostrava um semblante um pouco mais pálido do que antes.

— É só uma dança, Lobinho. — Jasmin se intrometeu. — Faz muitos anos que não o vejo. — Eles se encararam e a mulher sorriu para o idiota como se ele fizesse falta em sua vida.

Merda!

— Cristal em segurança. É um amigo — avisei no comunicador e passei os próximos minutos com os olhos cravados nos dois, que conversavam baixo e em uma intimidade que me irritou ao extremo. Sobre o que estavam falando afinal? Quem era aquele idiota?

CAPÍTULO 16

Jasmin Cahill

Ryan estava ainda mais bonito do que me lembrava e vê-lo ali, diante de mim, trouxe uma alegria infindável ao meu coração.

— Senti saudades de você — admiti quando a música começou e ele passou um dos braços por minha cintura, puxando-me para mais perto.

Senti o cheiro doce de alguma bebida tocar meu rosto através da respiração do homem e me lembrei de que ele sempre gostou de drinks coloridos e pomposos. Pelo visto, nada mudou. Vez ou outra me lembrava de como Ryan e Magnólia pareciam terem sido feitos um para o outro, apesar de ele ser um pouco mais velho e ter gostos bem diferentes dos dela. O ex-namorado da minha irmã estava mais alto, mais forte, mas o sorriso e os olhos profundos eram os mesmos.

— Eu também. Você está muito linda. — Ele me rodou nos braços. — Muito, muito mesmo. — Os olhos brilhantes me sondaram de um jeito estranho.

— Como está a vida? — Mudei de assunto, repentinamente incomodada com algo que provavelmente estava rondando só na minha cabeça.

— Estou trabalhando na empresa do meu pai. Construção civil, lembra?

— Sim, claro. Está gostando?

— Nem um pouco. — Deu risada e eu o acompanhei. — Acho que quero trabalhar com fotografia.

— É uma profissão criativa — conclui e notei quando ele aproximou mais o corpo do meu. Olhei sobre o ombro só para conferir o olhar de águia de Lobo em cima de mim. O maxilar travado me dizia que ele também estava incomodado.

— Estou pensando em começar na próxima semana. Você aceitaria ser minha modelo?

— Eu? — Minha voz saiu estridente. — Ah, não, Ryan. Agradeço o convite, mas não lido muito bem com fotos, nem com o tanto de vezes que as modelos precisam trocar o figurino.

Ele então abriu um sorriso estranho e se aproximou do meu ouvido.

— Neste caso, podemos dispensar qualquer tipo de roupa. Consigo imaginar como você deve ser ainda mais bela sem este vestido. — Ele comprimiu minha cintura, puxando-me para ele. Fiquei em choque por um momento e arregalei os olhos, duvidando do que tinha escutado.

— Ryan... o que quer dizer com isso?

— Que o tempo passa e você fica cada vez mais gostosa. — Apertou minha cintura.

— Como... — Arregalei os olhos. — Como você ousa... como pode me dizer isto? Você namorava a minha irmã. Ela era apaixonada por você. — Meu corpo balançava de forma robótica sem me dar conta e minha voz saiu em sussurros, tamanho o choque que sentia.

— Magnólia não está mais aqui, Jasmin. — Ele sorriu. — Aposto que ela adoraria nos ver juntos, nem que só por uma noite.

Acha que consegue se livrar desses guarda-costas por um momento? — E me puxou ainda mais para seu corpo até que conseguisse sentir sua ereção contra mim. — Gosta disso?

— Seu babaca do CARALHO! — gritei e perdi completamente minha compostura.

Empurrei-o e fechei a mão. Dei um soco no meio da cara do infeliz que levou a mão ao rosto no mesmo momento. Ignorei a ardência em meus dedos e agarrei os cabelos cheios de gel do idiota e puxei com tudo.

— Seu desgraçado de MERDA! — Rodei Ryan pelos cabelos no meio do salão, chamando a atenção da festa inteira.

— Jasmin! — Senti braços firmes envolverem minha cintura enquanto outros três homens pulavam sobre Ryan.

— Ela é maluca! — ele gritava e se debatia contra eles. — Doida!

— Vou matá-lo! Me solta! — Debati-me contra os braços que eu conhecia muito bem.

— Jasmin! — Lobo me rodou nos braços até que eu parasse diante dele. — Se acalme, por favor e me conte agora o que houve. Está ferida? Ele te machucou?

O som constante e muito firme da voz de Lobo me trouxe de volta à realidade. Olhei para seu rosto compenetrado e senti falta do seu olhar quente, escondido por trás dos óculos escuros.

— Não. Não machucou — respondi com a respiração alterada.

— Me soltem! — Ryan gritou e toda a fúria que sentia retornou ao ouvir sua voz.

— Mas eu vou arrancar os cabelos desse imbecil! — Tentei me lançar em direção ao idiota novamente, mas com me contive ao ver um flash.

— Acalme-se, senhorita. — Lobo afrouxou o abraço apertado, mas manteve as mãos em meus braços.

Percorri com os olhos a situação. Dez guarda-costas me cercavam. O som da festa parou e todos os convidados observavam a cena com um olhar que variava do curioso ao preocupado. Ryan desapareceu na multidão assim que se livrou das mãos de Lyon.

Lobo

— O que aconteceu? Ele te fez algo? — questionei preocupado e bati as mãos nas laterais dos ombros de Jasmin, conferindo se ela não estava ferida em algum lugar. Ela me olhou nos olhos, as íris verdes alterando entre raiva e o que pensei ser decepção, ou tristeza.

Que diabos tinha acontecido?

— Vamos embora! — disse, mas antes de ir em direção à saída, ela se virou para a segurança Morgan. — Cadê a garrafa de uísque que eu vi no meio das nossas bebidas? — A mulher me encarou como se estivesse perdida no meio de um tiroteio. Meneei um aceno, confirmando que ela poderia trazer a garrafa e em menos de um minuto ela surgiu com um exemplar cheio. — Agradecida! — Jasmin tomou a garrafa da mão de Morgan, empinou o nariz e foi em direção a entrada do salão.

Alguns sussurros quase me fizeram voltar e distribuir alguns socos, mas estava focado demais em manter minha mão amparando as costas de Jasmin. Conseguia notar seus dedos trêmulos ainda que ela tentasse disfarçar e estava preocupado com o que aquele idiota pudesse ter feito ou dito.

— Jasmin, o que houve? — Carla a interceptou com os olhos arregalados. — Você... socou o...

— Sinto muito, amiga, acho que realmente não fui feita para conviver com outras pessoas. — O pesar em sua voz fez com que um buraco se abrisse no meu peito.

— Vamos para outro lugar, só eu e você. — A amiga sugeriu. — Não me importo com os convidados. Prefiro minha melhor amiga a qualquer um deles.

— Obrigada por isso, Carla, amo muito você, mas preciso mesmo ir. Te explico tudo depois. — Ela olhou para amiga que pareceu ler algo no rosto de Jasmin antes de menear um aceno e deixá-la passar.

— Estarei esperando uma ligação — Carla gritou da entrada da casa e assim que Jasmin colocou os pés para fora, ela disparou uma corrida sob os saltos finos até o carro que fez com que todos nós corrêssemos atrás dela.

A garota abriu a porta do carro e se jogou com tudo lá dentro, fechando-a em seguida.

— O que foi isso? Ela ficou maluca de vez? — Lyon parou ao meu lado.

— A senhorita Cahill tem um gancho de direita melhor do que o seu, Lyon — Shaw o provocou e recebeu um empurrão do homem.

— Deixe-me conversar com ela. Aquele idiota não fez nada com as mãos, eu estava em cima dos dois o tempo todo.

— Ele pode ter dito algo. — Lyon completou.

— Algo que a deixou furiosa, viu como ela o rodou pelos cabelos? — Shaw gargalhou e imitou com as mãos a cena. — Agarrou com tudo.

— Alguma coisa aconteceu e não vamos sair daqui antes que eu descubra o que foi.

— Boa sorte, não quero ter meus cabelos puxados. — Lyon riu e se afastou.

Abri a porta do carona e me sentei ao lado de Jasmin que, para minha surpresa, estava virando a garrafa de uísque diretamente no bico.

— O que foi? Nunca precisou de um porre na vida, é? — Torceu o nariz irritada. — Me deixa em paz. — Virou mais um gole e eu segurei a garrafa na sua mão.

— O que aconteceu lá dentro?

— Nada! — respondeu rápido demais.

— Então você socou um cara e pulou nos cabelos dele à toa? Eu até gostei da cena, mas deve ter tido um motivo e não vamos sair daqui até que me conte. — Foi a gota d'água que fez o copo da minha pequena agressora transbordar.

— Aquele imbecil, filho da puta, desgraçado do caralho, mimado do cão, filhote de demônio era o namorado da minha irmã — praguejou aos berros dentro do carro. — Ela amava aquele imbecil. Como ele pôde? — Ela tentou alcançar a garrafa nas minhas mãos, mas eu a segurei com força.

Naquele momento várias hipóteses sondaram minha mente e fechei o punho, sentindo a leve calma que precedia à tempestade se apossar do meu corpo.

— O que ele fez, Jasmin? — chamá-la pelo nome fez com que ela me encarasse.

Seus lábios tremeram e por Deus, não me importava se ele apenas pisou no pé dela, eu ia arrancar as bolas do desgraçado se ela chorasse.

— Primeiro ele se aproximou dizendo que fazia muito tempo desde que me viu. — A voz embargada me deixava mais irritado a cada segundo. — Adorei revê-lo, sabe. Fazia tempo que não encontrava ninguém que tivesse tido uma conexão intensa com minha irmã. Por um momento em me senti tão feliz que queria abraçá-lo. Então, no meio da dança ele começou a me elogiar demais e do nada me puxou pela cintura até que eu sentisse... — Ela deu de ombros e encarou os próprios dedos. — Você sabe... ele queria que eu sentisse aquela coisa que fica animada quando um homem está com as atenções voltadas para uma mulher — disse, tímida.

O cara a pressionou contra uma ereção? Era isso? O ex-namorado da irmã dela?

— Antes de isso acontecer, ele veio com um papo estranho, mas pensei que pudesse estar enganada, até que ele me fez uma proposta.

— Qual proposta?

— Queria tirar fotos minhas... nua. Me chamou de gostosa e quando eu o questionei sobre Magnólia, ele teve a cara de pau de dizer que ela não estava mais aqui e que ficaria feliz de nos ver

juntos. Como se minha irmã fosse descartável, como se o amor que ela sentia por ele nunca tivesse existido. Aquele imundo não se importou no que aquilo significava para mim, ele só queria... — Ela respirou fundo e percebi o controle que fazia para não chorar. — Ele queria que eu me livrasse de vocês. Foi quando tudo ficou escuro e eu surtei. — Ela levou os dedos aos olhos e os comprimiu. — Por favor, Lobo, me leve para casa.

— Jasmin... — Ela olhou em minha direção, os olhos perdidos estavam carregados do mais puro nojo e apreensão. — Consegue me esperar aqui por cinco minutos, meu anjo? — perguntei paciente, a voz tão calma como um rio em dia de sol que nem me dei conta do que a tinha chamado.

— O que vai fazer?

— Nada com que tenha que se preocupar. Volto em um instante.

— Promete? — Ela segurou minha mão antes que eu saísse do carro e precisei respirar fundo para forçar um breve sorriso em sua direção.

— Mas é claro, Cristal. — De repente, olhando aqueles olhos profundos e brilhantes, percebi que o apelido cabia tão bem a ela quanto aquele vestido.

Jasmin era preciosa, uma joia rara.

— Shaw, fique com a senhorita Cahill e garanta que ela não saia daqui. Volto em um instante. — Fechei a porta do carona.

— Isso não é bom. Não é nada bom! — Ouvi-o resmungar e sem nem pensar duas vezes, fiz o caminho de volta para a festa.

— O que pensa que está fazendo? — Lyon surgiu ao meu lado, rabugento como sempre.

— Eu vou ensinar bons modos aquele desgraçado — vociferei e senti a mão de Lyon prender meu braço, impedindo-me de andar. — É melhor me soltar, Lyon, não quero te machucar.

— Escuta aqui, seu idiota, ainda que eu sinta vontade de te afogar em uma poça de água toda vez que te vejo, nós somos a porra de uma equipe, então se vai dar um de Rambo, ao menos diga o porquê — praguejou me soltando.

— O babaca que ela agrediu lá dentro era o namorado da irmã dela, e para piorar, o filho da puta deu em cima dela — rosnei, sentindo a raiva tomar cada célula do meu corpo imaginando aquele escroto pressionando Jasmin.

— Ele deu em... — Demorou até que a ficha de Lyon caísse e vi o instante em que seus olhos ganharam um tom mais escuro. — Mas que imbecil!

— Ele a pressionou sobre o vestido, Lyon, então é melhor me soltar. — Ele pareceu entender a que tipo de pressão me referia.

— Estou logo atrás de você. — Meneou um aceno com a cabeça e entramos os dois na festa novamente.

Não demorei a encontrar o desgraçado, que estava num canto mais isolado da festa, rindo alto com os amigos.

— Você ao menos passou a mão nela? — um deles questionou.

— Mas é claro. Ela se assustou quando sentiu a pressão da minha cobra. — Pegou no próprio pau, exibindo-se para os idiotas ao redor.

Trinquei o maxilar e o agarrei pela nuca.

— Desculpe atrapalhar diversão.

— Que isso! Me solta, caralho! — Joguei-o para a frente e quando ele ficou diante de mim, acertei um soco no meio do seu rosto, depois mais um, e mais um. O estralo do osso do seu nariz se partindo reverberou pelo dorso da minha mão.

— Solta ele, cara! — Alguém tentou intervir. Rodei uma cotovelada no rosto de quem quer que fosse e vi quando ele caiu ao meu lado.

Aproximei-me do rosto coberto de sangue do desgraçado e apertei seu pescoço. Dei mais um soco no estômago e o vi perder o ar.

— Quer mostrar sua cobrinha para ela de novo? Quer tentar, filho da puta? — Chutei seus pés e ele caiu no chão com um baque encoberto pela música eletrônica que ressoava alto pela casa.

Pressionei meu joelho em seu pescoço, escondido pela escuridão que aquele espaço reservado nos dava. A raiva me incentivando a continuar, a vontade de esmagar seu pescoço começava a me dominar.

— D-d-desculpe. M-me desculpe — falou esmiuçado.

Foi quando senti a mão de Lyon em meu ombro e sua voz pareceu me trazer de volta à realidade.

— Já quebrou ele, Lobo. Agora chega, vamos embora. — Tirei meu joelho daquele monte de merda e me ergui. Todos os amigos dele, os que não tinham levado nenhuma porrada, estavam acuados no canto escuro.

— Espero que nunca mais nossos caminhos se cruzem, seu bosta. — Chutei sua perna e o ouvi gemer. — Dá próxima vez, eu vou garantir que nunca mais volte a respirar.

Dei às costas, as mãos sujas fechadas em punho.

— Meu Deus, o que aconteceu aqui? — Ouvi uma mulher falando. Provavelmente tinham encontrado o desgraçado caído no chão. Não me virei, não me importei. Só queria sair dali, assim como queria que aquela raiva desaparecesse de vez.

— Não vou dizer que não gostei do que vi, porque gostei muito. — Lyon comentou assim que colocamos o pé fora daquele lugar. — Aquele nariz nunca mais vai ser o mesmo e foi bem-merecido. — Surpreendi-me quando ele sacou um lenço do bolso e me estendeu. — Mas se entrar assim dentro do carro, a senhorita Cahill vai surtar.

— Obrigado. — Aceitei o lenço de bom grado e constatei que aquela foi a primeira conversa que tive com Lyon sem envolver nenhum xingamento de ambas as partes.

Parei instantes antes de entrar no carro. Shaw parecia aflito.

— O que houve? Quem bateu? Quem apanhou?

— Ninguém, seu cabeça de vento. — Lyon me deu cobertura. — Como ela está? — O homem apontou com um queixo para dentro do carro.

— Nada bem. Acho que está chorando. — Ambos torceram os lábios e percebi que, diferente do que pensei quando peguei aquele serviço, nenhum dos guarda-costas de Jasmin se sentia indiferente ao sofrimento dela. Eles não queriam que ela sofresse.

— Detesto quando isso acontece. Ela é sempre tão sorridente que quando chora parece que o mundo perde um pouco de graça — Lyon comentou.

— Ela estava tão feliz por ter conseguido um dia fora, mas acabou tão rápido — Shaw completou e uma ideia maluca surgiu em minha mente.

— Tem um lugar... — falei, ganhando a atenção de ambos. — Fica no caminho até a mansão e eu o conheço muito bem. É um mirante particular que pertence a Holder. Há uma sede que será inaugurada lá em pouco tempo, ainda está inativa, mas é extremamente bem vigiada, estaremos seguros lá. O que acham? Vamos fazer um desvio prévio na rota?

— Tem certeza disso, Lobo? — Lyon olhou sobre os ombros como se garantisse que ninguém estava ouvindo aquela conversa.

Queria levá-la a um lugar diferente, animado, mas Jasmin estava na mira de assassinos de aluguéis como Naish e ciente do perigo que ela corria, não me restava muito se não a levar ao mirante. O único lugar seguro que conhecia.

— Confiam em mim?

— É claro — Shaw respondeu.

— Então, entrem nos carros. Vamos dar a ela uma noite especial. — Lyon deu um sorriso sem mostrar os dentes e acionou o ponto de apoio.

— Mudança de planos... — disse no minuto em que Shaw e eu entrávamos no carro.

— Já podemos ir? — questionei e notei que Jasmin olhava pela janela, abraçada à garrafa com um olhar desolado.

Aquilo foi um dos fatos que me deixou mais irritado com aquele idiota. Ele estragou a única chance em muito tempo que ela teve de sair e se divertir um pouco, longe daquela vida isolada que vivia.

— Por favor — choramingou. — Minha cama está me esperando. — Um suspiro condoído escapou de seus lábios.

— Que pena. Não vai vê-la por agora — falei descontraído, ajustando a rota no GPS compartilhado para o novo local que iríamos.

— Como?

— Vou te levar até um lugar especial, já que a noite ainda não terminou — contei e ergui os olhos para o retrovisor a tempo de vê-la abrir a boca em um O perfeito. — A menos que prefira voltar para casa...

— NÃO! — Empolgou-se, deixando apenas o rastro de lágrimas e maquiagem borrada revelarem que andou chorando. — Vamos para qualquer lugar na terra, qualquer mesmo. Eu topo tudo.

— Então vamos! — Shaw completou animado. — Ao infinito e além! — Jasmin deu uma gargalhada com a brincadeira do rapaz e até mesmo eu, que minutos antes estava tendo um ataque cego de raiva, consegui sorrir diante aquela súbita animação.

Só então me dei conta de que Jasmin tinha de tudo aos seus pés. Herdeira de uma fortuna bilionária, provavelmente mimada desde o dia em que nasceu, poderia comprar o que bem entendesse. Mas o que ela mais valorizava era a liberdade e detalhes em coisas simples que a transformavam em uma pessoa ainda mais linda e encantadora.

Você é diferente, Cristal. Muito diferente do que pensei.

Dei partida com os pensamentos voltados na mulher estranha, agressiva e que xingava que nem um bêbado, sentada no banco de trás, agora empolgada como se fosse uma criança prestes a ir ao parque de diversões e percebi que faria qualquer coisa para vê-la sorrir. Ainda que aquilo nem de longe fizesse parte do meu

trabalho como seu segurança, queria mostrar a ela o que era felicidade. E talvez aquele fosse o meu maior erro. *Mas que se foda.*

Evitei Jasmin o quanto pude, mas a verdade era que se tivesse que passar pelo inferno para libertá-la, eu passaria.



Você não faz ideia de que é minha obsessão?
Sonhei com você quase todas as noites essa semana
Quantos segredos você consegue guardar?
Porque existe essa música que encontrei
Que me faz pensar em você de alguma forma
E eu a coloco para repetir
Até eu pegar no sono

Do I Wanna Know? - Arctic Monkeys



CAPÍTULO 17

Jasmin Cahill

Mal podia acreditar no que meus olhos estavam vendo. Do mirante muito alto em que estávamos, podia vislumbrar toda a cidade de Chicago, acesa como uma grande árvore de Natal. As incontáveis luzes brilhavam forte, criando um mar gigantesco de pura iluminação.

— É lindo, não é? — Lobo parou às minhas costas. Todos os seguranças ficaram um pouco mais distante de nós, concentrados em ver a paisagem de seus carros e vigiar a entrada pela qual passamos, mesmo cientes de que outros seguranças a guardavam.

— Demais. — Sorri, encantada.

Fiquei extremamente grata quando Lobo sugeriu a troca na rota. Estava triste e abatida pelo fiasco que tinha sido a festa, mas agora estava com a mente focada em captar cada pedacinho daquela pequena liberdade.

Apertei a garrafa entre os dedos quando uma brisa fria varreu meu corpo e fez com que os pelos dos meus braços se arrepiassem.

— Aqui. — Lobo prontamente tirou o paletó e o passou por meus ombros. — Me dê essa garrafa por um momento e o vista direito. Pode pegar um resfriado.

— Obrigada — disse enfiando as mãos pelos braços do terno. O cheiro do homem logo tomou meus sentidos e esquentou

minha pele. Encarei-o ao meu lado. Seu olhar altivo agora estava concentrado nas luzes da cidade e demorou a se dar conta de que eu o observava.

— O que foi?

— Só estou.... feliz — admiti e peguei a garrafa de suas mãos, virando um gole em seguida que desceu ardendo por minha garganta. — Mal posso acreditar que o imutável e sempre confiável Lobo fez um desvio na rota só para me trazer aqui. É um gesto muito lindo. Até começo a pensar que goste de mim, nem que seja um pouquinho, mesmo me evitando a todo custo nos últimos dias. — Suspirei. — Senti sua falta. — Não sei por que disse aquilo, talvez a bebida já estivesse começando a tomar conta das minhas palavras e o pior de tudo era que não tinha me arrependido.

Ele riu de lado, enfiou as mãos nos bolsos e se recostou no capô do carro, logo atrás de nós. Ele observou os outros guarda-costas em uma conversa animada do outro lado do grande pátio em que estávamos parados. Segui-o e me encostei ao seu lado.

— Fugir de uma tentação é bem mais fácil do que enfrentá-la. Sou fraco diante dos meus próprios desejos. — Ele continuou encarando o horizonte e uma pontada de euforia subiu por meu pescoço ao imaginar que ele também se sentia atraído por mim. — No fim das contas, pode ser que eu não te odeie tanto assim — disse sem olhar em meus olhos.

— Fico feliz em saber. — Sorri, com o gargalo da garrafa preso entre os lábios e ficamos em silêncio admirando a paisagem.

Nunca imaginei que palavras ditas ao vento mexeriam tanto comigo daquele jeito.

— Gostaria que tivesse mais tempo aqui, mas nos resta dez minutos, no máximo.

— Dez minutos com você é tudo que preciso. — Virei mais um gole e vi o exato instante em que seus olhos procuraram os meus com um sorriso lento se formando em seus lábios.

— Você ao menos escuta o que fala?

— Escuto sim. Acho que me conhece o suficiente para saber que digo e faço o que me vem à cabeça.

— Ah, eu bem sei. De que outra forma você rodaria um homem pelos cabelos no meio de uma festa? — Agora foi a minha vez de dar risada.

— Aquele imbecil! — praguejei. — Ah, Magnólia, minha irmãzinha. Espero que no céu exista algum tipo de edição de vídeo celestial que a impeça de ver a vergonha que ele causou. — Senti-me feliz por, pela primeira vez, conseguir falar dela sem sentir aquele velho aperto no peito que me levava a loucura. Se ela estivesse mesmo vendo tudo, aposto que estaria rindo uma hora dessas.

— Poderia ter me avisado. Na verdade, deveria ter parado de dançar com aquele escroto imediatamente e deixado o resto comigo. — Ele se virou para mim, as íris agora assumiram um tom mais escuro pela pouca luz do ambiente, mas ainda assim podia sentir em minha pele a intensidade que exalavam. — Teria resolvido tudo sem te colocar em risco. Imagina se ele revida? Se ele triscasse um dedo sequer em você... — disse sério, as pupilas aumentaram à medida que sua voz rouca diminuía. Lobo desceu os olhos por meu rosto, parando na boca. — Teríamos um corpo para enterrar agora.

— Sei onde poderíamos enterrá-lo se a ideia ainda estiver de pé. — Brinquei e arranquei mais um sorriso intenso, delicioso de ver, que varria seu rosto compenetrado e chegava aos olhos distintos.

— Não me dê ideias, senhorita Cahill. — Balançou a cabeça de um lado para o outro.

— É difícil conversar com você quando estou olhando em seus olhos — confessei baixo, antes de virar mais um gole da bebida que esquentou ainda mais meu peito. Meu braço roçou de leve no de Lobo e um arrepio subiu por minhas pernas, alcançando minha intimidade.

— Por causa das cores? Te incomodam? — O resquício de insegurança que captei em sua voz derrubou qualquer pudor que eu, ainda sã e completamente sob controle das minhas faculdades mentais, era capaz de manter.

Cobri sua mão com a minha sobre o capô do carro e me inclinei em sua direção. A expectativa aumentou quando Lobo não recuou ao meu toque e eu estava bem ciente de que pelo ângulo que estávamos, nenhum dos outros seguranças conseguiam nos ver.

— Se me incomodam? Ah, Lobinho, você não sabe de nada. — Mordisquei os lábios, encarando-o. — Sua íris azul é viva, marcada por pequenos pontinhos mais escuros, como um mar aberto que eu gostaria muito de explorar. — Apertei seus dedos com os meus e o vi engolir com dificuldade. — E a castanha me traz a sensação de apreciar um pôr do sol no fim da tarde, quente, delicioso, instigante. — Tombei o rosto de lado, apreciando a visão que era Lobo diante de mim, tão perto, tão quente e como se sentisse a energia excitante que crescia entre nós, ele rodou nossas

mãos, até que as dele estivessem cercando a minha. — É difícil raciocinar quando estou diante de você assim, porque tudo que quero não pode ser descrito com palavras.

— E como pode ser descrito? — A voz intensa me invadiu e me dei conta de que ele estava tão envolvido quanto eu.

— Com gestos que eu não teria coragem de dizer antes de terminar esta garrafa. — Levei a mão livre ao seu peito rijo e o senti respirar com mais intensidade.

— Acho que já bebeu demais, senhorita Cahill. — Ele abriu um sorriso de lado e tentou alcançar a garrafa.

— Não seja um estraga prazeres. — Virei mais um gole. — Seus olhos são lindos, foi isso que eu quis dizer. — Olhei para frente, subitamente sentindo minhas bochechas arderem de vergonha pelo elogio.

Apesar de já ter provocado Lobo com comentários mais picantes, aquele último me incomodou porque eu sabia que não eram palavras vazias, e sim, a verdade absoluta em meu coração.

— Mais alguém na sua família tem os olhos assim? — Tentei mudar de assunto e vibrei quando percebi que ele não soltou minha mão.

— Não, sou só eu — começou e pude sentir seus olhos em mim, ainda que não estivesse olhando para ele. — Tenho dois irmãos, mas somos completamente diferentes um do outro. Sou adotado, então... não haveria como existir nenhuma característica física, e posso garantir que nossas personalidades também são bem singulares.

— Nossa, que incrível! — Olhei para ele de súbito. — Nunca conheci alguém que fosse adotado. Seus irmãos lidaram bem com

sua chegada?

— Somos todos adotados. Nunca tivemos problemas quanto a isso. — Arregalei os olhos, encantada com uma história que mal conhecia. — Acho que precisamos ir. — Ele olhou para o relógio em seu pulso.

— Ah não, só mais alguns minutos. Por favor, me conte sobre você e seus irmãos. — Uma euforia me tomou. — Tenho tantas perguntas.

— Responderei apenas uma. — Ele comprimiu os lábios.

— Que tal negociarmos. Eu divido minha bebida com você e, em forma de um gentil agradecimento, você me responde três perguntas?

— Isso é um acordo injusto. Não posso beber em trabalho. — Aproximei-me mais um pouco dele até que as laterais dos nossos corpos estivessem coladas.

— Neste caso, vou mudar os termos. — Lobo virou o rosto ficando a centímetros de distância da minha boca e tive que me controlar para não pular em cima dele ali mesmo. — Você me responde quatro perguntas...

— Aumentou uma? — Ele arregalou os olhos com divertimento.

— É uma proposta melhor, oras. — Dei de ombros. — Se responder quatro perguntas, paro de roubar suas chaves. — Ele piscou por um momento e seus olhos se expandiram de um jeito engraçado quando ergui a mão com a chave do carro entre os dedos... de novo.

— Você... — Ele fechou os dedos ao redor do molho de chaves. — Precisa *mesmo* parar de fazer isso, sua mão leve.

— Lá vai a primeira pergunta. — Ignorei a acusação em seu olhar.

— Só três. — Revirei os olhos.

Que fosse então... três era melhor que nada.

— Onde morava antes de ser adotado?

— Em um orfanato. Próxima.

— Droga, eu devia ter pedido detalhes — disse arrependida e ele riu. — Por que foi parar no orfanato? Seus pais faleceram? — Os olhos de Lobo se perderam em um ponto atrás de mim por um instante e depois ele encarou o horizonte brilhante diante de nós. Uma faísca estranha reluziu no sorriso amargo que ele abriu e por um momento me arrependi da pergunta. — Não precisa responder, posso bolar outra pergunta e...

— Eles eram viciados em drogas — contou e eu prendi a respiração por um instante. — Minha mãe já era usuária quando engravidou de mim. Foi pura sorte eu não ter nascido com nenhuma imperfeição. Morei com eles até os nove anos, quando minha mãe acabou falecendo e meu pai me abandonou de vez. Foi assim que acabei em um orfanato. — Sua voz se manteve estável, mas eu podia jurar que tinha mais alguma coisa por trás daquela história que ele estava ocultando, e eu não tinha certeza se queria saber o que quer que fosse.

— Sinto muito — disse baixo, segurando o nó em minha garganta ao imaginar a infância que Lobo deve ter enfrentado.

— Tem direito a mais uma pergunta. — Só não sabia se queria fazê-la.

— É... — Pensei em algo que não me fizesse chorar de vez com a resposta do homem. — Você e seus irmãos, se dão bem,

mesmo sendo tão diferentes?

— Demais — Senti a energia intensa com a qual ele respondeu. Talvez ele também estivesse aliviado com a súbita mudança de assunto. — Somos um pelo outro desde que nos encontramos pela primeira vez. Não há nada que não seja capaz de fazer por Fantasma ou Snake.

— Um dia vai me contar o significado destes apelidos?

— Precisa conquistar o direito de saber. — Ele se levantou. — E agora que teve suas respostas, não ouse meter as patinhas nas minhas chaves novamente. — Apontou para meu rosto e subitamente quis fazer uma pergunta. Ainda que já soubesse a resposta, senti uma necessidade absurda de ouvir dele.

— Se me permite adiantar uma curiosidade, qual seu verdadeiro nome?

— Tem certeza de que não sabe a resposta? — Ele estreitou os olhos e me encurralou. Droga!

— Talvez só queira ouvir de você — apelei e prendi meu lábio inferior entre os dentes, ganhando sua atenção.

Lobo se inclinou em minha direção. Prendi o ar quando vi sua boca se aproximar da minha e fechei os olhos, em expectativa, até sentir sua barba cerrada roçar meu rosto enquanto ele colava os lábios em meu ouvido.

— Christopher. — Soprou e todo o meu corpo respondeu aquele som rouco e penetrante. — E agora está em dívida comigo, senhorita Cahill. — Ele se afastou alguns centímetros e deslizou o polegar pelo meu rosto, queimando a pele onde tocava. — Temos que ir.

— Christopher... — Soltei baixinho, experimentando o nome em minha boca e o repeti mentalmente durante todo o trajeto, tatuando-o inconscientemente em um lugar muito arriscado. Um lugar que aquele homem deveria manter distância.

Em meu coração.

Lobo

Tentei esquecer o som do meu nome surgindo nos lábios de Jasmin, mas não consegui. A lembrança de como ela soprou cada sílaba de forma sensual, envolvente e provocante estava me deixando extremamente excitado. Precisava me controlar antes que chegássemos ao nosso destino e foi naquele objetivo que depositei toda a minha força de vontade.

Minha pequena ladra passou o restante do caminho para casa bebericando a garrafa de uísque e eu mantive os olhos atentos nela através do retrovisor. Notei que ela já estava bem alta quando chegamos à Casa da Colina e a jovem saiu numa velocidade impressionante de dentro do carro. Estava eufórica demais.

Segurei-a pelos ombros quando estava prestes a passar como um jato por mim.

— Entre, tome um banho e descanse um pouco, senhorita Cahill. Eu fico com isso. — Levei a mão em direção da garrafa, tentando tomá-la dela, mas a mulher a abraçou com tudo.

— Nãooooo, ainda não acabei — reclamou. — Quero beber mais um pouco, quem sabe dançar?

E saiu correndo meio aos tropeços em direção ao salão de dança.

— Esse problema é seu, *Lobinho*... — Ouvi Lyon provocar e causar uma onda de risos entre os guarda-costas.

— Vai se foder, Lyon.

— Boa sorte, senhor. — Shaw passou por mim. — Magicamente estou de folga pelo resto do turno.

— E eu estou encarregado da sala de vigilância — Ray completou. — Então é com você, Lobinho. — Ergui a mão disposto a dar um soco em Ray, mas o desgraçado logo se uniu aos outros dois e sumiram no pátio escuro rindo da minha cara.

— *Let it GO! Let it Go!* — Ouvi a voz empolgada de Jasmin cantarolando pelo caminho e cheguei a tempo de vê-la sentada sobre o gramado lutando contra as sandálias de salto alto. — Será que pode me ajudar? — Ela sacudiu os pés em minha direção e tive que conter um sorriso com a cena.

As bochechas coradas estavam destacadas pelo vestido e batom vermelho. Abaixei-me de frente para ela e segurei um dos seus pés em minhas mãos, o contato fez com que o breve sorriso que Jasmin sustentava desse lugar a um olhar intenso e muito quente.

— Não sei como consegue andar e dançar sobre coisas tão finas. — Tentei me concentrar em qualquer coisa fosse.

— Deveria ter enfiado um deles na cara de idiota do Ryan naquela festa.

— Não posso incentivá-la, senhorita, mas teria gostado de assistir a cena. — Brinquei e ela me encarou com profundidade, os dois vagalumes piscavam atentos, fixos em mim.

Os cabelos levemente desarrumados ao redor do rosto muito belo davam a ela um aspecto de uma ninfa fugitiva.

Puta que pariu!

Jasmin parecia uma boneca feita pelos dedos de um anjo. Delicada, sensual, atraente pra caralho.

Deslizei a mão pelo peito do seu pé e me desfiz dos laços do salto, tirando-os em seguida, mas por algum motivo, não consegui afastar minha mão da perna dela e acabei subindo os dedos por sua panturrilha. Jasmin quase fechou os olhos com o toque e precisei de toda a minha força de vontade para controlar meus movimentos sob aquela pele macia.

Retirei a mão dali e ajudei-a a ficar de pé.

— Vamos dançar? — ela perguntou de súbito.

— O quê?

— Dançar... sabe, se movimentar de acordo com uma música. — Ela começou a embalar o corpo de um lado para o outro. Os movimentos se mostraram delicados e concisos, mesmo diante da bebida.

— Não sei você, mas não estou ouvindo nenhuma música. — Ri e enfiei as mãos nos bolsos. — Avisei que deveria parar de beber.

— Tsc! — Ela revirou os olhos de um jeito muito fofo. — A música está em tudo. — Fechou os olhos por um instante. — Escute... o vento batendo no topo das árvores...

— Continuo sem ouvir nad...

— Feche os olhos! — ela vociferou e levou a mão ao meu rosto, obrigando-me a fechá-los.

— Por que eu faria isso? — Bufei entre seus dedos.

— Por favor... só feche os olhos. — Jasmin soltou meu rosto e se aproximou mais de mim. Tocou minha mão com a sua, mantendo a garrafa presa entre os dedos da outra mão. Meu casaco cobria parte do corpo da mulher, mas seus seios destacados sob o tecido vermelho se mantinham visíveis, chamando minha atenção.

Não tinha jeito, teria que fechar os olhos.

— Agora escute... — ela pediu baixo. — O vento, o assobio de um grilo em algum lugar, nossa própria respiração. É uma sinfonia.

Ela soltou minha mão um segundo depois e balançou o corpo com graça, rodopiando ao meu redor. Acompanhei seus movimentos, congelado mais uma vez diante daquela dama de vermelho. Ela escorregou meu blazer pelos braços e o balançou diante dos meus olhos.

— Dança comigo, Lobinho... — pediu e correu em direção à academia de dança, desaparecendo na escuridão dentro do lugar.

Vá embora...

Arraste-a com você e a tranque no quarto...

Vá embora, porra!

Meu subconsciente tentava me alertar, mas diferente do que eu deveria fazer, comecei a caminhar em direção a ela como se estivesse enfeitiçado. Um som leve ecoou do salão de dança assim que parei na porta, as luzes estavam apagadas, mas a luz da lua entrava no lugar pelas duas laterais feitas de vidro. Jasmin estava perto da caixa de som escolhendo uma música e quando viu que eu realmente estava ali, sorriu abertamente.

Porra! Estava me amaldiçoando desde o dia que a beijara na cozinha. Aquilo foi algo inconcebível, mas que não saía da minha

mente a ponto de eu quase ter que me aliviar sozinho nas noites que se sucederam pelo simples fato de que toda maldita vez que eu fechava os olhos minha mente voava novamente até aquele beijo.

O gosto doce dos seus lábios, o som baixinho e dolorosamente excitante que ela deixava escapar a cada segundo, o toque incerto e ao mesmo tempo afoito. Tudo... e agora, estava mais uma vez sozinho com ela e saber que não havia câmeras ali dentro deixava tudo ainda mais perigoso.

Se eu desse um passo para dentro daquele salão, tinha certeza de que perderia o controle.

— Não vai vir, Lobinho? — Ela parou sob a luz da lua e seus cabelos loiros refletiram, traçando um contorno em seu rosto angelical.

Jasmin parecia uma criatura mágica, saída de um mundo paralelo e quando me dei conta já tinha entrado na academia.

Ela começou a dançar ao meu redor, o vestido longo e muito vermelho rodopiava em seus pés. Vez ou outra seus olhos pescavam os meus em meio aos movimentos que me deixaram imóveis e a fagulha de desejo que enxerguei ali fez com que a mais pura lascívia me tomasse.

Aquela mulher estava me encantando com seus movimentos, liberta, entregue, deliciosa. Meu membro pulsou duro quando ela mordeu a boca carnuda e manteve os olhos brilhantes nos meus, erguendo a mão até tocar meu peito, deslizando-a devagar por ali, acendendo uma chama que eu não consegui controlar.

Segurei seu braço, impedindo-a de se afastar. Ela parou afoita, a respiração inconstante me excitou e toda a barreira que eu

ainda sustentava, evitando tocá-la a todo custo, ruiu de vez. Puxei Jasmin para meus braços e colei nossas bocas com vontade.

Insinuei a língua por entre seus lábios macios, contendo o impulso de devorá-la de uma só vez como desejei por todos aqueles malditos dias. Ela emitiu um som baixo, inconstante, enquanto explorava a profundidade macia de sua boca. Acariciei sua língua com a minha com lentidão exagerada. Seus braços passaram por meu pescoço, puxando-me para mais perto dela. O gosto de uísque preencheu meu paladar e me pareceu infinitamente mais delicioso do que me lembrava. Suguei e mordisquei seus lábios grossos, envolvendo sua nuca com uma das minhas mãos enquanto a outra enlaçava sua cintura.

O beijo se tornou afoito, desesperado e sem me dar conta, caminhei com ela em meus braços até encontrar a parede do lugar. Pressionei as costas daquela pequena ninfa ali e a cerquei com meu corpo, guardando em minha memória cada pedacinho daquele instante. Os sons que ela fazia ao sentir o prazer crescente entre nós, o cheiro de jasmim do campo em um dia ensolarado de primavera que reverberava em sua pele macia, o ardor com que seus lábios tentavam alcançar os meus, tudo, absolutamente tudo.

Desci a mão pela lateral do seu vestido sentindo as curvas acentuadas com as pontas dos dedos, enquanto tomava tudo que ela estava disposta a me dar em um encontro de línguas, dentes e sons abafados pelo mais puro desejo.

Porra, estava tremendo, controlando a vontade de tomá-la ali mesmo.

Subi os dedos pelo tecido liso do vestido, passando por sua barriga até alcançar a base dos seios duros e um som rouco subiu

por minha garganta ao sentir seus mamilos intumescidos. Fechei a mão em volta do seio. Meu polegar resvalou no mamilo rijo sob o tecido e ela gemeu em minha boca de um jeito profundo.

— Jasmin, meu anjo — sussurrei e abri os olhos para ver a expressão em seu rosto. Meu membro pulsou dolorosamente ao encontrar os olhos semiabertos e a boca inchada me encarando de volta. — Você me deixa louco. Se eu não parar agora...

— Não pare — pediu em uma voz languida, entorpecida. Tentei ser racional, mas tê-la ali, tão entregue em meus braços varreu para longe qualquer tipo de sanidade que ainda me restasse.

Seus dedos finos enlaçaram os cabelos em minha nuca, puxando-me para mais um beijo. Acariciei o bico do peito, pressionando-os entre meus dedos, ansioso por senti-lo em minha boca.

— Hummmmm! — Deixou escapar, espalhando uma chama acesa por todo o meu corpo.

Beijei-a com ardor e desci os lábios por seu pescoço, lambendo e mordiscando a pele macia pelo caminho. Demorei-me mais na curva do pescoço enquanto beliscava o mamilo com um pouco mais de pressão, saboreando os sons excitantes que escapavam dos lábios dela. Pousei a boca sobre o bico do seio e o mordi com leveza sobre o tecido fino. Jasmin gemeu alto e tombou a cabeça para trás.

Levei a mão até a alça do vestido e o desci até que os seios redondos e rosados fossem expostos diante de mim. Eram medianos e empinados, nem tão grandes, nem tão pequenos, mas perfeitos para mim.

Notei quando ela levou a mão ao vestido, tentando cobri-los.

— O que pensa que está fazendo? — Ofeguei em sua boca, segurando seu pulso e prendendo-o à parede.

— Eles não são... — arfou e quase fechou os olhos quando resvalei o polegar em seu mamilo sensível, desnudo pela primeira vez. — Tão bonitos a ponto de eu querer exibi-los assim...

Sorri e subi o polegar até seu maxilar, desenhando o contorno doce suave com a ponta dos dedos.

— Você é um conjunto de perfeições, meu anjo — garanti e desci os lábios por seu pescoço, passando pelo vale dos seios até parar com os lábios bem rente a um deles. — Deliciosa. — Fechei os lábios ao redor do bico e o suguei levemente, acariciando-o entre meus dentes.

— Puta que pariu! — ela gemeu alto e se agarrou ainda mais a mim. Suguei as laterais do seio com calma, enquanto torturava o outro com a mão livre.

— Lobo... — Ela empurrou o quadril contra minha ereção. — Estou queimando.

— Eu também, meu Cristal. — Circundei sua bunda redonda com uma das mãos enquanto sugava, mordia e chupava seus seios.

Porra, a excitação latente tomava cada centímetro do meu corpo e da minha mente. Jasmin ofegava e estremecia à medida que os toques ficavam mais intensos, e eu não me sentia capaz de parar, a menos que ela pedisse. Como é que eu conseguiria me afastar dela agora? O desejo insano que nos preenchia naquele momento era irracional. Queria senti-la a todo custo.

Ela levou a mão até a abertura da minha calça, tentando abri-la e então precisei reunir toda a minha sanidade para impedi-la.

— Não posso fazer isso, Jasmin... — Beijei o cantinho da sua boca.

— Não há nada te impedindo. — Ela estava tremendo, quente como o inferno e eu só consegui pensar em como devia estar molhada.

— Não me provoque, garota. — Como se estivesse disposta a me confrontar, ela resvalou o quadril contra minha ereção. Respirei fundo, controlando-me para não foder com ela ali mesmo como queria.

— Isso... aconteceria na noite da boate se tivéssemos um tempo a sós. Eu sabia que o desejava assim que o vi. Sabia que seria você... — barganhou, mas algo em sua frase me soou estranho.

— Sabia que seria eu?

— O primeiro — confessou e demorou um segundo até que uma hipótese percorreu minha mente e me fez congelar.

Afastei-me dela apenas o suficiente para olhar para ela. O rosto de Jasmin estava muito vermelho, os olhos brilhavam de excitação.

— Como?

— O primeiro com quem eu transaria.

— O quê? — falei alto demais e arregalei os olhos. — Você é virgem, Jasmin?

De repente a música parou e todas as luzes da mansão se apagaram, transformando o lugar em um breu completo. Imediatamente subi o vestido de Jasmin, ajudando-a a arrumá-lo da melhor forma possível.

— A luz caiu. — Ela olhou para a escuridão, aflita.

— Parece que sim, já aconteceu antes? — sondei, levando a mão até a arma.

— Nunca.

— Porra! — Prendi o ar por um momento.

Alguma coisa estava errada.

CAPÍTULO 18

Jasmin Cahill

Um som oco e muito alto cortou a noite. Depois outro estampido e mais outro.

— Estão atirando. — Lobo levou uma mão ao comunicador enquanto a outra se colocou à minha frente de forma protetora.

Meu coração subiu para a garganta quando os barulhos começaram a aumentar.

— Reúnam toda a equipe, precisamos remover o Cristal AGORA — ele gritou e sacou a arma logo em seguida, virando-se para mim. — Cortaram as luzes, estamos com acesso apenas nos comunicadores, já acionei toda a equipe, vamos levá-la para a casa de apoio, conhece o endereço, certo? — referiu-se a uma casa segura, onde eu deveria ser levada em casos de emergência.

— S-sim — gaguejei. — Meu pai me fez decorá-lo, já que só eu e ele sabemos onde fica.

— Certo. — Ele colocou a mão em meus ombros e me encarou sério. — Fique atrás de mim até chegarmos à porta, depois disso, quero que fique ao meu lado, abaixada. Vamos em direção aos veículos, entendeu?

— Porta, abaixa, veículo. Entendi — repeti. Ele me observou por mais um segundo, segurou meu rosto entre as mãos e depositou um beijo rápido em minha testa.

— Vou tirá-la daqui em segurança. — E a correria começou sem que eu nem sequer tivesse tempo de assimilar tudo que estava acontecendo entre nós.

Lobo agarrou o casaco do seu terno e o jogou sobre meus ombros. Sacou a arma e começou a andar até a porta. Segui seus passos e enquanto ele observava cada canto, mais e mais tiros podiam ser ouvidos do lado de fora dos portões.

— Espera — pedi de súbito e me abaixei rapidamente, agarrando a garrafa de uísque. — Pronto, podemos ir.

— Para quê infernos está levando essa garrafa? — Ele arregalou os olhos como se eu estivesse com uma melancia pendurada no pescoço.

— Me defender, ora. E também pretendo terminar de bebê-la caso eu sobreviva. — Ele rosnou e me empurrou para suas costas.

— Equipe Beta, preciso de cobertura. Estamos na academia de dança, na escuta — Lobo disse no comunicador e imediatamente duas luzes vermelhas surgiram no chão do lado de fora da academia. — Vamos. — Ele me colocou ao seu lado e me abaixou, envolvendo meu corpo com uma mão e segurando a arma com a outra.

Abracei a garrafa e segui correndo ao seu lado.

— Que luzes são essas? — gritei. Os tiros ficavam mais altos a cada segundo. — Eram os mocinhos?

— São os atiradores de elite. Fazem parte da minha equipe Beta, não se preocupe com eles. Foque em andar o mais rápido possível.

Continuei correndo. As pedrinhas pelo caminho machucavam meus pés descalços. Chegamos ao carro e Shaw já nos esperava.

— Entre rápido, senhorita. — Ele abriu a porta e praticamente me jogou dentro do carro. Nunca o vi agir de forma tão ágil.

Shaw e Lobo entraram no veículo e trancaram a porta.

— Coloque os cintos, senhorita Cahill — Lobo orientou e me apressei em colocá-lo. — Estamos com o Cristal. Vamos sair, deem o fora desse lugar, AGORA! — ele gritou no comunicador e um atrás do outro, os carros começaram a se mover.

— Equipe Beta, o caminho pela estrada está liberado? — Lobo continuou a conversa e logo em seguida pareceu mudar o comunicador, agora falando com outros seguranças. — Lyon, na escuta? Siga o caminho da estrada padrão, nossos atiradores garantiram a passagem.

— Pode ficar tranquila, senhorita Cahill, os carros são à prova de bala, como deve imaginar. — Shaw disse e também sacou a arma. — MISERICÓRDIA!

— Aaaaaa! — gritamos juntos quando algo atingiu a janela do nosso carro.

— Acelerem e abram espaço. Vamos, vamos, vamos! — Lobo apertou o volante com as mãos. — Prepare-se, Shaw. Não tenho visão do atirador pelos retrovisores. — Shaw murmurou algo que não entendi e segurou a arma com ambas as mãos. — É um bom momento para fornecer o novo endereço, senhorita. — Virou-se para mim e depois de piscar umas duas vezes, ditei o endereço.

Mal conseguia acreditar que minutos antes eu estava vivendo uma das sensações mais gostosas e surpreendentes da minha vida com aquele mesmo homem que agora dirigia de forma ensandecida, tentando nos livrar de quem quer que fosse.

Assassinos malditos!

Estávamos correndo numa velocidade tão rápida pela estrada que eu nem sequer conseguia me mover, mas assim que alcançamos a rodovia principal fomos abraçados por uma calmaria suspeita.

— Despistamos eles? — Shaw olhava para trás, esperançoso e seus olhos escuros recaíram sobre mim, que estava congelada no banco de trás.

— Duvido muito — Lobo o respondeu. — Estamos em três carros, não acho que eles nos perderam de vista. — Ele acionou o comunicador mais uma vez. — Atenção equipe, fiquem atentos. Podemos ser surpreendidos a qualquer momento.

O telefone de Lobo começou a tocar e ele jogou o aparelho no banco de trás sem desviar o olhar da estrada.

— É seu pai — avisou e eu agarrei o telefone com as mãos trêmulas.

— Pai! — Minha voz surgiu alta e estridente.

— Jasmin, você está bem? Se machucou? Já estão em segurança? — Ele disparou um milhão de perguntas e meu coração se partiu em dois ao notar o tom de desespero profundo em sua voz.

— Vou ficar bem e não me machuquei. Estamos indo para a Casa Sul — referi-me ao local secreto que vínhamos guardando desde a morte de Magnólia. Uma casa altamente preparada, resistente a grandes ataques e com dois quartos do pânico muito bem equipados. Se chegássemos até ela, não teríamos que nos preocupar por um tempo.

— Coloque no viva-voz, preciso falar com Lobo.

Fiz o que ele pediu e pelos próximos minutos meu pai informou que Wood estava com ele em sua segurança particular e que não deveríamos nos preocupar com ele. Também pediu detalhes que pudessem ajudar na identificação e prisão de quem quer que estivesse atacando a Casa da Colina e só terminou a ligação depois de Lobo garantir duas vezes que conseguia manter minha segurança.

— Eu te amo filha, em breve estaremos juntos — meu pai disse no viva-voz pouco antes de desligar.

Lobo

Estava prestes a arrancar o volante com as mãos. Todo aquele ataque me soou muito suspeito. Por que nos deixaram passar? Por qual motivo não nos seguiram se o alvo estava conosco?

Olhei pelo retrovisor por um momento e o semblante petrificado no rosto de Jasmin me deixou inquieto e preocupado.

Toda aquela loucura me impediu de assimilar o que aconteceu entre nós. Ainda estava digerindo a informação sobre Jasmin ser virgem quando o tiroteio começou e todos os meus pensamentos se tornaram um grande borrão. Meu único objetivo era protegê-la e precisava me manter focado naquilo.

— Estamos chegando — alertei, reconhecendo um dos bairros mais afastados do centro da cidade, onde grandes casarões estavam espalhados com uma larga distância entre eles.

Estávamos em três carros. Lyon conduzia o primeiro deles, enquanto Shaw e eu ficávamos no segundo e Ray no terceiro.

Fizemos a curva e entramos em uma rua erma, muito escura. O nível da minha atenção dobrou.

— Preparem-se, estamos chegando. — Mal fechei os lábios e o som alto de pneus estourando tomou todo o ar. O carro em que Lyon estava deslizou ao passar por cima de um estrepe pontiagudo armado sob a proteção da rua escura.

Freei o carro, os pneus cantaram alto e dois deles também passaram pelo estrepe, estourando logo em seguida.

— Merda, Lyon? LYON?

— Ai, meu Deus! A GENTE VAI MORRER! — Jasmin gritou do banco de trás.

— Vão ter que passar por cima de mim antes de chegar até a senhorita, não se preocupe — Shaw a respondeu, corajoso.

— Estou bem, mas o carro já era — Lyon disse no comunicador.

— Ray, dê a ré e vire o carro — ordenei para o único de nós que ainda tinha os quatro pneus inteiros. — Se prepare para...

— Lobo! LOBO! — Shaw gritou e apontou para uma árvore de onde vários homens começaram a surgir usando roupas escuras, assim como as máscaras e bonés pretos que cobriam seus rostos.

Um deles trazia consigo algo pequeno e prateado nas mãos e veio caminhando confiante em direção ao nosso carro.

— Isso aguenta qualquer arma? — Shaw questionou e quando percebi o que eles carregavam, todo o sangue do meu corpo desceu para os pés.

— Os vidros blindados suportam a bala de qualquer calibre, mas aquilo na mão deles é a porra de uma bomba.

Por um instante imaginei estar vivendo algum pesadelo e se eu não pensasse rápido, logo estaríamos todos mortos.

Jasmin Cahill

— Uma bomba... — Não tinha forças nem para falar. Os homens do lado de fora pareciam ter saído de um filme de terror daqueles com direito a Freddy Kruger e tudo.

— Eles estão se aproximando — Shaw disse, atento e um dos homens colou na porta do carro uma caixa prateada.

— Rápido, para trás. — Lobo soltou o cinto de segurança e pulou para o banco de trás junto com Shaw. — Coloque o cinto — alertou para o outro guarda-costas e fez o mesmo, acionando o comunicador em seguida.

— Ray, Lyon, atenção. Quando tentarem explodir a lateral, o carro vai resistir por um instante, parece uma bomba de baixo impacto e então é provável que a porta vá ceder. Esses desgraçados estarão distantes para não serem atingidos pela explosão e vamos usar isso ao nosso favor. Lyon, saia do veículo e nos dê cobertura, sairemos pela porta do lado esquerdo. Vamos precisar trocar tiros com esses desgraçados para alcançarmos o carro do Ray e dar o fora daqui, copiado? — ele falou rápido e sem pausa.

A ansiedade subitamente me atacou. Aquilo era real, estávamos mesmo cercados por um monte de homens que só

tinham um único objetivo: me matar.

— Jasmin, fique abaixada e em hipótese alguma saia de perto de mim. Vou te tirar daqui — Lobo afirmou com uma convicção que quase me fez acreditar, mas as probabilidades não pareciam ao nosso favor. — Se segurem. Assim que a bomba explodir, vamos sair.

Não demorou muito tempo e um som alto e excruciante tomou meus ouvidos e me vi gritando quando o carro foi atingido pela explosão que o fez erguer as rodas da direita do chão e cair de novo com um estrondo. Subimos e descemos como em uma montanha russa da morte, por sorte, os cintos resistiram o suficiente.

— Vamos! — Lobo gritou já abrindo a porta e assim que colocamos o pé do lado de fora, eles começaram a atirar.

Mantive a garrafa de uísque bem segura em minha mão e me abaixei como Lobo mandou. Eu poderia ficar histérica naquele momento, chorar, rolar no chão, implorar por minha vida, mas nada daquilo adiantaria e eu tinha muita ciência daquilo.

Passei grande parte da minha vida correndo o risco de ser assassinada, então aquilo era muito mais que uma batalha. Era a guerra que seria o divisor de águas entre viver e morrer. E estava bem inclinada a continuar respirando.

Precisávamos enfrentá-los para sair dali, então empurrei o pavor que sentia para debaixo do tapete e me abaixei atrás da lataria do carro.

Havia muita fumaça causada pela bomba e eu só conseguia ver sombras correndo em nossa direção. Foi então que aconteceu.

Lyon começou a atirar e conseguiu chegar até nosso carro, unindo-se a Lobo que mirava, atirava e acertava com uma facilidade incrível diante da quantidade de empecilhos no caminho. Sua mira era surreal de tão impecável. Ele ia acertando um por um, enquanto me mantinha tão perto que conseguia sentir o tranco que a arma dava em seu corpo muito duro.

— Vamos! — ele gritou e começamos a correr em direção ao carro de Ray, que ainda estava trancado e intacto. O guarda-costas então saiu do veículo e começou a atirar em tudo que se movia às nossas costas, assim como Lobo, Shaw e Lyon.

A adrenalina nem sequer me deixava pensar direito, tudo que queria era chegar logo naquele carro. Estávamos quase o alcançando quando fomos surpreendidos por dois homens. Lobo atirou em um deles, fazendo com que ele caísse no chão e fez o mesmo com o outro, acertando sua mão, arremessando a arma do maluco para longe, mas o segundo homem não estava disposto a desistir e saltou sobre ele, entrando em uma luta corpo a corpo que o afastou de mim.

Cambaleei, tentando me segurar nele. Um ardor estranho tomou a lateral do meu rosto, mas nem tive tempo de pensar muito naquela pontada de dor. Os guarda-costas estavam focados em atirar na multidão que parecia aumentar a cada segundo. As balas ricocheteavam pelas latarias do carro e eu me sentia completamente perdida.

— PORRA! — Lobo rugiu e conseguiu dar um soco no homem. Ele pegou a arma e atirou duas vezes em direção ao inimigo. Pisquei, assustada.

Meu Deus do céu!

Ele já devia ter matado umas cinco pessoas ali e eu não seria hipócrita em dizer que estava achando ruim. Queria sair viva dali, assim como queria que meus guarda-costas também se livrassem ilesos.

— Jasmin! — Ele envolveu minha cintura e me puxou para perto. — Continue andando. Vamos.

Corremos e em menos de um metro lá estavam eles nos cercando novamente, como formigas que nunca paravam de surgir. Lobo me rodou nos braços e me colocou atrás dele, mas não havia nenhum lugar para nos escondermos, éramos alvos fáceis ali, naquele meio, camuflados apenas pela grande quantidade de fumaça no lugar.

Lobo se ocupou ao lado de Shaw e Lyon e até mesmo Ray à distância, tentando acertar os novos alvos antes que fossemos atingidos. Mantive-me atrás da barreira que eles criaram e estava prestes a correr quando uma voz chamou meu nome bem atrás de mim.

— Jasmin Cahill... — Virei-me imediatamente e vi a figura emergir entre a fumaça. O homem usava um capuz escuro que me impedia de ver seu rosto.

— Quem é você? — gritei sob o som alto dos tiros e olhei para suas mãos, que eram brancas como a de um cadáver, e o mais puro medo me preencheu quando vi a adaga brilhante que ele segurava com afinco.

— Um velho conhecido. Não se lembra de mim? — Ele se aproximou rápido demais e tudo que consegui pensar era que, se ficasse ali, ele me mataria enquanto meus guarda-costas tentavam eliminar os homens que atiravam em nós.

— Destinos foram feitos para serem aceitos. Não há como escap...

— SAI FORA, MALUCO! — Joguei a garrafa de uísque nele com todas as minhas forças e fiquei satisfeita quando atingiu o meio da sua testa, fazendo-o cambalear e desaparecer na fumaça por um momento.

Lobo me puxou pela mão, mantendo toda sua atenção voltada aos homens que continuavam atirando.

— Vamos! — Lyon gritou cobrindo nossas costas.

— Estão se aproximando! — Shaw berrou e Lobo me envolveu com seus braços, abraçando-me de lado e iniciamos uma corrida até o carro de Ray.

Entramos todos dentro do veículo. Lobo assumiu o volante e acelerou com tudo, cantando os pneus quando os homens começaram a se aproximar de novo e saímos de lá sendo alvejados.

O homem quase voou pela rodovia, enquanto eu nem sequer conseguia respirar.

— Sofremos uma emboscada — ele concluiu, metendo o pé no acelerador e conferindo de segundo em segundo os retrovisores. — Quem mais tinha conhecimento daquela casa, Jasmin? — Àquela altura ele já tinha desistido de me chamar de senhorita Cahill.

— Só eu, meu pai e tia Claire, que foi quem indicou a casa à venda para comprarmos e... — Subitamente, uma ideia me veio à mente. — Ah, porcaria, rápido, tirem os comunicadores. — Shaw e Lyon me encararam com o semblante confuso. — POR QUE ESTÃO ME ENCARANDO? Andem logo, eles podem ser rastreados — gritei, aflita.

Rapidamente cada um deles arrancou o material de trabalho e me entregaram a seguir, juntamente com o celular de Lobo.

— Sinto muito por isso. — Entreguei o montante para Ray. — Jogue pela janela.

— Sim, senhorita.

— Vamos nos livrar deste carro também. Ainda que apenas seu pai tenha o acesso necessário para rastreá-lo, temos que considerar alguma invasão dentro da Hill e Cahill. — Lobo completou e soltou o ar exasperado.

— O que aconteceu lá atrás, Jasmin? — Lyon inqueriu. — Eu a vi jogando aquela garrafa em alguém.

— Um cara esquisito tentou se aproximar de mim e joguei a garrafa nele.

— Que esquisito? — Lobo questionou e seus olhos me sondaram brevemente pelo retrovisor.

— O de capuz com a faca prateada nas mãos. Ele veio com um papo esquisito de que era um velho conhecido e que destinos foram feitos para serem aceitos... ai, meu Deus! — Suguei o ar com força, só agora assimilando o que o imbecil tinha dito. Unindo suas palavras ao objeto em sua mão, só podia ser uma pessoa. — Era o homem que matou minha irmã! — Uma náusea forte me tomou e soltei o corpo no banco.

— Merda, merda, merda! — Lobo deu três socos no volante. — Não acredito que ele estava ali e não o vi. — Deu mais uma sequência de socos no volante. — Estou caçando o desgraçado há anos.

— Pelo menos acertei uma garrafada nele — disse, fraca.

— Uou! — Shaw se virou para mim. — A senhorita foi fenomenal.

Lobo se manteve em silêncio pelos próximos quinze minutos que duravam a viagem. Ele entrou em um bairro estranho, escuro e estacionou o carro em uma viela muito curta.

— Desçam do carro e se mantenham nas laterais dos prédios. — Descemos em silêncio. Lobo nos guiou por um beco escuro, os prédios daquele bairro eram pequenos, de três e quatro andares no máximo, com as paredes de tijolinhos vermelhos e alguns carros parados na garagem, assim como nas ruas ermas paralelas à viela que atravessávamos.

— Jasmin! — Lobo se virou para mim rápido demais e me segurou pelos ombros.

— O que foi? — Lobo analisou meu rosto com um semblante aflito, mas logo sua atenção pairou em minhas orelhas.

— Seus brincos, têm um rastreador neles. — Arregalei os olhos e congelei no mesmo instante. — Precisamos tirá-los, agora. — Ele se apressou a desenroscar um dos brincos.

— Que droga! — reclamei enquanto tirava os brincos. — Quem foi que teve a brilhante ideia de me dar uma joia tão rara com um rastreador dentro dela? — Podia jurar que papai convenceu tia Claire a fazer aquilo.

Me peguei encarando as duas pérolas negras na palma da mão com um aperto no peito.

— Podem te encontrar com essa merda. — Ele estendeu a mão para que eu as estregasse e arremessou os brincos do outro lado da rua. — Agora podemos ir.

Recomeçamos nossa corrida e nem sequer tive tempo de reclamar pelas pérolas perdidas. Lobo me manteve colada ao seu corpo e parou ao lado de um carro. Olhou de um lado para o outro e tirou uma das chaves do bolso.

— O que está fazendo? — sussurrei quando o vi forçar a maçaneta do veículo.

— Roubando esse veículo, alguma objeção? — disse sério, sem me olhar nos olhos.

— Nenhuma — engoli em seco.

Entramos no veículo alguns instantes depois e ninguém comentou o fato de que estávamos indo de vítimas a ladrões em um piscar de olhos.

Seguimos pela noite, agora livres de qualquer coisa que poderia nos rastrear.

— Merda — Lobo gemeu um tempo depois e levou a mão ao ombro.

— Porra, você se machucou. — Lyon, que estava no banco da frente, notou o que nenhum de nós tinha se dado conta.

Havia um rasgo na camisa de Lobo, na altura do ombro. Meu coração acelerou no mesmo instante e me inclinei, enfiando a cabeça entre os bancos.

— Você está ferido! — Minha voz saiu esganiçada.

— Não é nada, foi de raspão. — Ele nem sequer olhou para o machucado que deixava a blusa preta pegajosa na altura do corte.

— Pode infeccionar, Lobo e se você...

— Senhorita Cahill, precisamos tirá-la daqui. Concentre-se em se manter segura. — Ele me cortou. Pelo tom de voz percebi

que estava nervoso demais e me contive, ainda que quisesse pular por cima daqueles bancos e ver se o machucado era profundo.

Paramos quase uma hora depois em uma rodovia onde apenas caminhões passavam por nós rasgando a noite em um silvo alto e veloz. Lobo estacionou próximo a um posto de gasolina.

— O que faremos agora? — Lyon perguntou e Lobo soltou o ar exasperado.

— Alguém entre nós está nos traindo — revelou e um burburinho reverberou pelo carro.

— Como pode ter certeza? — Shaw inqueriu.

— Não havia como alguém de fora saber da existência da casa que estávamos indo. Pensem bem. — Lobo apertou o volante com a mão. — Os tiros na Casa da Colina nos fizeram sair de lá às pressas com a senhorita Cahill, mas ninguém veio atrás de nós quando fugimos de lá.

— Mas estavam nos esperando no novo local — Lyon completou.

— Exatamente. Eles não nos rastrearam até lá. Já sabiam da localização.

— Usaram uma isca para nos tirar da Casa da Colina — Ray concluiu, surpreso.

— E nós caímos que nem uns imbecis. — Lobo se virou para o banco de trás. — Mas agora não vamos permitir que nos manipulem. Lyon, assuma a direção e encontrem Cahill. Digam a ele que levarei a senhorita Jasmin para um lugar seguro. Não revelem a suspeita que temos, só peçam que ele aguarde. Logo vou entrar em contato com mais informações. Precisamos descobrir quem foi o

desgraçado que nos traiu. São tantos suspeitos que não podemos confiar em absolutamente ninguém fora deste veículo.

— De jeito nenhum! — Lyon se interpôs. — Nós vamos com vocês. Não podem dar conta de todos eles sozinhos e se os encurralarem? Estarão mortos antes do amanhecer.

— Lyon está certo, senhor. — Shaw se intrometeu.

— Ou sobrevivemos juntos, ou morremos juntos. — Ray completou e Shaw gemeu, aflito.

— Agradeço o apoio, mas acreditem em mim quando digo que será mais fácil levá-la em segurança sozinho, mas preciso contar com vocês para o resto do plano. — Eles se entreolharam e ficou bem claro que não estavam satisfeitos com aquilo. — Precisam confiar em mim e eu só tenho a opção de fazer o mesmo com vocês.

— Ok. — Lyon bufou. — Conte conosco e trate de voltar em segurança junto com a senhorita Cahill. — Lobo meneou um aceno e seu semblante se suavizou.

— Como vai levá-la para outro lugar se ficarmos com o carro? — Shaw estreitou os olhos em direção a Lobo.

— Tenho um plano — foi o que ele disse e alguns minutos depois, vi os meus guarda-costas indo embora em um carro pequeno roubado, enquanto eu e Lobo íamos em direção ao posto de gasolina.

Passamos por trás do lugar quando uma leve chuva começou a cair e me surpreendi ao ver várias motos empilhadas nos fundos do posto. Havia um homem parado sobre um telhado muito velho, usando o uniforme do lugar e parecia vigiar tanto o posto, quanto as

motos e ao nos ver, ele lançou um aceno curto em direção a Lobo, que retribuiu. Pelo visto, eles se conheciam.

Meu segurança começou a vistoriar cada motocicleta à procura de algo.

— Você tem uma moto aqui? — Passei os olhos pelas motocicletas do lugar que mais parecia um desmanche ilegal.

— Tenho várias motos em lugares como este, espalhados pelo estado. Preciso estar preparado para momentos assim. — Ele parou ao lado de uma Harley Davidson preta, antiga, mas ainda assim muito imponente.

Dois capacetes estavam presos na lateral da moto. Ele os desprendeu e me entregou um deles quando a chuva começou a ficar mais forte.

— Vou levá-la para uma cabana um pouco longe daqui, mas que vai garantir nossa segurança até que eu consiga te deslocar para outro lugar amanhã. — Ele subiu na moto muito larga, que comportava bem o corpo do homem. Enfiei o capacete, mas não conseguia fechá-lo. — Te ajudo com isso. — Ele me puxou para próximo dele e atou o capacete com rapidez. Segurou a minha mão e me apoiou enquanto eu subia em sua garupa. — Segure-se em mim assim. — Ele pegou meus braços e passou envolta do seu tórax. — Não me solte por nada, está ouvindo?

— Não se preocupe, não vou soltar. — Aquela era uma verdade incontestável. Abracei-o ainda mais. Estava com muito medo do que poderia acontecer, mas quando Lobo deu partida na moto e entramos na chuva muito fria eu soube que, mesmo que o mundo viesse caindo sobre nós, ele ainda me manteria segura sob sua proteção.

CAPÍTULO 19

Jasmin Cahill

Pegamos a estrada por um longo tempo. A chuva ficou mais forte e as gotas, agressivas e muito grossas, nos encharcaram da cabeça aos pés, mas não podíamos parar. Minha mão, assim como todo o meu corpo, estava muito gelada, mas as mantinha segurando firme ao redor da cintura de Lobo, que pilotava o mais rápido que podia, entrando em curvas sinuosas em um controle muito habilidoso. Era como se a moto fosse a extensão do seu corpo.

Depois de um tempo, meu queixo começou a bater incontrolavelmente, assim como meu corpo tremia sem controle. Subimos uma estrada alta, onde a neblina ficava mais densa e as poucas luzes transformavam a estrada e em um túnel sem fim.

Viramos em uma rua de cascalho, escondida sob um amontoado de árvores e não demorou muito até que uma casinha singela, de paredes triangulares e toda de madeira, surgisse no horizonte nublado.

Lobo parou a moto na pequena entrada da cabana, que não tinha mais do que uma janela e uma porta.

— Consegue descer? — ele questionou quando estacionou.

— Acho que minhas pernas congelaram. — Forcei-me a passar as pernas por cima do banco. Lobo me estendeu a mão gentil, mantendo o equilíbrio da moto com suas próprias pernas enquanto me ajudava a descer.

Entramos correndo na cabana logo em seguida e não me surpreendi ao notar que ela era tão pequena por dentro, quanto aparentou ser por fora. Não havia mais do que uma cama de solteiro, uma porta aos fundos, que eu imaginava ser o banheiro, e um armário ao lado de um fogão muito antigo, tudo no mesmo cômodo.

Imediatamente tirei o blazer de Lobo, a fim de me livrar do tecido encharcado.

Havia um cheiro estranho no ar, como se a casa estivesse fechada há muito, muito tempo. Estremeci quando uma brisa fria entrou pela porta junto com Lobo. Meus dentes estavam batendo.

Lobo se aproximou de mim e tocou meu maxilar com a ponta dos dedos até que nossos olhos se encontrassem.

— Precisa tomar um banho quente. — Ele observou meu rosto com cuidado. Uma sombra transpassou as íris coloridas e me deixou em alerta.

— O que foi? — Levei os dedos ao rosto e senti uma pontada assim que toquei a pele abaixo da bochecha. — Ai!

— Não toque. Está machucado. — O rosto compenetrado do homem foi tomado por uma seriedade e uma raiva contida que me fez temer. — Entre no chuveiro, guardo algumas mudas de roupa minhas aqui e pegarei algo quente para você vestir. Está longe do ideal, mas vai servir, por enquanto.

— E-e você? — Estremeci. — Também precisa tomar um banho e se livrar dessas roupas molhadas.

— Vá primeiro, eu estou bem — garantiu e começou a revirar o único móvel que tinha no lugar, além do pequeno armário embaixo do fogão. — Tome. — Entregou-me uma toalha.

Fui até o banheiro sem ter certeza de que minhas pernas suportariam o trajeto até lá. Por mais que tentasse, não conseguia parar de tremer. O vestido parecia ter se tornado parte da minha pele, de tão grudado. Entrei no banheiro, que por sinal era tão pequeno quanto o resto da cabana, com uma pia, um vaso sanitário e um chuveiro, sem boxe ou qualquer divisa.

A janela, que na verdade era um basculante, ao menos me passava tranquilidade. Ninguém conseguiria entrar por ali. Liguei o chuveiro e senti minha pele arder pelo contato da água, que graças ao bom Deus, era mesmo quente. Logo a sensação deu espaço a certo relaxamento, mas não me demorei. Sabia que Lobo só tomaria banho quando eu saísse e ele estava tão, se não mais, molhado quanto eu.

Desliguei o chuveiro poucos minutos depois e saí do banheiro enrolada na toalha que Lobo me deu. Assim que abri a porta, notei que a cabana em si era muito fria, e a tempestade que agora caía lá fora não ajudava em nada.

— Separei uma calça, uma blusa e... uma cueca, caso queira usar. — Quase caí para trás quando me deparei com Lobo enrolado em uma toalha que cobria apenas sua cintura. — Já deve imaginar que não tenho calcinhas por aqui.

Santo deus dos músculos bem definidos, a minha calcinha ele teria a hora que bem entendesse... quis dizer, mas me contive diante dos desenhos em ondas marcados em seu peito. Lobo era forte, muito forte. A pele clara contrastava com as cicatrizes espalhadas por sua pele, e por um instante fiquei eufórica por ter aquele homem ali comigo, sozinha.

Um efêmero segundo que foi do céu ao inferno quando vi o corte na lateral do seu braço.

— Lobo... — chamei e levei a mão à boca. Um misto de sensações estranhas me atingiu ao vê-lo machucado. Queria ser capaz de protegê-lo, assim como ele parecia disposto a dar sua vida para me manter em segurança.

— É mais feio do que parece, não se preocupe. — Ele tentou sorrir quando viu minha expressão assustada, mas podia sentir a tensão em cada palavra que dizia. Lobo me estendeu as roupas e as segurei sem tirar os olhos do machucado. Sentia-me culpada ao extremo. — Vou tomar um banho. Tranquei a porta, não ouse chegar perto dela. Se ouvir alguma coisa estranha, me avise imediatamente. Não vou demorar.

Vesti a roupa, que de fato era bem quentinha e totalmente preta, aparentemente como todos os *looks* de Lobo.

Sondei a cabana e me encolhi sobre a cama pelos minutos que se passaram. A adrenalina estava começando a deixar meu corpo quando Lobo saiu do banheiro já vestido, com os cabelos úmidos caídos na testa e uma roupa similar à minha, porém, em vez de camisa, ele usava uma camiseta que me permitia ver melhor o machucado.

— Tenho um kit de primeiros socorros aqui em algum lugar — disse sem olhar nos meus olhos e aguardei pacientemente enquanto ele revirava o armário, até tirar de lá uma caixinha branca com as bordas vermelhas.

Acompanhei com os olhos enquanto o homem, que parecia ainda maior dentro daquele cômodo pequeno, caminhou em minha

direção. Ele se sentou sobre a cama que reverberou um rangido alto de insatisfação.

— Deixe-me ver isso. — Tocou meu maxilar e virou meu rosto em sua direção. Seus olhos varreram minha pele, centímetro por centímetro, despejando toda a sua atenção ali. Observei os olhos bicolores de perto e só então notei que havia alguns tons de reflexo castanho misturando-se à íris azul. Meu coração, que não sabia ficar quietinho, começou a acelerar à medida que o polegar de Lobo resvalava na pele sensível. — É superficial — disse aliviado. — Vou limpar o ferimento e colocar um curativo, tudo bem? — Meneei um aceno confirmando.

Passei os próximos minutos apreciando sua proximidade. Sentindo sua respiração oscilante tocar meu rosto, esquentando-me mais do que qualquer coberta conseguiria. Depois que terminou de limpar o machucado, Lobo colocou com cuidado o curativo e se virou para o próprio braço.

— Eu faço isso. — Toquei sua mão, impedindo-o de continuar e Lobo me olhou receoso.

— Sabe como cuidar de um ferimento?

— Sei elaborar um projeto científico e acha mesmo que não sou capaz de fazer um curativo? — sorri. — Confie em mim.

Toquei seu braço com cautela. O machucado estava bem avermelhado. Parecia ter sido atingido por uma bala de raspão e se fôssemos ao hospital, Lobo ganharia ao menos um ponto naquele lugar. O sentimento de culpa me preencheu novamente.

— Sinto muito — disse, começando a limpar o lugar.

— Não está doendo. — Ele entendeu errado.

— Estou me desculpando por ter feito com que se ferisse. Sinto tanto. — Soltei o ar, exasperada. — Se eu não tivesse insistido em sair de casa, talvez nada disso teria acontecido.

— Não foi culpa sua, Jas — ele disse com o mesmo tom de voz com que se dirigiu a mim dentro da academia, horas antes. — Não fomos emboscados na festa.

— Mas talvez fôssemos. Você alterou a rota de última hora para me levar ao mirante. Pode ser por isso que eles não conseguiram nos emboscar antes.

— Ai! — ele reclamou quando limpei mais profundamente.

— Desculpe.

— Não acho que tenha razão — comentou, por fim. — Caímos em uma emboscada no minuto em que decidimos te tirar da casa da Colina. Eu deveria ter previsto isto.

— Se eu fosse você, processava quem te vendeu a bola de cristal. — Finalizei a limpeza e preparei o curativo.

— Como?

— Ora, para a culpa ser sua, você precisava ter previsto que aquilo era só um chamariz para nos tirar de lá. Então imagino que tenha uma bola de cristal, do contrário, parece que ninguém aqui tem culpa, além de quem está tentando me matar. — Lobo abriu um sorriso de lado, mas não o sustentou e subitamente me veio uma lembrança de que, na hora da confusão, não me parecia tão importante, mas agora... — Lobo...

— Sim?

— Aquele homem, o que acertei a garrafada, será que era mesmo o assassino de Magnólia? — Ele estreitou os lábios e me

encarou de frente, muito sério. Tive a impressão de que Lobo ficou um pouco mais pálido com o questionamento.

O homem respirou ruidosamente e desviou os olhos para o colchão. Soube ali que tinha algo de errado.

— O que foi? Por favor, não me esconda nada, eu preciso saber. — Ele subiu os olhos para os meus e sua mão tocou a minha, como se me preparasse para uma notícia muito ruim.

— Sei qual é a identidade de quem matou sua irmã. — Prendi a respiração com a resposta sincera e direta. — E pelo que me disse, era ele mesmo que estava lá. Aquele desgraçado é um assassino de aluguel — revelou devagar. — Seu pai e eu combinamos de não te contar nada sobre isso para que pudesse viver sua vida sem grandes preocupações, enquanto nós o caçávamos.

— Então ele estava no dia do baile — disse meio perdida, relembrando-me do homem que esbarrou acidentalmente em Magnólia.

— Sim, foi ele quem a atacou. — Todo o sangue do meu corpo esfriou rapidamente, causando-me uma vertigem súbita. Precisei piscar com força para assimilar aquela informação.

— Ele a esfaqueou e pretendia me matar da mesma forma. — Meus olhos marejaram em um misto de ódio, raiva e descrença. — Que sádico faz isso?

— Há mais nesta história que não sabe. — Ele acariciou meus dedos em movimentos circulares, como se quisesse me acalmar. — Seu pai decidiu que seria melhor assim, mas agora, diante de tudo que está acontecendo, não vejo outra saída a não ser te contar como sua irmã morreu.

Fiquei em silêncio enquanto Lobo me explicava coisas das quais eu jamais pensei serem capazes de sair dos filmes de ação e suspense. Uma faca embebida em veneno? Não... aquilo não podia ser real.

— Minha irmã foi envenenada? Por isso ela morreu tão rápido depois de receber o corte? — Lobo confirmou e olhei para um ponto fixo no colchão. — Meu pai não tinha o direito de me privar de uma informação como essa. — Ainda me sentia anestesiada demais para gritar.

— Sinto muito. — Sua voz alcançou meu subconsciente e me obriguei a encará-lo. — É importante que saiba a necessidade de manter distância daquele monstro. Ele não vai tentar atirar em você, vai tentar esfaqueá-la. É como um fetiche, mais forte do que qualquer coisa.

— Se ele tivesse se aproximado de mim, agora eu estaria morta. — Minha voz revelava o pavor que me abraçou ao absorver toda aquela notícia.

— Não permitirei que nada de mal te aconteça. — Ele guardou minhas mãos entre as suas. — Vamos pegá-lo antes disso.

— Como sabe tanto sobre ele? — A pergunta o pegou desprevenido e demorou um tempo até que ele começasse a falar.

— Depois que fui adotado pelo meu pai, passei uns bons três anos me adaptando e um dia eu resolvi fugir. — Meneei um aceno, acompanhando a história. — Fiquei um tempo vagando pelas ruas e fiz um grande amigo. Adrian trabalhava com pequenas entregas de documentos estranhos para um homem ainda mais esquisito e acabou me apresentando a ele.

— Era...

— Naish! — Ele trincou o maxilar e desceu os olhos para nossas mãos, que continuavam unidas. — Cheguei a fazer algumas entregas com ele. Não via nenhum mal naquilo, afinal eram só papéis. Depois de um tempo, meu pai me encontrou e voltamos para casa. Holder, como o homem bom que é, quis me ajudar a encontrar Adrian e dar a ele um emprego digno, mas rodamos a cidade inteira sem encontrá-lo. Pensei que nunca mais o veria, mas dois anos depois o reencontrei acidentalmente. E fiquei verdadeiramente feliz. Contei a ele sobre a oportunidade de emprego que meu pai poderia arranjar para ele, mas Adrian disse que tinha conseguido uma vaga na equipe de Naish e que as coisas iam melhorar. Não entendi o que aquilo significava e fui embora após descobrir como poderia entrar em contato com ele caso precisasse.

Ele mal parava para respirar e a cada nova palavra, sentia sua respiração ficar mais pesada, como se aquela lembrança fosse dolorosa demais.

— Continuamos nos encontrando e fiquei mais próximo ainda de Adrian, considerando-o um grande amigo. Um dia ele me abordou meio abatido, algo que estranhei e muito. O alto astral era uma das suas principais características, independente do que fosse. — Abriu um sorriso vazio. — Ele disse que tinha conseguido a chance de mostrar que poderia trabalhar para Naish e que precisaria de alguém de confiança ao seu lado. De acordo com ele, era um teste e ele precisava passar para conseguir entrar para a equipe, que fazia pagamentos muito bons e daria uma virada em sua vida. Eu, que já tinha encontrado o próprio caminho da minha liberdade, nem pensei antes de me oferecer para ajudá-lo.

— O que precisou fazer?

— Quando aceitei pensei que só precisasse ficar ao lado dele — revelou. — Fui parar na zona norte da cidade, em um prédio abandonado caindo aos pedaços. Adrian estava muito nervoso. Subimos para o quarto andar, onde dois homens armados nos esperavam, mas antes de chegar até eles, Adrian se virou para mim e pediu que fosse embora o mais rápido possível.

— Ele te levou até lá só para te mandar embora?

— Na verdade, quando o questionei ele acabou admitindo que a missão que dele era eu.

— Você? — Minha voz saiu aguda.

— Sim. Naish já fazia parte de uma gangue poderosa de assassinos de aluguel, mas ainda não tinha recursos altos e depois que Adrian descobriu de quem eu era filho, acabou comentando com o homem que pediu a ele uma prova de que poderia mesmo trabalhar para ele. — Encarei-o, descrente com o desenrolar daquela conversa. — Adrian precisava me levar até lá, onde eles me sequestrariam e pediriam uma boa quantia em dinheiro ao meu pai.

— Que traidor mais cretino! — xinguei.

— Adrian era uma pessoa boa, Jas, mas fez escolhas ruins.

— Que o transformaram em uma pessoa horrível. Você queria ajudar o idiota — continuei reclamando. — Mas ele preferiu trair você.

— No fim das contas, ele não conseguiu. — Deu de ombros.

— O que aconteceu depois?

— Surtei quando vi o que ele pretendia fazer. Adrian sacou a arma pequena da cintura e tentou me intimidar para que eu saísse

de lá. Ele me pediu desculpas, disse que estava arrependido por ter me levado até ali. Ele ficou transtornado. E foi aí que percebi que a vida o mudou a ponto de ele perder a capacidade de enxergar qual o ponto limiar entre ser humano e se tornar um monstro. — Seu polegar voltou a girar dentro da palma da minha mão. — Por algum motivo não consegui abandoná-lo lá. Fiquei lá, tentando convencê-lo a vir embora comigo. Disse mais uma vez que meu pai o empregaria, mas a palavra de alguém com 18 anos não tinha muito significado e de certa forma, ele tinha entrado em um caminho sem volta.

Os olhos de Lobo se perderam por um momento.

— No fim das contas, prometi que sairia de lá o mais rápido possível e Adrian me deixou nas escadas e foi se encontrar com os homens. Ele disse que ia inventar alguma desculpa e que me daria cobertura para que eu fugisse em segurança, mas não consegui sair de lá. Vi quando Adrian começou a conversar com os homens e se explicar. Sei que deveria estar puto com o cara por ter me levado como moeda de troca, mas não consegui. Era muito novo na época e como sabia o que Adrian passava nas ruas, tinha um sentimento por ele que beirava o de um irmão — assumiu. — Eles conversaram por um breve momento e só então Naish saiu das sombras. Ele estava escondido observando tudo. Chamou Adrian até que meu amigo se aproximou do desgraçado. Ele disse que precisava dos mais fortes e que Adrian não era nada além de uma pedra inútil em seu sapato. — Soltou o ar. — Ele o esfaqueou em seguida.

— Ele...

— O matou em poucos minutos.

— Meu Deus! — Abri a boca.

— Fiquei em choque por menos de um instante até que a raiva me cegasse. Lembro de pouca coisa depois disso. Saí das escadas e alcancei a arma de Adrian. Atirei nos dois homens que vi quando cheguei e Naish usou o corpo de Adrian para se proteger das balas, mas consegui acertar seu joelho pouco antes de outros dois capangas dele chegarem. Fui alvejado bem aqui e precisei fugir. — Ele colocou a mão na lateral do dorso. Não contive a vontade de subir a barra da sua blusa até ver a cicatriz arredondada, cravada na pele clara.

— Precisei fugir para sobreviver, mas antes que eu saísse de lá, ouvi aquele monstro gritar que eu pagaria por aquilo. — Pisquei, sentindo uma ardência estranha em meu peito com toda aquela história. — Fiquei um longo tempo internado e quase morri. Meu pai acionou todos os seus contatos na polícia e em órgãos do governo, mas nem sinal do homem. Só então descobrimos que ninguém nunca tinha visto Naish e sobrevivido para contar história. Ele era muito mais poderoso do que imaginávamos e o fim de todos aqueles que trabalham para o homem e se demitem é a morte certa. Mas eu tinha visto ele e fiz um retrato falado que, no fim das contas, não deu em nada.

— E ele está solto por aí desde então. Matando pessoas por dinheiro.

— Ele mata por prazer, Jas. Essa é a diferença. Creio que hoje ele seja tão rico que o dinheiro não faça a mínima diferença.

— Sinto muito por seu amigo.

— Sente?

— Não, eu menti. — Torci o nariz. — Ele quase causou a sua morte, desculpe se não estou propensa a gostar dele.

— Adrian escolheu seu próprio caminho, mas posso garantir que tinha um coração bom que foi enganado. — Assenti. — Naish é venenoso, ardiloso e sabe identificar uma presa fácil. E a hora daquele desgraçado está chegando.

— Espero que peguem esse assassino logo. Ele precisa pagar por tudo que fez e todas as vidas que tirou. — Funguei e só então me dei conta de que algumas lágrimas desceram por meu rosto, tamanha a tristeza que varria minha alma diante tudo que estava acontecendo.

Lobo esticou a mão e capturou uma das lágrimas com a ponta dos dedos.

— Não chore, por favor — suplicou. — Dói vê-la chorar. Prometo que a manterei em segurança.

— Sei que vai. — Tentei parecer confiante.

— Falando nisso... — Ele se levantou da cama e esticou uma coberta sobre mim.

— Escute, Jasmin... há duas coisas importantes que quero falar com você e preciso que preste muita atenção. — Ele se sentou diante de mim e olhou dentro dos meus olhos.

Havia tantos sentimentos conflitantes dançando nas íris singulares que por um momento fiquei confusa.

— Pelo que me disse, os únicos que sabiam da existência daquela casa eram você, seu pai e a senadora, certo? — Balancei a cabeça, confirmando. — Acha que essa informação pode ter vazado de alguma forma?

— Não saberia dizer como. Aquela casa foi comprada por um nome fantasma, exclusivamente para não ter nenhuma ligação conosco. — Encarei minhas mãos sobre a coberta. — Mas não

posso garantir. Talvez exista alguém infiltrado. Foster, aquele imbecil do elevador, tem acesso à todas as plantas de compra e venda da empresa, assim como com os gastos. Talvez ele possa, de alguma forma, ter interligado a compra à empresa. Não sei nem se isso faz sentido. É só um dos mil suspeitos que rondam minha mente. — Meus olhos se perderam por um instante e fui preenchida pela mais pura indignação quando me lembrei do meu valioso par de pérolas negras. — Como é que meu pai foi capaz de colocar um rastreador nos meus brincos? — Balancei a cabeça.

— Seu pai só estava preocupado com você.

— Mas ele poderia ao menos ter me avisado — vociferei.

— Teria usado se soubesse? — Torci os lábios e o encarei.

— Talvez não — disse, desanimada com aquela verdade. — Estou cansada, só quero que isso acabe logo.

— Em breve, de um jeito ou de outro, saberemos quem está por trás disso.

Abri os lábios para revelar o quanto esperava por aquele momento, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, meu estômago roncou e eu quase peguei fogo ali mesmo de tanta vergonha.

— É... fico com fome quando estou nervosa.

— Vamos deixar este assunto de lado por enquanto — disse com um sorriso despontando no canto dos lábios e se levantou. — Sinto muito, mas por aqui só vamos ter enlatados, pelo menos até amanhã. Pretendo te tirar daqui para um lugar mais seguro. — Ele revirou os armários e retornou com duas latas de salsichas.

— São comestíveis mesmo? — questionei quando olhei os cubinhos avermelhados e úmidos dentro da lata.

— Vai te manter em pé até amanhã. Prometo que consigo algo melhor bem cedo. — Lobo levou sua lata até a cozinha, onde tinha colocado sua arma e ele a encarou como se estivesse diante do seu pior inimigo.

— Você está com cara de quem está tramando o fim do mundo. — Mastiguei uma das minhas salsichas que tinham mais gosto de vinagre do que tudo, mas dariam para o gasto. — No que está pensando? — Ele fechou o punho e soltou o ar, exasperado e seu semblante se tornou mais sério.

— Se Naish me viu em algum momento, se ele sabe que sou eu quem está fazendo sua proteção, não vai desistir nem que arranquem suas pernas — vociferou e eu me encolhi com medo.

Ele esfaqueou minha irmã e estava prestes a fazer o mesmo comigo. Aquilo tudo era pavoroso, surreal e muito, muito doloroso.

— Devia ter enfiado aquela garrafa na garganta dele — xinguei, arrependida, com os olhos fixos no chão batido e me assustei quando uma risada baixa ecoou pelo lugar.

Lobo veio até mim.

— Só você para conseguir me fazer sorrir no meio de toda essa confusão — comentou. — Não acredito que acertou mesmo a testa dele. Boa mira, senhorita Cahill.

— Não foi nada. — Passei a mão pelos cabelos úmidos. Lobo se sentou na cama à minha frente novamente.

— Disse que tinha duas coisas importantes para falar com você...

— Acho que perdi as contas depois que você me contou toda essa história. — Comprimi os lábios. — Pensei que já tivesse contado as duas.

— Não, ainda falta uma.

— O que foi? — Assustei-me e me endireitei a postura.

— Escuta... sobre o que aconteceu na academia de dança. — Meu rosto esquentou no instante em que Lobo abriu a boca.

— Pensei que fingiria que aquilo nunca aconteceu.

— Jamais faria tal coisa — garantiu ofendido. — Foi errado. Muito errado — repetiu. — Mas aconteceu e... foi muito bom. Por isso acabei perdendo o controle. — Todo o meu corpo queimou com aquela breve afirmação. Então ele tinha gostado? — Não deveria ter me deixado levar, principalmente pelo fato de que fui contratado para te proteger, e não para...

— Tirar minha virgindade? — Quando vi já tinha falado e foi a vez de Lobo quase se engasgar com as próprias palavras.

— É, bem... — Ele se levantou de súbito. — Só quero que saiba que não ultrapassarei os limites novamente. — Ele pegou uma coberta extra de dentro do armário e jogou no chão, assim como uma almofada bem velha que tinha visto caída em um canto. — Fique com a cama, dormirei no chão.

Pensei em gritar que tudo que eu queria era ter suas mãos deslizando por meu corpo mais uma vez, mas me contive. Poderia passar a noite dizendo a Lobo que queria senti-lo mais do que tudo, mas sabia que de nada adiantaria. Aquele homem era bem incisivo quando queria.

— Tudo bem. — Estava com tanta vergonha que me encolhi debaixo da coberta que ele me deu assim que acabei de comer as salsichas esquisitas.

Lobo apagou a única luz do ambiente e fomos cobertos pela escuridão. Meus pensamentos começaram a voar entre tudo o que

aconteceu naquele dia e não me dei conta que estava tremendo de novo até que o frio começou a me incomodar severamente. Abracei-me mais à coberta, mas a falta de aquecimento na cabana não facilitava. Comecei a bater os dentes um no outro e cheguei a pensar que passaria a noite em claro com frio quando de repente senti outra coberta sendo jogada sobre mim.

Tirei a cabeça de debaixo das cobertas a tempo de ver Lobo parado ao lado da minha cama.

— Vai acabar pegando uma pneumonia, fique com esta coberta. — E me deu às costas, prestes a voltar a deitar no chão, agora sem coberta alguma.

Segurei seu pulso antes que ele se afastasse.

— Deite aqui comigo — ofereci e ele balançou a cabeça, negando.

— Estou bem.

— Não está, não. — Empurrei as cobertas. — Se você se deitar aqui, os dois ficarão aquecidos. Calor humano, já ouviu falar sobre isso? — provoquei.

— Existem certos tipos de calor que é melhor evitar — resmungou.

— Ah, é assim? — Ele colocou a mão na cintura enquanto me observava chutar as cobertas. — Então vamos congelar juntinhos. Vão encontrar nossos corpos e dizer que éramos um casal apaixonado, entraremos para a história. Seremos mais famosos do que a Rose e o Jack. — Um vento frio tocou minha pele e me encolhi imediatamente. — Como foi que ela conseguiu deixar o pobrezinho na água, meu Deus. Coitado, sabia que dizem que Jack poderia ter subido na porta com a Rose e que ambos sairiam

vivos se isso acontecesse? Me pergunto, talvez se tivessem revezado...

— Do que diabos você está falando?

— Do Titanic, o-oras. — Meus dentes bateram e Lobo revirou os olhos. — E aí? Vem ou não?

Observei o homem enorme fazer a cama ranger e afundar sob o peso do seu corpo quando se juntou a mim, finalmente. Ele jogou as cobertas sobre nós e não demorou muito até que o calor nos aquecesse sobre o tecido.

Lobo se manteve o mais longe de mim que conseguiu, mas a cama minúscula não ajudava em nada. Escorei-me na parede e fiquei de frente para ele, encarando sua silhueta na escuridão.

O dia tinha sido tumultuado demais. Em uma única noite bati no ex da minha irmã, fui atacada em minha própria casa e quase morri nas mãos do mesmo homem que tirou a vida de Magnólia. Isso sem contar os detalhes, como ter fugido descalça e de moto no meio de uma tempestade. Fora toda a incerteza que me afligia sobre o dia seguinte.

Estava surtando por dentro e ainda que não quisesse admitir, sentia muito medo. Comecei a esquentar sobre as cobertas, mas o tremor em meu corpo só aumentou à medida que a realidade dura me abraçava.

— O que foi? — Lobo levou a mão até meu ombro. — Está tremendo, ainda sente frio?

— Não, estou aquecida.

— Então o que foi? — Meus lábios tremeram e com muita dificuldade consegui falar.

— Estou com medo — admiti. — Muito medo — disse num fio de voz e fui surpreendida pelos braços de Lobo que me envolveram com carinho e me puxaram para seu peito e, quando me dei conta, já estava deitada em seu ombro, tremendo.

— Fique calma, Jas — sussurrou em meus cabelos. Os braços pressionando-me contra ele com firmeza e carinho que embalaram meu coração. — Vamos sair dessa, confie em mim.

Ele embalou meu corpo no seu até que os tremores foram se dissipando pouco a pouco.

— Me faça alguma das suas perguntas — incentivou de repente, na tentativa de me distrair. — Sei que tem um arsenal delas guardadas bem aqui. — Ele tocou o meio da minha testa com a ponta dos dedos e me aconcheguei ainda mais em seus braços.

— De fato, tenho perguntas — admiti.

— O que quer saber? — disse solícito, impressionando-me cada vez mais.

— Essa cabana é sua ou da Holder Security?

— Minha. Mantenho-a para casos como o seu. — Não sei por qual motivo a ideia de Lobo levando outra mulher para aquela cabana pequena e fria me enfureceu.

— Já trouxe outras mulheres aqui? — Odiei o som estranho e engasgado que minha voz assumiu.

— Boa noite, senhorita Cahill. — Ele levou a mão aos meus olhos, fechando-os. Segurei seu punho com minha mão.

— Christopher... — sussurrei seu nome e senti o homem enrijecer o corpo sobre a cama. — É um nome muito lindo. Sabe o significado?

— Sei que minha mãe não devia estar pensando em um quando o escolheu, então não me atenho a isso. — Ele segurou minha mão entre as suas e as manteve ali, juntas, conectadas.

— Nossos nomes, meu e da minha irmã, foram escolhidos por serem nomes de flores que minha mãe amava. Jasmin significa flor muito perfumada — tagarelei, distraindo o medo e os tremores que ainda restavam.

— Você não tem um fio de cabelo sequer parecido com seu pai. Só posso imaginar que seja como sua mãe — disse baixo, rodando os polegares de um jeito delicioso em meu pulso.

— Sou uma cópia da minha mãe — confirmei.

— Então ela era extremamente fascinante. — Ponderei o comentário sentindo diversas pontadas no estômago e fiquei em silêncio por um bom tempo até que outra questão sondou minha mente.

— Lobo...

— Hum? — disse sem soltar minha mão.

— Acha que o culpado pode ser alguém de minha confiança? Alguém que eu goste muito? — Não sabia por que, mas a dúvida me incomodou. — Não me surpreenderia se fosse Foster por trás disso, tentando me matar para evitar que eu assuma a empresa e o jogue do terceiro andar no minuto seguinte, mas temo que possa ser alguém mais próximo a mim do que realmente considerei.

— A traição nunca vem de um inimigo, Jas. São as pessoas mais próximas que são capazes de trair. — Encolhi-me e segurei seu braço junto a mim.

— Não quero que seja alguém que tenha algum laço comigo. — Tentei segurar o choro súbito que ardeu meus olhos.

— Não quero que, seja ele quem for, consiga te machucar.

Afastei-me do seu ombro e o encarei no escuro. Podia sentir o cheiro viril do seu corpo adentrando minhas narinas de um jeito gostoso, quente, penetrante. Estremeci com a proximidade e a breve lembrança do que fizemos mais cedo.

Soltei o ar quente pelas narinas e fechei os olhos. Envolvida por uma sensação esmagadora de desejo que me confundiu. De alguma forma minha boca procurou a dele. Toquei seus lábios com os meus com delicadeza e assim que nossas peles encostaram, um rosnado baixo escapou pelos lábios de Lobo que aprofundou o beijo de forma rude, voraz, sedenta. Como se estivesse disposto a possuir minha boca e reclamá-la como sua.

Sua língua me invadiu e levou tudo de mim consigo. Arfei quando uma de suas mãos envolveu os cabelos em minha nuca, enquanto a outra enlaçava minha cintura e me trazia para mais perto, contra seu corpo quente e muito duro.

— Jasmin, você está abalada depois de tudo que passou. Não podemos...

— Me distraia, por favor. Senti-lo é tudo que mais quero agora. — Sua respiração se tornou mais pesada. — Podemos “não fazer isso” amanhã — barganhei.

Ele soltou uma risada abafada em meio a um beijo e trilhou um caminho com pequenas mordidas por meu pescoço, arranhando a pele de um jeito que me levou à loucura.

Nunca imaginei que um toque como aquele poderia desencadear tantos sentimentos e reações de uma só vez em todo o meu corpo. Minha pele arrepiou, anestesiada pelo prazer repentino que me envolveu.

— Você anula todas as minhas ressalvas com apenas uma palavra. — Lobo resvalou os dedos em minha barriga, entrando sob a blusa enorme que eu usava e nunca um toque foi tão bom. — Isso é perigoso — alertou.

Sentia a aspereza da sua mão deslizando em meu corpo e não contive um gemido sôfrego em sua boca. Seus dedos traçaram um caminho por minha pele, que ardia ao mínimo toque, e alcançaram meus seios. Ele fechou o polegar e indicador ao redor do meu mamilo e apertou devagar, mas cada vez com mais pressão, fazendo-me gemer e me contorcer.

— Lobo! — Arqueei o corpo, de encontro ao toque fascinante e muito quente que misturava dor e prazer.

Ele subiu a blusa de moletom, até que meus seios ficassem expostos sob a escuridão da cabana e desceu os lábios sem pressa, deslizando-os firmes por cada centímetro de pele. Seu polegar roçou no mamilo muito sensível e quando seus lábios se aproximaram daquele ponto, fui atingida por uma expectativa surreal. Eu *queria*, com uma necessidade assustadora, que ele me chupasse ali e, ao que tudo indicava, ele também.

Remexi-me, quase implorando pelo toque.

— Diga meu nome. — A ordem veio baixa, intensa e tão profunda que me fez prender a respiração. Ele assoprou o mamilo, deixando-me em desespero. Ofeguei e arqueei as costas. — Diga. Meu. Nome.

— Christopher! — Não resisti, e juro que até tentei.

Ele fechou os lábios ao redor do mamilo instigado e um fio de eletricidade percorreu todo o meu corpo. Envolvi seus cabelos em meus dedos, sentindo a maciez úmida de sua língua sugando,

instigando, torturando. Ele fechou os dentes ao redor levemente, em uma carícia deliciosamente dolorosa. Tateei no escuro até encontrar seu peito rijo sob o tecido. Tudo parecia meio borrado enquanto minha pele ardia sob o toque profundo de Christopher.

— Isso é... Ai... — Não suprimi um novo gemido, mais profundo e intenso quando ele recomeçou a tortura, agora unido meus seios nas mãos. Todo o meu corpo tremia involuntariamente.

Sua mão escorregou por minha pele e os dedos firmes tocaram a beirada da minha calça, ajudando-me a descê-la um pouco. Nem sequer consegui pensar. A mão de Christopher desceu por minha bunda. Seus lábios subiram para minha boca e exploraram cada cantinho, tomando-me até que ficasse sem ar.

As mãos escorreram entre minhas coxas e as abriram com cautela. Arfei quando seus dedos subiram um pouco mais e roçaram minha intimidade. Ele separou os lábios com calma, fazendo-me contrair as pernas de prazer.

Pelo que li em um ou dois romances, a primeira vez a ser tocada naquela região deveria trazer algum tipo de vergonha, ou timidez, mas ao contrário daquilo, tudo que eu sentia era uma vontade avassaladora de que ele fosse ainda mais além.

— Quero que me toque. — Uma risada abafada ressoou em minha boca e para minha mais pura tortura, ele friccionou o polegar sobre o pontinho pulsante que estava prestes a me enlouquecer.

— Não faz ideia do quanto quero fazer isso... — Lobo abandonou aquele ponto sensível e deslizou o dedo até a entrada do meu corpo. — Porra, você está quente demais. — Sua voz, um pouco mais baixa que o normal, invadiu meus sentidos e me vi impelida a fechar os olhos, como se ao abri-los, fosse

repentinamente acordar daquele sonho. — O que sabe sobre isso, meu Cristal? — Ele subiu novamente, excitando-me. Cravei as unhas em seu braço, tremendo com a sensação que se espalhava devagar por todos os cantos.

— Sei tudo que há para saber quando se assiste um filme pornô — confessei, ofegante. Ele depositou um beijo rápido em meus lábios e uma risada rouca os tocou logo em seguida.

— Não foi isso que eu quis dizer, meu pequeno e obsceno anjo. — Ele beijou minha boca e continuou a movimentar os dedos em uma tortura lenta. — Quis saber se já... se tocou. — A pontinha do dedo pressionou o centro do meu prazer e deslizou um pouquinho para dentro. O dedo, agora muito molhado, retornou ao local que parecia capaz de me fazer explodir e ele recomeçou os movimentos circulares que estavam me enlouquecendo.

— Hummmmmm!

— Essa é sua resposta? — Ele estava se divertindo.

— N-não... nunca me toquei.

— Já tentou? — Sua voz soava como melodia aos meus ouvidos, enquanto o roçar incessante me deixava amortecida.

— J-já — gaguejei. — Mas nunca obtive sucesso... — A última palavra foi desaparecendo em minha boca à medida que Christopher aumentava as carícias.

— Permita-me mostrá-la como é a sensação. — Sua voz recheada de carinho e atenção me fez soltar o ar que prendia nos pulmões. Seus lábios roçaram nos meus que se entreabriram em expectativa. Os dedos ásperos voltaram abrir os lábios da minha intimidade e quando pensei ser capaz de me desfazer, bamba em

seus braços, ele subitamente diminuiu o ritmo das carícias. — Mas antes... quero saber uma coisa.

— Não pode ser depois? — Ele pressionou novamente o ponto e me fez arfar e gritar em sua boca quando o beliscou levemente.

— Tem que ser agora. — Torturou quando a sensação de prazer intenso começou a me tomar.

— Qualquer coisa... — gemi. — Direi qualquer coisa, mas não pare.

— Como é que aprendeu a roubar as coisas dos bolsos das pessoas com tanta facilidade? — Acabei rindo, agarrando-me em sua blusa como podia e ganhei um beliscão leve no mamilo quando demorei a responder.

— Quer mesmo saber isso... agora? — questionei, extasiada demais para pensar direito.

— Estou morrendo de curiosidade desde a primeira vez que fui vítima das suas mãos leves. — Ele afundou um dos dedos em meu interior e um gemido profundo escapou da minha boca com a sensação.

— C-com minha irmã. — Rebolei em direção ao movimento constante. — Nosso passatempo era... ahhhh. — Enfiou mais um dedo com cautela, devagar, sem deixar de massagear minha carne.

— Era? — Podia sentir o prazer em sua voz baixa e sorrateira.

— Roubar as chaves dos guarda-costas. Passávamos o dia todo pregando peças neles. A-até... os comunicadores éramos capazes de pegar. Aprimorei a técnica com os anos, agora pelo amor de Deus...

— Sim. Agora... — Ele desceu os lábios pela minha pele até afundar no vale entre os seios, brincando, mordendo, chupando-os com vontade.

Perdi-me nas sensações, no toque firme, mas gentil, na invasão de dois dedos constantes em um vai-e-vem delicioso, dos sons que, sem se dar conta, Christopher deixava escapar. Seus lábios se colaram aos meus ouvidos e ele começou a sussurrar palavras safadas e instigantes, que me esquentaram ainda mais.

Em um momento eu estava ali, deitada em uma cama pequena, que rangia a cada novo movimento que fazíamos, dentro de uma cabana em um lugar completamente desconhecido, mas no instante seguinte, uma sensação de liberdade se espalhou pelo meu corpo em incontáveis pontos de luzes. Estremeci e arqueei o corpo, subindo os quadris em direção à mão de Christopher, que tomou minha boca com a sua em um beijo profundo.

Gemi em seus lábios e soltei meu corpo bambo sobre o colchão. Ele tirou os dedos dentro de mim e acariciou minha pele, sem afastar nossas bocas.

Perdida naquelas sensações fortes, desejei com todo afinco tocá-lo de alguma forma e desci a mão por seu peito, repousando-a no membro duro e incisivo, que estava muito marcado pela calça.

— Minha nossa... — Abri os lábios, imaginando que ele era um homem muito mais que bem-dotado, mas quando comecei a mover as mãos sobre sua ereção, seus dedos envolveram os meus e me afastaram dali. — Também quero tocá-lo — reclamei.

— Não posso permitir algo que não tenho certeza se conseguirei controlar — alertou, o hálito quente e delicioso tocava meu rosto e inundava minha alma.

— Não estou pedindo que se controle. Vamos transar! — Parecia tão simples para mim. Na verdade, sentia-me desesperada para ir além com aquele homem. — Eu quero, você quer... somos adultos. O que nos impede?

— Meu anjo, acho incrível a praticidade com que sua cabecinha funciona. — Ele beijou a ponta do meu nariz. — Ainda que nosso envolvimento seja errado...

— De acordo com sua cabecinha chata e moralista. — Ele riu.

— Não posso negar o desejo que sinto, afinal, ele fica obviamente exposto. — Tentei tocar sua ereção novamente, porém, não tive sucesso. — Mas você é virgem, meu bem. Jamais tiraria algo tão delicado em uma cabana no meio do nada. As mulheres não sonham com algo assim, imagino.

— Não estamos fazendo nada mesmo, não consigo imaginar algo melhor do que... — Ele beijou minha boca com carinho, sugando os lábios um a um, mordiscando sem pressa. Suspirei, apreciando o beijo terno, ciente de que aquela era uma batalha que eu havia perdido, mas ainda me restava ganhar a guerra. — Tudo bem. Por hoje você venceu. — Ele riu e me aconchegou em seus braços.

— Precisa descansar um pouco, anjo. O dia foi difícil e amanhã ainda teremos muito o que enfrentar — Comentou, dançando com os dedos em meus cabelos.

— E se eu tiver uma crise durante a noite? — Aquele medo estava me sondando desde que chegamos ali.

— Não se preocupe com isso. Estarei aqui para te abraçar. — Aquele comentário fez com que meu coração pulasse no peito.

Lobo subiu o dedo lentamente pela lateral do meu rosto até tocar o curativo.

— Está doendo? — Sua voz baixa me atingiu, meu corpo ainda latejava pela intensidade que compartilhamos.

— Só arde um pouco.

— Vou matá-lo — disse de súbito. — Vou acabar com a raça daquele desgraçado por ter feito com que se machucasse.

— Não diga isso. — Agora foi a minha vez de tocar seu rosto com minha mão. A barba cerrada arranhou meus dedos e causou uma sensação deliciosa. — Sei que no mundo onde vive matar é uma consequência do seu trabalho, mas também é um caminho sem volta, Christopher. Quero esse homem morto mais do que qualquer um, mas não quero perdê-lo no caminho. Você é um homem bom.

— Ah, meu Cristal... — Ele desceu os dedos pelo meu pescoço. — Quero matá-lo agora muito mais do que queria antes. Não sou um homem bom. Não se engane.

CAPÍTULO 20

Lobo

Já estava acordado quando o dia amanheceu. O tempo estava nublado e se parecia com o humor da minha alma naquela manhã.

Na madrugada passada, fui do céu ao inferno em questão de minutos.

Desci os dedos pelo braço de Jasmin e sondei seu rosto, agora tranquilo, relembrando o exato momento em que ela teve mais uma crise de terror noturno. Os gritos estavam mais agudos, dolorosos. Talvez atiçados por tudo o que passamos no dia anterior, não sabia. Mas tinha a plena convicção de que meu coração ainda parecia com defeito, tamanha a dor que o atingiu.

Por que alguém com tanta luz precisava sofrer daquele jeito? Não conseguia entender.

— Aconteceu de novo, não foi? — A voz de Jasmin surgiu arrastada quando ela me flagrou velando seu sono.

Ergui a mão e acariciei seu rosto com cuidado, ela fechou os olhos quando sentiu o toque e fui tomado por uma necessidade absurda de protegê-la até mesmo dos próprios pensamentos.

Sabia que o que aconteceu entre nós foi errado, sabia que nem sequer deveria estar naquela cama quando ela acordasse, mas como impedir a necessidade absurda que sentia de presenciar

aquele par de olhos de jade se abrindo logo cedo? Como afastar minhas mãos dela?

— Acho que ficou impressionada com o que aconteceu ontem — suavizei.

— Sinto muito. Não deve ter sido nada fácil. — E não foi mesmo. Vê-la sofrer, perdida em seu próprio subconsciente me deixava com uma sensação de impotência terrível.

— Fiquei preocupado com você, Jas. — Acariciei sua mão. — Existem alguns tipos de tratamentos que talvez possam ajudar. — Não mencionei que quase sequestrei meu irmão para que ele me dissesse todos os tipos de recursos possíveis para quem sofria com terror noturno.

— Não quero me dopar de remédios, Christopher. — Ouvir meu nome da boca dela fazia uma sensação estranha transpassar meu peito. Algo bom. Bom até demais. — Sei que pode não entender, mas garanto que é pior tomá-los.

— Há tratamentos que não envolvem medicação. Terapia, por exemplo — indiquei.

— Ora, ora. Um guarda-costas durão como você está mesmo me indicando terapia? — Ela abriu um sorriso lindo que varreu a expressão cansada do seu rosto.

— É importante — soprei. — Deveria tentar. Consulte um médico de sua escolha e faça o mesmo com a terapeuta. Não deixe que ninguém escolha por você. — Tentei manter a boca fechada a todo custo.

Precisava manter minhas suspeitas escondidas por enquanto, ou acabaria colocando em risco a verdadeira identidade de quem estava por trás daqueles ataques.

— Vou considerar seu conselho — disse por fim. — Agora... será que podemos ir comer alguma coisa? Ai! — Dei um peteleco bem leve na ponta do seu nariz.

— Podemos. — Ela subiu os olhos para os meus, deitada entre meus braços tão relaxadamente que parecia algo comum e rotineiro.

Envolvi seu rosto em concha, atraído pelos olhos verdes profundos que brilhavam mais à medida que a luz do dia invadia a cabana. Seus lábios inchados roubaram minha atenção e foi naquele instante que decidi quebrar a promessa que acabara de fazer.

Tomei sua boca com a minha em um beijo suave. Jasmin arfou quando nossas línguas se encontraram. Enlacei sua cintura, puxando-a para baixo de mim.

— Chris... — soprou em meus lábios quando sentiu o peso do meu corpo, já duro pra caralho, sobre ela.

Rosnei, devorando sua boca. Comprimindo seu corpo, tão pequeno perto do meu e então percebi que se continuasse ali, daquela forma, acabaria perdendo o controle e os gemidos que aquela mulher dava a cada segundo não facilitavam em nada minha decisão.

Desfiz-me do beijo, repentinamente e me sentei na cama.

— Isso, precisa mesmo parar — soltei o ar.

— Já te disse. A solução dos nossos problemas é fazer... você sabe. — A safada deu de ombros e mordiscou o lábio inferior.

— Não me provoque, senhorita Cahill. — Ri e me levantei. — Teremos um dia cheio pela frente. — Jasmin revirou os olhos e bufou, insatisfeita.

— Aonde vamos agora? — ela questionou, saindo de debaixo das cobertas.

— A um bar de um amigo meu.

— Um bar? — Sua voz fina e chocada quase me fez rir.

— Sim. Tenho uma casa de fuga mais segura do que essa para nos abrigar.

— Tem aquecedor e comida? Posso até dormir no chão com essas duas coisas — disse esperançosa.

— Tem muito mais que isso. — Sorri, analisando minha arma sobre a pequena bancada que ficava aos fundos na cabana. — Mantenho casas assim por toda a cidade, para clientes especiais e tenho contatos que mantém as chaves em segurança.

— Não era mais fácil esconder a chave em algum lugar perto da casa? — Jasmin começou a amarrar minha roupa ao redor da cintura, para ficar um pouco menor em seu corpo e acabou estilizando parte da peça, que por sinal, ficava muito linda nela.

— Não é só a chave que esse amigo guarda — revelei. — Ele também é um ponto de contato. Através dele, vou conseguir falar com as únicas duas pessoas em quem confio cegamente.

— Que são?

— Meus irmãos.

Jasmin Cahill

Chegamos ao bar um tempo depois. O lugar ficava no meio de uma estrada vazia. Não havia nenhum outro comércio por perto, ou qualquer tipo de civilização.

Meu estômago estava nas costas, tamanha fome que sentia, mas Lobo precisava pegar a tal chave antes de pararmos em qualquer lugar para comer.

Ele estacionou a moto barulhenta e muito grande em uma vaga que ficava em frente ao lugar que, por sinal, tinha uma placa muito encardida, com algumas luzes queimadas onde as palavras “Bar do Walt” gritavam solitárias.

Três homens muito mal-encarados estavam bebendo do lado de fora e ficaram encarando a moto com um semblante estranho. Estremeci quando o olhar deles recaiu sobre nós, mas como Lobo se manteve calmo, tentei fazer o mesmo.

— Não saia de perto de mim, está ouvindo? — ele vociferou quando passamos perto dos três homens.

— Sim, senhor! Estarei na sua sombra. — Enlacei meu braço no dele e quase tropecei nos sapatos muito grandes que estava usando. Já que fugi descalça, só me restou usar um tênis que achamos jogado na cabana.

— O que está fazendo?

— Estou sendo sua sombra — falei o óbvio e ele resmungou, mas fiquei feliz quando não soltou meu braço e um calorzinho subiu por meu pescoço.

Não sabia o que era aquilo que vinha fazendo meu coração acelerar e diminuir até quase parar quando Lobo estava perto de mim, talvez fossem as lembranças do que suas mãos e lábios eram capazes de fazer, ou do calor infernal que aquele par de olhos distintos carregavam com tanto furor. O que quer que fosse, estava me arrastando para um mar aberto e desconhecido, que causavam um divisor de águas em meu subconsciente e a cada segundo uma

pergunta ficava me incomodando. Deveria ou não navegar naquelas águas?

Entramos no bar que estava parcialmente cheio, com metade das mesas ocupadas por homens tão estranhos e assustadores quando os três grandões lá fora. O que me assustou, além do cheiro de ovos podres que percorria o lugar.

— O que esse monte de homem está fazendo em um bar às 10h da manhã? — cochichei.

— Nem todo mundo trabalha durante o dia, assim como nem todos trabalham dentro da lei. — Foi sua resposta enigmática que me deixou ainda mais preocupada.

Que tipo de bar era aquele? De bandidos?

Caminhamos entre as mesas e pouco a pouco fomos ganhando a atenção de cada um dos homens por ali. Alguns tinham barbas longas e um monte de marcas estranhas no rosto, outros tinham tatuagens espalhadas pelo corpo inteiro e nenhum deles parecia gostar da nossa presença ali.

Agarrei-me mais ao braço de Lobo.

— Não tenha medo — ele sussurrou ao meu lado e seu polegar deslizou pelas costas da minha mão.

— É fácil falar quando você não é a menor pessoa do lugar. — Lobo abriu um sorriso contido de lado que deixou seu rosto ainda mais sexy e parou de andar quando alcançamos o balcão, onde um homem alto e com o corpo muito voluptuoso, enfiava alguns ovos em um pote com um líquido amarelo de procedência duvidosa.

— Quero pedir um drink púrpura — Lobo disse para as costas do homem, mas o que quer que aquilo significasse, fez o sujeito dos ovos parar o que estava fazendo.

Ele se virou lentamente, olhando sobre o ombro até nos encontrar parados ali.

— É para já. — Sem cumprimentos ou saudações, ele se virou e sumiu por uma porta estreita atrás do bar.

— Pensei que fossem amigos — comentei, estranhando a falta de animosidade.

— Não quero matá-lo, assim como ele não me quer morto. Então, sim, somos amigos. — Estreitei os lábios com a afirmação calorosa.

Logo o homem do drink púrpura estava de volta com um molho de chaves que entregou a Lobo.

— Precisa que diga algo em específico? — ele questionou e esfregou os dedos no pano de prato amarelado que pendia de seu ombro.

— Não, só diga que estou com pressa. — Ele pegou o molho de chaves e passou o braço ao redor dos meus ombros, guiando-me para longe dali.

Estávamos quase saindo do bar quando os três mal-encarados que vimos do lado de fora quando chegamos adentraram o lugar.

— Aquela Harley lá fora é sua? — um deles, o mais barbudo, disse como se não tivesse visto Lobo descer dela minutos antes.

Os outros dois brutamontes pararam ao lado do grandalhão, fazendo uma barreira e fechando a saída.

— Saiam da frente. — Lobo rosnou. Olhei em direção ao seu “amigo” e notei que o homem lavava pacientemente um dos copos do lugar, sem se importar com o que acontecia lá dentro.

— Ela é uma moto irada... e cara. — Um deles se aproximou pela direita, enquanto o segundo vinha pela esquerda. Lobo me empurrou para trás dele com uma das mãos e vi quando pensou em tocar a arma em sua cintura, mas por algum motivo hesitou.

— Eu quero dar uma volta nela, Tom. — Um dos sujeitos, que era bem grande, por sinal, falou com o barbudo.

— Ele quer dar uma volta. — O homem mastigou um palito que trazia na boca e o cuspiu logo em seguida.

— Eu fico com a moça. — O da direita falou.

— Em qual fim de mundo viemos parar? Ainda nem chegou o horário do almoço e já tem um monte de bêbado tentando roubar sua moto e me sequestrar. Você definitivamente não sabe escolher um bom bar. — Dei um pequeno passo em direção a mesa do lado e revirei os olhos para Lobo que me encarou furioso, sem entender nada. — Olhe para eles. — Apontei com o queixo para o barbudo que me encarou, parecendo crescer um pouco. — Não podemos brigar com os três.

— Ela tem razão. — O barbudo riu e seu rosto foi tomado por uma expressão asquerosa quando desceu os olhos pelo meu corpo, como se me avaliasse.

— Se brigar com eles, que pelo visto não tomam banho há pelo menos um mês, vai acabar morrendo de tétano.

— O que essa vagabunda falou?

— Ela te chamou de tétano, Tom! — Eles arregalaram os olhos e tive que conter a vontade de rir. Sabia que Lobo estava armado e bastava que ele sacasse a arma para sairmos dali em segurança, mas por algum motivo, quando o barbudo veio para cima dele, não foi isso que ele fez.

— Eu vou acabar com essa desgraçada dos infernos. — Tom, o barbudo fedorento, avançou com tudo em minha direção, mas Lobo foi mais rápido e acertou um soco no homem antes que ele, de fato, conseguisse me alcançar e os outros dois brutamontes o cercaram com tudo.

Lobo me segurou pela cintura e me rodou, jogando-me em um canto escuro e vazio do bar enquanto eu via tudo ao meu redor se transformar em uma guerra do velho oeste.

Cadeiras voaram, mesas viraram, o chão foi encharcado pelas bebidas que caíam. Alguns homens começaram a brigar entre si, alheios à confusão que aqueles três malucos causavam para cima de Lobo.

Tentei acompanhar os movimentos do meu guarda-costas, mas não consegui. Ele era muito rápido e forte. Os golpes que Lobo desferia eram concisos e muito precisos. Logo ele derrubou dois dos três idiotas. Agora só restava o maldito do Tom que tinha acabado de jogar uma cadeira na direção de Lobo. Mas não demorou muito até que ele jogasse o homem na parede o começasse a sufocá-lo.

Vi de relance o momento em que Tom disse alguma coisa para Lobo que o fez parar por um momento. Cogitei a ideia de que ele pararia a briga ali, mas estava enganada. O homem ergueu o queixo, os ombros assumiram uma postura dura, selvagem e ele começou a socar o rosto do grandalhão sem parar.

Bateu uma, duas, três, quatro vezes até que o sangue começou a jorrar sem parar. Levei a mão à boca. Ele ia acabar matando aquele idiota.

— Lobo, para! — Corri até ele e tentei segurar uma de suas mãos. Ele me empurrou e voltou a socar o homem, fazendo com

que mais gotas de sangue respingassem para todos os lados. Meus olhos marejaram diante da cena violenta e descontrolada.

Ele já o tinha nocauteado, pretendia mesmo tirar a vida dele?

— Lobo, PARA, pelo amor de Deus, vai matá-lo — gritei e me pendurei em seu braço. Ele me empurrou novamente e foi então que entrei em pânico e sem pensar duas vezes, empurrei-o, colocando-me à frente do desgraçado que agora estava com a barba cheia de sangue.

Lobo estava cego, seu semblante perturbado me assombrou. Ele ergueu a mão para dar mais um soco e parou no meio do caminho quando, enfim, me reconheceu.

Só então piscou algumas vezes e encarou a mão suja, depois subiu os olhos para mim, muito confuso, transtornado.

— Me desculpe, eu... perdi o controle — disse baixo e olhou para as próprias mãos.

— Precisamos sair daqui, Lobo. — Ele endireitou o corpo e retomou a postura de minutos atrás, escoltando-me para fora entre os cacos de vidro quebrados e não voltou a me encarar até que chegássemos à moto novamente.

Suas mãos muito vermelhas fizeram meu estômago revirar.

Subi em sua garupa novamente com a sensação de que tinha visto um lado obscuro que Lobo parecia lutar muito para esconder.

CAPÍTULO 21

Jasmin Cahill

Paramos no primeiro mercado que encontramos no caminho depois daquela confusão. Descemos da moto e interceptei Lobo assim que ele começou a caminhar.

— Não está pensando em entrar lá desse jeito, está? — Apontei para as mãos de Lobo que, apesar de terem sido esfregadas em seu moletom preto, ainda estavam visivelmente sujas.

— Não vou deixá-la sozinha — afirmou categoricamente.

— Então deixa que eu escolho os produtos enquanto você mantém as mãos nos bolsos da blusa. Não quero ir parar em uma delegacia agora. Apesar de que um homem do seu tamanho, com as mãos enfiadas nos bolsos e essa cara de quem está prestes a matar alguém também vai causar muita suspeita. — Observei o homem erguer as sobrancelhas diante do meu comentário. — Que tal um sorriso? Não? — Ele rosnou e se posicionou atrás de mim.

— Vamos logo.

— Que Deus nos ajude. — Passamos pelo estacionamento do lugar.

Pouco antes de chegarmos à entrada do mercado, avistei um senhor de idade com roupas em farrapos e um carrinho de compras cheio de quinquilharias parado no fim do estacionamento. Nem conseguia me lembrar da última vez que tinha encontrado uma

pessoa em situação de rua como ele. Bati nos bolsos, inconscientemente procurando algum dinheiro para dar ao senhor na tentativa de ajudá-lo de algum jeito, mas logo a ficha caiu de que eu não tinha um tostão nem para mim mesma se precisasse naquele momento.

— Bom dia! — ele disse quando passamos por ele. Lobo retornou um resmungo baixo em resposta, enquanto eu tentei abrir meu melhor sorriso para o velhinho, que tinha o rosto muito enrugado, mas mantinha um sorriso genuíno e com algumas falhas preso nele.

Ainda pensava naquele senhor quando começamos a fazer as compras. Não sabia quanto em dinheiro Lobo tinha, mas talvez ele pudesse dar algo ao velhinho lá fora. Se não o fizesse, eu mesmo o faria.

Começamos as compras pela sessão de roupas, onde tanto eu quanto Lobo escolhemos algumas peças para o dia.

— Qual cor você prefere, Lobinho, rosa ou vermelha? — Ergui duas calcinhas entre os dedos e as virei para o homem que ficou meio vermelho, enquanto soltava um palavrão em resposta.

— Não me faça te prender em uma gôndola, senhorita Cahill e ande logo com isso.

— A vermelha então... — Ri do seu rosto compenetrado e irritado.

Passamos pelo caixa quase meia hora depois com tantas compras que eu temia que não conseguíssemos levá-las em cima daquela moto. Será que meu guarda-costas pretendia passar todo o inverno comigo no esconderijo?

— Coloque estas compras em duas sacolas separadas. — Ele pediu à atendente e tirou as mãos dos bolsos na hora de efetuar o pagamento.

— Moça, seu cabelo é fantástico. Que cor você usa? — Apontei para o cabelo em um tom vinho aceso da atendente. Queria distraí-la das mãos sujas de Lobo, assim como também estava sendo sincera.

— Ah, obrigada! — disse sorridente e passou os próximos minutos concentrada, explicando-me mais sobre a tinta.

Agradeci, satisfeita por ter conseguido desviar sua atenção. Lobo pegou as quatro sacolas e caminhamos para fora do lugar.

— Tem certeza de que precisamos de tudo isso? — Mal tinha fechado a boca quando o senhorzinho que vimos pouco antes entrou em meu campo de visão. — Escuta, Lobo... — Estava prestes a pedir algum dinheiro ao homem que caminhava a passos duros ao meu lado para dar ao senhor quando Lobo parou bruscamente e estendeu duas sacolas cheias de alimentos para o velhinho.

— Oh! — O senhor exclamou surpreso e sondou a sacola com curiosidade. — Deus o abençoe, Deus o abençoe muito! — respondeu feliz e um aperto tomou meu peito em vê-lo se regozijar tanto por estar recebendo um pouco de comida de um estranho.

Lobo meneou um aceno e entregou algumas notas ao homem.

— Tem um abrigo bem perto daqui, o senhor conhece? Na Ashley Lane — Lobo questionou.

— Conheço sim, senhor. Durmo lá às vezes.

— Gosta de lá? As pessoas o tratam bem? — Ele continuou com o interrogatório e achei aquilo estranho.

— Sempre sou bem-vindo por lá. Também frequento o abrigo da Van Buren, um ótimo lugar.

— Que bom. Durma em um lugar quente, a madrugada será fria — ele disse e o nó na garganta que eu tentava segurar se tornou ainda mais doloroso.

Caminhei até a moto com meus pensamentos rodando do velhinho até a atitude do homem à minha frente. Lobo escondia um coração diferente de tudo que imaginei. Meu pai, mesmo com o dinheiro que tinha, nunca parou para ajudar alguém na rua e muito menos permitiu que eu o fizesse, mas Christopher era diferente e sua singularidade fez meu coração bater mais forte.

— Podemos ir? — ele questionou depois que nos acomodamos sobre a moto.

— Sim — disse de dentro do capacete e ele acelerou a moto sob um roncado letárgico e alto.

Depois de um longo tempo equilibrando-me na garupa com algumas sacolas e uma fome de leão, chegamos em um bairro muito verde, de ruas vazias e largas, pacato até demais. Não havia absolutamente ninguém nas ruas, que eram ornamentadas por casas colossais. Paramos em frente a uma daquelas casas, quase no final da rua.

— Tem certeza de que estamos no lugar certo? — questionei desacreditada quando o vi enfiar a chave em um grande portão de aço.

— Esperava outra cabana? — Ele tentou sorrir, mas a única coisa que conseguiu foi mostrar os dentes impecáveis e brilhantes.

— Dessa vez estava pronta para uma caverna. Tendo comida, qualquer lugar serviria. Uau... — Sibilei quando ele abriu o portão e revelou uma pequena mansão por trás dele.

Entrei no pátio espaçoso, porém malcuidado, como se há muito tempo ninguém pisasse ali, enquanto Lobo guardava a moto e trancava o portão. O lugar era enorme. Tinha várias janelas e a maioria delas possuía grades. Poderia jurar que aqui encontraríamos algum quarto do pânico.

— Vamos. Você precisa comer. — Segui-o de perto pelo lugar. Entramos por uma porta que dava na sala de estar. Todos os móveis estavam cobertos por lençóis, o que transformava seu interior em uma casa assombrada com muita facilidade.

Lobo revistou todos os cômodos do lugar para garantir que estávamos mesmo sozinhos e trancou a maioria deles, até por fim, parar na cozinha.

Ajudei-o a tirar os lençóis que cobriam o fogão e a geladeira e distribuímos todas as sacolas na grande ilha que dividia o lugar. Percebi que Christopher estava tão distraído que tirava os produtos da sacola de forma mecânica, enquanto encarava o nada.

Suas mãos ainda estavam sujas. Olhei ao redor e encontrei um pano meio encardido de poeira, mas que teria que servir. Lavei-o na torneira e enchi uma vasilha com água e virei um pouco de sabão velho que encontrei por ali. Levei tudo até a bancada e puxei uma das altas cadeiras do lugar.

— Deixa eu te ajudar com isso. — Peguei sua mão subitamente e Christopher me olhou confuso, parecendo se lembrar naquele instante de que precisava lavá-las.

— Eu faço isso. — Ele tentou puxá-las, mas eu insisti.

— Sente-se e não relute. — Apontei com o queixo outra bancada e quase dei risada da expressão estranha que tomou seu rosto. — Sabe que sou insistente.

— Pode ter certeza de que sei.

Molhei o pano na vasilha de água quando ele se sentou e comecei a esfregar sua mão com cuidado. Quanto mais mergulhava o pano na tigela, mais vermelha a água ficava.

— Por que não sacou a arma quando vieram para cima de você? Teria terminado aquela confusão em um piscar de olhos.

— É proibido qualquer tipo de arma dentro daquele bar. Uma regra antiga e que ninguém, de qualquer um dos lados da justiça, ousa quebrar — explicou. — Deve ter percebido que não se trata de um lugar comum.

— Sim — concordei. — Lá só têm malucos.

— Acho que tem razão. — Continuei a esfregar e depois de um tempo em silêncio, resolvi falar novamente. Alguma coisa estava errada naquela história e eu precisava descobrir o que era.

— O que ele disse? — questionei, esfregando o pano em sua pele novamente.

— Como?

— O barbudo fedorento... — relembrei-o e ergui os olhos para encará-lo. — Sei que ele disse algo que o enervou a ponto de quase matá-lo. Vamos, diga-me, o que foi?

— Aquele idiota... — Ele fechou o punho com força e pude sentir a raiva novamente preenchendo suas pupilas e as tornando ainda maiores.

— Calma, já acabou. — Acariciei suas mãos com as minhas. Lobo soltou o ar exasperado e encarou o chão ao meu lado.

— Algo a ver com comer você — confessou de súbito. — Só que com outras palavras um tanto... instigantes.

— Instigantes?

— Sim. Fiquei instigado a matá-lo.

— Aquele homem era um escroto... argh! — Balancei a cabeça com um arrepio que me transpassou. — Devia ter acertado uma garrafada nele também. — Lobo sorriu devagar, mas logo seu rosto voltou a ficar compenetrado.

— Sinto muito por ter presenciado aquilo. Não costumo perder o controle com facilidade, mas só de imaginar o que aquele porco pretendia fazer com você eu... fiquei cego — confessou e olhou para os dedos agora quase limpos.

— Já aconteceu antes? De não conseguir parar?

— Para ser sincero, só precisei pegar seu caso porque tinha perdido o controle em uma das missões que aceitei. — Remexeu o corpo, impaciente. — Não me orgulho de nada disso, mas é mais forte que eu. Quando vejo uma mulher em perigo, tudo muda. Minha visão fica vermelha e eu simplesmente não consigo parar, e essa sensação se torna ainda mais incontrolável quando se trata de você. — Ele comprimiu os olhos e os manteve fechados por um momento. Sondei seu rosto com cautela. Havia mais por debaixo daquela história, poderia garantir, mas ainda assim meu peito ardeu com a revelação repentina. — Está com medo de mim? — Seus olhos encontraram os meus com cuidado.

— Não... não é isso.

— Se estiver, vou entender.

— Não estou com medo, Christopher. — Ele engoliu com dificuldade, fazendo o pomo de adão subir e descer à menção do

seu nome. Desde a noite passada, tinha percebido que Lobo reagia de forma diferente quando eu o chamava assim e aquilo me agradava muito. — Posso ver o remorso que está sentindo por ter ido longe demais, está nítido para mim.

— Está enganada, Jas... — E ali estava meu ponto fraco. Aquele tom de voz baixo, rouco, soprando meu nome de um jeito devotado, quente. Ali estava minha perdição. — Sinto remorso por ter permitido que tenha visto uma coisa daquelas, mas depois do que o filho da puta disse, nada no mundo, além de você, me impediria. Ele queria estuprá-la. Só consegui pensar em matá-lo e... — As mãos de Lobo começaram a tremer, os punhos fechados me diziam que ele estava novamente começando a perder o controle e sem pensar, levantei-me e envolvi Christopher em um abraço apertado.

No início ele manteve as mãos duras bem longe de mim, mas à medida que eu não desistia, seus braços cederam e ele enlaçou meu corpo junto ao dele e enfiou o rosto na curva em meu pescoço.

— Eu não era assim — disse entre meus cabelos e permiti que ele falasse sem interrompê-lo. — Não antes de ir para o orfanato.

— O que aconteceu para que isso mudasse?

— Lembra que te contei sobre meus pais serem viciados?

— Sim.

— Quando morava com eles eu testemunhava três coisas, todos os dias. — Soltou o ar pela boca. — A fome que passávamos, a sujeira em que vivíamos e as infinitas vezes que meu pai espancava minha mãe. — Meus olhos marejaram, imaginando um garotinho indefeso tendo que passar por aquilo. — Ele batia nela

constantemente e eu não conseguia fazer nada além de chorar e apanhar também. Até que um dia ele começou a espancá-la e eu, com medo, fiquei escondido vendo tudo. Aquele desgraçado bateu nela até que ela desmaiasse. Depois, pegou algumas coisas dele e foi embora. Acreditei por um dia inteiro que minha mãe só tinha desmaiado e fiquei ao lado dela até que uma vizinha veio até nossa casa e encontrou o corpo.

— Ele... a matou? Seu pai matou sua mãe? — Minha voz saiu esmiuçada e muito alta. Afastei-me dele, desesperada por encontrar seu olhar.

— Sim, e fugiu imediatamente. Deve ter morrido de overdose logo depois. — Respirou ruidosamente. — Fui parar no orfanato, mas não era nem de longe o garoto ideal para a adoção. A agressividade começou a tomar forma através das brigas que eu arrumava com todos no lugar. Depois fugi e morei na rua por um tempo até voltar para o orfanato com a mesma fama de um chefe da máfia, o que não impedia os garotos maiores de tentarem tirar a todo custo aquela fama de mim. — Tentou brincar.

— Mais cedo, no mercado, quando levou comida para aquele senhor...

— Sei bem o que é passar fome, Jas. — Ele deu batidinhas em minha mão sobre a bancada. — Ajudo sempre que vejo alguém naquelas condições.

— Você já esteve naquele abrigo que citou?

— Sou dono dele.

— O quê? — Tossi e o encarei. — Você é dono do abrigo?

— Sim, são quatro, por enquanto. Cada um dos meus irmãos tem um, meu pai inaugurou o primeiro depois de nos adotar e

seguimos o exemplo. É algo muito importante para nós, ajudar as pessoas em situação de rua. — Ele torceu os lábios e desviou os olhos para o chão. — Todos nós passamos por situação semelhante e não há nada pior do que sentir frio e fome.

— Seu pai... o senhor Holder, ele sabe de tudo sobre seu passado? — tentei disfarçar minha voz embargada e o misto de emoção e orgulho que senti por Lobo naquele momento.

— Sim. Meu pai é meu melhor amigo. Aquele homem lutou muito por mim, que na época não passava de um caçador de confusão metido a besta. Se fosse eu no lugar dele, teria me devolvido na primeira oportunidade. — Encolheu-se um pouco mais. — Não fui grato a ele por muitos anos. Mas consegui recuperar a consciência a tempo de orgulhá-lo, ainda que vez ou outra, volte a ter uma recaída.

Abri e fechei a boca por incontáveis vezes. Não sabia o que dizer.

— Estou impressionada...

— Queria saber minha história, Cristal... — Ele me chamou pelo apelido e um calor subiu por minhas pernas. Aquele idiota ia mesmo me fazer gostar daquela palavra? — Não quis amargar seu dia contando os detalhes sórdidos de tudo que enfrentei até aqui, mas me sinto na obrigação de explicar o que viu hoje. É mais forte do que consigo suportar, mais do que posso conter com minhas próprias forças. — Ele olhou para a bancada. — Sinto muito por esta história não ser nenhum conto de fadas.

— Contos de fadas não foram feitos para pessoas como nós — completei, relembrando minha própria história de terror. — Ao menos isso nos faz mais fortes do que podemos imaginar, e se hoje

você tem problemas com a raiva, é porque se tornou um sobrevivente e tem sequelas que precisam ser tratadas, assim como eu com as crises de terror noturno. — Toquei sua mão com a minha. — Acho que precisarei procurar uma psicóloga capaz de lidar conosco. Você também precisa de terapia. — Afaguei seu ombro.

— Acho que pode ter razão. — Meu estômago roncou e não consegui conter uma risada. Ele vivia fazendo isso.

— Só vamos precisar comer antes.

— Vou preparar algo agora mesmo. Já passa do horário do almoço, então vamos pular o café da manhã, tudo bem? — Ele se levantou.

— Posso ajudar com alguma coisa. — Ofereci de prontidão.

— Obrigado, mas não queremos que você ateie fogo na casa.

Encarei-o e escondi por trás de um sorriso toda a surpresa que tive ao conhecer um pouco mais daquele homem cheio de mistérios e um passado tão doloroso quanto o meu, ou até mais. Cheio de marcas, cicatrizes e dores que nem sequer conseguia imaginar. Por trás do meu Lobinho de olhos coloridos, havia um homem machucado, que também precisava de ajuda para enfrentar seus demônios, mas que, acima de tudo, queria me proteger.

Meus olhos desceram por suas costas largas, enquanto ele começava a preparar nosso almoço e uma pontada dolorosa tomou meu peito quando constatei que com suas más respostas, jeito grosseiro e olhar penetrante, ele ganhava um pedacinho do meu coração a cada segundo que passávamos juntos.

Ah, Christopher Holder... como faço para não me apaixonar por você?



Terminamos o almoço e Lobo se ocupou em trancar todo o lugar e ativou o sistema de segurança.

— Deve demorar um dia até que meus contatos me acionem. — Não entendi nada do que ele falou. Estava distraída demais com minha nova descoberta.

— Você sabia que existe uma banheira nesta casa? Com água escaldante! — Bati palminhas. — Acho que encontrei até uns sais de banho antigos no armário.

— Vá tomar um banho e descanse um pouco. O dia foi agitado e não sabemos o que nos espera. É melhor estar preparada.

— Você deveria ser o próximo a tomar um bom banho. Falei sério sobre aquele homem ser o próprio tétano ambulante. — Ele riu e eu subi em pequenos saltos para o banho mais demorado dos meus últimos anos.

Permaneci por quase uma hora imersa na água quentinha e deliciosa da banheira. Tentei relaxar, mas mesmo que meu corpo conseguisse, tinha certeza de que minha mente jamais o faria.

Como eu poderia ficar tranquila sabendo que tinha alguém tentando me matar? E pior ainda era saber que aquela pessoa poderia ser alguém de dentro da empresa do meu pai, ou até mesmo alguém próximo a mim. Só assim conseguiriam obter a localização exata daquela casa.

Soltei o ar e mordi o lábio inferior, cogitando todas as possibilidades. Será que Lobo iria conseguir encontrar alguma

informação? Torcia para que sim. Ele era minha melhor chance de desvendar aquele mistério e sair com vida.

Terminei meu banho e só percebi que minhas roupas novas tinham ficado no andar de baixo quando me enrolei na toalha e não as vi por ali.

Mas que droga...

Saí do banheiro para procurá-las e senti imediatamente que Lobo tinha ligado o aquecedor a ponto de conseguir caminhar por ali sem morrer de frio. Estava prestes a descer as escadas para o primeiro andar, disposta a ir atrás da minha roupa quando uma porta entreaberta no fim do corredor chamou minha atenção. Caminhei até lá, passo a passo. Lobo tinha trancado a porta de todos os cômodos, menos dos banheiros e do quarto que dividiríamos à noite, e que já estava me causando comichões só pela ideia. Então por que aquela porta estava aberta?

Cheguei bem perto dela e olhei pela fresta aberta. Surpreendi-me quando vi Lobo de costas e sem blusa. Os cabelos levemente molhados me diziam que ele também tinha acabado de sair do banho e por um momento fiquei hipnotizada pela visão do seu torso bem definido, com algumas pequenas cicatrizes na pele clara e um contorno que me deixava sem fôlego só de me imaginar dentro daquele abraço.

Abri mais a porta. Ele se assustou com o barulho e se virou segurando uma arma em punho, mirando bem na minha cabeça.

— Sou eu! — gritei e ergui as mãos. A toalha que estava mal encaixada foi parar nos meus pés e me vi completamente exposta diante dele.

— Porra, Jasmin! — ele vociferou e me deu as costas rapidamente.

— Que droga! — xinguei, subindo a toalha de novo para seu lugar. Todo o meu corpo parecia em chamas, tomada pela mais pura vergonha. — A culpa é sua! — Apontei para suas costas. — Quem é que sai apontando uma arma para a cabeça das pessoas.

— Foi você quem chegou por trás de mim sem fazer barulho nenhum. O que esperava? — Ele apoiou as mãos em punho sobre uma mesa que só agora tinha reparado estar cheia de armas pequenas e até mesmo uma bem grande, ao lado de algumas munições. Lobo balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Sinto muito, não queria te assustar. — Aproximei-me dele, sondando o lugar que era completamente diferente de um quarto comum. Não havia janelas e a entrada mais parecia a porta de um cofre forte.

— É melhor sentir mesmo. — Ele voltou a mexer nas armas.

— Aqui é o quarto do pânico? — Parei ao seu lado.

— Sim. Há mantimentos enlatados, água, kit de primeiros socorros e até rádios para comunicações com o exterior caso o lugar perca o sinal. — Ele não voltou a me encarar e manteve sua atenção no armamento à sua frente.

— Que legal. E essas armas?

— Deixei aqui para caso precisasse. Elas podem ser de grande ajuda. — Ele pegou uma arma preta e conferiu o pente.

— Pode me ensinar a usar uma delas?

— Está ficando maluca? — Seus olhos buscaram os meus e cheguei a estremecer com o que vi ali. Tensão, dúvida, raiva..., mas

o que mais chamou minha atenção foi o calor que as duas íris emanavam em minha direção.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida. — Minha voz surgiu baixa e comecei a apertar a toalha ao redor do meu corpo, como se aquilo me mantivesse sã diante o olhar penetrante de Lobo. O pequeno movimento não escapou da atenção do homem que desceu os olhos para meus dedos. — Diante de tudo que está acontecendo, não acha que seria útil que eu soubesse me defender? — Levei a mão até uma das armas, mas Lobo segurou meu pulso no meio do caminho e cresceu para cima de mim.

De perto, seu peito nu era ainda mais marcado por músculos do que imaginava.

— Pode acabar se machucando, Cristal. — A voz firme me inebriou.

— Posso aprender a cuidar de mim mesma, Lobinho...

— Odeio quando me chama assim. — Ele deu mais um passo em minha direção.

— E eu... odeio sentir essa vontade absurda de te beijar. — De onde saiu aquilo? Não fazia ideia, mas o som abafado que escapou pelos lábios do homem à minha frente me agradou e muito.

Christopher avançou sobre mim com vontade, como se rompesse uma barreira invisível. Sua mão envolveu minha nuca e me puxou para ele até que sua língua estivesse tocando a minha em um encontro afoito, desesperado, urgente. Todos os pontos quentes do meu corpo começaram a pulsar. Ele envolveu minha cintura com o braço e me ergueu, colocando-me sobre a mesa. Senti seus dedos firmes e levemente ásperos subirem pela lateral da minha perna enquanto me entregava a ele em um beijo profundo.

— Você não tem ideia de quantas promessas me faz quebrar — sentenciou e afundou os lábios em meu pescoço, mordiscando a pele até que um som baixo escapasse por meus lábios que ele logo voltou a tomar com os seus. Podia sentir sua ereção dura e pulsante através da calça leve que usava e tudo que quis foi abrir a toalha e me entregar a ele completamente.

Soltei o tecido que deslizou até minha cintura, deixando meus seios à mostra. Certa vergonha me permeou, mas o desejo latente de tê-lo me tocando ali expulsou qualquer receio.

— Há promessas que foram feitas para serem quebradas — arfei quando seus dedos alcançaram os mamilos sensíveis. Ele me inclinou para trás e lambeu a pele do pescoço até chegar ao seio dolorido de desejo. — Quero você, Lobo. Quero muito — gemi alto quando ele mordeu o bico do meu seio e um misto de dor e prazer varreu meu corpo.

— Não sabe o que está me pedindo, pequena. — Ele me puxou para a beirada e se encaixou entre minhas pernas até que seu sexo pressionasse o meu. — Já está sendo difícil manter o controle sem vê-la desse jeito. — Seus olhos desceram pelo meu colo nu e quando levei a mão para me cobrir de algum jeito, ele a segurou. — Você é linda demais. — Soprou em minha boca.

— Não sabemos o que pode acontecer amanhã — barganhei. — Só temos o hoje, Christopher. Me faça viver algo que nunca vou me esquecer.

— Caralho! — ele praguejou e encostou sua testa na minha. Podia sentir sua hesitação e as dúvidas que rondavam sua cabeça. — Sabe que não podemos, Jas — disse sem se afastar. — Não

consigo mais te beijar e manter o controle. Essa tem que ser a última vez.

— Quantas últimas vezes precisaremos ter para que nossa primeira vez de fato aconteça? — Seus olhos coloridos sondaram os meus em uma profundidade que ainda não tinha visto. Soube naquele momento que ele tinha tomado uma decisão.

Cerquei sua cintura com as pernas quando sua boca possuiu a minha, afoita, desesperada. Ele ergueu meu corpo junto dele e apoiou as mãos em minha bunda, sustentando-me até chegarmos ao quarto.

— Tem certeza? — Tentou me persuadir antes de entramos no cômodo.

— Desejo esse momento desde o instante que te vi naquela boate. Quero ser sua, Christopher.

Lascívia e desejo possuíram seu olhar e ele fechou a porta atrás de si com uma nova promessa dançando entre nossos lábios.

CAPÍTULO 22

Jasmin Cahill

Christopher prendeu meus lábios nos seus e entrou no quarto comigo em seus braços, beijando-me de um jeito diferente, forte, como se tomasse parte da minha alma em sua língua.

Ele segurou a toalha úmida ainda presa entre nós e logo o tecido foi jogado no chão. Seu olhar sondou o meu com devoção e um desejo violento me tomou quando ele me colocou sobre a cama e se deitou sobre mim. Minha pele ardeu ao senti-lo me espremendo contra o colchão. Seu peito nu agora tocava meus seios. Pele com pele em uma mistura deliciosa de respirações oscilantes e olhares quentes.

Senti o toque de seus dedos escorregarem pela lateral do meu rosto e fechei os olhos, apreciando-o. Christopher se afastou o suficiente apenas para olhar meu corpo nu. Senti as maçãs do meu rosto esquentarem quando seus olhos pousaram em minha intimidade, mas não recuei e um sorriso de lado, bem canalha, tomou seus lábios.

— Tão perfeita... — Soprou em minha boca já inchada por seu beijo firme, delicioso.

Ofeguei quando sua barba deslizou por minha pele.

— Preciso me controlar, caso contrário, vou devorá-la de uma só vez — rosnou em minha boca e sem me dar conta, subi o quadril em direção a ele, buscando qualquer contato que fosse.

— Não quero seu controle. Quero que me devore e logo. — Agarrei sua nuca e cravei as unhas ali, esfregando-me nele sem pudor.

Não sabia o que estava acontecendo comigo. A urgência que se abateu sobre mim era surreal. Precisava que ele me tocasse logo ou explodiria.

— Ah, minha pequena safada... — Ele desceu sobre minha boca e chupou minha língua em um vai e vem delicioso e então correu os dedos pela extensão em meu pescoço e continuou descendo até que sua mão se fechou ao redor de um dos meus seios que imploravam por atenção.

Seus dedos apertaram e rodaram os mamilos. Remexi-me sobre seus braços fortes, completamente perdida nos pequenos choques que aquele toque irradiava por todo o meu corpo.

Lobo abandonou minha boca e começou a beijar meu maxilar, podia senti-lo rijo, pulsando contra meu ventre. Ele desceu um pouco mais, deixando chupões, mordidas e carícias pela minha pele que àquela altura já estava em chamas.

— Christopher... — arfei e gemi baixinho quando ele fechou os dentes ao redor de um dos mamilos. A expectativa me deixou sem ar. Ele manteve os dentes ali, torturando-me, prendendo o bico sensível entre eles e começou a lambê-lo sem soltar os dentes.

Meu Deus do céu, que sensação era aquela?

Gemi, aflita. A dor misturada ao toque úmido e delicioso me deixou zonza.

— Não há som mais delicioso do que sua voz chamando meu nome. — Ele desceu as pontas os lábios pelo caminho abaixo do

seio. — Quero ouvi-la a noite toda. — Beijou minha barriga e lambeu a pele devagar, descendo centímetro por centímetro.

Com uma das mãos ele abriu minhas pernas e por um momento tentei fechá-las.

— O que está fazendo? — Minha voz surgiu fraca.

Ele sondou meu rosto e a sombra de um sorriso devasso transpassou seus lábios quando desceu mais e mais.

— Quero saboreá-la, meu anjo. — Sua palma firme se manteve em minha coxa e lentamente ele deslizou um dedo por toda a extensão da minha intimidade, fazendo-me contorcer sobre o colchão.

— Ahhhhh, Christopher! — Arqueei as costas quando ele enfiou a cabeça entre minhas pernas e soprou meu centro. Sua língua deslizou pelo ponto pulsante que estava prestes a me enlouquecer.

Estremeci com o toque úmido e ao mesmo tempo muito quente, o senso de vergonha se perdeu e comecei a movimentar meu quadril à medida que ele mordia, chupava e sugava todo o meu sexo. Sua barba arranhava a pele e causava uma sensação profunda, intensa. Ele me penetrou com um dos dedos e todo o controle que tentei manter até agora foi para o espaço.

— Gostosa! — ele vociferou contra minha pele, enfiando mais um dedo e voltou a sugar aquele botãozinho com firmeza e posse. Ele entendia muito bem o que estava fazendo.

— Chris! — choraminguei e ele continuou com mais força, com mais desejo, com mais pressão até que todo o meu corpo explodisse em centenas de estrelas.

Fui tomada por um tremor delicioso que em vez de aplacar o fogo que sentia, só o intensificou.

O mais puro desejo me tomou. Lobo trilhou um caminho com pequenos beijos até alcançar minha boca. Sua língua me invadiu, fazendo-me sentir meu gosto ali, em seus lábios.

Levei a mão até sua calça e ele me ajudou a tirá-la. Assim que o vi pela primeira vez, precisei sugar o ar com força diante da ereção grande e muito grossa, cheia de veias pulsando. Mordi os lábios ao imaginá-lo dentro de mim, mas nem sequer tinha certeza de que caberia.

— Ainda podemos parar se quiser. — Ele tocou meu rosto.

— Agora quero mais do que antes — confessei.

— Pode ser difícil, pequena, e até um pouco doloroso. — Ele segurou minha nuca e pousou um beijo quente em meus lábios. Envolvi seu membro com a mão e o som que vibrou nos lábios de Lobo me excitou ainda mais.

Movi minha mão para cima lentamente e o vi piscar demoradamente. Christopher se inclinou até resgatar a calça e tirar uma carteira de um dos bolsos, de onde pescou um pequeno pacote de camisinhas.

Um homem prevenido... pensei e tentei evitar imaginar o motivo pelo qual ele andava com um trio de camisinhas na carteira.

— Vamos devagar, está bem? Podemos parar a qualquer momento. — Ele se deitou sobre mim, forte, másculo e abriu minhas pernas, encaixando-se entre elas. — Me diga... — Senti a ponta do seu membro completamente puro, pele com pele, subir e descer pela minha entrada. — Tudo que estiver sentindo. — Soprou em

meus lábios e pressionou a glande larga em meu clitóris, friccionando em uma lentidão que me enlouqueceu.

Rapidamente minha intimidade começou a dar espasmos, desejando-o profundamente. Enlacei sua cintura com as pernas e ergui o quadril. Os movimentos lentos incendiando cada centímetro da minha pele.

Seus lábios tomaram os meus e me perdi em seu beijo quente e voraz enquanto ele rasgava a camisinha e a colocava.

Alguma coisa me dizia que todos os seus movimentos estavam contidos, podia ver as veias brilhando em seu braço pelo esforço que estava fazendo para se controlar. Tinha a impressão de que Lobo era um amante agressivo, forte, intenso, mas estava se contendo para não me machucar.

— Chris... — Senti a ponta do seu membro tocar minha entrada e um misto de medo e prazer me atingiu.

— Relaxa, meu anjo. — Ele pescou um dos meus mamilos com os lábios e o sugou. Uma das mãos deslizou por minha bunda e me abriu um pouco mais. Seus olhos coloridos se prenderam aos meus. — Porra! — Ele rosnou quando começou a entrar em mim. Preenchendo-me de um jeito único.

— Ahhhhhhh! — Abri mais as pernas quando ele pressionou meu clitóris e começou a torturá-lo em movimentos circulares, estocando mais um pouco, e depois mais até que uma fisgada forte me açoitou. — Ai! — Prendi a respiração e ele parou de se movimentar.

— Tudo bem? — Depositou um beijo no cantinho da minha boca.

— Sim, sim. — Pisquei lentamente enquanto Lobo brincava com meu corpo usando as pontas dos dedos, a língua e a voz, em carícias suaves no pé do meu ouvido.

Ele empurrou mais um pouco, podia sentir a extensão do seu membro grosso me abrindo, alargando-me. Ele estocou mais fundo e a dor se tornou intensa por um único instante, no exato momento em que ele tirou minha virgindade.

Uma lágrima escorreu por meu rosto e Christopher a beijou com carinho. Perdi-me em seus olhos singulares enquanto ele saia de mim só para entrar novamente, em movimentos lentos.

— Entrou tudo? Coube mesmo? — A dúvida o fez sorrir.

— Não, meu anjo. — Ele me beijou, empurrando mais um pouco e rosnou em minha boca de um jeito gostoso e excitante. — Hoje não vamos até o fim, assim já está delicioso. — Soprou.

— Podemos tentar de outros jeitos e... — Fechei os olhos quando seus lábios voltaram a beijar meus seios com calma.

— É o que seu corpo suporta, é perfeito para mim. — Soprou as palavras em minha pele.

Suas mãos se tornaram mais afoitas, sedentas, deliciosas. Dedos, lábios, dentes... Lobo ia me marcando a cada nova estocada, abrindo-me um pouco mais. Rosnados altos escapavam pelos lábios do homem e se misturavam aos meus. Sua mão envolveu minha nuca e me dei conta de que ela estava tremendo. Ele tentava manter o controle enquanto me penetrava para não me machucar e aquilo me excitou ainda mais.

Beijei sua boca quando o ápice do prazer varreu meu corpo mais uma vez, comprimindo seu membro em meu centro com força.

— Caralho, que delícia! — rugiu em meu ouvido, ofegando. Fechei os olhos, tomada por algo novo, sensacional.

Sentia-me leve, feliz.

Christopher saiu de dentro de mim com cuidado, retirou a camisinha e me puxou para seus braços. Deitei a cabeça na curva do seu pescoço, apreciando o cheiro de sabonete fresco em sua pele.

— Posso ter te machucado, pequena. — Havia dor em sua voz. — Tem um pouco de sangue. Está se sentindo bem?

— Parei de escutar o resto quando disse a palavra “pequena”. Gosto dela...

— Você sempre foi minha pequena.

— Sempre? — Apoiei-me em um dos cotovelos e estreitei os olhos em sua direção.

— Sim. Minha pequena ladra. — Gargalhei e me deixei cair novamente em seus braços.

— Foi bem gostoso — soprei, meus olhos pesaram e me permiti fechá-los por um momento. O cansaço do último dia me afetou com tudo.

— Demais... — Ele acariciou minhas costas com a ponta dos dedos. A respiração entrecortada fazia com que seu peito subisse e descesse em um vai e vem calmante. Ia dormir em seus braços. — Evitei esse momento enquanto pude e agora que te provei, não sei mais como parar. Roubou muito mais que minhas chaves, senhorita Cahill, e eu nem me dei conta disso...

Senti um beijo em minha têmpora, mas já não sabia se estava sonhando.



Sempre que sofria com pesadelos, meu corpo amanhecia dolorido no dia seguinte, e fora as noites de terror, geralmente acordava elétrica, ansiosa ou até mesmo letárgica. Mas quando abri os olhos tudo que consegui sentir foi uma leveza que me fez suspirar.

Espreguicei-me sob as cobertas que nem me lembrava de ter colocado sobre mim. Abri os olhos e me assustei ao notar o quarto levemente escuro, com apenas uma pequena greta na janela.

Ainda era dia... pensei, encarando o tempo nublado lá fora. Olhei para a cama de lençóis brancos e notei que um dos lados estava revirado. As lembranças do que aconteceu antes que eu apagasse de vez retornaram com tudo e não consegui evitar o sorriso que se formou em minha boca.

Tinha acontecido.

Tinha mesmo acontecido!

Mordi os lábios e me enfiei debaixo das cobertas só para descobrir que ainda estava totalmente nua.

— Minha nossa! — Tapei a boca com a mão. O som da porta se abrindo me fez espiar por cima das cobertas.

Christopher entrou pelo quarto usando apenas uma calça, a mesma da noite anterior. Os músculos atléticos do peito se destacavam e os cabelos amarrotados davam a ele um visual desgrenhado lindo. Ele trazia consigo uma pequena bandeja.

— Bom dia, senhorita Cahill. — Brincou com meu nome e me lançou um sorriso quente como o inferno.

— Bom dia? — Sentei-me repentinamente. Meus cabelos estavam para todos os lados.

— Você dormiu depois de... — Meu rosto fumegou e tapei os olhos com as mãos. — O que foi? Não há nada para se envergonhar. — Bem sabia que aquilo era algo natural quando nos sentíamos atraídos por alguém, mas lembrar os sons que acabei fazendo quando estava nos braços daquele homem me deixou quente de vergonha.

Ele colocou a bandeja em uma pequena mesinha ao nosso lado, com cuidado e se sentou na cama, à minha frente. Suas mãos seguraram as minhas, forçando-me a encará-lo.

— Foi incrível. — Depositou um beijo em cada uma delas. — Você parecia cansada, então deixei que dormisse. Como está se sentindo? — Ele tocou meu rosto com o dorso da mão e seus olhos pousaram sobre os meus, repletos de cuidado e preocupação.

— Melhor impossível. Estou pronta para uma nova rodada. — Mordi o lábio com vontade ao perceber o que tinha dito impulsivamente e percebi quando os olhos de Lobo se prenderam ao movimento.

— Precisa descansar, minha encrenca.

— Já descansei o suficiente, mais do que isso só quando eu morrer.

— Não diga essas coisas. — Sua mão alcançou minha nuca e o calor rotineiro que me atingia toda vez que ele me tocava aqueceu meu coração. Um lugar muito perigoso, por sinal. — Está dolorida?

Pensei em mentir por um momento, ciente de que se dissesse a verdade, ele talvez não tocasse um dedo em mim

novamente, mas quando encarei seus olhos brilhantes e instigantes, soube que ele arrancaria de mim toda e qualquer verdade.

— Bem pouquinho — confessei.

— Trouxe algo que talvez possa ajudar. — Ele se inclinou sobre a mesinha com o café da manhã e tirou de lá uma vasilha pequena com algumas pedras de gelo.

Abri mais os olhos observando com curiosidade Christopher segurar um dos cubos nas mãos. Sua atenção recaiu sobre mim e fiquei imóvel enquanto o via subir na cama e se sentar, apoiando as costas no encosto ao meu lado.

— Venha aqui, meu anjo. — Ele abriu as pernas e tocou minha cintura, motivando-me.

Arrastei-me pela cama, sem saber o que ele estava pensando. Seu braço envolveu minha cintura e me ergueu, até que eu ficasse entre suas pernas. Fechei os olhos, apreciando a sensação das curvas dos músculos dele ressaltados em minhas costas.

— Talvez isso possa ajudar. — Ele ergueu a pedrinha de gelo diante do meu rosto e depositou um beijo em minha nuca que irradiou pequenos pontos pulsantes por minha pele.

— O que pretende fazer com isso? — arfei ao sentir o toque dos seus dedos, úmidos pela água gelada, tocarem as laterais das minhas pernas e a abrirem levemente, deixando-me exposta.

— Shh, confie em mim. Isso vai ajudar a aliviar. — Com demasiado cuidado ele tocou com o dedo gelado os lábios do meu sexo, fazendo-me quase saltar em seu colo pelo contato frio. — Vou encostar uma pedra de gelo bem aqui, para aliviar um pouco o incômodo.

Assim que o gelo tocou a carne já úmida, não contive o som estranho, quase como um miado, que subiu por minha garganta e me contorci, jogando a cabeça para trás, tombando-a no ombro de Chris.

— Isso é muito gostoso. — Ele subiu e desceu a pedra de gelo e novas sensações começaram a formigar em meu ventre.

Gemi profundamente quando ele desceu com o gelo até minha entrada e enfiou um pedacinho da pedra em minha intimidade.

— Christopher! — chamei, impulsiva.

— A intenção é aliviá-la — rosnou em meu ouvido, espalhando por meu corpo uma chama ardente — mas se continuar a me chamar assim, — ele roçou o polegar em meu clitóris, brincando com ele. — Fica difícil manter minha concentração.

— Isso é diferente. — Ofeguei e senti a água do gelo se derreter no calor da minha carne úmida. A ereção protuberante de Christopher pulsava em um ritmo firme na base das minhas costas.

— É bom? — questionou, inseguro. — Se quiser, posso parar e...

— Não! — reclamei imediatamente. — Por favor, não pare.

Ele riu em meu pescoço e depositou uma mordida ali, fazendo-me arrepiar.

Seus dedos brincaram comigo até toda a pedra de gelo se desfazer. Abri mais as pernas quando uma das mãos se Christopher alcançou meio seio, deslizando os dedos pelas laterais até alcançar o mamilo que implorava por seu carinho. Cravei as unhas em sua perna, por cima do tecido da calça e inclinei-me para trás quando ele me penetrou com um dedo. O polegar se manteve friccionado no

clitóris muito encharcado pela água do gelo que se misturou à minha própria lubrificação.

Santo Deus, o que era aquilo? A sensação era ainda mais forte do que experimentei no dia anterior, como se todo o meu corpo estivesse prestes a entrar em combustão espontânea. A voz sedutora de Lobo soprava em meus ouvidos, enquanto suas mãos continuaram me acariciando. Quando estava quase chegando perto do orgasmo, ele alcançou uma nova pedra de gelo dentro da vasilha de metal. Ela ainda estava consideravelmente grande, mas já começava a derreter.

— Goze para mim, meu anjo. Me deixa te ouvir gemendo meu nome. — Ele introduziu a pedra em minha intimidade, deslizando em um vai e vem delirante. Os dedos me estimulando me levaram à loucura.

Fui tomada por um impulso visceral. Precisava ser preenchida por ele. Queria senti-lo entrando em mim, tomando-me como se fosse sua. Levei às mãos a beirada da sua calça e encontrei certa dificuldade em abaixá-la. Christopher segurou meus dedos, tentando me conter, mas ainda assim insisti.

— Tem certeza? — Percebi que ele estava tão extasiado quanto eu.

— Mais do que qualquer coisa.

Senti a rigidez do membro dele pesar na base das minhas costas e fui tomada por uma nova perspectiva.

— Jas, minha pequena... deite-se aqui. — Ele soprou em minha nuca e puxou meu corpo junto ao dele para a cama. Fazendo-me deitar de lado, e continuar de costas para ele.

Sua mão firme envolveu minha perna e a içou e seus dedos rapidamente voltaram a me acariciar, desenhando um constante caminho de prazer.

Ouvi os movimentos que usou para alcançar algo e o som de embalagem sendo rasgada trouxe ainda mais euforia ao meu peito. A ponta do seu membro tocou minha fenda e instintivamente empinei a bunda ao seu encontro. Ele rosnou alguma palavra ininteligível enquanto deslizava centímetro por centímetro para dentro de mim. A glande grossa ia me abrindo, encaixando-se ao formato do meu corpo pouco a pouco e, diferente da noite anterior, não sentia nada além do mais intenso prazer.

Christopher me acariciou, mordeu minha pele e me enlouqueceu. Remexi-me, em busca de mais, em busca de senti-lo por completo dentro de mim enquanto ele brincava com meu sexo. Contorci-me à medida que o prazer me consumia e recebi toda a dimensão de sua ereção dentro de mim pela primeira vez. A sensação era indescritível. Como se toda sua carne agora fizesse parte de mim, preenchendo-me como se fossemos um.

— Caralho! — rugiu e estocou, segurando-me pelo ventre sem deixar de acariciar pontos sensíveis pelo caminho e quando pensei que já tivesse chegado ao clímax mais intenso da minha vida, fui surpreendida por uma sensação forte, avassaladora, que subiu por minhas pernas, barriga e peito, tomou meus sentidos e me incendiou.

— Ai, Christopher! — gritei seu nome, sendo açoitada por um prazer descomunal. Ele estocou com um pouco mais de força, revelando a intensidade que sentia e mordeu meu pescoço em um gemido rouco, trêmulo.

Ficamos um longo tempo ali, sem nos movermos. A respiração inconstante de Chris tocava minha nuca e se mostrava tão irregular quanto a minha. Ele me envolveu nos braços, abraçando-me por trás sem sair de dentro de mim.

— Lobinho...

— O que foi? — Ele depositou um beijo carinhoso em meu ombro.

— Te assusto quando... faço esses sons? — questionei temerosa e fechei os olhos, apreciando seu membro grosso pulsando dentro de mim. — É que se torna mais incontrolável do que posso segurar.

— Não, meu anjo. — Ele dedilhou meu braço, escorregando os dedos por minha pele com calma. — É de longe o som mais delicioso que já escutei. Um dos incontáveis detalhes encantadores que só encontrei em você. A senhorita me faz temer, essa é a verdade.

— Temer o quê? — Ele ficou em silêncio por um momento e os lábios logo capturaram o lóbulo sensível da minha orelha, fazendo-me fechar os olhos.

— É só um pensamento, não é nada demais. — E subiu a mão até capturar um dos meus seios.

Todo e qualquer pensamento se perdeu ali, nas pontas dos dedos de Christopher.



As horas tinham passado, mas eu ainda podia senti-lo em cada parte do meu corpo, como se ele tivesse tatuado minha pele

com a sua.

Deixei Christopher na entrada da casa vendo alguma coisa na moto com certa euforia e fui até a cozinha buscar um copo de água. Passei toda a manhã nos braços daquele homem e ainda não acreditava que aquilo era mesmo real.

Enchi o copo de água e o bebi de uma vez só. Colocando-o sobre a bancada logo em seguida e notei uma frigideira esquecida sobre o fogão. Um sorriso sondou meus lábios. Ele estava tendo todo aquele trabalho apenas para me satisfazer e, claro, manter a casa longe de qualquer explosão, devo ressaltar.

Virei-me prestes a ir encontrá-lo na entrada da casa quando dei de cara com um homem estranho parado bem no meio da cozinha.

— CARALHO! — Peguei a frigideira sem nem pensar. Como foi que aquele homem apareceu bem atrás de mim sem fazer nenhum único som sequer?

— Senhorita Cahill, imagino — Ignorei o sorriso claro e charmoso que me lançou e fui para cima dele com tudo.

Ataquei o assassino com a frigideira e comecei a bater nele sem parar. Se queriam me matar, iam ter que lutar.

— Ai! Senhorita, pelo amor dos deuses, pare! — O assassino tentou me ludibriar, mas não parei de bater.

Quando me virei, prestes a fugir da cozinha, encontrei outro estranho bloqueando a porta. Este, diferente do primeiro, era grande como um urso, os braços largos mal cabiam no umbral da porta e tinha tatuagens até a base do pescoço. Mafioso, com certeza!

Um medo súbito me fez prender o ar. Gritei e lancei a frigideira nele.

— Porra! Mas que mulher maluca — ele xingou quando a frigideira acertou sua cabeça.

Peguei outra panela que encontrei na minha frente e mirei do grandalhão das tatuagens até o elegante assassino dos pés leves.

— CHRISTOPHER! — ambos gritaram e não demorou um segundo sequer para que meu guarda-costas aparecesse na cozinha com os olhos arregalados enquanto eu empunhava uma panela como se fosse uma espada.

Pisquei confusa, vendo o rosto de Lobo ir da preocupação ao divertimento em um segundo.

— Eu avisei que era melhor bater os pés. — Christopher olhou para o primeiro homem que quase me matou do coração e riu alto, enquanto os estranhos me encaravam com nítida curiosidade e preocupação. — Jasmin, estes são meus irmãos. Fantasma e Snake. Abaixe a panela, por favor. Não queremos que ninguém saia ferido.

CAPÍTULO 23

Lobo

Nunca na vida precisei tanto segurar a vontade de rir quanto no momento em que Jasmin encontrou Fantasma e Snake na cozinha. Meus irmãos tinham chegado ali fazia menos de cinco minutos e os deixei sozinhos por menos tempo que isso. Foi o que bastou para que fossem até a cozinha.

Cheguei quando ela os atacava com a frigideira e agora, minha pequena guerreira valente batedora de carteiras apontava outra panela em direção aos dois homens que a encaravam com um semblante horrorizado.

— Pelo visto a senhorita está muito bem-preparada para qualquer invasão. — Fantasma tentou alinhar o terno novamente e levou a mão ao maxilar, onde ela tinha o atingido em cheio com a frigideira.

— Não nos contou que estava cuidando de uma selvagem. — Snake retrucou, irritado.

— Selvagem? Ora seu idiota tatuado... vou enfiar essa panela na sua garganta! — Estiquei a mão e envolvi a cintura da minha minifera enquanto Fantasma ria da cena toda.

— Vocês a surpreenderam, Snake, não podem esperar uma atitude diferente, ainda mais depois de tudo o que ela passou.

— Tem sorte de você ainda ter os dois olhos. — Ela bufou em meus braços e não contive a vontade de sorrir diante seu narizinho

afrontoso muito empinado e as bochechas vermelhas de raiva.

Quando olhei para meus irmãos notei que ambos me encaravam com um olhar suspeito e rapidamente voltei ao meu estado normal e fechei o semblante.

— Eles vieram para ajudar — avisei e vi o olhar verde e atento de Jasmin sondar o rosto de cada um antes de deixar a panela sobre a bancada.

— Devo admitir que entre todos os artifícios que já usaram para tentar me matar, ainda não tinha sido atacado com uma frigideira. — Fantasma riu da situação. — Admiro sua coragem e criatividade. — Ele fez uma breve mesura em direção a Jasmin que ergueu as sobrancelhas e só então pareceu notar as cicatrizes que subiam pelo pescoço de Fantasma.

— Se não pretendem me matar...

— Era você quem pretendia tal coisa. Uma morte a paneladas, ainda por cima. Quanta ousadia. — Snake soltou o ar, exasperado, mas logo um sorriso zombeteiro surgiu no canto da sua boca e pareceu desarmar um pouco minha pequena.

Minha...

A palavra chegava a me fazer pulsar. Sentia-me possessivo desde que recebi Jasmin para fazer sua proteção, algo que eu assimilei ser por causa do trabalho e todos os riscos que ela poderia correr, mas agora, depois de tudo que experimentamos, aquela sensação, a de posse misturados ao desejo e a necessidade de mantê-la segura me abraçaram de vez.

— Em minha defesa... ando um pouco preocupada. Tem alguém querendo me matar.

— Uma justificativa plausível, com toda certeza. — Fantasma a apoiou. — Fico feliz em saber que a senhorita se defenderia tão bem. — Ela sorriu.

— Acha mesmo? — Jasmin mordiscou os lábios, empolgada. — Sempre gostei de jogar as coisas. Ah, acertei uma garrafada de uísque na cara do homem que tentou me esfaquear. — No mesmo instante tanto Fantasma, quanto Snake viraram os olhos para mim.

— É isso mesmo que estão pensando. Ela acertou uma garrafada na cara do Naish.

— Porra! — Snake olhou para ela novamente. — A garota tem coragem. — Pude ver o apreço ganhando seu olhar.

Se eu não já era nada sociável, meu irmão mais velho era infinitamente pior. Não tinha amigos e muito raramente se abria conosco. Era um homem corajoso, agressivo, mas diferente de mim, nada impulsivo. Uma das coisas que Snake mais detestava era covardia e traição. Similarmente aos princípios da máfia, devo ressaltar. Meu irmão tinha características que vez ou outra nos preocupava, mas ele sabia reconhecer e valorizar a coragem quando a encontrava e era exatamente isso que estava vendo em seu olhar enquanto ele encarava Jasmin.

— Ele bem que mereceu. — Ela deu de ombros.

— Irmão, estou curioso... — Fantasma deu um passo à frente. — Qual foi o fim destinado a Naish depois desta garrafada esplêndida?

— O matou? — Snake deu um passo à frente, muito interessado.

— Não. — Torci os lábios.

— O feriu gravemente? — A esperança na voz de Fantasma quase me fez emitir um resmungo de insatisfação.

Jasmin mantinha os olhos nos dois, pulando de um para o outro como em um jogo de tênis de mesa.

— Precisamos conversar — avisei e fiz um breve aceno em direção a ela. — Pode nos dar alguns minutos? — pedi a Jasmin que me encarou com uma ruguinha de preocupação.

— Tudo bem. Estarei na sala se precisarem de mim.

— Te encontro em breve. — Toquei sua mão por trás da bancada para que meus irmãos não vissem. Já não bastava o que teríamos que enfrentar, não queria ouvir nenhum sermão por enquanto. Ainda que soubesse que em algum momento, não conseguiria fugir daquilo. — Tente não jogar nada em ninguém até lá. — Sorri para ela que saiu da cozinha logo em seguida.

Virei-me para meus irmãos. Ambos me encaravam com os braços cruzados. Fantasma mantinha um semblante sério, irritado.

— O que foi?

— Irmão... — Meu caçula enfiou a mão no bolso do terno muito preto e alinhado e tirou uma nota de cem dólares, entregando-a para Snake logo em seguida. — Você acaba de me dar um prejuízo de cem dólares.

— Não se culpe, Fantasma. Lobo é claro como o dia para mim. — Snake sorriu de lado e guardou o dinheiro no bolso.

— Do que diabos estão falando?

— Apostamos uma grana que você estava envolvido com a VIP.

— Como homens maduros que somos... — Fantasma revirou os olhos. — Fui coagido por ele. — Meneou um aceno na direção de

Snake. — Mas acreditei que você manteria sua palavra diante de uma VIP, irmão. Estou desapontado.

— Vocês deduziram tudo isso só de olhar para mim? Estão malucos?

— Além do interrogatório que fez ao Fantasma sobre os pesadelos da garota, e a necessidade absurda de revirar o mundo atrás de Naish, é difícil ignorar a troca de olhares esquisita entre vocês dois. — Snake crispou os lábios. — Está na cara e é melhor se preparar para lidar com as consequências, porque elas virão.

Ele estava certo. Sabia que os momentos que estava vivendo com Jasmin logo deixariam de ser um sonho e se transformariam em realidade. E temia que nessa realidade não houvesse formas de um relacionamento VIP x guarda-costas dar certo.

Só a hipótese de meu contrato acabar e não vê-la novamente me deixava louco.

— Não importam quais sejam as consequências, sabe o que penso sobre essas regras. — Fantasma deu um passo à frente e falou baixo, evitando assim que Jasmin o escutasse. — Nunca o vi com esse semblante, irmão. Parece feliz, algo que raramente se permitiu. Então, vocês têm minha benção.

— Não diga bobeiras, irmão. Benção para quê?

— Para enfrentar nosso pai. — Ele balançou a cabeça, como se a resposta fosse óbvia. — Divirto-me com as expressões que faz quando ele está prestes a te esganar, mas desta vez, ficarei ao seu lado. Aceite minha ajuda, vai precisar dela. — E ia mesmo.

— Vocês me enojam. — Snake rosnou.

— Não seja cético, irmão. Só porque não acredita em amor, não significa que ele não exista.

— Quem falou em amor? — sussurrei, assustado com a palavra. — Está maluco, Zion? Nunca senti isso por mulher alguma. Posso garantir que não é o caso aqui.

— Pode nunca ter amado alguém como se sua vida dependesse do ar dela para que também consiga respirar, mas eu já, caso tenha se esquecido — ele confessou ao meu lado, o semblante muito sério me atingiu. — Sua postura não me engana, irmão. A senhorita Cahill o incomodou desde que roubou sua preciosa moto. Ninguém costuma enfrentá-lo, mas ela o fez. Acho que ganhou sua atenção ali e, pela forma como olha para ela, como se estivesse prestes a guardá-la em uma redoma de ouro, não deixa dúvidas. Isso sem levar em consideração que quebrou uma de suas regras mais intocáveis.

Fiquei em silêncio por um longo tempo, analisando o que Fantasma disse e rapidamente mudei de assunto quando me encontrei com a verdade em cada uma de suas palavras.

— Não diga besteiras, irmão. Guarde sua criatividade para tentar descobrir quem está por trás de tudo isso. — Desviei do assunto.

— Se é assim que prefere... — Fantasma uniu as pontas dos dedos e Snake revirou os olhos. — Bem, deixando de lado todas as regras morais infringidas sobre este teto... — Fantasma se recostou na bancada e se afastou dela logo em seguida, encarando-a com um semblante engraçado. — É seguro me encostar aqui? — Sabia o que ele estava pensando e precisei segurar uma risada.

— Comecem a falar logo, não temos muito tempo.

— Que seja. — Fantasma respirou fundo e me entregou uma pequena caixinha onde havia dois celulares descartáveis. — Ligue

para nosso pai, ele está preocupado. E mantenha o segundo aparelho para entrar em contato conosco.

— Por que não matou Naish quanto teve a chance? — Snake se aproximou. Meu irmão era um pouco mais alto que eu, com uma feição compenetrada e tantas tatuagens que seria impossível contar. Mesmo que usasse um terno muito preto, ainda era possível ver os desenhos que ele tinha nas mãos, assim como as que subiam pelo pescoço e atrás da orelha.

— Eu simplesmente não o vi. Foi Jasmin quem o encontrou e acertou uma garrafada nele antes que ele tivesse a chance de chegar perto dela.

— Porra, tá falando sério? — confirmei com um aceno desmotivado.

— Sofremos uma emboscada quando estávamos deslocando a VIP para uma segunda casa de segurança. Naish tinha arquitetado tudo. Furaram os pneus e obrigaram a VIP a sair do carro blindado usando uma bomba de baixo impacto. Há muitos anos não encontro uma quadrilha tão organizada. Não era serviço de amadores, aqueles homens são profissionais.

— Então ele te viu — Fantasma inqueriu.

— Provavelmente sim, mas não acho que ele saiba que eu tenha conhecimento sobre sua presença. Ele estava usando um capuz encobrindo o rosto.

— Isso é bom. Uma vantagem, ao menos. Mas agora precisamos matá-lo de qualquer jeito, caso contrário...

— Ele vai te perseguir pelo resto da vida, irmão. É o mínimo que podemos esperar de um psicopata como ele. — Fantasma levou a mão ao maxilar. — O que sabemos sobre essa emboscada?

Comecei a contar cada segundo do nosso dia, obviamente escondendo a troca de carícias quentes que tivemos dentro da sala de dança. Lobo e Snake escutaram com atenção.

— As únicas pessoas que sabiam daquela casa eram Jasmin, Cahill e a noiva do homem, a senadora Claire.

— Acha que a senadora pode estar envolvida? — Snake levantou a questão.

— Não sei. São muitos suspeitos e a empresa do pai dela trabalha com itens de rastreio e localização, o que não facilita em nada. Não fazemos ideia do alcance que um estranho pode ter dentro da empresa, e precisamos investigar sem que percebam.

— Lobo... — Snake se aproximou usando aquele tom de voz que precedia um dos seus planos mirabolantes e esquisitos, que geralmente colocava em risco nossas vidas. — Você conhece Naish. Há muitos anos ele está trabalhando por debaixo dos panos. Não têm digitais e sempre muda o rosto através de procedimentos cirúrgicos no mercado ilegal, de acordo com minhas fontes. E agora, irmão... ele te viu. Sabe muito bem que a última vez que se encontraram não ficou esquecida. Ele vai vir com tudo para cima de vocês dois, precisa se adiantar. Precisamos separá-lo dessa equipe. Sozinho ele é fraco demais.

— Sei que quer vingar a morte do seu amigo, mas precisa pensar com frieza quando estiver diante dele, irmão, senão... ele vai conseguir o que quer.

Pensar com frieza... ainda conseguia sentir em meus ossos a vontade de matar aquele desgraçado.

— O que vocês têm vai muito além do que podemos conter em casos normais. Há um vínculo pessoal, e aquele desgraçado

não vai parar. — Snake bateu na mesa, sério. — E só há um jeito de capturá-lo.

— Vamos, irmão, não nos deixe curiosos. Diga sua ideia. — Fantasma se escorou na bancada e eu temi o que quer que Snake estivesse pensando.

— Naish não é o tipo de homem que cai em uma emboscada com facilidade. Mas é extremamente minucioso. Não dá um passo que possa prejudicá-lo e só se arrisca se for para atingir o alvo.

— O que quer dizer com isso? — Minha voz surgiu baixa, cautelosa.

— Precisa dar o que ele quer. De outra maneira, nunca vai conseguir encontrá-lo. — Todo o meu corpo enrijeceu quando Snake cogitou aquilo. — Sabe que estou certo.

— Está me dizendo para usá-la de isca? — vociferei alto demais. — Só pode estar ficando completamente maluco. Nunca vou colocá-la em risco dessa maneira, é do Naish que estamos falando, porra. — A ideia de ter Jasmin perto daquele homem me deixou desesperado. — Não vou cogitar essa merda, Snake.

— Eu topo! — A voz da desmiolada surgiu atrás de mim e me virei para ela contendo a vontade súbita de esganá-la.

— Estava escutando a conversa, senhorita Cahill? — Comprimi os olhos, certo medo me sondou imaginando até que ponto ela podia ter escutado.

— Achou mesmo que eu ia ficar que nem uma estátua desbotada esperando vocês terminarem a reunião que provavelmente estava decidindo a minha vida? Até tentei, juro, mas quando ouvi as vozes se exaltando, não consegui me conter. — Ela me encarou petulante e, pelo visto, só escutou a conversa a partir

da briga que começamos a ter, o que me causou certo alívio. — Não sei qual é o plano, mas se garantirem que sairei viva dessa, eu topo.

— Dê uma frigideira a esta mulher e ela será capaz de dominar o mundo. — Fantasma apontou para ela, vibrando.

— Até você, Fantasma? O mais racional de todos nós? Acha mesmo que ela deveria se colocar em perigo? — A perplexidade me tomou. Aqueles dois só podiam estar completamente malucos. — Nem por cima do meu cadáver.

— Irmão, você é quem precisa ser racional. A ideia é que nenhum dos habitantes desta cozinha seja transformado em um cadáver.

— Não, Fantasma. Jasmin não vai se submeter a isso.

— Não é você quem tem que decidir quais batalhas eu vou lutar. — Ela trincou o maxilar. — Esse maldito matou minha irmã. Ele tirou de mim algo que nunca vou conseguir superar e agora está tentando me matar. Vou responder à altura, Lobo, quer você queira, ou não.

— Até que ela é bem interessante — Snake sussurrou para Fantasma.

— Ainda posso te ouvir — rosnei.

— Relaxa, irmão. — Ele veio até mim e pousou a mão cheia de tatuagens em meu ombro. — Somos fortes separados, mas juntos, somos imbatíveis.

— E eu tenho um plano. — Fantasma concluiu.

— Topo qualquer coisa. — A pequena relembrou.

— Então é melhor se sentarem, porque a história vai ser longa.



Meus irmãos decidiram que era hora de ir embora quase no fim da tarde. Jasmin estava empolgada com a visita deles e podia até garantir que entre todos, Fantasma era seu favorito. Principalmente quando ele revelou seu interesse pela literatura e até mesmo romances. Jasmin enveredou por um longo tempo em uma conversa animada com meu caçula que me fez cogitar a ideia de jogá-lo pela janela com todo aquele charme que ele esbanjava tão naturalmente.

— Mantenha o telefone ligado. Vamos encontrar Cahill e...

— Não se esqueçam de falar com ele sozinho — interrompi Snake. — Não podemos correr o risco de absolutamente ninguém ficar sabendo dessa reunião — alertei.

— Ninguém ficará sabendo de nada. — Fantasma confirmou.

— Obrigada aos dois por tudo que estão fazendo para me ajudar. — Jasmin passou ao meu lado e abraçou cada um dos meus irmãos. — Mais uma vez, sinto muito pelas... — Ela ergueu a mão, simulando uma panelada.

— Quanto mais improváveis são formados os laços, mais resistentes eles se tornam. Ninguém nunca me atacou com uma panela, creio que seremos bons amigos. — Fantasma esticou a mão em direção a ela. — E por falar nisso, meu nome é Zion. E este mal-encarado ao meu lado é Cedric.

— Eu não pretendia contar isso — Snake praguejou entredentes e Jasmin gargalhou e acenou enquanto os dois iam embora e nos deixavam a sós.

Olhei para ela, tão sorridente e esperançosa que uma dor sondou meu peito. Temia que nada daquilo desse certo e que Jasmin acabasse se machucando, ou pior.

O pensamento me apavorou.

Segurei seu pulso e a puxei para meus braços, apertando seu corpo contra o meu.

— Vou te proteger, minha pequena. Nada de mau vai te acontecer. — Beijei o alto da sua cabeça e me afastei para encarar os olhos de jade muito acesos. — Confia em mim?

— Com a minha vida. — Sorriu com o trocadilho e não resisti. Toquei seus lábios com os meus e a beijei com vontade, torcendo para que, por um momento apenas, eu parasse de sentir aquela sensação de estar perdendo algo pouco a pouco.

Como se cada suspirar de Jasmin se tornasse mais precioso à medida que o tempo ia passando.

A realidade era que Fantasma estava certo. Já estava envolvido com aquela pequena bailarina de mãos leves desde o primeiro dia em que coloquei meus olhos nela. Não saberia o que fazer se a perdesse.

CAPÍTULO 24

Jasmin Cahill

— Eles são bem legais, apesar de não estar muito certa sobre Snake ser um guarda-costas ou um homem procurado pela polícia — disse envolvida em seus braços, com um desejo ardente de não sair mais dali. Lobo riu, fazendo o som profundo ecoar em meus ouvidos.

— Aqueles dois e meu pai são tudo que tenho. — Sua voz pesada recaiu sobre mim, assim como o beijo demorado que ele depositou em minha testa. — Fica fácil gostar deles quando você se acostuma com o humor inquieto e depreciativo de Snake e com as súbitas aparições de Fantasma. — Christopher desceu os dedos por meus braços e segurou minha mão, guiando-me para dentro da casa novamente.

— Estou chocada com a facilidade daquele homem de andar sem ser ouvido. Ele sempre foi assim?

— Fantasma teve um passado muito triste, onde aprendeu que para sobreviver, ele não podia ser notado. — Ele caminhou até o sofá e se sentou, puxando-me para junto de si. Subi os pés para o móvel macio e me enrosquei em seu abraço com uma naturalidade que chegou a me assustar. — Não faz ideia do que era morar na mesma casa que ele. Todos os dias eu levava um susto diferente. Nunca um apelido combinou tanto com alguém.

— O seu também combina muito com você. Quando começou a ser chamado de Lobo?

— A heterocromia me fez ganhar este apelido assim que entrei no orfanato pela primeira vez, mas esse não foi o único motivo. Eu não só tinha olhos de cores diferentes, como alguns lobos, mas também era agressivo, indomável. Vivia pelos cantos escuros do lugar e quando os meninos mais velhos vinham me provocar, eu sempre devolvia na mesma moeda, ainda que levasse uma surra, nunca aceitei uma provocação em silêncio. Aos poucos, fui me tornando conhecido naquele lugar. — Ele depositou um beijo tenro em meu ombro e me encaixei ainda mais em seus braços.

— Como foi que seu pai te escolheu? Pode me contar? Só se não te incomodar...

— Claro. É uma história até engraçada.

— Ele te achou ateando fogo no lugar? Consigo imaginá-lo de cabeça para baixo, pendurado em um lustre, enquanto sua pequena gangue aterrorizava o lugar. — Ri baixo, com a imagem de uma versão miniatura de Lobo que deveria ser muito fofa.

— Sua imaginação é muito fértil. — Foi a vez de Lobo dar risada. — Na verdade, quando meu pai chegou ao orfanato, eu tinha acabado de brigar com outro menino, muito maior que eu, por causa da maçã que serviam no refeitório. Vez ou outra alguém roubava minha comida para me provocar. Eu era um dos mais novos moradores do lugar, já que tinha fugido do primeiro orfanato para o qual me enviaram, então todos os veteranos se achavam no direito de me perseguir. No começo eu apanhava bastante e com frequência passava o dia todo com fome por isso, mas o tempo foi

passando e então, comecei a revidar com mais afinco e fiquei ainda mais agressivo do que já era.

— Isso não me parece uma história engraçada. — Ergui-me sobre um dos cotovelos. Meu coração bateu forte e um nó se prendeu em minha garganta ao imaginá-lo pequeno e sozinho após presenciar a morte da mãe, passando fome em um lugar que deveria abrigá-lo do mundo.

— Não fique triste, meu anjo, a parte engraçada vem agora, eu prometo. — Ele desceu o indicador por minhas costas e parou a mão no final da minha coluna, quase tocando minha bunda. — Naquele dia eu reagi libertando tudo que tinha de raiva dentro de mim, quebrei o nariz do menino, mas acabei ganhando um belo olho roxo e um castigo. Fui para o quarto com fome, enquanto os outros meninos brincavam.

— Ainda não encontrei a graça. — Porcaria, agora meus olhos estavam lacrimejando. Encolhi-me em seu peito para que ele não visse.

— Holder chegou no orfanato bem naquela tarde. Ele procurou a administração que começou a mostrá-lo as melhores opções do lugar. Eu estava longe de ser apresentado a ele, é claro. Fui considerado como incontrolável, agressivo e inconstante desde o minuto em que pisei naquele lugar. — Ele riu, amargo. — Holder avaliou todos os meninos do orfanato, alguns estavam brincando perto do meu alojamento e o mesmo menino da maçã resolveu juntar sua turma e ir se vingar de mim pela confusão no refeitório. Quando ele chegou com seus amigos no quarto, eu já estava esperando por ele com um cabo de vassoura quebrado que consegui roubar e esconder embaixo do meu colchão. Não daria

para fazer muita coisa com aquilo, mas ao menos poderia me defender. Eram cinco garotos, se bem me lembro.

— Covardes! — praguejei. — Me diga que deu uma surra estilo Jackie Chan neles.

— Queria muito dizer que foi uma briga insana de artes marciais, mas a verdade é que eu surtei e não me lembro muito do que aconteceu. Machuquei gravemente um deles, e os outros se assustaram e foram correndo contar para a responsável pelo lugar, que por acaso, estava ao lado de Holder. A mulher até tentou dispensar meu pai, mas ele a seguiu enquanto ela ia até meu alojamento ver o que tinha acontecido ao outro menino. — Continuou, com os olhos perdidos em um ponto fixo, como se estivesse revivendo a cena em sua cabeça. — A mulher foi imediatamente ajudar o menino que eu tinha ferido, enquanto eu me mantive encolhido em um canto do quarto. Sabia que a partir dali, as coisas ficariam ainda mais perigosas para meu lado naquele lugar e nem sequer tinha me dado conta do homem parado no meio do quarto, até que ele se abaixou na minha frente. Ele disse alguma coisa e inclinou a mão na minha direção.

— E o que você fez? — Encarei-o em expectativa.

— Mordi a mão dele. — Lobo gargalhou e eu abri a boca, surpresa demais.

— Você... mordeu a mão dele?

— Sim. Estava assustado demais. Holder se levantou e pensei que nunca mais o veria depois disso, mas o homem se recusou a sair dali sem me levar junto com ele. Lembro-me da frase que ele disse quando informou para a mulher que tinha encontrado o jovem que ele queria adotar. Ao saber que era eu o escolhido, ela

começou a questioná-lo sobre a certeza que tinha sobre aquela decisão. Ela expôs todos os meus defeitos e deixou claro que não aceitaria devolução. Holder se virou para ela com calma e disse: ele nunca mais pisará em um lugar como esse. Agora o garoto será meu filho, deixe que eu lido com qualquer problema que ele venha a ter.

— Ele é um homem tão b-bom! — Solucei, incapaz de controlar a vontade de chorar. — Você sofreu tanto. — Funguei e enfiei o rosto em seu peito.

— Meu anjo, não te contei isso para te fazer chorar. — Christopher se sentou e me envolveu em um abraço apertado. — É a verdade por trás da minha história. Meu pai escolheu o pior dos meninos dentre três orfanatos diferentes. Cada um com suas marcas, com seu passado sombrio. Com problemas que uma família normal dificilmente aceitaria, e demorou anos até que ele conseguisse perfurar a barreira que eu ergui para tentar me proteger. Meu pai nunca desistiu de mim, nem dos meus irmãos. Qualquer um de nós três morreria sem nem piscar para protegê-lo. O velho Holder é tudo que sempre tivemos. Nossa família não é convencional, porém é mais forte e mais unida do que qualquer coisa que exista neste mundo. Esta é a verdade. Ainda que cada um leve sua marca, assim como eu, que ainda tenho problemas para controlar a raiva, somos felizes a nossa maneira.

— É a história mais linda que já ouvi. — Limpei os olhos com as mangas da blusa. — Foi seu pai quem te ensinou a brigar e atirar daquele jeito? É tão rápido que nem dá tempo de acompanhar seus movimentos. — Ele riu e exibiu certo orgulho no olhar colorido e muito brilhante.

— Sim. Treinei aikido por muitos anos. Uma arte marcial focada em golpes curtos e eficientes. Além do treinamento exaustivo de tiro ao alvo — contou. — Quando comecei a focar minha raiva na mira da arma, tudo mudou. Foi quando encontrei o equilíbrio perfeito.

— Tem certeza de que não pode me ensinar nada sobre armas?

— Tendo em base sua habilidade fervorosa na cozinha, não consigo imaginar como isso poderia ser de grande ajuda. Acabaria colocando sua vida em risco, e isso não posso permitir. — Ele deslizou um dedo por meu rosto. — Talvez, quando tudo isso acabar, possa fazer algumas aulas de tiro, em um lugar seguro.

— Acha mesmo? — A expectativa me animou.

— Com uma boa supervisão, acredito que se tornara uma ótima atiradora. — Ele desceu o nariz por meu pescoço e depositou um beijo casto em minha nuca que me fez arrepiar. — Tem todas as qualidades de uma.

— Quais seriam essas qualidades? — sussurrei, envolvida pelos pequenos e curtos beijos que ele trilhava em minha pele, entre as extremidades da base do meu pescoço.

— Você é persistente o suficiente para não desistir nas primeiras tentativas... — Beijou o lóbulo da minha orelha. — Obstinada o bastante para tentar evoluir ao passo que começa a aprender mais, sem titubear ou se manter estagnada em apenas um patamar, como a maioria das pessoas que pratica tiro ao alvo por pura curiosidade e acabam parando de tentar aprimorar a técnica assim que conseguem acertar o alvo uma única vez. E, acima de tudo — beijou minha bochecha, causando um estalo gostoso —,

você é uma mulher confiante. — Seus olhos profundos pousaram em minha boca. — Duvido que alguém em sã consciência enfrentaria a senhorita com uma arma em punho, ainda que não saiba atirar, apenas pela postura que mantém. Isso faz muita diferença.

— Voltou a me chamar por pronomes de tratamento? — O pequeno calor que subia por meu corpo ao ser tocada por Lobo se expandiu quando ele aproximou a boca da minha e sua respiração quente tocou meu rosto.

— E quando foi que desde o momento em que nos vimos pela primeira vez, deixou de ser minha *senhorita*? — Estremeci e fechei os olhos quando a boca de Lobo roçou a minha lentamente, causando uma avalanche de sensações por minha pele. — Não posso beijá-la. — Ele se afastou repentinamente.

— Por que não? — questionei frustrada.

— Não há um beijo seu que não me faça querer levá-la para a cama, senhorita Cahill. — Seus olhos transbordavam o mais puro desejo e refletiam o que sentia em minha alma.

— Precisa mesmo se controlar quando nem sequer sabemos se ainda estaremos vivos amanhã? — Ele cercou meu rosto com ambas as mãos, encarando-me com um desejo que ameaçava me sufocar.

— Já disse que não permitirei que sofra um arranhão sequer. — Podia sentir a diferença em seu tom de voz, que se tornou determinado, feroz.

Subi em seu colo e cerquei seu corpo com ambas as minhas pernas, encaixando-o ali. Seu membro pulsou embaixo de mim.

— Então não há motivos para nos preocuparmos. — Envolvi seu pescoço com meus braços, apoiando-me ali. Seus olhos atentos se mantiveram presos aos meus. — Não está sentindo? Esse calor, essa... urgência? — Lobo emitiu um som baixo, rouco.

— Sinto isso toda vez que penso em você. Já estou começando a ficar preocupado. — Sua mão tomou minha nuca e sem me dar conta, comecei a rebolar sobre seu membro, esfregando minha intimidade ali com uma necessidade absurda. — Como me manter são perto de você, meu anjo? — Com a mão livre, Lobo tocou a beirada do elástico da minha calça e começou a descê-la. Ergui o corpo para ajudá-lo e me sentei sobre seu colo só de calcinha.

Arfei em expectativa quando ele cravou os dedos na carne da minha bunda e conduziu os movimentos sobre sua ereção firme e grossa, destacada sob o tecido leve da calça. Seus lábios tomaram os meus com afinco em um encontro de dentes, língua e o mais puro tesão. Todos os pontos do meu corpo começaram a pulsar. Seus dedos subiram pela minha cintura e tocaram minha blusa. Christopher se desfez do tecido sem pressa, deixando-me exposta em seu colo, vestindo apenas a calcinha. Seus olhos pousaram em meus seios com devoção, o brilho incandescente que tomou suas íris me fez estremecer. Ele os tomou nas mãos, envolvendo todo o seio devagar, depois, inclinou-se sobre eles e assoprou um dos mamilos.

— Christopher... — sussurrei seu nome quando um tremor muito quente perpassou meu corpo. Comprimi as coxas e comecei a me esfregar novamente em seu membro, desesperada por mais.

— Amo quando fala meu nome. — Ele tocou a ponta do mamilo com a língua e o prendeu em seus dentes, alternando o carinho que me deixou ensandecida. — Gosta disso?

— S-sabe que gosto! — Inclinei-me mais e enfiei os dedos pela maciez dos cabelos em sua nuca, desgrenhando-os.

— Gosto quando fala... — Ele chupou o mamilo com vontade e desceu a mão por minha pele até encontrar minha intimidade. Seu dedo escorregou para dentro da minha calcinha.

— *Chris!* — Não consegui conter um gemido alto quando senti o contato da pele áspera com o ponto pulsante que beirava me levar a loucura.

— Ah, minha delícia. — Ele aumentou as carícias naquela parte tão sensível. Esfregando-a em um ritmo firme e cadenciado, lento e delicioso, sua boca caminhava por meus seios, alternando beijos, mordidas e chupões. A barba por fazer arranhava a pele e causava uma sensação ainda mais deliciosa.

Precisava dele dentro de mim com urgência. Abri sua calça e me embolei tentando descê-la um pouco. Christopher veio em meu auxílio, abaixando-a somente o suficiente para que sua ereção grossa e cheia de veias pulsando ficasse à mostra.

Estava trêmula, louca de desejo.

— Calma, meu anjo, preciso pegar o preservativo na carteira...

— Me fode agora. Vou explodir, Christopher! — Ofeguei seu nome e vi quando sua expressão mudou de excitado para algo mais perigoso, incontrolável e extremamente apetitoso.

Ele não titubeou. Sua mão afastou a calcinha de lado e ele encaixou seu membro na minha entrada. O contato na pele com

pele, puro e cru me fez prender um grito entre os dentes.

— Caralho! — Ele rosnou empurrando um pouco mais. A glande grossa entrou, arrebatando-me em uma atmosfera quente ao extremo. Lobo invadiu minha boca com a língua, enquanto mantinha o dedão acariciando o ponto que mais me dava prazer. Abri as pernas para recebê-lo por completo. Com outra mão ele agarrou minha bunda com força, puxando-me de encontro ao seu desejo. — Porra, que delícia — rugiu em minha boca.

Meu corpo ia e vinha deslizando sobre o membro grosso em cada estocada. A sensação mais deliciosa que já experimentei, com certeza. Ao menos era o que eu pensava.

Christopher aumentou o ritmo, podia sentir que estava começando a se libertar comigo, revelando um desejo primitivo, animal, que me consumia e excitava em iguais proporções. Sua mão deslizou por minha bunda, abrindo-a.

Joguei a cabeça para trás quando seu dedo encontrou a parte mais improvável de todo o meu corpo, um lugar que eu não imaginava ser capaz de dar tanto prazer. Ele acariciou o centro, abrindo minha bunda cada vez mais e eu não aguentei.

O orgasmo veio rápido, extremo, devastador. Gritei rebolando sobre seu membro, sentindo-o vibrar em meu interior. Christopher subitamente me ergueu por um momento e saiu de dentro de mim, seu membro caiu duro em minha barriga e seus dentes cravaram em meu pescoço com vontade, causando-me uma sensação deliciosa de dor e prazer. Ofeguei quando senti o líquido de seu prazer escorrer por minha barriga.

— Maldição... — Ele arfou em meus cabelos, puxando-me para seus braços. Nenhum de nós se importou com a bagunça entre

nós e aquilo me pareceu tão íntimo que uma fisgada despontou em meu peito. Encaixei minha cabeça em seu ombro, sentindo sua respiração oscilar em um vai e vem gostoso. — Isso foi incrível... e merda, perigoso — afirmou e tive certeza de que falava sobre a camisinha.

— Desculpe por isso. Estava sentindo algo meio que incontrolável. — Meu rosto ardeu de vergonha e Christopher abriu um sorriso estonteante.

— Não se desculpe, meu anjo. A culpa é minha. Eu deveria ter impedido isso, mas também não consegui. Só de imaginar poder te sentir sem nenhuma barreira, me deixou louco. Mas ainda que eu seja um homem que se cuida e não exista nenhum risco para você, isso pode ser perigoso. — Ele acariciou minha boca com um breve beijo.

— Por que tem que ser tão delicioso senti-lo assim? — Fiz um beicinho e vi quando seu olhar novamente se tornou lascivo. A rigidez de seu membro nem sequer se alterou, pelo contrário, Lobo parecia pronto para a próxima rodada e aquilo me instigou.

— É muito gostoso — admitiu. — Pode notar que não conseguiria esconder minha vontade de continuar dentro de você nem se quisesse — referiu-se à ereção e me fez rir. — Mas de agora em diante, vamos usar camisinhas, ok?

— Por mim, tudo bem, contanto que isso se repita... — Inclinei-me para ele e beijei sua boca, sugando sua língua assim como ele tinha feito comigo na noite anterior e o clima começou a esquentar novamente, mas fomos interrompidos pelo celular que os irmãos de Lobo tinham deixado com ele e agora tocava uma música alta, constante e irritante.

— Acho que meus irmãos conseguiram encontrar seu pai. — Ele me girou em seu colo, subiu a calça e alcançou o aparelho.

Menos de um minuto depois e poucas palavras como sim, não e ok, Lobo desligou.

— Precisamos nos preparar. A cavalaria chegará em poucos minutos.

— Cavalaria? — Ele sorriu e alcançou um lenço em um dos mil bolsos da sua calça, limpando minha barriga com naturalidade e um carinho que me fizeram suspirar.

Ele subiu os olhos para mim, mas antes de me falar qualquer coisa sobre aquela informação, ele sondou meu pescoço e lentamente foi arregalando os olhos claros e distintos.

— Merda!

— O que foi? — Ele passou o dedo pela base do meu pescoço.

— Acho que acabei passando do ponto. Tem uma marca enorme bem aqui, puta que pariu. — Christopher passou as mãos pelos cabelos e tive que esconder o prazer que me tomou ao saber daquilo.

— Não se preocupe, consigo esconder qualquer coisa com maquiagem.

— Tem certeza? Não quero causar nenhum tipo de problema para você, mas que droga — xingou novamente. — Estou me controlando tanto para não te marcar, mas acho que acabei exagerando sem me dar conta.

— Espero que em breve eu conheça esse seu outro lado que promete me deixar toda marcada — provoquei e mordi os lábios.

— Você gosta, não é? Sua pequena descarada! — Ele riu e beijou minha testa.

Nos arrumamos na medida do possível o mais rápido que conseguimos e antes de sairmos, Lobo parou à minha frente e envolveu meu rosto com as duas mãos.

— As coisas vão ficar difíceis daqui em diante, mas não se preocupe. Jamais estará sozinha. — Inclinei a cabeça em direção ao seu afago e sorri.

— Se estiver ao meu lado, sei que não há com o que me preocupar.



Lobo não estava exagerando quando disse que a cavalaria estava a caminho. Em menos de uma hora após a ligação, que deixava claro que Fantasma e Snake tinham conseguido entrar em contato tanto com meu pai, quanto com o próprio pai deles, uma quantidade exorbitante de carros blindados cercou a casa em que estávamos.

— Senhor Holder, está tudo bem? — Um homem vestido com um terno cor de abóbora desceu de um dos carros em pânico e veio correndo até nós.

— Senhorita Cahill, este homem prestes a sofrer uma parada cardíaca é nosso gerente, Benjamin. — Lobo apresentou com um sorriso leve no rosto.

— É um prazer, senhorita. — Ele fez uma rápida mesura. — Não se feriram, certo? Trouxe toda a equipe disponível. Cada um dos carros é blindado e possui dois guarda-costas fortemente

armados. — Passei os olhos pelos carros de vidros escuros, onde mal podia enxergar o rosto de qualquer um deles. — Os levaremos em segurança.

— Excelente trabalho, Benjamin. — O homem se mostrou energizado pelo elogio.

— Estão aguardando o senhor na Casa da Colina — ele o avisou. — Viajará no carro número 6. — Apontou para a longa fila de carros pretos.

— Mande que busquem uma moto que deixei aqui e preparem o local para uma nova temporada — disse e me perguntei se com “nova temporada” ele queria dizer que o lugar em breve serviria de esconderijo para outro VIP, mas escolhi fazer uma pergunta que me pareceu mais importante.

— E seus irmãos? — sussurrei.

— Estão cuidando de outro assunto, mas devemos vê-los novamente em breve — respondeu atencioso. — Vamos embora? Deve estar com saudade daqueles incompetentes que chama de seguranças. — Brincou.

— Aposto que você também. — Não sabia como Lobo agiria comigo quando estivéssemos diante outras pessoas, imaginei que me ignoraria firmemente, mas me surpreendi quando senti seus dedos buscaram os meus e com carinho ele enlaçou nossas mãos.

— Não tenho ninguém para xingar sem Lyon por perto.

— E ninguém para te bajular sem Shaw no seu encalço. — Abri um sorriso que parecia emergir do fundo do meu coração enquanto caminhávamos juntos até o carro destinado a nós, em uma conversa exclusivamente nossa. Íntima demais para ser verdade.

Sentei-me ao lado de Lobo no banco de trás enquanto ele cumprimentava os dois seguranças no banco da frente e trocavam breves palavras. Peguei-me admirando-o por um momento. Em contraste de tudo que vira dele até agora, sempre elegante, com o cabelo muito alinhado e o terno impecavelmente passado, agora meu Lobinho estava sem o paletó, os cabelos desgrenhados caíam lisos sobre sua testa em camadas bem cortadas, a camisa enrolada até os punhos deixava os pelos grossos dos antebraços à mostra e até mesmo sua barba revelava indícios de um pelo muito escuro e grosso.

Só conseguia me perguntar como ele conseguiu ficar ainda mais lindo e viril?

Oh céus...

Levei a mão ao peito quando fui atingida por uma onda de calor ao observá-lo. Podia sentir o descompasso do meu coração palpitando por todos os meus sentidos. Temi estar apaixonada pelo homem enigmático ao meu lado, mas agora um novo medo me assolava com a perspectiva de estar sentindo algo muito mais forte, intenso e verdadeiro. Um sentimento com o qual ainda não sabia lidar.



Chegamos à mansão um longo tempo depois. Lobo não soltou minha mão durante todo o trajeto, o que me deixou meio zonza e confusa. Ele abriu a porta para que eu descesse quando o segurança da Holder estacionou diante do casarão.

— Obrigada — agradeci a tempo de ver Shaw correndo em minha direção como se sua vida dependesse disso.

— Senhorita! SENHORITA! — ele gritava, acelerando os passos cada vez mais. Sorri quando o jovem me deu um abraço rápido e voltou a me observar da cabeça aos pés. — A senhorita está bem? Não se machucou? Meu Jesus, graças a Deus a senhorita voltou! — Pelas falas de Shaw, podia-se notar que ele era um homem religioso. Toda vez que se assustava sempre gritava um ressoante “misericórdia”, que chegava a me fazer gargalhar.

— Estou bem, Shaw. Obrigada pela preocupação. — Lobo encarava o rapaz como se ele fosse uma formiga que ele pretendia pisar.

— Senhor Lobo, obrigado por mantê-la segura — Shaw agradeceu e antes que meu guarda-costas pudesse respondê-lo, uma comoção nos cercou. Todos os funcionários saíram da casa, inclusive Ruth e Judith, e vieram até nós fazendo um monte de perguntas ao mesmo tempo.

— Jasmin! — A multidão ao nosso redor se calou quando meu pai despontou na entrada da casa. Ele estava com semblante muito abatido, usando uma roupa amarrotada e desgrenhada que me fez prender o ar. Papai devia ter passado pelo inferno desde o ataque à mansão, tudo por se preocupar comigo.

— Papai! — Meus olhos arderam e eu corri até ele, jogando-me em seus braços.

— Ah, minha filha, eu estava apavorado. Temi tanto por sua vida. Obrigado meu Deus, por trazê-la de volta. — Subitamente meu pai se desfez do abraço e encarou alguém às minhas costas. — Obrigado, Lobo, por protegê-la da melhor forma possível. Nunca

poderei dimensionar a gratidão que tenho a você pelo que fez por minha família.

— Disse que faria qualquer coisa para mantê-la em segurança. — Os olhos de Lobo recaíram sobre mim afetuosos, consternando o segredo que havia entre nós.

— Preciso conversar com vocês dois, agora — meu pai pediu. — Vamos até o escritório.

— Até que você cumpre mesmo o que diz — Lyon provocou Lobo, quando passou por ele em uma voz sorridente.

— Ainda não cumpri a promessa de quebrar um dos seus dentes.

— Quando foi que fez essa promessa?

— Neste exato minuto... — Lobo riu e Lyon o acompanhou.

Entramos no escritório sempre muito escuro do meu pai e nos sentamos nas cadeiras em frente à sua mesa de mogno.

Passamos os minutos seguintes explicando tudo o que tinha acontecido ao meu pai, que mesmo tendo escutado as mesmas informações dos irmãos de Christopher, também queria ouvi-las de nós.

— Fantasma te contou os detalhes do plano? — Lobo inqueriu quando terminou de explicar tudo, ou quase tudo.

— Sim, e estou muito preocupado.

— Sabe que jamais colocaria a vida da sua filha em risco, principalmente ciente de quem estamos enfrentando. Pode acreditar em mim quando digo que não encontramos outra solução se não essa. — Ele se inclinou para frente, ficando mais perto da mesa. — Se não capturarmos Naish, Jasmin nunca poderá viver em paz. Aquele desgraçado não vai parar até conseguir o que quer.

Uma pontada de aflição tomou meu peito quando vi o semblante do meu pai perder a cor ainda mais.

— Não é justo. — Meus lábios tremeram e antes mesmo que se desse conta de que estávamos diante do meu pai, Lobo envolveu meus dedos com os dele. Lágrimas grossas desceram por meu rosto. — Nossa família nunca fez mal a ninguém — solucei. — Por que estão nos perseguindo? Por que tiraram toda a nossa paz?

— O ser humano é mau por natureza, minha filha — papai disse com um pesar carinhoso. — Dinheiro, status, inveja... são tantos motivos que nem sequer podemos mensurar. E concordo com você, Lobo. — Ele se virou para o homem que lentamente soltou minha mão. — Isso tem que acabar. Eu e minha filha precisamos voltar a viver.

— Então confie no plano e deixe o resto conosco. — Lobo bateu um dos dedos na mesa. — Vamos pegá-lo e descobrir dentre qual dos nossos suspeitos está o culpado.

— Acha que consegue extrair essa informação?

— Não serei eu a interrogá-lo. Aquele homem é um psicopata, as técnicas que já usei, e que por sinal não me orgulho, de nada serviriam. Este é um trabalho para meu irmão.

— Fantasma? — Virei-me para ele com um embrulho no estômago imaginando quais “técnicas” para extrair a verdade Lobo costumava usar.

— Fantasma, não. Snake. — Ele abriu um sorriso de lado que me causou um arrepio de mau presságio. — Acredite, se ele souber alguma informação relevante, vamos descobrir.

— Vou me reunir com a imprensa ainda hoje e anunciar que o assassino de Magnólia tentou atacar Jasmin e foi preso. Um dos

meus contatos dentro do FBI vai liberar uma nota de prisão.

— Encontraram quantos corpos no local da emboscada? — Lobo desceu os olhos para mim com um pedido de desculpas implícito pela pergunta e meneei um aceno, precisávamos saber todos os detalhes.

— Quatro mortos — meu pai respondeu.

— Ótimo. — Lobo cruzou os braços. — Naish com certeza não voltou para conferir se algum deles estava mesmo vivo. O homem não se importa com ninguém, muito menos quem se torna um peso em seu caminho. — Seus olhos se perderam por um instante e logo ele encarou meu pai novamente. — Vamos deixá-lo acreditar que um deles sobreviveu e que pensamos que ele seja o assassino. Só essa informação veiculando pelos principais sites de notícia já vai deixar Naish indignado. Ele valoriza seu trabalho sujo acima de qualquer coisa. Vai detestar imaginar que alguém está levando o crédito por algo que ele fez.

— Não se esqueça da festa, pai. É a parte mais importante — relembrei-o. — Anuncie o evento com data para o final de semana, como uma comemoração pela prisão. Ele vai ficar ainda mais irritado. Deixe-o pensar que nem sequer imaginamos que tem alguém além dele por trás disso tudo. Precisaremos de uma equipe de organização rápida e impecável. — Uma ideia reluziu em minha mente ao me lembrar de que eu conhecia bem uma pessoa que era capaz de organizar um evento daquela magnitude em tempo hábil, caso tivesse a equipe certa. — Talvez eu já saiba quem pode nos ajudar — pensei em Carla.

— Tem mesmo que ser um baile de máscaras?

— É primordial que seja — Lobo respondeu. — Vamos expor a fantasia de Jasmin nos jornais, para que ele consiga localizá-la no meio da multidão. — Certo frio preencheu meu peito. A verdade era que, ainda que parecesse infalível, temia que aquele plano não desse certo.

— Então... — Papai suspirou fundo. — Que seja. Farei isso agora mesmo. — Ele se levantou e se virou para Lobo. — Ela é meu bem mais precioso, Lobo. Estou confiando a vida da minha filha em toda a família Holder.

— Não há família melhor para se confiar. — Foi a resposta segura do meu guarda-costas.



Liguei para Carla assim que terminei a reunião com meu pai e notei que já tinha cerca de 20 ligações da minha amiga.

— Pelo amor da minha santa dos corações fortes, onde é que você se meteu, Jasmin? — Ela berrou no telefone no segundo toque. — Fiquei sabendo do que aconteceu através dos jornais. Como você pôde não me ligar?

— Amiga, me desculpe pela demora, só consegui um telefone seguro agora. — Comecei a contar para Carla sobre a emboscada que sofremos e resumi a história, sem entrar em detalhes sobre o plano que estávamos traçando.

— Meu Deus, parece coisa de filme — ela sussurrou na linha. — Onde vocês se esconderam durante esse tempo?

— Não sei onde fica aquela cabana, mas...

— Como não sabe? Deve ter visto alguma placa, ou qualquer coisa conhecida. Amiga, quero saber onde é esse endereço para caso você suma novamente. Preciso saber onde você vai estar, eu não dormi nem por um segundo sabia? Assim que anunciaram que você tinha sido atacada eu surtei. — Sua voz embargou e meu coração se apertou no peito por não poder contar a ela toda a verdade.

— Sinto tanto por tê-la preocupado e se eu soubesse qual era o endereço, te diria agora mesmo, mas estava chovendo demais. Me mantive focada em não cair da moto.

— Pelo menos agarrou o bonitão? — Ela fungou.

— Carla! — Meu rosto corou ao lembrar de tudo que eu e Lobo fizemos.

— Nem vem que eu sei que aí tem coisa. Te conheço.

— Depois te conto detalhes, mas antes, quero saber se você tem vaga na sua agenda para organizar um baile de máscaras para o final de semana.

— Final de... FINAL DE SEMANA? — Ela gritou quando percebeu o prazo curto que teríamos.

— Se alguém é capaz, esse alguém é você e a boa notícia é que não temos limites para os gastos.

— Bem, sem limite é outra história. — Rimos juntas e comecei a contar para minha amiga como seria a festa.

Carla acreditou que se tratava de um evento de comemoração e eu me sentia mal mentindo para ela, mas preferia ocultar a verdade por pouco tempo do que colocar em risco a vida da minha amiga e a segurança do plano.

Desliguei um tempo depois com uma única certeza. A semana seria muito agitada.

Lobo passou os dias seguintes fora da mansão, ajustando todos os detalhes do plano, o que acabou o afastando de mim e causou uma saudade dolorosa e contínua. O fim de semana se aproximou e não voltei a ter notícias dele, o que começava a me preocupar.

A festa aconteceria no sábado, no dia seguinte e quando a noite caiu eu recebi a visita aflita de Tia Claire, que não tinha conseguido vir me visitar antes por causa do trabalho intenso e, assim que me viu, passou longas horas discursando sobre todos os perigos que corri e acusando a equipe de segurança por tudo o que aconteceu.

— Tia, se não fossem por eles, eu estaria morta uma hora dessas.

— Não diga isso. — Ela me abraçou com força. — Você não entende? Não conseguiríamos suportar se alguma coisa acontecesse com você, minha querida.

Passei o restante da noite acalmando minha tia e fiquei feliz por me sentir tão querida e importante. Ela foi embora um tempo depois e meus pensamentos retornaram ao homem que parecia ter sido tatuado em minha mente.

Sentia saudade do meu Lobinho. Talvez estivesse muito ocupado fazendo reuniões com os seguranças da Holder, que por sinal, pareciam ter se mudado em peso para a mansão. Nunca vi o lugar tão cheio deles. Shaw aproveitou a movimentação e passou grande parte da semana extraindo o maior número de informações possíveis dos seguranças, na esperança de um dia conseguir uma

vaga na empresa, o que me fazia rir vez ou outra, mas ainda me sentia fraca ao relembrar tudo que vivi naquela casa com Lobo e não vê-lo ali me incomodava ao extremo.

Passava das onze da noite quando uma inquietação me atingiu e comecei a perambular pelo quarto com uma manta jogada em meus ombros. Sentia um vazio estranho pela ausência daquele homem, um incômodo que chegava a roubar meu ar.

O dia seguinte seria muito importante e talvez eu não o visse até lá. Mas e depois? Se capturassem Naish, os riscos ao nosso redor diminuiriam. Lobo, de qualquer forma, tinha um prazo de validade como meu guarda-costas, mas será que depois de tudo ele desapareceria da minha vida?

A hipótese fez com que uma tristeza profunda se abatesse sobre mim. E se nunca mais o visse?

Parecia uma adolescente boba e apaixonada, com a única diferença de que nunca tinha me apaixonado antes, até encontrá-lo. Mordi os lábios e fui até a janela. Vários guardas perambulavam lá embaixo como soldadinhos de chumbo. Subi na janela e engatinhei sobre o telhado, enrolando-me na manta ainda mais. Olhei para a lua e percebi que até seu brilho me lembrava ele. As estrelas ressoavam em pontinhos brilhantes pelo céu e meus pensamentos voaram até a noite em que ele subiu naquele mesmo telhado comigo.

Estava tão distraída que não notei que estava sendo observada.

— Não cansa de me assustar? — A voz grossa veio da minha janela e quase me fez saltar.

Era ele! Com seu habitual terno preto alinhado impecavelmente, assim como seus cabelos. De volta à rotina.

Meu Lobinho...

Levantei-me num salto e corri até ele sem conseguir controlar a saudade que senti. Joguei-me em seus braços abertos com furor. Christopher me envolveu em um chamego breve, visto que a janela ainda estava entre nós.

— Senti saudade — admiti baixo.

— Eu também, minha pestinha. — Ele me ajudou a passar pela janela e logo seus lábios tomaram os meus com uma vontade desesperadora.

— Pensei que não te veria até amanhã.

— Não vai conseguir se livrar de mim tão fácil, achei que tivesse deixado claro depois de suas inúmeras tentativas de me fazer desistir deste cargo. — Brincou, deslizando o dedo por minha boca e capturando meus lábios novamente com os seus. Sua língua quente invadiu minha boca e incendiou o centro do meu corpo.

— Não quero mais isso. De jeito nenhum. — Rendi-me, entregue. — Temi que, depois de tudo, não tivéssemos mais tempo para... nós dois. — Arfei baixinho quando ele me puxou contra seu corpo, pressionando-me contra a ereção destacada entre suas pernas.

— Tem ideia de que passei cada segundo desta maldita semana pensando em você? — Ele desceu os lábios sobre a pele sensível em meu ombro e deslizou uma das mãos por minha cintura, puxando-me para ainda mais perto de seu corpo que parecia queimar, assim como eu.

Do mais puro desejo.

— Seria eufemismo se eu dissesse que fiz o mesmo. — Ele roçou o dorso da mão sobre meus mamilos, protegidos apenas pelo tecido fino do baby doll. — Christopher... — Ofeguei baixinho.

— Ah, meu anjo, não imagina como eu gostaria de tomá-la aqui mesmo. De sentir sua pele e beijá-la até me perder em você. — Respirou ruidosamente, tocando-me com os dedos. — Mas hoje precisamos ter cuidado. A casa está lotada de seguranças e seu pai provavelmente dormirá aqui hoje.

— Não me importo com o que podem imaginar. Não me importo com nada, só quero você. — Ele deslizou ambas as mãos por minha bunda, arredou o baby doll até que seus dedos gelados tocaram minha intimidade fazendo-me gemer profundamente.

— Caralho! — Ele rosnou com a boca colada na minha. — Molhada desse jeito fica ainda mais difícil dizer não.

— Sei como resolver seu problema. Diga sim.

— Safada!

— Sou, com certeza... agora vem cá! — Puxei-o pela gravata que o deixava ainda mais sexy, com cara de espião do governo.

Lobo me içou pela cintura e caminhou comigo em seus braços até minha mesinha de estudos, derrubando todos os livros sobre ela de uma só vez e me colocou sentada ali, encaixando-se entre minhas pernas. Não tínhamos tempo e ambos sabíamos daquilo, qualquer hora ele poderia ser chamado no rádio e teríamos que parar, o que só de imaginar já me deixava aflita.

Abri mais as pernas e permiti que Christopher explorasse cada cantinho com sua boca, seus dentes e sua língua. Não saberia descrever as sensações pulsantes e agonizantes, deliciosas e profundas que ele me causava. Tentei conter um gemido quando

Christopher me penetrou com os dedos, lambeu e mordeu meus seios expostos. Agarrei sua cintura e abri sua calça. Sentia-me quente, pelando, mais do que preparada para recebê-lo completamente dentro de mim.

Christopher tirou a última camisinha restante da carteira e a colocou, seus olhos carregados de luxúria passaram pela marca que ele deixou em meu pescoço, levemente destacada, e logo pousaram sobre os meus.

— Me faça sua — pedi. Ele me beijou e estocou fundo, de uma só vez, fazendo-me gritar em sua boca com o prazer súbito e muito forte.

— Você já é minha, anjo.

CAPÍTULO 25

Jasmin Cahill

O grande dia finalmente chegou e como imaginávamos, o anúncio que meu pai fez durante a semana reverberou por toda Chicago. Não havia um jornal sequer que não estivesse circulando a notícia de que o assassino de Magnólia Cahill, uma das herdeiras da famosa Hill e Cahill, enfim foi preso e agora não representava nenhum perigo para a família, que promoveria um baile de máscaras para uma grande quantidade de convidados em comemoração.

Carla me manteve atualizada sobre o que acontecia com a equipe de gestão de eventos e organizou cada centímetro daquele lugar nos mínimos detalhes. Até agora tudo estava saindo como o planejado e Ruth acabara de deixar sobre a minha cama o vestido que eu usaria naquela noite, assim como a máscara e o arranjo de cabelo que foi escolhido com muita cautela.

Se tudo desse certo, ainda naquela noite saberíamos quem estava nos traindo e teríamos a chance de prender um assassino em série mundialmente procurado.

Já estava me preparando para o banho que sucederia o evento quando bateram em minha porta.

— Sim?

— Sou eu. — A voz familiar me fez sorrir.

— Entre, Lobinho. — O homem alto passou pela porta com aquele sorriso de lado, mas notei a preocupação em seu semblante. Seus olhos se desviaram dos meus para sondar o vestido muito extravagante, cuidadosamente colocado sobre a cama. Ele respirou fundo.

— Vai ser difícil vê-la neste vestido sem poder tocá-la. — Corri até ele que não hesitou em me receber de braços abertos e depositar um beijo tenro e rápido em meus lábios.

— Será por pouco tempo — garanti. — A festa vai acabar logo.

— É o que espero — disse e segurou minha mão. — Quero conversar com você quando tudo isso terminar — avisou e me fez prender o ar.

— Algo sério?

— Sim, mas nada com que se preocupar agora. — Tentou me tranquilizar, o que me deixou ainda mais inquieta. — Há outros assuntos que merecem sua atenção com mais urgência. — Ele segurou minha mão e me guiou até uma das cadeiras que ficavam na minha mesa de estudos. — Sente-se, por favor.

— Uma notícia boa nunca começa com “sente-se, por favor” — observei, desconfiada, e vi Lobo escorar o corpo na mesa ao meu lado sem soltar minha mão.

— Meu anjo... — Ele deslizou o polegar por meu rosto com cautela. — Se eu te pedisse para listar agora todos os suspeitos que você tem em mente, ainda que a chance seja remota, quais nomes você diria.

— Começaria pelo Foster... aquele dali não me engana. — Levei os dedos à boca, pensando nos próximos nomes e citei 11

dos 12 cientistas da Hill e Cahill, além de alguns nomes aleatórios que me vieram a mente. — Ah, e tem também o responsável pela análise de projetos da empresa. Ele me detesta profundamente.

— Certo. 16 nomes. — Balancei a cabeça, confirmando. — Todas essas pessoas se tornam, a partir deste instante, suspeitas.

— Sim, extremamente suspeitas.

— Agora quero que me escute e preste muita atenção no que vou dizer. — Ele assumiu um tom mais baixo, cuidadoso. — Cada pessoa na sua lista tem um motivo óbvio para te prejudicar, então fica fácil desconfiar delas, mas quero que você expanda esse leque e comece a pensar em outras pessoas. Aquelas pelas quais você se colocaria em perigo para proteger. Aquelas que você ama.

— Não acho que alguém ao meu lado seria capaz de me trair dessa maneira, Chris. — Gelei por dentro com a hipótese.

Ele enlaçou minha mão mais uma vez. O toque delicado e cauteloso ajudou as batidas aceleradas do meu coração a voltarem ao normal.

— É o que pensa, coração. — Ele beijou o topo da minha cabeça. — Mas todos podemos ter nossa parcela de maldade. Uns mais que os outros. — Estremeci e ele acariciou minhas costas e se sentou ao meu lado, fechando-me em seu abraço. Respirei fundo, sentindo seu perfume entrar em meus pulmões e tentei me ater àquele cheiro, buscando me acalmar. — Desconfie de quem você ama e não só de quem te odeia.

— Isso é muito difícil.

— Sei que consegue. — Ele tocou meu queixo e ergueu meu rosto até que nossos olhos se encontrassem sob a luz baixa do

quarto. — Preciso da sua melhor versão sarcástica hoje. Consegue fingir que está tudo bem?

— Passei um bom tempo fazendo isto. Não terei nenhuma dificuldade. — Mas a tristeza e medo súbito que sentia no peito de aquela história maluca se tornar verdade estava prestes a me sufocar. Confiava em pouquíssimas pessoas, não conseguia acreditar que uma delas estava me traindo, mas sentia que a preocupação de Lobo não era em vão. Alguma coisa estava acontecendo. — Ainda assim, vou torcer para que no final do dia você esteja enganado.

— Eu também, coração. Torço para que não se magoe quando tudo isso acabar.

Lobo

— Precisava mesmo ter escolhido um perfume tão adocicado? — reclamei ao lado de Shaw.

— É uma noite especial, queria que fosse marcante, senhor, mas sofri um acidente com o vidro de perfume e ele acabou derramando em meu terno. — O cheiro de amêndoas podia ser sentido a quilômetros de distância. — Sinto muitíssimo.

Cahill, que estava parado ao meu lado vestindo um terno muito luxuoso, deu risada, ainda que se mostrasse tenso diante os planos para a noite. Wood ficou encarregado da organização da segurança no local da festa, mas Ray e Lyon estavam ao nosso lado, todos os cinco parados que nem uma estátua diante da escada, aguardando a descida de Jasmin.

— Então vamos usar isso no lugar das máscaras, certo? — Lyon questionou e ergueu os óculos de visão noturna que entreguei a cada um deles.

Confiamos o verdadeiro plano apenas aos três guarda-costas que estavam ali. Contaria com eles para manterem a proteção de Jasmin a todo custo, enquanto tudo se desenrolava.

— Sim — respondi. — Já sabem qual é nossa prioridade, então não desviem da missão em hipótese alguma. — Eles concordaram e só então me virei para Cahill que segurava sua máscara azul marinho, da mesma cor do terno. — Onde está a senadora? Pensei que ela fosse chegar ao seu lado no evento.

— Claire terá que ir direto do trabalho, nos encontraremos lá.

— Entendo. — Torci os lábios e endireitei a postura. — Você a manteve fora dos planos, como combinamos?

— Sim, ainda que isso me incomode, preciso priorizar a segurança de Jasmin. Se Claire tiver confiado algum tipo de informação a outra pessoa, pode acabar nos atrapalhando sem querer. — *Ou por querer,* pensei.

A senadora Claire não me descia na garganta. Apesar de ser uma mulher muito doce, carinhosa e gentil com Jasmin, que parecia amá-la como se tivessem o mesmo sangue, a mulher me deixou confuso com algumas atitudes estranhas e que ela era a única, fora Cahill, a ser envolvida.

Talvez eu estivesse exagerando. Meu senso de confiança nunca funcionou por completo. Sempre achei mais fácil desconfiar de alguém do que fazer o contrário. E sim, a senadora poderia estar sendo manipulada, ou até mesmo poderia não ter nada a ver com

os ataques, mas ela, assim como Judith, Ruth, ou até mesmo Carla, a amiga de Jasmin, eram suspeitas, infelizmente.

— Ela está pronta — Judith gritou do alto da escada e todos nós nos viramos para olhar.

Jasmin surgiu ao lado de Ruth que nem sequer tentou disfarçar o sorriso que permeava seu rosto.

— Minha nossa — Shaw disse e eu tentei encontrar palavras para descrever o que estava vendo, mas nem em duas vidas conseguiria.

Jasmin desceu as escadas, degrau por degrau, com delicadeza. Como se dançasse sobre cada um deles. A cada passo que ela dava meu coração batia mais forte, mais acelerado.

O vestido muito branco tinha um corpete elegante, com decote profundo e sua saia caía em ondas robustas até os pés, como os contornos de um vestido de princesa. A máscara branca de renda era adornada por pérolas brancas, assim como o adereço pomposo cheio de penas brancas em seus cabelos, que caíam em cascatas loiras e exuberantes até a cintura. Ela se assemelhava à uma rainha, majestosa, estonteante.

Perdi as palavras, desesperado para tocá-la. Levei a mão ao peito com a dor que me sondou ali à medida que meu coração batia mais forte, mais acelerado. Sentia que tinha perdido o rumo da minha vida à medida que ela se aproximava. Os olhos muito marcados sob a máscara me observavam com cautela.

— Está incrível, minha filha. — Cahill a ofereceu um braço. — Uma obra de arte, não? — O homem se virou para mim, que por um momento, esqueci como é que se falava. As palavras simplesmente desapareceram da minha mente.

— Sim. — Tossi, tentando me recompor. — Está esplêndida, senhorita Cahill.

Um coro atrás de mim ressoou em concordância, mas a única coisa que consegui prestar atenção foi no sorriso doce, delicado e inseguro que ela me lançou.

— Boa festa, senhorita! — Judith gritou da entrada e abri a porta para que Cahill e Jasmin entrassem no carro. O homem entrou primeiro e resvalei meu polegar no pulso dela levemente quando passou por mim. Precisava tocá-la de alguma forma, ou acabaria morrendo.

Ela sorriu para o pai, mas bem sabia que ela tinha entendido o que eu quis dizer com aquele toque.

Minha doce Jasmin... minha princesa.



Chegamos ao evento que, como imaginei, estava abarrotado de fotógrafos. Criamos o cenário perfeito para Naish. Na cabeça do desgraçado, naquela noite ele mataria Jasmin e sua morte viraria notícia nos jornais. Seu nome seria dito como principal assassino e ele desapareceria logo em seguida. Era o que eu imaginava.

Ele só não contava que eu usaria sua principal característica contra ele. O egocentrismo.

Escoltamos Jasmin e Cahill, que agora usava sua máscara de festa, entre a pequena multidão que se aglomerou em frente ao local e só paramos quando conseguimos entrar na segurança do salão, que tinha uma amplitude de dois andares e estava

extremamente bem decorado, com guirlandas muito luminosas intercalando com os lustres de cristais.

Logo uma mulher usando um extravagante e muito belo vestido vermelho, com uma máscara do mesmo tom do vestido e cravejada de diamantes, aproximou-se de nós.

— Claire, querida. — Notei que o tom de voz de Cahill soava apreensivo demais.

— Está tudo bem? — Ela sondou o rosto do homem, desconfiada.

Droga, ele não conseguia disfarçar. O homem estava apavorado com a possibilidade de Jasmin estar no mesmo ambiente que o assassino de Magnólia, e eu imaginava o quanto devia ser difícil para ele, mas para que aquele tormento chegasse logo ao fim, ele precisava colaborar.

— Tia Claire, como está linda! — Jasmin elogiou exageradamente e levou as mãos à boca. — Papai, é melhor abrir os olhos, Tia Claire está mais deslumbrante do que qualquer pessoa nesta festa. — Ela sondou com os olhos cada um dos convidados espalhados pelo lugar.

— Oh, querida, duvido muito disso. Olhe só para você. — A mulher se virou para ela com os braços abertos. — Está radiante. — Jas abriu um sorriso imenso para a tia, tirando sua atenção do rosto aflito de Cahill. Estreitei os lábios, tentando conter o sorriso ao ver a astúcia daquela mulher. — Espero que aproveite a festa, depois do fiasco da última.

— Aproveitarei, tia. Com certeza.

— Vamos pegar uma bebida? — Claire se virou para Mason que olhou para a filha uma última vez antes de seguir a mulher para

longe dali.

— Se saiu muito bem, meu anjo. Nem eu conseguiria manter a postura tão bem. — Pela visão periférica observei Ray, Lyon e Shaw encontrarem Wood em um canto e se posicionarem. — Parece verdadeiramente calma.

— Devo dizer que não me orgulho do quanto consigo ser falsa? Porque me orgulho, e muito. — Ela tentou brincar, mas pude sentir a tensão em sua voz. — Estou apavorada.

— Vai dar tudo certo, não fique nervosa. — Parei o corpo bem rente ao seu. Ela alisou o vestido algumas vezes e quando seus olhos subiram para os meus novamente, me vi inerte, preso nas íris verdes e profundas. — Você é a criatura mais linda que já coloquei os olhos. A perfeição em sua forma mais pura. — Ela abriu um sorriso amplo.

— Você me faz pulsar em lugares estranhos quando diz coisas desse tipo, meu Lobinho. — Ela encarou minha boca e mordiscou os lábios bem desenhados pelo batom rosa. — Principalmente aqui. — Ela levou a mão ao coração e uma sensação estranha esmurrou meu peito. Uma que me impelia a mandar para o inferno todas aquelas pessoas ao nosso redor e tomá-la ali mesmo em meus braços, sem me importar com mais nada, porque eu bem sabia que meu coração gritava por ela, implorava por Jasmin todos os segundos do dia. — Sinto muito, não devia ter dito isto.

Só então me dei conta de que estava encarando-a como se ela estivesse dando piruetas pelo lugar. Porra, ela entendeu completamente errado.

— Jas...

— Está tudo bem, este é só um dos meus males, Christopher. Falo demais quando deveria ficar calada.

— Não, coração, eu não... — Fui interrompido por uma música alta que deu início ao baile de máscaras e bem sabia que nosso plano começava ali.

Algumas luzes se apagaram e somente a pista de dança foi mantida acesa. Segurei o braço de Jasmin e a encarei.

— Fiquei desnorteado por um momento, mas posso garantir que o que disse não foi nada mais que perfeito — avisei-a, e ela continuou me encarando com um olhar inseguro. — Meu anjo, eu...

— Jasmin! — Uma voz agitada a chamou e não pude terminar o que queria dizer a ela. Não demorei a encontrar Carla, usando um vestido longo preto e com uma prancheta na mão caminhando rápido em nossa direção. — Que bom que chegou. — Ela abraçou a amiga demoradamente. — Tudo está correndo conforme organizamos e se não tivermos nenhum imprevisto, este será meu primeiro evento oficial impecável.

— E você já organizou algum evento que não foi impecável? — Jasmin questionou com um sorriso.

— No meu último evento uma moça rodou um dos meus convidados pelos cabelos. Então... — Ambas deram risada e pararam quando Lyon se aproximou de nós com um semblante muito sério.

— Lobo, chegou a hora. Está tudo pronto — Lyon disse.

— Chegou a hora de quê? — Carla inqueriu, confusa.

— Amiga, preciso que venha comigo. — Era óbvio que Jasmin não deixaria a amiga em um local de risco como aquele e eu já esperava por aquilo quando soube que ela estaria no evento.

— Mas... a equipe precisa de mim. — Carla arregalou os olhos. — Onde você está indo?

— Confie em mim. Você estará segura. — Ela puxou a amiga que começou a caminhar ao lado de Lyon desconfiada. Aproveitei a deixa para tocar os dedos de Jasmin e chamar sua atenção.

— Continuaremos nossa conversa mais tarde, está bem? — Ela meneou um aceno, confirmando. — Vamos para o banheiro. Nossa noite começou.



Vinte minutos depois, assumi o posto sozinho no canto do salão. A mulher de vestido branco e cabelos loiros se movimentava com certa graça pelo salão. Mantive meu olhar atento em cada passo que ela dava.

Alguns minutos depois, ela dançou com o Cahill, mas não se aproximou de ninguém além dele, como combinamos. A luz reduzida do lugar ajudava a disfarçar os detalhes, e facilitava que cada vez mais pessoas entrassem na pista de dança.

Trinta minutos tinham se passado entre danças lentas e, vez ou outra, mais agitadas. Algumas mulheres conversavam em voz alta ao meu lado, mas meus olhos e meus sentidos estavam presos na mulher de branco que dava seu melhor na pista de dança, ainda que aquele não fosse seu forte.

— Estão de olho no Cristal? — Acionei o comunicador.

— Sim, senhor. A equipe toda está com os olhos nela — Shaw respondeu e me senti mais aliviado.

— Cuidado com esses olhos, hein garoto — provoquei e Shaw riu.

Olhei ao redor e notei que a multidão dentro daquele lugar começava a aumentar significativamente.

— Wood, mantenha Cahill na parte dos fundos do salão e seja discreto. Leve mais guardas com você — orientei quando um pequeno burburinho começou na entrada do evento e de repente, um único tiro ecoou pelo lugar. — Porra!

Meu sangue ferveu ao perceber que o filho da puta estava ali.

Ele usou o mesmo método quando matou Magnólia, pelo que soube. Um único disparo para enlouquecer a multidão e causar alvoroço, facilitando-o de encontrar o alvo, mas o que ele não sabia era que o tipo de multidão que estava dentro daquela festa não temia o barulho de um tiro.

— Desliguem as luzes — pedi no comunicador e um instante depois, elas se apagaram, mantendo apenas as luzes vermelhas de segurança e causaram alguns gritinhos abafados, assim como planejamos. — Fiquem atentos, ele está aqui.

— Pegamos o atirador senhor. O comparsa dele estava armado na saída de incêndio. Estamos verificando se há mais alguém. — A voz de um dos guarda-costas da Holder ecoou pelo comunicador.

— Levem-no para o furgão — pedi.

Não era Naish quem fazia o disparo, como imaginei. Um psicopata tão adepto a uma rotina precisa como a dele raramente iria mudar seu *modus operandi*. Ele pretendia assassiná-la com uma única facada banhada em cianeto.

Desgraçado dos infernos.

— O show começou — Ray disse no comunicador.

— Não tirem os malditos olhos dela, entenderam? — Um a um, eles concordaram e eu coloquei os óculos de visão noturna que me davam vantagem diante da escuridão.

A mulher de vestido branco estava parada no centro da pista de dança, remexendo-se como se estivesse perdida e não soubesse o que deveria fazer. Algumas pessoas ao seu redor corriam de um lado para o outro, causando a confusão que programamos minuciosamente, até que um homem de estatura mediana se destacou ao andar com calma calculada em direção ao centro da pista, sem notar que à medida que ele caminhava, as pessoas abriam espaço para que passasse.

Era ele. Caralho, era ele mesmo.

Saquei a arma e comecei a caminhar em sua direção. Meus dedos apertaram o cabo com força e precisei de muito controle para manter a calma e não atirar na cabeça dele bem ali.

— Vire-se para a saída dos fundos e vá até lá. Ele vai segui-la — disse baixo através do comunicador, orientando a mulher pelo ponto de comunicação que coloquei nela. Com as poucas luzes do lugar, ficaria difícil para ele ver que ela não estava sendo acompanhada de perto pelos guarda-costas, como de costume. Poderia apostar que o homem acreditava que conseguiria esfaqueá-la da mesma forma com que fez com Magnólia. Bem diante dos guarda-costas. Ele não tinha medo algum, mas aquilo não importava. O fim dele naquela noite seria o mesmo. A prisão.

Ela começou a caminhar no mesmo instante e Naish acelerou os passos, mantendo-se próximo a ela, sem se dar conta de que eu estava bem atrás dele. Percebi que ele mancava de uma das

pernas, provavelmente a que baleei em nosso último encontro. Lembrei-me de Adrian e o fim que ele encontrou e por um momento temi que alguma coisa pudesse dar errado. Mirei na sua cabeça como garantia de que ninguém saísse daquele lugar ferido, fora Naish. Se ele colocasse aquela mulher em perigo, não me restaria muito se não matá-lo, afinal, bastava um arranhão daquela lâmina para causar uma morte certa.

Ela passou pela porta que daria em uma sala vazia, onde a saída dos fundos ficava. Ele se aproximou da mulher e sacou a faca para golpeá-la, mas Petrova foi mais rápida e antes que ele pudesse sequer entender o que estava acontecendo, ela o acertou de uma só vez. Ele cambaleou para o lado e a faca foi arremessada no chão.

— Não se mova, Naish. Ou eu te mato. — Rendi-o. — Acendam as luzes. Quero ver a cara desse desgraçado. — Pedi e a iluminação foi restaurada em seguida. Mantive a mira da arma na cabeça de Naish e chutei a faca em direção à Petrova.

— Você! — O homem me encarou. O rosto muito pálido parecia congelado, sem expressão pelas tantas cirurgias que provavelmente devia ter feito ao longo dos anos. O nariz, antes pontiagudo, parecia ter perdido parte das cartilagens e exibia um aspecto horrível. Nem sequer acreditava que tínhamos mesmo conseguido fazer aquilo, principalmente sem nenhuma morte.

— Bom trabalho, agente Petrova — parabenizei estatizado.

— Seu irmão vai pagar caro por ter me enfiado neste vestido, senhor Holder — ela disparou com aquele sotaque russo puxado e cheio de erres.

Winnie Petrova era agente da CIA, especialista em disfarces. A mulher era um dos contatos mais aleatórios que Snake mantinha em sua lista de prioridades. Não fazia ideia do tipo de relacionamento que existia entre os dois, mas não me parecia bom. Como se fossem inimigos com um acordo de paz selado a base de confiança, algo que ameaçava se romper a qualquer momento. Não poderia ser diferente, já que a senhorita Petrova caçava com afinco os principais clientes de Snake.

— Como você ousa se meter novamente em meu caminho? — inqueriu, irritado e sacou outra faca, arremessando-a em minha direção sem medo algum de que eu atirasse nele.

— Porra! — Desviei da faca e notei que ele estava sacando mais duas delas. Mirei em seu joelho e atirei. O homem urrou alto e se recostou na parede.

— Farei com que se arrependa disso até o último dia da sua vida miserável — ele ameaçou entre gemidos.

— Tenho uma dívida com você, Naish. E pretendo pagar. — Acertei uma coronhada na cara do desgraçado, tremendo a ponto de precisar me recostar na parede assim que ele desmaiou.

A festa que bolamos foi completamente falsa. Todos os convidados eram guarda-costas da Holder Security e estavam ali apenas para causar impacto. Pedimos que a senhorita Petrova se disfarçasse de Jasmin para atrair Naish, enquanto a verdadeira herdeira Cahill aguardava em segurança, cercada pelos guarda-costas de nossa confiança.

Um plano maluco, mas que, puta que pariu, deu certo!

— Vamos tirá-lo daqui, antes que ele acorde e faça um espetáculo — Petrova pediu e foi até a porta, buscar ajuda.

Dois outros agentes da Holder que estavam disfarçados de convidados nos ajudaram a tirar o corpo adormecido de Naish pelos fundos do salão onde Snake e seus homens aguardavam em um furgão preto.

Notei uma leve mudança no comportamento, sempre tão distante, do meu irmão quando a senhorita Petrova se aproximou. Alguma coisa transpassou seus olhos claros, mas nem de longe poderia imaginar o que era. Torcia para que ele não pulasse no pescoço dela até que conseguissem arrancar alguma coisa daquele idiota.

O atirador jazia desmaiado ao fundo do veículo muito largo.

— Achei que ele tivesse conseguido te acertar — Snake comentou quando os olhos escuros da agente Petrova pousaram nele. Ela arrancou a peruca loira e deixou à mostra seus cabelos ruivos, muito intensos.

— Não vim aqui para te fazer mais feliz, Snake. Esconda esse sorriso, não pretendo morrer hoje — ela vociferou e o fez rir. 1 a 0 para a ruiva.

— Realmente, é um vestido muito lindo para se desperdiçar com você morrendo dentro dele. Ao menos troque de roupa antes — ele provocou, enquanto ajudava os outros homens a jogar o corpo de Naish no furgão com uma naturalidade assustadora.

— Não vai achar engraçado quando eu enfiá-lo em sua garganta — Ponto para ela. Mas que diabos estava acontecendo ali?

Desviei a atenção daqueles dois quando notei a ponta de um papel emergir do bolso de Naish e o puxei para saber o que era. Meu mundo estremeceu quando notei que era uma foto de Jasmin

perfurada por várias marcas pequenas e redondas, como se tivesse sido queimada com um cigarro aceso. Seu rosto sorridente estava circulado por uma linha vermelha, como um alvo e toda a fúria que eu estava tentando controlar até aquele momento escorreu entre meus dedos.

— Parece que nosso visitante está acordando — Petrova disse e tudo ao meu redor perdeu o foco quando os olhos traiçoeiros de Naish se abriram. Caminhei até o furgão, segurando a foto entre os dedos e entrei dentro dele em seguida.

Seus olhos tinham um tom de cinza sem vida, sem emoção. O que me fez sentir ainda mais raiva daquele demônio. Imaginar que ele pretendia fazer com Jasmin o mesmo que fez com Adrian e Magnólia me deixava sem ar. A raiva tomou minha visão e tudo que eu consegui sentir foi um descontrole homicida.

Ele tentou falar quando me viu, mas o calei com um soco na boca.

— Acabou, seu porco. — Desferi mais uma sequência de golpes. — Você nunca vai encostar nela, seu merda!

Sentia a carne ceder a cada soco que eu dava, espirrando gotículas para todo canto até partir o osso do maxilar em um rangido seco. Só conseguia pensar nas pessoas que ele feriu e na trilha infinita de dor que ele deixou pelo caminho.

Continuei batendo, cego, transtornado, até sentir mãos e braços me puxando para trás.

— Irmão, deixe um pouco para nós. — Snake subiu no furgão junto com Petrova e outros dois homens, enquanto o motorista ligava o veículo. Os seguranças da Holder aliviaram a pressão em

meus braços quando perceberam que eu estava começando a me acalmar.

— Só queria que ele soubesse... — arfei. Minhas mãos estavam cobertas de sangue e quando o encarei, quase não reconheci o rosto que agora sustentava meu olhar através de um semblante muito inchado. — Que fui eu que o sentenciei ao pior de todos os castigos. O sentenciei à derrota.

— Ele vai ter muito tempo para se lembrar disso para onde vai. — Petrova bateu na perna do homem que tentou xingar algo e cuspiu sangue, desmaiando logo em seguida. — Precisamos ir. — Ela alcançou um notebook que estava abandonado no balcão e começou a revistar Naish. — Temos algumas contas que supostamente pertencem a este homem. Caso eu consiga confirmar esta informação, teremos o nome de quem o contratou em poucos minutos. Então, espere uma ligação em breve.

— Dou um jeito nele em trinta minutos, caso ela não consiga. — Snake sondou o homem e abriu um sorriso. — Assassino de mulheres, não é? Isso vai ser divertido.

— *Sádicooooo*. — Petrova cantarolou, provocando meu irmão antes de fechar a porta do furgão.

— Tudo certo, senhor Holder. — Um dos seguranças da empresa do meu pai bateu em meu ombro. E por um momento imaginei que estivesse sonhando.

— Pegamos ele. Atenção, pegamos ele — avisei no comunicador para a equipe interna e cambaleei até a parede. Recostei-me nela, descrente. Ele tinha mesmo sido capturado. Olhei para o céu com um alívio imenso preenchendo meu peito.

— Parabéns, senhor. Foi uma conduta perfeita. Ninguém se feriu, além do próprio assassino, não é mesmo? — O segurança riu.

— Preciso voltar ao salão. — Tentei me endireitar.

— Por que não passamos no banheiro antes? — Outro segurança sugeriu e olhei para minhas mãos muito vermelhas de sangue.

— Acho uma boa ideia, vamos.

Corri até o banheiro e lavei as mãos, apressado. Estava louco para contar a novidade para Jasmin. Enfim pegamos o assassino de sua irmã. Ela e Cahill poderiam ter paz assim que soubéssemos o nome do contratante. Agora era só uma questão de tempo.

Retornei ao salão, onde as luzes tinham sido religadas e a música voltou a tocar. Combinamos que manteríamos a fachada, caso tudo desse certo, principalmente para não criar um alarde desnecessário na multidão de fotógrafos lá fora.

Jasmin, a verdadeira e única, estava parada no meio da pista de dança. Sorrindo para a amiga como se confidenciasse algum segredo, provavelmente contando o plano por trás de toda aquela festa. Cahill foi até a filha e a envolveu em um abraço apertado, um que eu sabia significar vitória, eles conversaram um pouco e logo em seguida ele se afastou com a energia renovada e se distraiu com Wood no canto oposto. Lyon, Ray e Shaw continuavam ao lado de Jasmin, mas era nítido o sorriso que os três tentavam esconder diante o sucesso daquela missão.

Jasmin me encontrou na multidão, enquanto eu tentava desviar das pessoas para chegar até ela. O canto dos seus lábios se ergueu, mas sua atenção foi desviada quando alguém a chamou.

A senadora parou ao seu lado e a puxou para um abraço com um sorriso.

Meu mundo parou no exato momento em que vi o brilho de uma faca passar das mãos da senadora para as mãos de Carla.

— Não! Jasmin! — gritei em pânico.

Estava longe demais para protegê-la.

CAPÍTULO 26

Jasmin Cahill

Fazia muitos anos que uma alegria tão grande não me sondava. Ele tinha sido preso. Meu Deus, o assassino de Magnólia agora apodreceria atrás das grades e ainda que não tivéssemos descoberto quem estava por trás de tudo, aquele já era um motivo imenso para se comemorar.

— Não acredito nisso! — Carla parecia congelada quando terminei de contar a ela todo o plano que tínhamos armado para aquela festa. Assim que chegamos à festa, levei minha amiga comigo para o local de segurança que os meus guarda-costas me manteriam até que tudo acabasse e foi muito difícil contê-la parada lá comigo. Minha amiga era extremamente profissional e tentou sair da sala de segurança a todo custo para orientar os contratados do evento, mas os seguranças não permitiram, o que a deixou bem irritada.

— Pode me perdoar por ter mentido? — Sorri, incapaz de esconder a alegria que sentia. — A boa notícia é que prendemos o assassino da minha irmã e em breve saberemos quem está por trás de tudo isso. — Ela piscou, confusa, provavelmente assimilando a informação.

— Jasmin! — Meu pai se aproximou e me envolveu em um abraço carinhoso. Ele estava mais charmoso do que nunca com

aquela máscara cobrindo metade do rosto. — Conseguimos, filha — ele comemorou.

— Sim, papai. Nem sei dizer o quanto estou radiante de felicidade.

— Eu te disse que Lobo era uma boa contratação. — Ele sorriu e senti meu rosto esquentar.

Andava pensando sobre o que meu pai acharia do meu envolvimento com Lobo e temia que ele acabasse não concordando, o que seria um problema. Não estava disposta a permitir que ninguém, nem mesmo meu pai, me afastasse dele.

— Papai, quando chegarmos em casa, tem algo que quero te contar. É sobre o Lobo e...

— Minha filha. — Ele sorriu singelo — Você tem todas as características da sua mãe e a mais forte delas é a clareza com que eu consigo ler seus sentimentos. Pode até tentar enganar os outros com esse jeito meio... ácido e sarcástico, mas basta que eu dê uma única olhada em você para saber o que está sentindo. E eu sei.

— Sabe de quê? — Ele deu um tapinha em minha mão.

— O que sente em relação ao Lobo. — Arregalei os olhos. — Conversaremos em casa, mas espero que seja recíproco, senão serei obrigado a usar um dos meus exemplares da arma de micro-ondas nele — mencionou uma das minhas armas favoritas produzidas pela nossa empresa.

Abracei-o emocionada e precisei de todas as minhas forças para não chorar e borrar toda aquela maquiagem.

— Já tem idade o suficiente para decidir o que quer da sua vida amorosa, filha, e não serei eu quem ditará as regras do seu coração. Já atrapalhei demais prendendo-a durante toda uma vida e

fico extasiado ao saber que, mesmo assim, considera minha opinião. — Ele beijou minha bochecha. — Te amo mais do que tudo, Jasmin.

— Também te amo, papai e sei que não fez por mal. Só queria me proteger. — Abracei-o com mais força e quando me afastei, precisei perguntar.

— Pai, acaso isto está estampado no meio da minha testa? — questionei, temerosa.

— Para mim, sim. — Foi sua resposta antes de se juntar a Wood do outro lado do salão.

Olhei para a multidão que começava a voltar ao normal em uma dança lenta e casual na pista de dança, até que meus olhos pousaram no homem alto, de ombros largos e a postura de um guerreiro marchando em direção à guerra. Lobo estreitou os lábios e um sorriso indecente subiu por ele, arrepiando todo o meu corpo, mas acima de tudo, notei que ele tentava se apressar para chegar até mim.

Será que também estava ansioso para me ver, tanto quanto eu estava por seu toque?

— Jasmin, querida! — Uma voz melodiosa me fez romper o contato visual com Lobo.

— Tia Claire. — Abri um largo sorriso ao vê-la. Estava louca para contar a ela toda a aventura que vivemos em segredo naquela noite.

Minha madrinha me puxou para um abraço e eu não hesitei, joguei-me em seus braços com todo o carinho que tinha por ela.

— Tia, tenho tanto para contar...

— Jasmin! — Carla me chamou e me virei para ela de súbito. Suguei o ar com força quando uma dor pungente transpassou meu corpo. Arregalei os olhos e congelei, em pânico.

— Sinto muito, amiga — Carla retirou a faca com um puxão forte e tentou cravá-la novamente. Levei a mão, tentando impedi-la e ela acabou acertando minha perna.

Tombei e caí no chão ao som de tiros no lugar. Meus olhos perderam o foco muito rápido.

Não.

Não era possível, meu Deus.

Desconfie de quem você ama e não só de quem te odeia.

As palavras de Lobo se infiltraram em minha mente, como um bilhete guardado na agenda, disposto a me fazer lembrar o que jamais deveria ser esquecido.

Mas eu esqueci.

Lobo

Antes que eu pudesse ao menos piscar, Carla cravou a faca no abdômen de Jasmin e o ar parou de entrar em meus pulmões.

— Lyon, atire na senadora. AGORA! — Gritei quando vi que Carla estava fora da linha de visão de Lyon e tentei raciocinar diante da distância que estava delas. Comecei a empurrar as pessoas no meu caminho que abriram espaço quando viram que algo estava errado. Todo o meu corpo parecia inerte, mas minha mira continuava intacta. Ergui a arma, mirei na desgraçada que Jasmin chamava de amiga e atirei duas vezes.

— Porra — Lyon praguejou quando viu o que estava acontecendo e não hesitou. Ele atirou contra a senadora que caiu no chão em seguida.

Jasmin tombou para trás e corri fraco até ela. Sua roupa branca começou a ganhar tons de um vermelho escuro que me arrastou para o mais profundo desespero.

Deus, por favor!

Implorei, como se o mundo de repente tivesse entrado em uma atmosfera lenta, tortuosa. Vi-me caindo de joelhos ao seu lado, os lábios muito pálidos e os olhos fechados não mentiam.

Conseguia ouvir meus próprios gritos em algum lugar distante da minha mente, enquanto puxava seu corpo mole para meu colo.

— Jasmin! — Abracei-a, tremendo incontrolavelmente e me esforcei para manter a atenção focada.

— Lobinho... está tão frio. — Ela arrastou a voz sem abrir os olhos.

— Não fale, meu amor, poupe suas forças. — Jasmin desmaiou em meus braços e o mais puro pavor me sondou. Levantei-me num salto, segurando-a perdido, delirando. Cahill urrava atrás de mim de um jeito animal, alucinado.

— Meu Deus, Meu Deus! — Shaw enfiava as mãos nos cabelos, em pânico.

Deixamos uma ambulância de prontidão para caso algo desse errado na saída dos fundos, mas eu precisaria de calma para conseguir chegar até lá e ter uma mísera chance de salvar Jasmin. Diante do desespero aflito de Cahill, que se debatia contra vários seguranças que tentavam controlá-lo, precisei encontrar a frieza dentro do meu peito. A vida de Jasmin dependia de mim.

— Shaw, cuide de Cahill. Acalme-o e leve-o até o hospital, Jay, pressione o ferimento no abdômen e Ray, o da perna. — Podia ver o rastro grosso de sangue descendo pela pele clara de Jasmin.

Conferi sua pulsação e a única certeza de que tive foi que aquela faca não estava embebida em cianeto, caso contrário, ela já estaria morta.

Corremos até a saída sendo escoltados por outros seguranças da Holder. A pele de Jasmin ficava cada vez mais fria e pálida e percebi que, ainda que fizessem pressão, a quantidade de sangue que Jasmin estava perdendo era muito alta e a cada segundo que passava o medo mais puro se infiltrava em minha mente. Precisávamos chegar à ambulância e correr até o hospital, ou ela não sobreviveria.

— Ali, senhor, os paramédicos. — Ray indicou com a cabeça.

Corremos até lá e logo fomos cercados por várias mãos. Os médicos tiraram Jasmin do meu colo e a colocaram na maca da ambulância.

— Ela foi atingida por duas facadas. Uma o abdômen e uma na perna, perdeu muito sangue. — Tentei falar sem tremer.

— Vamos para o hospital — a médica disse e entrei na ambulância sem conseguir pensar em mais nada.

Assim que deram partida vi pela pequena janela da ambulância Cahill entrar às pressas no carro com Shaw. Eles aceleraram atrás de nós.

— Qual seu parentesco com ela?

Sou o guarda-costas. Pensei em responder, e só então me dei conta de que ela era muito mais para mim do que talvez eu fosse para ela.

Jasmin era a razão pela qual eu acordava todos os dias animado, louco para colocar meus olhos nela e saber qual desafio aquela mente criativa me obrigaria a enfrentar. Seu sorriso lindo e curioso sondava minha mente do minuto em que eu abria os olhos até quando voltava a fechá-los quando ia dormir. Ela me mostrou uma força que nunca tinha visto antes em outras pessoas e sentia que tudo entre nós era rápido demais, intenso, abundante, como se eu estivesse destinado a encontrá-la. Como se Jasmin me pertencesse de outra vida. Ela era a peça que faltava no meu quebra-cabeças, e sem ela, estaria incompleto.

— Ela é tudo que eu tenho — respondi, sincero e segurei a mão de Jasmin que estava muito pálida. Um nó ardente se instaurou em minha garganta. — Queria poder trocar de lugar com você, coração. — Minha voz embargou. — Me perdoe por não ter estado lá, me perdoe, me perdoe! — Apoiei minha testa em sua mão.

Raiva, medo, tristeza, ódio, rancor... tudo se misturou e eu fiquei louco. Meu coração batia forte contra o peito e temia que a qualquer momento ele fosse parar.

Chegamos ao hospital e não me afastei da maca nem por um instante, correndo ao lado dos paramédicos.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. Vai ficar tudo bem. — Segurei sua mão e repeti aquelas palavras como se de tanto dizê-las, elas fossem mesmo se tornar realidade.

— Senhor, precisa esperar aqui, vamos levá-la para a sala de cirurgia. — A médica me barrou colocando ambas as mãos no meu peito.

— Preciso ficar com ela — pedi, fraco.

— Sinto muito, são as regras — ela soou encabulada e desapareceu pelo corredor que levava ao centro cirúrgico, no mesmo instante em que a porta do hospital foi escancarada.

Cambaleei até uma parede quando Cahill entrou correndo pelo hospital, gritando perguntas com Wood e os outros seguranças em seu encalço. Nem sequer conseguia respirar.

Quase uma hora depois, uma médica veio ao nosso encontro e pediu para falar com os familiares. Cahill, assim como eu, nem sequer conseguiu se mover e a médica precisou começar a contar o que estava acontecendo ali mesmo.

Ouvi distante a mulher informar que o caso de Jasmin era muito grave.

— A faca perfumou o abdômen e causou uma laceração no fígado que já foi corrigida, felizmente não atingiu nenhum outro órgão, mas, por outro lado, atingiu uma veia importante e isso causou uma hemorragia interna severa. Os médicos ainda estão trabalhando para corrigir a lesão. Unindo isto ao golpe que ela recebeu na perna, sua filha perdeu muito sangue e sofreu uma parada cardiorrespiratória logo no início da cirurgia. — Inclinei a cabeça e enfiei o rosto nas mãos. Meu peito estava dilacerado, doendo tão profundamente que se tornava impossível respirar. Senti uma mão pousar em meu ombro e tive que me apegar ao toque para conseguir me concentrar no que a médica ainda dizia. — Conseguimos reverter o quadro por muito pouco, mas a cirurgia ainda é de risco.

Ninguém disse nada e me obriguei a erguer a cabeça. Encontrei Cahill em um estado catatônico de profunda tristeza. Lyon

manteve a mão firme em meu ombro e gostaria de ter tido forças para agradecê-lo por aquilo.

— Doutora, ela vai sobreviver, não é? Jasmin é forte. — Assustei-me com o tom estremecido em minha voz. — Ela vai ficar bem, certo?

— É por isto que estou aqui, senhor. Preciso que entendam a gravidade da situação. Trabalhamos com a melhor equipe médica de Chicago e faremos de tudo para salvá-la, mas não posso dar nenhuma garantia.

Dali em diante eu experimentei o inferno como nunca.



A cirurgia estava demorando demais e a madrugada chegou sem que tivéssemos mais notícias. Cahill se encolheu em um canto do hospital e ficou ali por horas a fio. O homem parecia muito mais velho agora, como se cada minuto levasse um ano de sua vida.

Shaw orava sem parar com o rosto enfiado nas mãos, Wood, Lyon e Ray tentavam manter a postura, mas os olhos vermelhos e as mãos trêmulas não deixavam dúvidas. Estávamos em pânico.

Sentia-me inquieto, sem chão. Tudo que conseguia pensar era no exato momento em que ela levou a mão ao coração e se declarou, pouco antes da festa começar. Foi tão natural, tão sensível. Aquele gesto fez com que eu me sentisse feliz como nunca. Mas por que eu não retribuí? Por que não mandei ao inferno todas as pessoas ao nosso redor e disse a ela o que sentia?

Quando estávamos no quarto de Jasmin, eu disse a ela que, quando tudo acabasse, iríamos ter uma conversa séria e minha

intenção era revelar a ela tudo que sentia, toda a sensação nervosa e eufórica que me atingia ao vê-la, o quanto esperava por um momento em que pudesse tocá-la e o desespero em que me encontrava quando encostava seus lábios nos meus, como se eles se encaixassem em uma medida perfeita. Algo que nunca imaginei encontrar na vida.

Diria que amava suas tradições e que desejava realizar cada uma delas ao seu lado. Ver as estrelas toda terça na companhia daquele salgadinho fedorento, ir comer bolo de chocolate na praia uma vez ao ano, dançar sem que nenhuma música estivesse tocando e senti-la em meus braços, com aquele aroma limpo de rosas que me excitava e fazia meu coração acelerar. Lembrar do seu sorriso chegava a doer e eu nem sabia onde.

Deus, eu a amava.

Amava tudo que ela era e tudo que queria não ser. Suas qualidades, seus defeitos, o jeito que ela agredia as pessoas com uma frigideira, ou a rapidez em que roubava as minhas chaves.

Meus olhos arderam de desespero.

Por que não me declarei?

— Por quê? — sussurrei com uma dor ardida fechando minha garganta e balancei a cabeça de um lado para o outro, inconformado.

— A culpa não é sua. — A voz de Cahill alcançou meus ouvidos, mas não tive forças para encará-lo. — Foi minha. — Ele ofegou e de repente o homem entrou em um choro compulsivo. — É tudo culpa minha, eu deixei aquela mulher se aproximar, eu permiti que ela chegasse até minhas filhas. Perdi Magnólia e estou prestes

a perder Jasmin, meu Deus. — Ele soluçou. — Como elas puderam fazer isso?

Ali Mason Cahill não era o CEO de uma das maiores empresas do país. Não era um homem poderoso, muito menos perigoso. Ali ele era um pai desesperado.

Olhei para o homem que puxava os cabelos e movimentava o corpo de um lado para o outro sem parar. Só então me dei conta de que havia em torno de uns 10 seguranças no corredor além de nós, assim como deveria existir o dobro deles lá fora contendo os repórteres.

Forcei-me a ficar de pé e me sentei ao lado de Mason. Toquei seu ombro com a mão por algum motivo e pensei em um milhão de coisas que poderia falar, mas não consegui dizer uma palavra sequer. Não conseguiria consolá-lo naquele momento, onde tudo que queria era acordar daquele pesadelo.

— Notei como minha Jasmin olhava para você — ele disse, de súbito, pegando-me de surpresa, mas não afastei minha mão do seu ombro. Ele precisava daquilo, e acho que eu também. — Toda vez que eu a encontrava, ela sempre mencionava algo sobre você. No início vivia pedindo que eu te demitisse. — Ele riu, amargo. — Mas depois, tudo que ela falava tinha um som alegre. Um som que temi nunca mais ouvir depois da morte de Magnólia. — Ele respirou fundo. — Minha filha é muito transparente para mim. O jeito como ela ficava radiante com a menção da sua presença deixava nítido muitas coisas. Penso que ela acabou nutrindo outros sentimentos por você.

Engoli em seco e encarei o chão de granito.

— Era recíproco? — ele questionou e todo o meu corpo endureceu diante da pergunta. — Preciso saber se ela ao menos se apaixonou por alguém que sentia o mesmo por ela. Que ela ao menos experimentou o amor antes de... — Ele chorou.

— Ela não vai morrer, Mason — garanti com uma convicção abalada. — E eu daria tudo que tenho para trocar de lugar com ela neste momento. Tudo. — O homem sondou meu rosto. — Ainda que venha a não gostar, ou que me demita assim que sairmos por aquela porta, você precisa saber que não existe nada mais recíproco do que os sentimentos que tenho por sua filha, Cahill.

— O que acha que ela faria comigo se eu te demitisse? — Sua voz soou amena, curiosa e seus olhos se perderam em um ponto à frente.

— Com certeza ela explodiria um dos seus laboratórios. — Ele sorriu.

— Ou atearia fogo ao meu Porsche favorito.

— Consigo imaginá-la fazendo isso — sussurrei. — Acredita que ela atacou meus irmãos com uma frigideira?

— Aquele tatuado?

— Os dois.

— Isso é muito a cara dela. Minha menina corajosa. — Ele começou a rir de um jeito frenético que logo se transformou em um choro desesperado.

— Sinto não conseguir dizer nada que o conforte — falei sem tirar a mão do seu ombro. — Não sei como colocar em palavras tudo que estou sentindo agora. É como se eu estivesse prestes a morrer.

— Isso já é o bastante — ele sussurrou.

Ficamos um longo tempo em silêncio, esperando qualquer notícia que fosse. A pressão de Mason subiu e ele começou a passar mal, mas se recusou a receber atendimento.

— Precisa estar bem para recebê-la, Mason — aconselhei.

— Aceite a medicação senhor — Wood insistiu.

— Você vai ficar aqui, Lobo? — ele questionou, aflito.

— Não arredarei um pé daqui. — Ele meneou um aceno, confirmando, e só então seguiu com Wood até a sala de atendimento eletivo e logo foi medicado, mas não quis ficar por lá e voltou para o lugar que estava, ocupando uma vaga ao meu lado.

Recostei minha cabeça na parede. Lyon e Ray estavam sentados à minha frente com um semblante tão perdido quanto o meu quando um burburinho começou entre os diversos seguranças que aguardavam no corredor.

Virei-me para ver o que era e todo o torpor em que em me encontrava cedeu à dor aguda e urgente que se espalhou por meu peito quando coloquei os olhos no homem de terno preto e cabelos cinzas, que mantinha uma postura rígida ao lado de Fantasma no fim do corredor.

— Mason, volto em um minuto ou dois — ele concordou quando me levantei.

Passei no meio dos outros seguranças e alguns deles me lançaram um cumprimento baixo, quase inaudível.

Meu pai e Fantasma seguiram por um caminho que levava às escadas do lugar e eu os segui. Entramos no lugar escuro e abafado. A porta rangeu atrás de nós e quando meu pai se virou para mim com um semblante preocupado e pousou a mão em meu ombro, eu voltei a ser aquele garoto assustado que apanhava e

sentia fome todos os dias. Mais uma vez, assim como na época em que ele me adotou, eu não tinha uma expectativa de futuro. Estava me agarrando a uma fé que nunca tive, sem rumo, perdido.

Ele me abraçou e me senti meio tonto.

— Sinto muito, filho. — Um tremor estranho se abateu sobre meu corpo, meus olhos arderam sem controle e eu me vi lutando contra a vontade absurda de chorar.

— Estamos com você, irmão. — Zion repousou a mão em meu ombro e tive que piscar incansavelmente para expulsar aquelas malditas lágrimas.

Recostei-me na parede do vão entre as escadas, meu pai ficou à minha direita, e Zion, à esquerda.

— Pelo que descobri vindo para cá, a senadora foi atingida por três tiros, a maioria nas pernas e vai direto para a prisão assim que sair do hospital. Tudo foi gravado e temos provas o suficiente. Já a jovem que esfaqueou a senhorita Cahill morreu no local — meu irmão informou e mais uma vez me senti um tolo, imbecil. Eu sempre desconfiei de todos ao meu redor, principalmente quando estava com um VIP e Carla era, sem sombra de dúvidas, uma das possibilidades. Mas ela se tornou uma suspeita tão remota que eu acabei perdendo os detalhes e permiti que ela chegasse perto demais. Agora Jasmin estava lutando pela vida por culpa daquelas duas traidoras.

— Pensei que a senadora também tivesse morrido. Deveria ter checado para garantir. — Fui tomado pelo mais puro rancor e uma súbita vontade de matar aquela mulher a qualquer custo. Ela nunca me enganou, mas Carla? Ainda me sentia nauseado de

pensar que a desgraçada conseguiu passar pelo meu radar daquela forma.

— Deixe que o destino se encarregue disto, filho. Ela vai pagar pelo que fez, mas gostaria de entender o que levou a senadora e aquela moça a atacarem sua VIP no meio de tantas testemunhas. — Meu pai quis saber. — Elas se assumiram como a assassinas e ainda correram o risco de morrer.

— Só existe um sentimento capaz de fazer uma pessoa abrir mão de tudo que tem e agir por impulso desta forma. — Fantasma fechou o punho com os pensamentos perdidos.

— Medo — completei e ele concordou. — Devia existir alguma ligação entre as duas que ainda não sabemos.

— A senadora deve ter se visto em uma sinuca de bico. Talvez ela tenha achado o destino que teria ao atacar a senhorita Cahill naquele lugar, diante toda a tropa de seguranças da Holder e até mesmo o pai da jovem, melhor do que enfrentaria caso ela saísse dali com vida.

— Pode ser.

— Deixe isso com Snake. Ele vai descobrir as motivações por trás de toda essa história. — Meu pai concluiu. — Fantasma me contou sobre o apreço que tem por aquela jovem. — Torci os lábios, sem saber o que meu pai acharia daquilo.

Evitei encontrar com meu pai na semana que passei organizando os detalhes da segurança daquela festa exatamente porque sabia o que ele acabaria questionando e não sabia se estava pronto para ter aquela discussão com ele, mas ali, diante tudo o que aconteceu, eu só queria dizer a verdade.

— É mais que apreço, pai — admiti. — Sei o que pensa sobre isto, e sei também que manter uma relação profissional com a VIP era uma das minhas regras mais absolutas, mas eu a quebrei e acabei me envolvendo com Jasmin — revelei de uma vez. — E não me arrependo. Sinto muito.

— Não há o que sentir, filho. — Ele tocou meu ombro. — Eu condenaria qualquer um de vocês que tivesse mantido alguma relação leviana com uma das VIPs, é verdade, mas o que vejo aqui não é algo passageiro. Você parece gostar mesmo da menina e quem sou eu para privá-lo de um dos sentimentos mais primorosos da vida? — Ergui os olhos para meu pai, que amou uma única mulher em toda a sua vida. Uma mulher que o traiu. — Estou feliz, filho. É algo que sempre desejei para vocês três, mas não use isto como exemplo, ouviu, Zion? Se arrumar problema com uma das VIPs vai se ver comigo.

— Não se preocupe, meu pai. Jamais farei algo do tipo. Vamos deixa Lobo ser a ovelha premiada mais uma vez. — Zion tentou me animar, mas um segundo depois o nó doloroso estava lá mais uma vez, sufocando-me.

— Tenha fé, Christopher — meu pai disse.

— Não sei o que vou fazer se ela não sobreviver. Só de imaginar é... sufocante demais para suportar. — Levei a mão até o peito. A dor adentrando cada centímetro de pele.

— Ela vai ficar bem, filho. Mantenha as esperanças.

— Pensei que fosse brigar um pouco mais pelo meu envolvimento com uma VIP — Olhei para ele, com as sobrancelhas erguidas.

— Prometo arrancar uma das suas orelhas só quando ela já estiver se recuperando no quarto, mas até lá, estamos aqui para te apoiar. — Abracei-o com vontade, apoiando-me no único lugar que já me senti seguro na vida. Ao lado do meu pai. — Você é um menino bom, filho, passou por muita coisa na vida. Não sou eu quem vai decidir quem pode ou não mexer com esse seu coração. Mas seja lá como for, consigo ver no seu olhar aflito o quanto aquela jovem é importante para você.

— Se apoie em nós, irmão. Vai dar tudo certo e logo a senhorita Cahill vai estar por aí empunhando suas frigideiras. — A sombra de um sorriso permeou meus lábios e me senti grato por ter ao meu lado aquela família tão diferente da convencional e incrivelmente perfeita do seu próprio jeito.

— Obrigado. — Tentei manter a postura. — Preciso voltar para caso tenhamos alguma novidade.

— Sim, claro. Também preciso dar uma palavrinha com meu amigo lá dentro. — Ele se referiu à Cahill e voltamos para a sala de espera.

Meu pai se sentou ao lado de Mason e eles passaram um longo tempo ali, conversando, enquanto Shaw encarava meu pai e Fantasma como se estivesse diante de algo sobrenatural. Poderia rir da expressão fascinada do rapaz, se não fosse a preocupação constante que me fazia prender a respiração de minuto em minuto.

— Senhor Cahill? — uma médica chamou da entrada do centro cirúrgico e todos, incluindo os quatro seguranças de Jasmin, foram correndo até ela. — Acabamos a cirurgia neste minuto. Agora estamos contando com a... — Antes que ela terminasse de falar, um som agudo reverberou pelo corredor e a médica se virou aflita para

o bip incessante. Enfermeiros e outros médicos começaram a correr em direção à uma sala específica e por um instante senti que meu coração fosse parar.

Não sabia explicar como, mas de algum jeito eu sabia que era ela. A médica pareceu desorientada e nos pediu licença. As luzes lá dentro continuavam piscando, indicando algo que eu não queria aceitar e antes que pudesse me controlar, entrei correndo no corredor do centro cirúrgico, ignorando os avisos de impedimento e ouvi mais passos vindo atrás de mim.

O hospital de luxo comportava várias salas de cirurgia, todas com uma das paredes de vidro transparentes e não demorou até que eu a encontrasse. Senti as lágrimas descerem por meu rosto assim que coloquei meus olhos nela. Jasmin parecia menor deitada sobre aquela maca, os olhos fechados e vários fios ligados a ela me deixaram em pânico. O bip frenético avisava que algo estava errado.

— Jasmin — sussurrei fraco quando vi trazerem o desfibrilador. Outra parada cardíaca. Minha pequena estava lutando pela vida e eu me sentia um inútil, incapaz de ajudá-la. — Jasmin, reaja! — implorei, recostando-me no vidro a cada vez que via seu peito subir e descer com a força que o equipamento irradiava. Vários médicos a cercaram, injetando medicamentos, tentando salvá-la de todas as formas. — Por favor, amor, reaja! — gritei e implorei para que ela acordasse, para que aquele som maldito e constante voltasse a palpitar, junto com seu coração.

Ouvia o choro dos homens perto de mim, que tentavam se controlar e amparar Cahill de alguma forma, enquanto meu pai e meu irmão também se mantinham firmes ao meu lado. Mas nada,

nem ninguém poderia ser capaz de arrancar o desespero tatuado em minha pele ao ver que ela não estava voltando.

A dor em meu peito foi se espalhando por todas as células.

— Por favor, volta. Volta pra mim. — Chorei, tentando negar o que estava bem diante dos meus olhos.



De joelhos, eu pedirei uma última chance
para uma última dança
Porque com você, eu resistiria a
Todo o inferno para segurar sua mão
Eu daria tudo por nós
Dou qualquer coisa, mas eu não vou desistir
Porque você sabe, você sabe que eu te amo
Far Away – Nickelback



CAPÍTULO 27

Jasmin Cahill

Continuei subindo a colina verdejante, sentindo o vento leve brincar com os fios dos meus cabelos. O sol tocava meus braços e uma sensação de leveza pairava no ar, a não ser pelos quilômetros incansáveis que eu continuava a subir e subir, sem parar.

— Deviam ter colocado uma escada rolante por aqui. — Ouvi uma risada e virei o rosto em busca do som. Não havia ninguém.

Continuei subindo e até que enfim cheguei ao topo, onde uma floresta exuberante se espalhava pelo horizonte, com uma grande cascata ao fundo.

— Que lindo — sussurrei ao vento. Uma paz indescritível preencheu meu coração.

— É lindo, mas não é seu lugar, Jasmin. — Saltei no mesmo lugar quando a voz de Magnólia me atingiu como um raio.

Encontrei minha irmã segurando a mão de nossa mãe do outro lado de um grande abismo entre duas colinas. Meus olhos marejaram e eu comecei a chorar.

— Mãe, Magnólia! — Fui em direção ao abismo. Tudo que queria era abraçá-las.

— Não! — mamãe gritou e esticou a mão. — Não pode cair no abismo, minha filha. Volte por onde veio, este ainda não é seu lugar.

Meus olhos se prenderam aos dela. Ambas reluziam sob a luz do sol, como dois anjos olhando pela terra. Magnólia estava deslumbrante, com um sorriso lindo preso ao rosto delicado e minha mãe... meu Deus, ela era mesmo parecida comigo.

— Quero muito estar com vocês, mamãe. — Virei-me para minha irmã que me observava com um sorriso gentil. — Senti tanta sua falta, Mag. Tanta. — Solucei. — Acho que subi a colina errada, eu vou descer e subir a outra colina. Quero estar com vocês.

— Jasmin — Magnólia chamou. — Nunca deixamos de estar com você, mas sua história é outra. Precisa mudar um pouco aquele mundo.

— É hora de ser livre, filha. — Mamãe ergueu a mão fina em minha direção e Magnólia fez o mesmo. — Volte e seja feliz. Esperaremos por você.

— Mas não se apresse. — Minha irmã completou e levei a mão ao peito com a súbita dor que me atingiu ali.

Gritei e caí de joelhos com o ardor que parecia queimar cada centímetro do meu corpo e um instante depois, tudo se transformou em uma escuridão calma e indolor. Fui abraçada por um silêncio profundo.

2 dias depois

Abri os olhos e suguei o ar com força. Luzes claras ameaçavam me cegar.

— Ela acordou de novo — uma voz feminina disse.

Minha cabeça estava rodando e todo o meu corpo parecia ter passado por um moedor. Minha mente vagava através de

fragmentos de memória, como se eu tivesse acordado naquele mesmo lugar algumas vezes até de fato me dar conta de que estava ali.

— Ei, seja bem-vinda, guerreira. — Outra, ainda mais feliz, completou. — Agora ela está consciente. — O homem se aproximou dos meus olhos com uma luz forte. — A senhorita passou por uma cirurgia de urgência há dois dias e agora está se recuperando na UTI. Fique calma, o pior já passou.

— Consegue me dizer seu nome? — a mulher perguntou ao se aproximar de mim. — Acho que ela vai voltar a dormir, assim como nas outras duas vezes em que acordou — sussurrou para o homem, como se eu não estivesse escutando-a.

— Jasmin... meu nome. — Tentei engolir, mas o simples movimento me causou dor e um cansaço extremo.

Pisquei e virei o rosto. Antes que pudesse entender o que estava acontecendo, meus olhos perdidos pousaram em um grande vidro na lateral do quarto, onde várias pessoas estavam escoradas. Muitas delas choravam e demorei a reconhecer meu pai entre eles. Também havia um homem, alto, robusto. Ele chorava copiosamente, apoiado no vidro. Os olhos vermelhos, ainda destacavam os dois pontos de luz de cores diferentes e ele dizia coisas estranhas, que eu não conseguia entender, mas que por algum motivo me fizeram sorrir.

Meu Lobinho...

Fechei os olhos, cansada demais para mantê-los abertos.



Acordei em um quarto de hospital amplo e muito arejado, com alguns arranjos de flores e até mesmo um ursinho de pelúcia, guardados em sua extremidade. Meu pai estava sentado ao lado da cama, os olhos pressionados pelos dedos impediam que ele me visse observando-o. Pisquei algumas vezes e comecei a notá-lo. Parecia mais magro, infinitamente mais abatido e as lembranças do que tinham acontecido naquela festa retornaram à minha mente.

— Avisei que era melhor mudar a rotina no trabalho. Veja só o senhor, está um caco. — Minha voz surgiu baixa e muito rouca. Ele abriu os olhos em um ímpeto de segundo e os arregalou de um jeito engraçado.

— Jasmin! Meu Deus, você acordou. — Ele ficou de pé e envolveu meus ombros em um abraço. — Minha filhinha. — A voz embargada me emocionou. — Sinto tanto por tudo que aconteceu. Perdoe-me, por favor, me perdoe.

— Nada disso foi culpa sua, pai — falei lentamente. Ainda não tinha recuperado meu raciocínio por completo e a dor constante no peito estava me esmagando. — Aquelas víboras estavam infiltradas entre nós por muitos anos. Nem mesmo os seguranças poderiam desconfiar delas. Quando eles foram contratados, elas já faziam parte da nossa vida, não os puna, por favor.

— Não faria isso de forma alguma. — Ele beijou minha mão.

— Não entendo, pai... qual foi a motivação. Por que elas fizeram aquilo? — Meus olhos transbordaram de lágrimas à medida que eu me dava conta de que minha tia, que eu amava como uma mãe e minha melhor amiga, que eu considerava como uma segunda irmã, me traíram daquela maneira suja. A dor era desoladora. Física e emocionalmente e eu não conseguia entender em qual mundo

paralelo aquelas duas poderiam se encontrar. Nunca tinha notado nenhuma proximidade nas raras vezes em que Claire viu Carla na mansão.

— Não vamos falar disso agora, está bem? Prometo te contar tudo quando você estiver um pouco mais forte.

— Não, pai! — Insisti, piscando vezes seguidas na tentativa de expulsar as lágrimas. — Eu preciso saber. Qualquer coisa que seja, eu preciso... ela era minha amiga, pai. Desde quando estudávamos na escola e minha tia... meu Deus, nada faz sentido. Preciso de uma luz, ainda que seja breve, por favor, me diga qualquer coisa que faça sentido. — Ele observou meu rosto com cautela. Alguns vincos se formaram entre as sobrancelhas grossas e por um instante seus olhos se perderam. Ele me conhecia muito bem para saber que eu não desistiria de descobrir a verdade.

— Sabemos muito pouco até agora — revelou. — Pelo visto, Claire tinha um amante. — Ele sorriu, amargo. — O pai da Carla, um homem chamado Matías.

— O quê? — Soprei, fraca. O homem dos olhos mais tenebrosos que eu já vi era amante dela?

— Snake conseguiu acessar várias mensagens e transações envolvendo os dois. Parece que estão juntos há muitos anos. Talvez já se conhecessem antes mesmo de Claire chegar até nossa família. Tudo que conseguimos descobrir até agora era que o homem trabalhava para um dos cartéis mais perigosos que atuam em Chicago. — Ele deu um tapinha em minha mão, tentando me confortar de alguma forma.

— Então Carla também fazia parte de tudo isso. — Não foi uma pergunta.

— Sinto muito, querida. Acreditamos pela linha de investigação que Carla foi inserida em sua vida propositalmente. Como uma segunda opção caso tudo que tentassem desse errado.

— Por tantos anos assim? Como ela conseguiu fingir por todo esse tempo, pai? Como... — Comecei a respirar com dificuldade. Uma dor aguda se instaurou em minha garganta. — Ela chorava comigo, ela... sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis. Tem certeza de que era ela mesmo, pai? — Ele me abraçou e libertei as lágrimas dolorosas que estava prendendo. Tudo aquilo era muito surreal.

— Sinto tanto que tenha sido enganada desta forma, filha.

— E-ela... onde ela está? Preciso ouvir dela, pai. Preciso que aquela falsa olhe na minha cara e me diga o motivo pelo qual depois de tantos anos de amizade ela resolveu me esfaquear na porra da festa que eu confiei a ela. — Exaltei-me e demorei a me dar conta do palavrão que tinha dito. — Desculpe por isso, mas ainda quero vê-la.

— Minha filha... — Ele suspirou pesadamente. — Carla não sobreviveu. E eu seria um hipócrita se dissesse que queria que tivesse sido diferente, porque não queria. Ela tentou tirar o que tenho de mais precioso e isso, não posso permitir. — Ele olhou para um ponto fixo no chão. — Tenho para mim que Claire esquematizou tudo. Afinal, se Carla te matasse e morresse logo em seguida, ela nunca seria acusada de nada. O azar dela foi que havia câmeras noturnas instaladas no lugar para caso Naish tentasse fugir. Elas gravaram tudo. Claire também foi alvejada, mas sobreviveu e foi enviada para um lugar de onde espero que nunca mais saia.

Meus lábios tremeram e meu pai se inclinou novamente, envolvendo-me em seu abraço protetor até que eu me acalmasse.

— Promete que vai me contar todos os avanços que fizerem na investigação? Quero entender cada detalhe e o quanto elas foram capazes de se camuflar em nossa vida.

— Eu prometo, mas até que esteja recuperada, não vamos voltar a falar nisso, está bem? Veja o quanto está tremendo, filha. — Ele cercou meu rosto com as mãos. — Temos motivos demais para comemorar, não permita que elas roubem a felicidade que demorarmos tanto para conquistar. Sei que agora está se sentindo destruída pela traição que ambas fizeram com você e eu te entendo, Claire era minha noiva. Ia me casar com ela, mas por sorte, descobrimos as maçãs podres antes de a levarmos para nossa geladeira.

— Que ditado é esse? — Estreitei os olhos e ele riu.

— O que eu quis dizer é que tivemos sorte de, mesmo depois de anos, descobrir quem elas eram de verdade. Toda erva daninha foi retirada, filha. Daqui em diante poderemos viver em paz. — Ele se afastou e apertou minha mão. — Estão todos ansiosos para vê-la logo. — Funguei, recompondo-me da melhor forma possível, o que não significava muito.

— E o... — Tentei me sentar, mas o simples movimento me fez gemer.

— Fique quietinha, está bem? — Meu pai tentou endireitar, aflito, os travesseiros ao meu redor. — Acho que estava querendo perguntar por Lobo. — Meu coração, que parecia um pouco mais fraco do que o normal, pulsou dolorosamente.

— Ele veio me ver? — A esperança tola que surgiu em minha voz me deixou irritada.

— Se ele veio te ver? — Meu pai riu. — Você passou dois dias na UTI e faz um dia que está neste quarto, e em nenhum dos momentos que passamos ele saiu do seu lado. Ele ficou em frente ao vidro da sala da UTI até que viesse para o quarto, e saiu do lado desta cama por poucos minutos. Christopher passou o tempo todo aqui, com você, minha filha. E olha que tentei convencê-lo de ir ao menos descansar um pouco.

— Está chamando-o pelo nome?

— Nos aproximamos bastante nestes últimos dias. — Meu pai sorriu e a porta atrás dele se abriu.

— Mason, Wood pediu que verificasse... — Ele parou de andar e se calou no minuto que colocou os olhos sobre mim.

— Vou conferir o que Wood quer e pedir que um médico venha te ver. Volto em breve, minha filha. — Papai beijou minha mão e meneou um aceno rápido ao homem que me encarava petrificado perto da porta.

A emoção que rasgou meu peito ao vê-lo fez meus olhos marejarem. Breves flashs da imagem de Christopher chorando através daquele vidro retornaram à minha mente. Ele também parecia abatido, com olheiras profundas sob os olhos, a barba mais insinuada descia grossa pelo maxilar.

— Christopher — chamei seu nome e ele veio até mim quase correndo.

— Meu amor. — Ele inspirou o ar com força e seus braços começaram a tremer. — Meu Deus, obrigado! — Ele envolveu minha nuca e beijou minha testa, aflito. — Obrigado — sussurrou

em minha pele e as lágrimas começaram a escorrer por meu rosto, sem controle. Meu próprio coração parecia chorar em um misto de alívio e desespero. — Não faz ideia do medo que tive de perdê-la. — Ele estremeceu e sua boca procurou a minha em um beijo casto, contido. Ele me tocava como se a qualquer momento eu fosse me esfarelar bem diante dos seus olhos. — Perdoe-me, Jas, por tê-la deixado só. Nunca deveria ter feito algo assim, eu não... meu Deus. — Segurei sua mão entre as minhas e tentei sorrir.

— O que aconteceu com o mundo que todos estão me pedindo perdão? — Brinquei, mas notei que seus olhos ficaram muito vermelhos, como se estivesse fazendo uma força absurda para não chorar e engoli em seco, emocionada demais. — Você deu o seu melhor. A culpa não foi sua. Não se desculpe, Lobinho. — Chorei ainda mais quando vi seus olhos molhados sondando meu rosto com tanto cuidado e proteção.

— Não chore, meu coração. — Ele me abraçou. Lobo tinha cheiro de casa, de amor, de felicidade e me agarrei ali por longos minutos, um buscando afago nos braços do outro. — Tive tanto medo de que não acordasse novamente. — Ele se inclinou e depositou mais um beijo em minha boca.

Seus olhos desceram para os curativos em minha barriga e perna.

— Como está se sentindo?

— Dói em toda parte, até mesmo quando respiro, mas vou ficar bem.

— Vou cuidar para que fique. — Christopher segurou minha mão e percebi que ainda estava tremendo. Ele notou que eu tinha reparado e seu semblante se tornou sério e intenso. — Pensei já ter

vivido uma boa cota de coisas ruins na vida e que nada seria capaz de mexer comigo novamente, mas me dei conta de que estava enganado. — Os olhos intensos de Lobo continuaram profundos, sondando-me. — Quando não se tem esperança, qualquer coisa que acontece em sua vida é aceitável, mas quando você ganha algo bom e precioso, sua vida muda completamente. E eu ganhei você, coração, e agora é mais fácil desejar a morte do que imaginar perdê-la. Você é a luz na minha escuridão e descobri que sem você eu fico perdido, desnorteado.

— Não é bom fazer uma recém-operada chorar. — Lágrimas sinuosas desceram por meu rosto e ele tocou em cada uma delas com a ponta dos dedos.

— Eu te amo, meu anjo. Não sabia colocar os sentimentos que mantinha por você em palavras, até encontrá-las e temi mais do que qualquer coisa não ter tempo de te dizer isto. — Ele beijou minha testa por um longo tempo, enquanto meu coração se mostrava forte, batendo acelerado a cada nova palavra que ele dizia. — Te amo mais que tudo, minha encrenqueira. Por favor, nunca mais me dê um susto assim na vida.

Sorri e enlacei seus ombros com meus braços. O amor que sentia por aquele homem palpitava forte em meu peito e não contive a sensação de ter encontrado um pedaço do céu para chamar de meu.

Lobo

Passei a próxima hora no quarto com Jasmin enquanto os médicos a avaliavam, junto com Cahill que estava visivelmente mais relaxado, assim como eu.

Jasmin me deu um grande susto. Nunca me senti tão apavorado quando pensei que fosse perdê-la e agora, ficar cinco minutos que fosse longe daquela garota me deixava ansioso e desesperado, mas ela estava bem assistida e eu, tinha algo muito importante para fazer.

Apressei meus passos pelo corredor do hospital e parei quando encontrei os quatro guarda-costas de Jasmin tomando café no espaço reservado do hospital, enquanto assistiam a um jogo de basquetebol na televisão disposta para os acompanhantes.

— Senhor Holder! — Shaw se levantou assim que me viu.

— Jasmin acordou — revelei com alegria e logo uma gritaria irradiou pelo lugar.

— Fiquem quietos, querem que sejamos expulsos? — Wood ralhou com os três e tive que conter um sorriso.

— Vamos visitá-la! — Ray colocou-se de pé em um pulo e já estava quase passando por mim quando o agarrei pelos ombros.

— Antes de irem vê-la, preciso que me respondam uma coisa.

— Sim, senhor. — Um a um foi respondendo e Wood deu um gole em seu café antes de se aproximar de mim.

— Que pergunta? — o homem questionou.

— O passaporte de vocês está em dia? — Eles se entreolharam, sem entender nada.

— Não tenho passaporte, senhor. Nunca viajei para canto nenhum — Shaw respondeu.

— Então acho melhor providenciar um. Não era você que vivia falando o quanto queria ir para Israel?

— O que quer dizer com isso, senhor? — Shaw perguntou e se inclinou para a frente com uma careta divertida.

— Bem, neste período que trabalhei com vocês, encontrei qualidades únicas, que os transformam em excelentes guarda-costas, ainda que meio... atrapalhados. — Wood tossiu e Shaw riu. — Mas a verdade é que a união e comprometimento de vocês é excepcional. — Eles me encaravam em um misto de confusão e surpresa. — Ontem tive uma conversa com meu pai quando ele veio ao hospital ver como Jasmin estava e quero saber se gostariam de trabalhar para a Holder Security. E se aceitarem, todos ganharam o curso de treinamento para guarda-costas na International Security School, em Israel, obviamente com todas as despesas pagas.

— MISERICÓRDIA! — Shaw gritou, eufórico, e fez com que todos nós caíssemos na risada.

CAPÍTULO 28

45 dias depois
Lobo

Meus pés batiam contra o chão em um ritmo constante e repetitivo. Lyon e Ray cobriam a entrada do corredor principal na clínica em que estávamos, enquanto eu aguardava a saída de Jasmin da sua primeira consulta oficial com a terapeuta, depois do incidente.

Minha pequena tinha recebido um atendimento inicial ainda no hospital e foi encaminhada à terapia assim que se recuperou do atentado contra sua vida. O que seria de grande ajuda, já que os dias que se sucederam após sua alta foram extremamente dolorosos para Jasmin. Ela ainda estava aceitando toda a traição que sofreu das pessoas que tanto amava e vê-la tentar escalar a muralha de dor que ainda a afligia desde o ataque me deixava inquieto, preocupado e muito perturbado.

Também não gostava de pensar naquele dia maldito. A mera lembrança me causava o mais puro pânico. Quase ter perdido Jasmin abriu meus olhos para algo que sempre soube, mas costumava ignorar com frequência. Que a vida nada mais era que um sopro. Às vezes perdíamos pessoas que levavam embora grande parte do nosso coração e eu bem sabia que se ela tivesse morrido naquela noite, eu nunca mais seria o mesmo e só me restava gratidão por ela ter sobrevivido.

Sentia que também renasci naquele dia e depois que saímos do hospital, voltei à mansão Cahill e acabei tirando férias da Holder Security, algo que nunca fiz antes, para ficar ao lado dela na recuperação. E já estava meio apavorado em saber que meus dias com Jasmin estavam no fim.

A verdade era que me sentia cada vez mais apegado a ela e já estava bolando mil planos para conseguir vê-la depois que começasse a trabalhar com outros VIPs. Teria que inventar uma desculpa para aparecer todas as noites na mansão Cahill, ou enlouqueceria longe dela que, por sinal, deu muito trabalho na recuperação.

Jasmin não entendia que ficar de repouso significava nada de sexo e usei de todo o meu autocontrole e persistência para não ultrapassar aquela barreira, ainda que estivesse louco de vontade por dentro.

Tudo que eu queria, de todo o meu coração, era que ela se recuperasse logo. Bem sabia que mesmo com o passar dos anos, Jasmin nunca esqueceria tudo que aconteceu. A perda da irmã e a traição da tia e da amiga sempre estariam à deriva em sua mente, mas torcia para que com o passar do tempo, aquelas lembranças parassem de doer, e estava disposto a fazer absolutamente tudo para ajudá-la naquele processo.

— Obrigada, doutora Tucker. — Ela saiu da sala da terapeuta com um largo sorriso no rosto.

O vestido rosa floral foi decorado pela cascata de cabelos estupidamente loiros de Jasmin, que caíam em ondas pelas costas nuas. Ela expandiu o sorriso assim que me viu e a doutora, que era uma mulher baixinha, também loira, estreitou os olhos cinza em

minha direção e abriu um sorriso no rosto jovial. Ela devia ter uns 40 anos, mas tinha a impressão de que sua mente possuía ao menos um milênio em nível de conhecimento.

— Doutora Tucker — cumprimentei-a.

— Olá, senhor Holder. Que bom vê-lo novamente — ela retribuiu a saudação.

A mulher, que era uma indicação de Fantasma, me orientou a procurar uma outra terapeuta na semana passada, uma amiga de confiança, especialista em casos como o meu e, ainda que estivesse confuso em relação as coisas que ela falava, sentia que um ponto de luz foi encontrado na escuridão da minha mente e que bastava segui-lo para descobrir o caminho certo.

Esperava que minha Jasmin também o encontrasse.

— Lobinho. — Ela veio até mim e se colocou nas pontas dos dedos do pé para me beijar.

— Olá, meu Cristal. — Beijei seus lábios com carinho, apreciando o cheiro da essência floral em sua pele. — Como foi sua primeira vez?

— Sinto que você está em todas as minhas primeiras vezes. — Seu rosto corou com o comentário e me fez sorrir e dedilhar os malares delicados com o polegar.

— Quero sempre ser o seu primeiro, se é isso que deseja.

— Mais do que qualquer coisa. — Ela me abraçou e saímos de lá em direção ao carro.

Daquela vez, estávamos em dois veículos. Ray e Lyon no carro da frente, e Jasmin e eu no de trás. Shaw não estava conosco porque precisou resolver algumas pendências ao lado de Wood para emitir os documentos necessários para a viagem que fariam

em breve. Tudo estava acontecendo muito rápido, mas eu gostava, e muito, daquela aceleração.

Jasmin esperou até que entrássemos no veículo para começar a falar.

— Christopher, preciso que me leve a outro lugar antes de irmos para casa.

— Onde deseja ir, senhorita? É só dizer e a levarei. — Sorri, encarando-a pelo retrovisor.

— Para a penitenciária.

— O quê? — Virei-me para ela com os olhos arregalados. — Está maluca, Jasmin?

— Estava conversando com a terapeuta e acabei tomando duas decisões. — Certo medo me preencheu. — A primeira delas é que preciso saber o motivo pelo qual Claire fez aquilo. Principalmente se ela já sabia que seria pega. Nunca conseguirei nenhuma resposta de Carla, mas ao menos Claire pode me dizer alguma coisa significante.

— O que isso vai ajudar agora? Não muda o fato de que ela tentou te matar e você acabou de se recuperar, coração, não quero que se exponha a um estresse desses. — Ela deslizou pelo banco com aquela carinha que fazia meu peito se apertar e tocou a ponta do meu nariz com o dedo.

— Não faz ideia do que acontece aqui dentro quando você me chama assim. — Ela levou a mão até o coração e sorriu. — Sei que quer me proteger e me sinto a mulher mais sortuda do mundo por isto, mas preciso de um final para minha história. Um encerramento, senão, passarei o restante da vida me perguntando o motivo pelo qual elas fizeram isso, entende?

Merda, e o pior era que eu entendia. Ainda que desejasse amarrá-la com o cinto de segurança e levá-la de volta para a mansão, sabia que não deveria me intrometer. Era um assunto que ela realmente precisaria resolver, mas não sozinha.

— Ok, vamos até a penitenciaria, mas com uma condição.

— Qual é?

— Ficarei ao seu lado o tempo todo e não aceito nenhuma objeç...

— Estou de acordo — interrompeu-me.

— Sério? Assim, tão rápido?

— Como eu suportaria estar diante dela sem meu porto seguro ao meu lado? — Todo o receio que surgiu em meu coração no último minuto se desfez e me inclinei para beijá-la, entre os bancos. Suguei a boca macia com carinho e toda a devoção do meu coração.



Muita coisa tinha acontecido enquanto Jasmin se recuperava. Contei a Cahill toda a verdade sobre a discriminação que Jasmin sofria de alguns homens naquela empresa e ele começou a se livrar de um por um. Renovando a equipe de forma rápida e eficiente e cobrando favores há muito esquecidos, assim como ele fez com meu pai. Não preciso dizer que minha pequena caçadora de confusão queria a qualquer custo estar lá quando aqueles imbecis fossem demitidos, mas ela estava frágil demais para aquilo.

Snake estava nos mantendo informado sobre as descobertas que a agente Petrova, nosso contato na CIA, fez depois da prisão

de Naish, que por sinal, nunca mais seria visto, agora que estava sob os cuidados da agência, e de acordo com meu irmão, ele nunca mais seria capaz de machucar alguém, o que me trazia um alívio profundo.

E fora isso, a agente Petrova decodificou e analisou todas as contas interligadas à senadora e acabou descobrindo duas novas contas no exterior, que misteriosamente foram limpas, assim como também conseguiu rastrear cada uma das transações que a mulher fez e interligou tudo ao pai de Carla, que era um dos braços de uma famosa máfia Colombiana que atuavam em Chicago e foi preso um dia após termos capturado Naish, tentando fugir do país. Pelo visto, qualquer que fosse o laço que existia entre Claire e Matías se rompeu no instante em que ela foi presa.

Não sabia se a agente Petrova tinha respaldo na lei para fazer aquele tipo de coisa, mas um agente da CIA não era lá muito fã das regras, não é mesmo?

E pouco me importava o que ela fizesse, mas sim o resultado que obteria. Com toda aquela pesquisa, Petrova conseguiu listar pelo menos 20 nomes importantes interligados à senadora e com as provas dos crimes em mãos, acabou prendendo 17 deles.

A senadora Claire era a grande mandante por trás de tudo e negociava com donos de cartéis colombianos que atuavam em todo o estado, e vendia armas, tanto física quanto virtualmente, que só podiam ser fornecidas ao governo para uso do exército e forças armadas e o chefe de Matías era seu maior e mais perigoso cliente. Pelo visto, a mulher embolsou uma quantia maior que 8 dígitos, mas naquela altura todas as suas contas deviam estar bloqueadas, e eu acreditava que ela ia pegar um bom tempo na cadeia depois que

tudo aquilo foi exposto, se sobrevivesse atrás das grades, o que de fato torcia para que não acontecesse.

Nunca disse que eu era um homem bom.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Encarei as paredes do lugar, muito altas e cercadas por arames farpados.

— Sim, preciso olhar nos olhos daquela víbora ao menos uma vez. — Toquei sua mão com a minha.

— Estarei bem atrás de você.

Jasmin Cahill

A sala de visitas era estranha e sufocante, ainda que fosse espaçosa. Duas cadeiras estavam dispostas em frente à uma grande parede que era metade de vidro e metade de concreto. Nos sentamos ali, lado a lado. Havia alguns buracos no vidro para que se desse a comunicação entre os visitantes e os presidiários.

Comecei a remexer as mãos, sem saber o que de fato estava fazendo ali. Os dias passaram muito rápido, mas a verdade era que eu pensei em Claire em cada um deles. Haviam tantas perguntas que eu queria fazer a ela. Tantos porquês. Mas ao mesmo tempo, não sabia o que sentiria ao vê-la. Ansiedade, medo e apreensão me cercavam e só percebi que estava prendendo a respiração quando Christopher pousou a mão em meu ombro.

— Você consegue, coração. — Soltei o ar, exasperada.

A porta se abriu e ela passou pelo umbral guiada por um guarda do lugar. A mulher não deixou o cargo no senado, mas seria julgada como qualquer cidadão comum, como as regras do nosso

país imputavam e saber que ela estava atrás das grades me dava certa satisfação, o que não impelia o sentimento frustrante que sentia em relação a ela.

Claire parecia infinitamente mais pálida dentro daquela calça cáqui e camisa branca. Seus olhos claros encontraram os meus e a sombra de um sorriso permeou seu rosto.

— Não vou receber esta visita. — Ela se virou para o policial e estava prestes a sair pela porta quando me levantei da cadeira.

— Você nunca foi covarde, Claire. — Ela parou diante do comentário. Sabia que a tinha atingido. — Ou a prisão já te mudou?

Ela se aproximou, caminhando de forma elegante, a postura ereta e impecável, como uma modelo desfilando na passarela, se não fosse pelos pequenos pulos que ela dava com a perna direita, a que Lyon atingiu com dois tiros.

Ela se sentou diante de nós com um sorriso ameno no rosto e manteve as mãos algemadas sob a bancada.

Prendi a respiração quando fiquei diante dos seus olhos. Não sabia explicar a dor que despontou em meu peito e me paralisou por um momento.

Nunca fui uma mulher que se encolhia diante de qualquer revelação ou perigo. A vontade de sobreviver sempre me impeliu a reagir. Eu vestia uma armadura que me ajudava a fingir normalidade diante uma sala cheia de homens extremamente inteligentes que só tinham a intenção de diminuir cada palavra que eu dizia. E era aquela casca grossa que me obrigava a ser corajosa ao ponto de lançar uma garrafa contra um assassino no intuito de me defender e até mesmo utilizar de meios radicais, como uma frigideira para atacar qualquer pessoa que quisesse me ferir, mas ali, diante da

mulher que eu tinha tanto apreço, amor e carinho, sentia-me perdida.

Uma enxurrada de sentimentos me sufocou. Eu odiava a senadora Claire com todas as minhas forças. Ela não só matou minha irmã como também tentou me assassinar, mas a fisgada dolorosa que sentia em meu peito era por estar olhando para um rosto que eu nunca vi como assassino. Ela era minha madrinha, minha tia Claire.

Eu a amava de verdade, assim como amava Carla. O que provava que aquelas mulheres me enganaram direitinho.

— Você é bem difícil de matar. — Ela sorriu com a atrocidade que disse, e senti Lobo enrijecer o corpo ao meu lado. Levei a mão até sua coxa, tentando acalmá-lo.

— Não gosto que ditem o que acontece com minha vida. Principalmente quando querem decidir se devo viver ou não. Sabe como é, sempre fui uma desobediente irremediável, tia Claire — chamei-a e uma expressão de asco tomou seu rosto.

— Não gaste saliva me chamando assim, já tive que suportar isso por muitos anos. Poupe nosso tempo e diga logo o que veio fazer aqui. — Ela revirou os olhos e tentei conter toda a surpresa que me cercava ao conhecer aquele lado dela que nunca suspeitei existir.

— Vim porque fiquei curiosa — admiti. — O que levou uma mulher como você, uma senadora com uma carreira gloriosa pela frente, a cometer um ato burro como o de mandar que Carla me esfaqueasse no meio de todos os meus guarda-costas e na frente do meu pai? Era óbvio que seriam pegas, talvez até mortas, o que de acabou se tornando o fim de Carla e por mais que tente entendê-

la, não acho que sua inteligência a deixaria fazer algo tão... idiota — elogiei na intenção de aumentar seu ego e mantê-la presa à conversa.

Claire começou a rir e estreitei os olhos, confusa.

— Você não sabe de nada, Jasmin. Sou uma jogadora. Cada um dos meus movimentos foi cuidadosamente planejado e ter que te matar diante de quem quer que fosse, era com certeza uma das minhas opções. Em um jogo de xadrez, há jogadas em que a rainha precisa se sacrificar para proteger o rei. E foi isso que eu fiz. — Ela se recostou na cadeira, relaxadamente. — Vocês foram tão ridiculamente infantis. Como puderam criar uma festa falsa para capturar aquele idiota do Naish?

— Posso garantir que nosso plano foi um completo sucesso, caso contrário, você não estaria aqui.

— Tem razão — ela concordou, mantendo um sorriso que começava a me irritar. — Mas acharam mesmo que conseguiriam me enganar com aquela cópia malfeita de você? Soube que se tratava de uma impostora assim que ela começou a dançar. Você e a fedelha da sua irmã sempre dançaram de forma singular.

— Como você ousa falar assim dela, sua... — Levantei-me e bati a palma da mão no vidro que nos separava. Claire impulsionou o rosto para trás com o susto e Christopher se apressou em segurar meu pulso.

— Se acalme, Jas — sussurrou. — Não vai conseguir chegar a lugar algum assim. — Ele, mais do que ninguém, sabia que a raiva só nos prejudicava.

— Vocês dois são a coisa mais improvável que já vi. — Claire revirou os olhos e fiz menção de me levantar novamente, mas a

mão firme de Lobo continuava segurando a minha.

— Nunca foi coincidência, não é? — Cortei-a, e ela ficou confusa por um momento. Uma dor agonizante sondou meu peito. — Você insistiu para que eu fosse à festa de Carla e ainda me ajudou a convencer meu pai. Me presenteou com um par de brincos com rastreadores e, logo depois disso, sofremos a emboscada em um lugar que apenas eu, meu pai e você conheciam. Isso sem contar aquela psiquiatra. Levantei o histórico dela e depois que a polícia começou a investigação, descobrimos que nem médica ela é. Você estava me envenenando aquele tempo todo.

— Você é mesmo muito ingênua. — Claire se levantou.

E foi assim que me senti. Uma idiota sentimentalista. Estava tão abalada por tê-la encontrado que me perdi nos meus próprios questionamentos.

— Não vou desperdiçar meu tempo com você. — Ela estava prestes a sair dali e um desespero pungente me abalou.

— Espera, ainda tenho perguntas.

— Não quero respondê-las, assim como não pode me obrigar. — Abri a boca para me tentar convencê-la, mas Lobo foi mais rápido.

— Que tal uma troca? — Os olhos da mulher se fixaram nele.

— Você não tem nada que possa me interessar — desdenhou, mas pude ver a curiosidade nos olhos perversos.

— Responda todas as perguntas que ela quiser.

— E? O que ganho em troca?

— Uma informação — ele barganhou e ela riu alto.

— Não há nada que eu queria saber, principalmente de vocês. — Ela se virou.

— Talvez queira saber algo sobre Juan Esteban. — Ela parou de caminhar e quando se virou para nós, um par de olhos arregalados se destacavam em seu rosto.

— Quem é esse? — cochichei.

— O rei do jogo dela. — Ele me encarou paciente. — O chefe de Matías e provavelmente seu melhor cliente.

— O que quer saber, Jasmin, querida? — ela incorporou o personagem que usou para me enganar por tantos anos e me senti nauseada, mas nem sequer hesitei em disparar as perguntas que me atormentaram por dias a fio.

— O que ganharia com minha morte? E desde quando planejava matar minha irmã e eu? Já desejava isso quando conheceu minha mãe? — Parei para respirar e mantive meus olhos nela, ainda que a dor por encará-la ameaçasse me sufocar. — Quando foi que Carla entrou nos seus planos?

— São muitas perguntas. Espero que a recompensa seja em igual proporção. — Ela olhou para Christopher.

— Pode ter certeza de que será. Agora, responda.

— Não leve para o lado pessoal, Jasmin. Foram apenas negócios. — Ela suspirou, como se estivesse cansada de tudo aquilo. — Eu e sua mãe éramos amigas na faculdade e conheci seu pai um mês antes que ela colocasse os olhos nele. Pensei em me casar com Mason assim que soube que ele era dono da Hill e Cahill. Já conhecia Matías na época e tinha alguns contatos importantes no ramo em que ele trabalhava e sabia que precisava de apoio dos colombianos para alcançar o governo e expandir meu negócio. Seria muito mais fácil acessar todo o material que aquela empresa produz exclusivamente para o exército se fosse sua esposa. — Então ela

roubava exemplares das armas destinadas a organizações militares bem debaixo do nosso nariz. — Mas quando seu pai colocou os olhos em Sophie pela primeira vez, eu soube que as coisas não caminhariam como eu desejava. Mason se apaixonou pela sua mãe, minha, até então, melhor amiga... — Ela torceu os lábios. — Pensei que talvez precisasse me livrar dela para chegar aonde queria, mas tirei a sorte grande quando aquela maldita morreu algum tempo depois, mas em contrapartida, deixou as duas chatinhas dela para que eu cuidasse. — Claire revirou os olhos. — Já Carla foi uma sorte grande. A mãe da menina era envolvida com o tráfico e acabou morrendo, Matías como um bom negociador e investidor, apostou na filha para se aproximar de você. Ela passou a vida sendo preparada para ser nosso plano B, ainda que houvesse riscos e não se engane, pela quantia que ela recebia pela ajuda que dava ao pai, Carla estava mais do que disposta a dar um fim à sua vida — disse com serenidade. — Já eu, a via como uma válvula de escape. Se aquelas malditas câmeras não estivessem funcionando, como eu imaginava, ela levaria a culpa por tudo sozinha, e como sabe, os mortos não contam histórias. — Ela abriu um sorriso animado que me fez estremecer. — Mas a imbecil foi incapaz de te matar.

— Você é um monstro. — Soprei meio zonza. A dor começou a se expandir por meu peito diante da mulher que amei e admirei por toda uma vida, mas que agora me despertava o mais puro ódio.

— Isso eu não sou. Esperei até que seu pai me pedisse em casamento, longos anos depois da morte da sua mãe, para só então me livrar de vocês.

— Como você pôde? — Cuspi as palavras. — Como pôde nos trair desta maneira? Magnólia te amava como uma mãe, e eu também — disse com desprezo.

Não havia tristeza pela traição. Não havia decepção. Eu só conseguia pensar em quanto minha mãe confiou nela, em quanto minha irmã a amou e todo o meu coração foi tomado pela mais profunda cólera.

— Jasmin, só os mais fortes sobrevivem neste mundo terrível em que vivemos — avisou. — Trabalho para pessoas infinitamente mais perigosas do que eu, Matías e aquele imbecil do Naish juntos. Pessoas que precisam ter acesso aos projetos da empresa do seu pai, custe o que custar, caso contrário, minha cabeça será servida em uma bandeja em tantas formas diferentes que a morte rápida por um tiro de um de seus guarda-costas ou alguns anos na cadeia eram o menor dos meus problemas naquela noite. — Ela deu de ombros, com a lógica de quem está fechando um contrato.

Precisei respirar fundo para não começar a esmurrar o vidro entre nós.

— Assim que vi Lobo arrastar Naish para fora daquele lugar, eu sabia que ele ia me entregar diante da primeira oportunidade de conseguir algum acordo — continuou com tranquilidade. — Mas a morte da herdeira Cahill ia desencadear uma queda nas ações da empresa do seu pai, e ele se veria obrigado a vender parte delas, que seriam compradas pelas pessoas certas.

— Sem contar a grande parte que já estava em posse dos seus sócios, não é, senadora? — O rosto da mulher ficou lívido diante da pergunta de Lobo.

— Como sabe disso? — ela inqueriu.

— Um passarinho me contou que havia alguns infiltrados dentro da empresa. Pelo visto, pretendia usá-los para continuar fornecendo armas do exército para seus contatos sem ser descoberta, e eles, em troca, além de deixá-la bilionária, manteriam seu pescoço protegido, em qualquer lugar que fosse, até mesmo na cadeia — ela continuou com os olhos fixos nele. — Tem mais alguma pergunta? — Lobo me questionou.

— Não. — Levantei-me. — Só torço para que ela pague por tudo que fez.

— Ah, ela vai. Não resta dúvidas. — Lobo lançou um sorriso sarcástico para a mulher que perdeu um pouco mais a cor ao nos ver levantar.

— Espere, qual informação você tem sobre Esteban? — Lobo sorriu e entrelaçou os dedos em minha mão trêmula.

— O mesmo passarinho que me contou sobre seus infiltrados, também conseguiu decodificar todas as suas contas.

— Impossível. — Ela ficou de pé.

— Não para um agente da CIA sem nenhuma preocupação moral. — Claire arregalou mais os olhos à medida que entendia onde aquilo ia chegar. — Encontramos suas contas bancárias e todos os vínculos ligados a ela. A Hill e Cahill passou os últimos dias em auditoria e conseguiram descobrir cada uma das armas que você contrabandeou. Mas sabe o que mais me impressionou nisso tudo? — Ela continuou estagnada e eu, que não sabia daquela informação porque desde que saí do hospital fui colocada em uma redoma de ouro, acompanhava cada palavra com atenção. — Cada uma daquelas armas tinha um chip de rastreio e era natural que você removesse esses chips assim que as vendesse, mas não foi o

que fez. Ao contrário disso, você trocou a frequência com a ajuda de algum dos cientistas e criou uma sequência única, que só você poderia rastrear. Acredito que usou essa informação a seu favor, afinal, só desta forma você conseguiria manter todos os cartéis em suas mãos. Se cometessem um deslize, você conseguiria rastrear cada uma das armas que vendeu. — Ele sorriu amplamente. — Mas o seu erro foi ter criado um único código. — Deu de ombros. — Depois que descobrimos quais armas faltavam e localizamos o cientista infiltrado, foi fácil, com uma pequena ajuda de Naish, encontrar um único exemplar das armas roubadas e através dela, conseguimos localizar todas as outras.

— Você está blefando — ela sussurrou, sua boca perdia mais a cor a cada instante.

— Se é no que quer acreditar... — Ele deu de ombros. — A informação que tenho sobre Juan Esteban é que ele foi preso em posse de diversas armas ilegais, além de ter sido apreendido com toda uma carga de entorpecentes. Acho que era um navio com sete containers, se não me engano. — Ela despencou na cadeira novamente e Lobo continuou. — Matías limpou algumas das suas contas no exterior e tentou fugir do país. Pelo visto, ele ia abandoná-la à própria sorte com seu antigo chefe, mas foi preso antes que conseguisse escapar. — Ela estava paralisada, encarando-o. — Por sua causa, três dos principais chefes da máfia colombiana que atuam no país ganharam uma viagem só de ida para a cadeia, com provas suficientes para deixá-los lá pelo resto da vida. — Ele me abraçou.

— Sabe de uma coisa, Claire... — vociferei seu nome com escárnio. — O caminho que você escolheu é covarde. Não há honra

nenhuma nele, só tristeza e dor. Duas coisas que eu só conheci porque você me apresentou. — Respirei, tentando me acalmar. — Mas essa é a nossa grande diferença. Eu só trilho o caminho da verdade e aprendi com a dor a ser corajosa. Por isso você está aí, e eu, aqui.

— Se quer um conselho, é melhor não fechar os olhos essa noite. E em nenhuma das outras também. Sabe como Juan é temperamental e vingativo.

— Desgraçado! Seus desgraçados de merda. — Ela perdeu a compostura e saímos de lá sob seus berros estridentes.

— Conhece esse tal de Juan? — questionei quando voltamos ao carro.

— Não.

— E como sabe que ele é temperamental e vingativo?

— Qual mafioso não é? — Ele resvalou o polegar em meu queixo. — Está bem depois de tudo aquilo?

— Antes de vir até aqui eu só tinha uma imagem borrada do que parecia ser minha amiga me esfaqueando. — Estreitei os lábios. — Aquilo não fazia sentido. Eu precisava ouvir dela essa verdade, e agora, por mais confusa que esteja, me sinto melhor. Obrigada por ter ficado ao meu lado.

— Sempre estarei aqui, coração. Você é meu cristal mais precioso. — Ele se inclinou, beijando-me com vontade.

CAPÍTULO 29

Lobo

Pegamos a estrada já no fim da tarde e eu bem sabia que o dia não tinha sido nada fácil para Jasmin. Escutar todas aquelas palavras de alguém que ela amava tanto deve ter doído pra caralho e seu olhar perdido através da janela do carro confirmava minhas suspeitas.

-— Vamos fazer um pequeno desvio — avisei quando uma ideia me surgiu à mente.

— Aonde vamos?

— Em um lugar que você conhece e que, por sinal, é bem seguro. — Entrei na rodovia que nos levaria até o mirante da futura unidade da Holder Security, e pedi que Lyon e Ray aguardassem com o segundo carro na entrada do lugar. Queria ter um momento a sós com Jasmin, sem nenhuma interrupção.

Entrei no grande pátio e parei o carro bem próximo ao mirante, que nos revelou um pôr do sol exuberante no horizonte colorido.

— Meu Deus, o pôr do sol visto daqui é muito lindo. — Jasmin sorriu e notei que naquela parte da nova unidade, não havia um segurança sequer. Todos estavam concentrados na entrada do lugar, assim como Lyon e Ray.

Saí do carro e abri a porta do banco de trás, sentando-me ao seu lado. A envolvi em meus braços, apreciando seu cheiro delicioso de flores recém-colhidas. Ela subiu os olhos por meu rosto,

as pupilas aumentaram à medida que me observava com cautela e logo os fechou quando rocei a boca na dela lentamente.

Passei a língua pela carne, umedecendo-a, para só então tomá-la em um beijo profundo.

— Você é a mulher mais corajosa que eu já conheci. — Mordisquei seu queixo e subi para os lábios novamente. Sentia que o mínimo toque de Jasmin já me deixava duro, o que não facilitava em nada manter uma conversa racional.

— Acho que só pareço corajosa. Estava tremendo da cabeça aos pés. — Acariciei sua pele com a ponta dos dedos, descendo pelo pescoço com calma, passando pelo braço até resvalar na lateral do seio por baixo do tecido. Porra, como estava com saudade de tocá-la.

— Isso é medo, coração, e todos nós o sentimos. — Ela deu uma gemidinha baixa quando dedilhei o bico do seio que já estava rijo sob o tecido fino do vestido. — E existem dois tipos de pessoas. As covardes, que escolhem o caminho mais fácil e até mesmo o mais errado para fugir, e as corajosas, que enfrentam qualquer coisa, mesmo tremendo de medo. — Beijei-a com ardor e profundidade, sentindo o gosto fundo em sua boca.

— Desculpe, mas não entendi nada do que disse desde que me tocou. — Ela voltou a me beijar, dando aqueles pequenos gemidos que me levavam a loucura.

— Não foi para isso que te trouxe aqui, coração — avisei, apontando para o horizonte. — Foi para que relaxasse um pouco. A investigação na sua empresa ainda está em andamento, e já que ainda não podemos sair por aí como gostaríamos, pensei em trazê-la para ver o pôr do sol...

— Que combina muito com beijo. — Ela enlaçou os dedos nos cabelos em minha nuca e me puxou para seus lábios. Podia sentir o calor emanar através deles e espalhar por todo meu corpo.

— Você não tem jeito.

— Foi você quem me provocou. — Ela mordeu minha boca. — Já faz quase dois meses, e me sinto ótima o bastante para caçar confusão em uma penitenciária. Estou em perfeito estado. Quando é que vai voltar a me tocar direito? Sinto tanto sua falta — choramingou e subiu em meu colo, erguendo o vestido até que sua calcinha resvalasse em meu membro duro.

— Jasmin! — chamei, aflito e olhei para todos os lados.

— Não tem ninguém olhando. — Ela se inclinou, beijando-me com afinco e não consegui pensar em mais nada no instante em que senti sua língua em minha boca. — Quero ter você dentro de mim, Christopher. — Ela rebolou em meu colo e porra, se continuasse a fazer aquilo eu acabaria gozando nas próprias calças.

— Vamos só... brincar um pouco, está bem? — ela concordou ofegante.

Apertei sua bunda e enfiei os dedos na carne, puxando-a mais para mim. Desci as mãos por suas pernas desnudas, entrando em sua coxa, jurando que não passaria de pequenos toques até encontrar sua calcinha encharcada.

— Porra, amor! — praguejei contra sua pele macia enquanto descia as alças do vestido.

— Eu disse que estava com saudade. — Os seios rosados despontaram diante de mim e ela jogou a cabeça para trás quando capturei o bico muito duro com a boca, dedicando atenção a cada um deles.

Nossas respirações oscilavam em um misto de desespero, saudade e tesão que criou uma sinfonia de gemidos, rosnados e sons que revelavam nosso prazer. Penetrei-a com dois dedos, brincando com seu sexo e estremeci ao senti-la tão quente por dentro. Jasmin começou a rebolar em meus dedos emitindo ruídos baixos e constantes, como uma gatinha, miando em cima de mim. Vê-la assim era enlouquecedor.

— Christopher! — perdi o controle no instante em que ela tremeu em meus braços quando o orgasmo a atingiu. Seu sexo se fechou ao redor dos meus dedos e quando me dei conta, já tinha aberto o zíper da minha calça.

Ela sorriu, surpresa quando a ereção pesou em sua barriga. Segurei seu rosto e mantive seu olhar no meu enquanto me encaixava em sua entrada muito quente. Ela fechou os olhos quando comecei a empurrar e mordeu os lábios, tombando a cabeça para trás.

— Que delícia! — rugi contra sua pele à medida que a sentia comprimir meu membro em seu interior apertado. Penetrei-a centímetro por centímetro, sentindo-a escorrer sobre minha carne de tanto prazer.

— Vamos devagar, não quero machucá-la.

— Não vai. — Ela soprou zonza e fechou os olhos. Segurei seu quadril e comecei a estocá-la lentamente. Sons estranhos subiam por minha garganta. Ela comprimia meu membro a cada vez que penetrava e quase fechei os olhos com a sensação deliciosa subindo por minhas veias, mas o desejo de observá-la com as pernas abertas e todo o meu membro dentro dela era maior.

— Ai, amor! — ela choramingou quando entrei fundo.

— Está doendo? — Por um momento interpretei errado o que ela disse e parei de me movimentar.

— Pelo amor de Deus, homem, não pare! — ordenou e me fez rir.

Um sorriso que desapareceu assim que ela subiu e desceu pela extensão da minha ereção, gemendo daquele jeito alto e profundo que só ela fazia e ali eu já não conseguia me importar se alguém estava ouvindo, só conseguia observar a obra de arte que era Jasmin com seus cabelos desalinhados e o rosto muito corado, os dentes cravados na boca inchada, perdendo-se no nosso prazer.

— Christopher! — ela gemeu alto e precisei erguê-la para sair de dentro dela antes que fosse tarde demais.

Jasmin se deitou em meus braços, ofegante e a aconcheguei ali, dedilhando seus cabelos.

— Você é a perfeição em sua forma mais pura. — Beijei sua boca por longos minutos.

— Eu te amo, meu Lobinho. — Ela enfiou o rosto na curva do meu ombro. — Obrigada por me trazer aqui. — Seus olhos percorreram as incontáveis luzes da cidade, que com o cair da noite, foram se destacando lentamente.

— Meu amor, você disse que tinha tomado duas decisões hoje quando saiu da consulta. — Brinquei com seus cabelos, enrolando-os no dedo sem pressa. — Uma delas foi ir até o presídio. Mas qual foi a outra?

— Vou me mudar da mansão Cahill — avisou de súbito. — A doutora sugeriu uma mudança de ares até que os pesadelos parassem de vez. De acordo com ela, alguns agravantes como conviver no espaço onde uma tragédia aconteceu podem

desencadear o terror noturno. — Uma ideia vinha permeando minha mente há alguns dias, mas ainda não tinha conseguido arrumar uma forma de colocá-la em palavras, mas ali, diante daquela situação, talvez tivesse encontrado o momento perfeito. Apertei suas mãos com as minhas e deixei que terminasse de falar. — A verdade é que foi apenas uma sugestão, mas já sentia uma vontade imensa de me mudar daquele lugar bem antes disso tudo acontecer. Apesar de não ser o local dos crimes, as lembranças de tudo que vivi ali dentro com Claire e Carla estão muito vivas, como se cada parede me lembrasse delas. — Ela piscou e começou a alisar as mãos uma na outra. Estava aflita. — Não quero continuar lá e meu pai vai ter que entender. Começarei a procurar um apartamento para mim ainda hoje.

— Tenho a solução perfeita para isso. — Subi os olhos para seu rosto, temendo que ela não gostasse nem um pouco da ideia.

— E qual é?

— O que acha de... vir morar comigo?

— O quê? — Ela arregalou os olhos muito verdes e segurei ambas as suas mãos e as levei à boca, beijando cada uma com carinho. Estava nervoso como nunca.

— Andei cogitando essa ideia enquanto não parava de pensar em uma lembrança sua que guardo a sete chaves desde o dia em que saiu do hospital.

— Que lembrança?

— A de quando te vi dançar pela primeira vez. Meio bêbada em cima da mesa de uma boate lotada. — Ri de lado, com as imagens frescas na memória.

— Por que guarda essa lembrança?

— Porque foi ali que me apaixonei por você, coração — assumi. — Tudo em você me atraía. Seu jeito livre, a beleza dos seus movimentos e como parecia voar quando dançava. A coragem que teve para roubar minha moto e tudo que passamos depois daquele dia. — Encarei nossas mãos. — Temi quando notei o que estava sentindo por você, Jasmin. E esse medo aumentou desde que você saiu do hospital. — Seus olhos marejados estavam atentos a cada palavra. — Sei que nosso tempo como guarda-costas e VIP terminou, mas eu ainda quero estar lá quando os pesadelos aparecerem. Quero poder te abraçar e te acalmar, quero vê-la dançar e sentir seu perfume que me encanta tanto. Quero tirá-la do telhado toda terça-feira e ouvir seus palavrões quando se assustar e por Deus, quero que você bata mais vezes no Fantasma com uma frigideira. — Ela gargalhou. — Quero que durma em meus braços toda noite, para que eu saiba que está segura. Quero fazer amor com você em cada segundo do nosso tempo livre. — Tracei um caminho pelo seu rosto e desenhei o arco sobre sua boca com a ponta do dedo. Sentia-me exposto diante do desejo urgente de tê-la em meus braços para sempre. — Pode não precisar mais de mim como seu segurança, coração, mas eu preciso de você como minha mulher. E diante desta realidade, venho bolando planos que me incluíssem em sua vida, todas as noites. Porque não sei se sou capaz de passar um dia inteiro longe de você. — Sorri sem graça e encarei nossas mãos entrelaçadas. — Parece ridículo, não é?

— Isso não tem nada de ridículo — disse com a voz embargada. — E eu posso não precisar do Lobo como meu guarda-costas, mas eu preciso do Christopher Holder tanto quanto preciso de ar para respirar. Com seu humor tão reduzido quanto meus

peitos e sua tendência a perder chaves. — A safada ergueu minhas chaves entre os dedos e não consegui conter uma risada alta.

— Tenho um apartamento há poucos quilômetros da Hill e Cahill. Alta segurança, muito conforto e espaço. Ficará perto do seu trabalho e posso te levar até ele todos os dias — falei sem parar. — Posso estar sendo apressado, mas o que não foi assim, na nossa relação?

— Se eu aceitar, você sabe que só terá duas opções. — Ela embolou minha blusa entre os dedos e não pude conter a onda de euforia que me tomou, aguardando sua resposta. — Contratar uma cozinheira, ou cozinhar para mim.

— Teremos os dois, é claro. Eu gosto da minha cozinha do jeito que ela é. Nunca pensei em atear fogo nela, então, manteremos a senhorita bem longe de lá. — Beijei a ponta do seu nariz. — Também suspeito que Ruth e Judith fazem parte de um pacote combo junto com você. — Ri e ela me acompanhou. Colei nossas testas e senti sua respiração oscilante tocar minha pele. — É um passo importante, meu amor, não se sinta pressionada a aceitar.

— Seria perfeito dormir nesses braços todos os dias. — Ela apertou os músculos do meu tríceps e mordiscou os lábios. — É tudo que mais quero. Trabalhar na empresa do meu pai e ser reconhecida por meus projetos, viajar nas férias, caminhar em uma praia nos dias de folga e ser livre pela primeira vez, ao lado de alguém que eu amo. A resposta é muito simples, Lobinho. É claro que aceito morar com você.

Uma sensação dolorosa e ao mesmo tempo prazerosa tomou meu peito e beijei Jasmin com todo aquele sentimento. Aquela

jovem mulher me completava de uma forma diferente, profunda e única.

Jasmin e toda a confusão que ela causava era tudo que faltava para que eu conhecesse a verdadeira felicidade.

Não sabia que precisava do amor até encontrá-lo.

— Acha que seu pai vai me matar?

— Muito provavelmente. — Ri alto.

Nunca uma ameaça de morte me pareceu tão perfeita.

CAPÍTULO 30

Alguns dias depois...
Jasmin Cahill

O pôr do sol cobria as colinas de um laranja quente e muito intenso. Os tons de verde se misturavam entre as copas das árvores e me causavam uma sensação de liberdade que nunca tinha sentido na vida.

— Está certa de que essa é a melhor decisão que vai tomar, filha? — Meu pai entrelaçou o braço ao meu, perdido na paisagem à nossa frente.

Christopher tinha conversado com meu pai no mesmo dia que aceitei seu convite e pediu sua permissão para que morássemos juntos, apresentando uma lista de critérios que manteriam minha segurança, o que eu achei bem fofo depois do surto inicial que meu pai tinha dado, e fiquei extremamente feliz quando ele entendeu que aquela decisão deveria partir de mim.

— Vou ficar bem, papai. Chegou a hora de andar com minhas próprias pernas. — Recostei a cabeça em seu ombro. — Tem certeza de que não quer fazer o mesmo? Esta casa tem muitas... lembranças.

— Sim, ela tem. Mas não sei se sou capaz de me desapegar dela ainda. Foi aqui que vivi os melhores anos da minha vida ao lado da sua mãe, não quis me desfazer deste lugar por isto. Não houve uma mulher sequer que eu amasse mais do que sua mãe.

Claire era uma boa companheira, ou melhor, fingia que era. Mas amor? Só sinto isso por uma única pessoa hoje. E nunca imaginei que morar aqui pudesse estar causando tanta dor a ela. — Ele se virou para mim. — Peço que me perdoe por não ter notado antes.

— Pai, o senhor não tinha como saber. Acho que na verdade nem eu sabia. — Torci os lábios. — De qualquer forma, o senhor é minha única família. É tudo que tenho e seremos sempre nós dois contra todo o mundo, entendeu? — Ele acariciou meu rosto com um olhar triste e insondável.

— Não faz ideia do quanto eu sinto por não ter notado o que aqueles abutres estavam fazendo com você naquela empresa, filha. Entendo por que não me contou, mas é uma atitude inadmissível. Ainda que não fosse minha filha, aqueles idiotas não tinham direito algum de te destratar. — Ele apertou minha mão.

— Ver uma mulher se destacando no ramo da ciência causa impactos até hoje. Sofremos perseguições e discriminação apenas por mostrar quem somos. Mas a filha que você criou não abaixa a cabeça para homem algum, principalmente aqueles preconceituosos do caralh... desculpe, pai. — Arrependi-me na mesma hora e me surpreendi quando ele riu.

— Vou sentir saudades, filha. — Ele olhou para o horizonte novamente. — Lobo parece ser um homem bom. Gosto mais dele a cada dia que passa, mas não se engane, não me importa qual o tamanho daquele homem. — Ele olhou sobre o ombro e observou Christopher em uma conversa agitada com Shaw e Lyon. — Se ele a magoar, não há nada neste mundo que não me faça ir atrás dele. E já o avisei disso. — Meus olhos lacrimejaram com o nó apertado que se formou em minha garganta e eu o abracei.

— Vamos nos ver todos os dias na Hill e Cahill. Vamos almoçar juntos também. Pretendo voltar ao trabalho na segunda-feira e o senhor será bem-vindo para me visitar quando quiser, também deve contar que o verei todos os finais de semana, nunca estarei longe e...

— Filha — ele me interrompeu. — É sua vida agora, precisa cuidar dela. Não se preocupe tanto com seu velho aqui, eu ficarei bem. E descanse mais um pouco antes de voltar ao trabalho, quero que esteja bem para começar a treiná-la. Um dia você assumirá toda a empresa e até lá, passaremos longos períodos juntos.

— Acho que não posso esperar tanto, pai. — Sorri para as colinas.

— Por que não?

— Dizem que quando se tem uma ideia, é preciso colocá-la em prática o mais rápido possível antes que a essência se perca de vez. E tive uma ideia para um novo projeto depois do J.A.S.

— Sua mente não para nem por um segundo, não é? — ele inqueriu, curioso.

— Puxei meu pai. Fazer o quê? — Dei de ombros e rimos juntos.

— Sobre o que se trata o novo projeto? — ele indagou, curioso.

— Sobre os caminhões com armas de micro-ondas. — Ele estreitou os olhos.

— Por que não me surpreendo? Sempre foi alucinada por este projeto.

— Sim, é um fato que sou apaixonada por eles. Então pensei em criar um exemplar menor, talvez implantar um... — Parei de falar

quando notei seus olhos bem abertos, com aquela expressão de quem escutava um especialista prestes a indicar um bom investimento. — Acho que isso fica para segunda-feira.

— Vai mesmo me fazer esperar até segunda? — ele retorquiu e fingiu descrença.

— Se eu não fizer isso, o senhor não vai nem me deixar entrar naquele lugar na segunda. Já estou super-relaxada, papai e aproveitando que estamos falando sobre os novos projetos, também quero criar um projeto social na nossa empresa. Sei que já ajuda algumas instituições pelo país, mas quero gerenciar algo voltado às pessoas em situação de rua que vivem aqui em Chicago. Conheço alguns abrigos que gostaria muito de ajudar, quem sabe criar o nosso próprio. — Lembrei-me dos abrigos que Lobo e os irmãos gerenciavam e nunca uma ideia me pareceu tão fenomenal. Ele observou meu rosto com cuidado e sorriu.

— Você nunca esteve mais parecida com sua mãe do que agora. Ela sempre sonhou em fazer um projeto para ajudar as pessoas, mas acabou não tendo tempo para isso e eu, amargurado pela perda dela, nunca pensei em dar andamento em nada disso. — Os olhos cinzas do meu pai brilharam e ele me abraçou. — Estou feliz que você o fará e a apoiarei em tudo que precisar.

— Obrigada, pai. Eu te amo.

— Também te amo, minha filha.

Ficamos abraçados por um tempo, observando o sol se esconder no horizonte e um sorriso surgiu em meus lábios com a sensação calorosa que me tomou enquanto via a colina se erguer entre as nuvens como se estivesse tocando uma parte do céu.

— Às vezes tenho a sensação de que elas estão olhando por nós — eu disse.

— Sei que estão, e só posso agradecê-las por isto.

Lobo

— Está tudo pronto? — questionei ao telefone, ansioso como nunca.

— Sim, já estão todos aqui — Fantasma confirmou do outro lado da linha.

— Ótimo, já estamos quase saindo daqui. — Soltei o ar, inquieto, e olhei sobre o ombro só para confirmar que Jasmin ainda estava brincando com seu chocolate quente, ocupando uma das mesas de uma cafeteria no shopping. — Você tem certeza de que essa é a melhor opção? E se ela não gostar?

— A garota passou a vida toda cercada por estas pessoas. É claro que ela vai gostar. Tenha fé nos meus conselhos, irmão, quando foi que eles falharam?

— Na vez que estávamos indo para Cuba e...

— Não ouse continuar esta frase! — Rimos juntos. — Apenas confie em mim, tudo bem? Snake acabou de chegar.

— Ok, em breve estaremos aí. — Desliguei o telefone e me escorei na bancada ao meu lado, observando-a.

Os cabelos claros estavam presos em um rabo de cavalo alto, o que deixava as maçãs coradas do rosto à mostra de uma forma graciosa. Meu coração batia mais forte só de olhar para ela, bebericando seu chocolate quente com calma e olhando para dentro

da bolsa onde tinha guardado um par de sapatilhas de balé velhas e surradas, e então seus olhos se ergueram e ela se distraiu com tudo o que acontecia ao seu redor em uma empolgação que era deliciosa de se admirar.

Passamos o dia fazendo compras que ela acreditava serem “básicas e necessárias” para a mudança, e mesmo discordando de quase tudo que ela escolhia, afinal, para que serviria uma poltrona rosa choque?, acompanhei tudo de perto com certa alegria. Era incrível como Jasmin olhava para as coisas ao seu redor com uma simplicidade e curiosidade únicas. Na verdade, só percebi o quanto aquilo era profundo e complexo quando ela surtou no momento em que viu um pequeno parque de diversões montado ao lado do shopping. Foi aí que eu me dei conta do quanto ela foi privada de uma vida normal.

Jasmin nunca viajou para lugar algum e eu queria mostrar a ela o mundo lindo que ainda não teve a chance de conhecer. Sentia uma necessidade urgente de dar a ela tudo aquilo que nunca teve pelos perigos que sempre enfrentou.

Cuidaria dela com minha própria vida sem nem hesitar e já comecei pedindo ao meu pai que me realocasse em missões de apenas um dia, para que eu pudesse estar em casa à noite. Temia que Jasmin tivesse algum dos ataques noturnos sozinha e só a ideia me deixava apavorado. Voltaria às missões assim que tivesse certeza de que, caso precisasse passar uma noite fora, ela ficaria bem.

Caminhei até ela com a certeza de que a felicidade de Jasmin era minha prioridade.

— Está pronta para conhecer nosso apartamento, coração? — Sentei-me ao seu lado e ela logo virou os olhos muito verdes na minha direção.

— Nosso... — Experimentou a palavra. — Gostei muito disso. — Ela se inclinou e depositou um beijo casto em minha boca. — Estou ansiosa para chegarmos lá.

— Eu também.

Jasmin Cahill

— Uau! — Abri os lábios quando paramos ao lado de um prédio cinza alto e muito elegante. Descemos do carro e Christopher pediu que um manobrista guardasse o veículo no estacionamento.

— Geralmente sou eu quem guarda o carro, mas não quero começar te apresentando o estacionamento, então, senhorita... — Ele abriu a porta transparente do lugar que era muito requintado e luxuoso e fez uma mesura para que eu passasse por ela.

Entrei no Hall espaçoso que tinha paredes em gesso decorativas e caminhei ao lado de Lobo até chegarmos a um balcão alto onde um homem analisava distraído um livro de registros sob a bancada.

— Oh, boa noite, senhor Holder! — ele cumprimentou gentil assim que nos viu.

— Boa noite, Lucien. — O homem passou os olhos entre Christopher e eu, parecendo confuso com o que via. — Quero que conheça minha... namorada. — Ele desceu os olhos para mim e envolveu minha cintura com o braço de forma possessiva. Trocamos

um olhar cúmplice que me queimou por dentro, tanto quanto aquela palavra. *Namorada.* — Jasmin Cahill. A partir de hoje ela vai morar comigo, então peço que atualize a equipe sobre sua chegada.

— Sim claro, senhor, agora mesmo. E seja muito bem-vinda, senhorita. — Ele abriu um sorriso genuíno que fez com que alguns vincos tomassem seu rosto.

— Enviarei os documentos necessários. — Lobo completou e o homem meneou um aceno assim que ele me guiou até o elevador.

Christopher me pressionou contra as paredes de metal assim que pisamos no elevador e as portas se fecharam. Seus lábios buscaram os meus devagar, com lentidão. Arfei em sua boca, sentindo-me eufórica por tudo que estávamos vivendo.

— Fui precipitado, coração? Eu nunca namorei ninguém antes e... se faz um pedido, não é? Mas que merda, esqueci o pedido. — Ele começou a se perder em devaneios dos próprios pensamentos. — Quer namorar comigo? É assim? Eu devia fazer isto dentro de um elevador? — Beijei sua boca segurando a gargalhada que subiu em minha garganta ao ver o desespero do homem.

Aquilo era tão novo para ele quanto era para mim.

— Eu aceito, amor. É claro que aceito. — Toquei seus lábios com os meus.

— Quero deixar claro que sou adotado e levando em consideração que meu pai é um solteiro invicto, não tenho um exemplo sequer de como fazer isso funcionar e...

— Chris — chamei-o quando percebi que estava mais uma vez ficando apavorado. — Estamos juntos nessa, lembra? Também

não sou a melhor referência do mundo. — O elevador parou do 16º andar e ele respirou fundo antes de sair por ele.

— Tudo bem, mas pretendo reformular este pedido — ele avisou quando saímos pelo corredor onde quatro portas estavam espalhadas e um silêncio ensurdecedor tomava o lugar. Nem mesmo o elevador fazia qualquer barulho que fosse, o que me preocupou profundamente e por um momento congelei no lugar. — O que foi, coração?

— Este lugar é muito silencioso, Christopher. Escute só. — Encarei o chão lustrado. — Não dá para ouvir nem um ruído sequer. Como é que vamos fazer... você sabe. Não consigo ficar calada, seremos expulsos do prédio. Não quero criar problemas e...

— Meu anjo... — Ele me abraçou por trás e colou os lábios na minha orelha. Uma risada quente e gostosa tocou minha pele logo em seguida. — Não se preocupe com isso, os apartamentos têm abafadores de som. — Ele depositou um beijo casto em meu pescoço. — Poderá gemer para mim o quanto quiser. — Fechei os olhos enquanto a voz baixa de Chris penetrava cada uma das minhas células.

— Isso vai ser de grande ajuda — comentei quando paramos diante da última porta do corredor. Christopher segurou minha mão antes de abri-la e seu olhar estava cheio de apreensão.

— Parece que nós dois estamos surtando com as infinitas possibilidades de morarmos juntos, e bem sei que podemos encontrar dificuldades neste novo caminho, mas quero passar cada uma delas ao seu lado. Quero ser o melhor de mim — disse de repente. — Espero ser digno do seu amor, coração.

— Você já é, meu Lobinho. É tudo que eu quero, tudo que preciso. — Ele beijou minha testa demoradamente e me puxou para um abraço.

— Sendo assim, seja bem-vinda à sua nova casa, senhorita Cahill. — E digitou a senha no painel eletrônico e no instante seguinte um alvoroço começou.

— Surpresaaaaa! — A palavra ecoou pelo lugar que estava abarrotado de gente. Arregalei os olhos ao ver toda a sala de estar decorada por balões e fitilhos das cores cinza, branco e preto, combinando com as paredes pretas do lugar.

— Meu Deus! — Levei à mão até a boca ao perceber que estavam todos lá.

Meu pai estava parado ao lado do senhor Holder, meu... *sogro*, que por sinal era um homem muito belo, e logo atrás deles estavam Lyon, Ray, Shaw e Wood, que estava de braços dados com Ruth. Sorri ao vê-los e logo fiquei eufórica ao encontrar Judith acenando em minha direção. Em outro canto, Fantasma me observava com um sorriso ao lado de Snake, que me encarava com o olhar estreito e meio desconfiado de sempre.

— Foi meio em cima da hora, mas espero que tenha gostado. — Lobo sussurrou às minhas costas.

— Tudo isso é perfeito, Chris. — Sorri e olhei para ele que sustentava um sorriso de lado muito lindo.

Abracei cada um dos convidados, parando quando cheguei à minha equipe de segurança.

Passei os olhos por cada um dos quatro e um nó doloroso se formou em minha garganta. Em breve eles viajariam para Israel e mesmo que meu pai quisesse garantir que eles ainda trabalhassem

conosco, eu ficaria um bom tempo sem vê-los e já estava morrendo de saudades. Afinal, aqueles homens foram minha única companhia por anos.

— Obrigada por estarem aqui. — Abracei-os com carinho. — Vocês fazem parte da minha história.

— Foi um prazer mantê-la viva, senhorita — Shaw disse e ganhou uma cotovelada de Lyon que fez com que todos nós déssemos risada.

— Senhorita Cahill. — A voz firme me fez congelar no lugar e me virei para cumprimentar o famoso Reid Holder.

Ele me visitou duas vezes no hospital, mas ainda não tínhamos tido a oportunidade de conversar sobre o meu relacionamento com seu filho e quando o encarei, pensei que fosse sentir medo diante do homem que tinha um maxilar rígido e bem desenhado e cabelos em um tom cinza impecável que só aumentavam sua beleza, mas quando fitei seus olhos profundos e muito espertos, tudo que consegui sentir foi gratidão pelo que ele fez para salvar Christopher quando ninguém mais queria ajudá-lo e antes que pudesse me controlar, já tinha me lançado nos braços do homem, apertando-o em um abraço com os olhos marejados.

— O senhor é um homem tão bom. — Funguei em seu ombro. Lobo estava conversando com meu pai, mas mantinha os olhos atentos em nós e agora me encarava com uma expressão que dizia um sonoro “O que diabos está acontecendo aí?”.

— Querida, receio que esteja me confundindo com alguém. — Holder gargalhou quando desfiz o abraço.

— Não me confundi — avisei, enxugando os olhos. — Só não tinha tido tempo de dizer ao senhor o quanto o admiro por tudo que

fez por Christopher. Ele é um homem incrível porque seguiu seus passos.

— É muito gentil de sua parte. — Ele olhou para Christopher que agora tinha se juntado aos irmãos em uma conversa animada que só eles pareciam entender. — Aqueles três são os motivos dos meus cabelos brancos antes da hora. — Brincou. — Mas posso dizer que nada do que Christopher já passou em sua vida, nenhuma das conquistas que alcançou, ou tudo que adquiriu com muito trabalho e empenho, absolutamente nada trouxe uma alegria tão grande para meu filho do que te conhecer, senhorita Cahill.

— Jasmin. Pode me chamar de Jasmin. — Comprimi os lábios, feliz por estar diante dele.

— Jasmin, ainda não tivemos tempo de nos apresentar corretamente. — Ele sorriu gentil e estendeu a mão para mim. — Sou Reid, pai daqueles três malucos, e seu sogro. — Joguei meus braços ao redor do seu pescoço novamente, apertando-o em um abraço.

— Obrigada por me receber em sua família.

— Eu que agradeço, querida. Por apresentar a verdadeira felicidade ao meu Christopher. Nunca o vi sorrir tanto e torço para que sejam muito felizes. — Agradeci novamente e notei que ele não soltou minha mão. — Ouvi boatos de uma história que gostaria muito de escutar diretamente de você. — Congelei por um instante.

— Que história?

— Cahill. — Ele chamou meu pai que veio até nós com Wood e Lyon em seu encalço e logo todos estavam reunidos ao meu redor. — Jasmin, fiquei sabendo que dois dos meus filhos, os guarda-costas mais conceituados da minha empresa, levaram uma

surra com uma frigideira. — Meu pai quase cuspiu a bebida com a gargalhada que deu. — Poderia nos contar essa história nos mínimos detalhes?

— Será um prazer.

— Pai! — Fantasma e Snake reclamaram dos fundos da sala, mas ninguém deu ouvidos. Estavam todos prestando atenção na história.

— Tudo começou quando eu fui surpreendida pelo Fantasma e seus pés de algodão. — Reid gargalhou alto e fui preenchida pela mais pura alegria.

Olhando aquela quantidade de pessoas ao meu redor, que me encorajavam a seguir em frente, dando-me forças para enfrentar o que quer que fosse, tive a certeza de que nunca fiquei verdadeiramente sozinha. Só estava sofrendo demais para ver as pessoas incríveis que faziam de tudo para deixar meu dia melhor e me manter em segurança.

No fim das contas, uma família vai muito além dos laços sanguíneos. É o laço do amor que nos une, é a esperança que nunca nos deixa só.

Sorri ao perceber que toda a minha família estava naquela sala.



— Espero que tenha gostado, coração. Foi o jeito que encontrei de te deixar mais à vontade. — Christopher me abraçou assim que todas as visitas foram embora.

— Amei tanto que nem conseguiria dizer, mas não tive tempo de conhecer a sua casa.

— Nossa. — Ele me corrigiu com um beijo.

— Isso, nossa.

— Vem comigo, vou apresentá-la.

Ele me cercou por trás e me mostrou cada cantinho do apartamento em tons de preto e cinza que tornavam o ambiente mais escuro. Havia dois grandes banheiros. Em um deles uma banheira estava disposta e eu só conseguia me imaginar nela por longas horas.

Toda a decoração do lugar era escura, não havia tantos quadros como na casa do meu pai e amei aquele detalhe, tanto quanto detestava os quadros da Casa da Colina. Christopher me mostrou a varanda da cobertura que dava vista para toda cidade e paramos nosso tour em um dos três quartos do lugar.

— Este é nosso quarto. — Ele apontou com a cabeça e enfiei a ponta do nariz pelo vão da porta, sondando o lugar que, assim como todo o restante da casa, tinha paredes escuras e uma mobília sóbria.

— Você se importaria se eu pintasse uma ou duas paredes? Não sei se estou convencida de que dormir em um quarto assim é relaxante ou desesperador. — Ele riu às minhas costas.

— Pode fazer o que quiser, meu amor. — Suas mãos pousaram em minha cintura, puxando-me para trás, contra seu corpo.

Meu rosto esquentou no instante em que senti a ereção firme contra minha bunda.

— Amei receber nossas famílias aqui hoje, mas nunca quis que uma visita fosse embora tão rápido. — Soprou em meus ouvidos. — Deixe-me mostrar como é dormir em um quarto assim, senhorita. — Dei um gritinho de susto quando ele me ergueu em seu colo e beijou minha boca com vontade. — Estou louco de desejo, coração.

— Então faça amor comigo — pedi entre seus lábios e vi seus olhos se transformarem em duas pedras brilhantes e intensas quando fechou a porta atrás de nós.

O quarto escuro me pareceu mais quente à medida que ele me levava até a cama em seus braços. Nossas respirações se fundiram em um beijo intenso. Christopher me deitou sobre os lençóis, arrancou a própria blusa e veio sobre mim, selvagem, faminto. Arqueei o corpo quando senti sua língua descer pelo vale dos seios e subir até penetrar minha boca, chupando e mordendo meus lábios com firmeza, de um jeito cadenciado que me fez arder. Comprimi as coxas, desesperada pelo pulsar constante que me fazia sentir a umidade que se formava ali.

Enfiei as mãos em seus cabelos lisos, desgrenhando-os e gemi quando senti o peso do seu corpo contra o meu, como se nossas almas estivessem se fundindo bem ali. Christopher bateu a mão pelo colchão e se esticou até alcançar um abajur que estava disposto ao lado da cama muito grande e o acendeu.

— Quero ver seus olhos quando estiver dentro de você — sussurrou em minha boca e ofeguei, mergulhando em um rio de águas quentes e profundas.

Nossos olhos dançavam uma música lenta, misteriosa, violenta. Abri os lábios e gemi profundamente quando seus dedos

se fecharam ao redor dos mamilos delicados e ele os apertou, torturando-os com calma. Sua mão livre envolveu minha bunda e subiu até o cós e, entrando pela calça, ele desceu o tecido até que se livrasse dele de vez. Seus dedos subiram por minha carne, comprimindo-a, me marcando.

— Amor... — choraminguei. Os dedos firmes invadiram os lábios do meu sexo, abrindo-os.

Ele resvalou o polegar no clitóris inchado e desceu por entre os lábios até escorregar para dentro de mim. O som que subiu por minha garganta mais parecia um miado. Seus lábios rudes desceram por meu pescoço, deixando um rastro quente como o inferno pelo caminho até alcançar meus seios. Senti a língua úmida de Christopher brincar com meus mamilos enquanto seus dedos me exploravam. Em cada canto, cada detalhe. Podia senti-lo se infiltrando em minha pele, levando-me para outra realidade. Uma onde nossos corpos se encontravam em uma dança única, só nossa.

Ele desceu mais os lábios, abrindo minhas pernas e me puxando para ele. Afundei os dedos nos lençóis enquanto sua língua me penetrava lentamente e comecei a rebolar, indo de encontro à sua boca. Minha respiração estava inconstante e cada centímetro do meu corpo parecia queimar. Christopher me sugou com força, pressão, agarrando minha bunda e me puxando ainda mais para seus lábios.

— Que delícia! — me vi gritando e gemi, arqueando o corpo quando um prazer intenso me tomou.

Christopher veio sobre mim novamente, colando seu corpo ao meu. Mordi os lábios e olhei para ele. Os olhos bicolores me

encaravam com deslumbre e uma sensação forte abraçou meu coração. Toquei o peito de Christopher e inverti nossa posição, ficando sobre ele. Desci os dedos por sua cintura até tocar a beirada da calça e abri-la. Nos livramos do tecido e Christopher segurou meu pulso, tentando me puxar para ele, mas me recusei.

— Quero tentar algo — sussurrei com os olhos fixos nos seus.

Desci as unhas por seu peito cheio de quadradinhos bem malhados, sem abandonar seu olhar até fechar os dedos ao redor do seu membro grosso, pulsante. Ele rosnou quando movimentei a mão para cima e para baixo com cuidado. Inclinei-me em sua direção, apreciando o perfume cítrico que me inebriava e desci os lábios pelo seu pescoço, despejando beijos, lambidas e mordidas por sua pele.

— Jasmin... — ele arfou quando desci entre suas pernas. Cerquei seu pênis com a mão e assoprei a glande grossa. — Caralho! — praguejou quando o toquei com a ponta da língua.

Queria dar a ele todo o prazer que ele também me dava. Queria que Christopher sentisse o pedaço de céu que sempre me presenteava. Chupei a glande com cuidado, sugando em um movimento de vai e vem. Christopher começou a grunhir e vociferar alguns palavrões que fizeram meu interior se comprimir. Podia sentir o desejo escorrer por minhas pernas. Desci a língua por toda a sua extensão e o coloquei na boca, acariciando-o com a língua, engolindo-o o máximo que conseguia. Seus dedos se embolaram em meus cabelos, conduzindo um ritmo cadenciado. Seu prazer me preencheu e me deixou ainda mais quente. Continuei chupando-o até sentir suas mãos em meus ombros.

— Jasmin, meu amor, venha aqui antes que eu goze na sua boca. — Ele me puxou antes que eu tivesse tempo de reclamar e me virou de quatro, deixando-me aberta para ele. Ele colou os lábios em meu ouvido, podia sentir o tremor em sua mão quando encaixou o membro em minha entrada. — Já fazem 30 dias? — questionou e soube no mesmo instante do que se tratava.

Poucos dias depois que saí do hospital, voltei a tomar meu anticoncepcional. De acordo com a médica, após trinta dias estaria completamente protegida de uma gravidez não planejada. Ainda não tinha completado o tempo correto quando transamos no carro, mas agora...

— Já passou... — Foi o que consegui dizer enquanto me afogava nas sensações deliciosas que ele provocava.

— Quero te foder assim, anjo. Puro. — Ele enfiou a mão em minha bunda, sussurrando palavras indecentes enquanto me penetrava com um dedo por trás. Seus dedos entraram em mim e saíram enxarcados. — Quero te sentir me apertando dentro de você. — Ele os levou ao centro da minha bunda, umedecendo aquele ponto sensível. O toque me incendiou. Ele desceu a outra mão até alcançar minha intimidade inchada e molhada e começou a provocar meu clitóris.

Agarrei a cabeceira da cama, abrindo mais as pernas. Ia gozar, tinha certeza e quando estava prestes a explodir de prazer, Christopher estocou fundo, de uma só vez. Seus dedos subiram por minha cintura e enlaçaram meus cabelos, puxando-os. Ele se afastou um pouco e estocou novamente, mais devagar, acelerando logo em seguida. Fechei os olhos e mordi os lábios, ofegando e gemendo.

— Caralho, gostosa! — Senti um tapa firme na bunda e sua mão envolveu meu pescoço com uma força deliciosa, perigosa. Seu membro me alargava, entrando e saindo com força, preenchendo-me até que eu me perdesse em mais um orgasmo. Estremeci e agarrei os lençóis. Christopher arremeteu mais uma vez, emitindo um som rouco e trêmulo e afundou a boca em meu pescoço, cravando os dentes em minha pele, marcando-me com o nosso prazer.



— Este é, definitivamente, meu cômodo favorito — sussurrei entre arfadas, deitada contra seu peito. Christopher riu e me puxou para mais perto, nossos corpos nus se encontravam sob os lençóis em uma intimidade delirante. — O apartamento é perfeito.

— Você é perfeita. Minha Jasmin... — Ele beijou a ponta do meu nariz e desceu pelo rosto até chegar no pescoço, que àquela altura já devia estar marcado novamente depois do amor forte e intenso que fizemos, causando-me cócegas. — Eu te amo, coração.

— Também sou completamente maluca por você. Te amo pra caralho. — Ele gargalhou.

— É, eu também. Pra caralho — sussurrou em meus cabelos e me aconchegou em seus braços. Nossas respirações foram voltando ao normal e uma pergunta apareceu em minha mente. Uma que eu tinha me esquecido completamente de fazer.

— Chris, pode me dizer uma coisa?

— O que quer saber?

— Onde é que você guarda aquela moto? — Mordi os lábios.

— Jasmin! — Gargalhei em seus braços e ele me prendeu ainda mais neles.

— Estou brincando, prometo que não vou roubá-la novamente.

— Apresente-me uma carteira de habilitação e poderá pilotá-la. — Apoiei-me sobre o cotovelo e o encarei. — Sob minha supervisão, é claro. É um item de colecionador, como já mencionei uma ou duas vezes.

— Tá falando sério? Me deixaria mesmo pilotá-la novamente? — Abri mais os olhos, mas os estreitei no minuto em que me dei conta da mentira cabeluda que ele contou. — Uma ou duas? Dava para reescrever a bíblia com a quantidade de vezes que você me lembrou desse fato. — Ele riu e caí em seus braços novamente.

— Só não permito que a pilote agora mesmo porque tenho medo de que se machuque. — Ele acariciou meu rosto. — Motos são perigosas. Basta um pequeno erro para que algo terrível aconteça. Se tiver a instrução certa, poderá usá-la com segurança.

— Acho que mesmo sabendo pilotar outras motos, acabei contando muito com a sorte quando peguei a sua.

— Tem razão. É uma moto agressiva e pesada. Graças a Deus você conseguiu levá-la até aquela praia em segurança. — Balancei a cabeça, concordando. — Serei o primeiro a entregar as chaves da minha Spirit quando tirar sua habilitação, se prometer cuidar bem dela. — Seus dedos desceram pela minha pele e resvalaram nos seios, fazendo com que meu ventre pulsasse novamente. — Até lá, o que acha de andar nela comigo? — Sua voz rouca e firme me tocou.

— Agora?

— Daqui a pouco. — Seus dedos se fecharam ao redor do mamilo, fazendo-me ofegar um gemido baixinho.

Fechei os olhos, entregando-me mais uma vez ao homem que amava e não conseguia imaginar um final feliz mais incrível do que aquele. Nos braços do Lobo.



— Está pronta? — ele questionou quando colocou o capacete e eu me endireitei na garupa alta da Spirit de Lobo, e devia admitir que estava me sentindo eufórica com a possibilidade de subir nela novamente.

— Tudo certo, capitão.

Ele ligou a moto e o motor rugiu abaixo de nós, fazendo estremecê-la.

— Minha nossa, não me lembrava que ela fazia esse barulho tão alto.

— Quer desistir? — ele provocou.

— Não sei o que significa essa palavra. — Sorri dentro do capacete quando senti os dedos de Christopher cobrirem os meus que estavam ao redor da sua cintura.

— Segure-se, Cristal. A diversão vai começar.

E acelerou a moto, deixando para trás um dos meus gritos eufóricos.

EPÍLOGO

Jasmin Cahill
6 meses depois

Reserva Aoraki Mackenzie - Nova Zelândia

"*Jasmin Cahill, a herdeira do conglomerado Hill e Cahill, uma das maiores empresas especializadas em armamento de alta tecnologia dos Estados Unidos, entrou para a história ao lançar um sistema de proteção baseado em uma rede de defesa de amplo espectro magnético. O que foi tomado por especialistas do governo como "Uma revolução para a era eletrônica, onde guerras deste nível se tornam cada vez mais comuns, visto que o poder de um país se encontra nos segredos que seu governo mantém dos inimigos." Não podemos permitir que nossos dados sejam invadidos e o J.A.S é sem sombra de dúvidas o sistema mais completo que já vi. Parabéns à Hill e Cahill por nos presentear com mais um sucesso e à senhorita Jasmin Cahill, que nos provou que a próxima geração do conglomerado está em boas mãos.*"

Reli o jornal mais uma vez quando desembarcamos do avião e entramos em um carro alugado, tomada por uma animação estranha.

— Por que trouxe isto? — perguntei para Christopher que assumia a direção do veículo, enquanto eu me ajeitava no banco do passageiro ao seu lado.

O belo exemplar masculino estava vestido com um terno azul marinho sob medida e que realçava seus olhos. Um dos raros modelos que ele tinha que não era completamente preto, enquanto eu apostei em um vestido dourado com uma fenda profunda nas costas.

— Não me canso de lê-lo. — Ele sorriu e se inclinou em minha direção, depositando um beijo casto em minha boca. — Está pronta? — Ele olhou para a estrada à nossa frente.

— Sim, mas queria ao menos ter trazido meu celular comigo.

Tiramos alguns dias de férias depois do lançamento do J.A.S e Christopher resolveu fazer uma surpresa e escondeu todos os detalhes da nossa viagem. No fim das contas, desembarcamos na Nova Zelândia.

Nova Zelândia, pelo amor de Deus!

Nem nunca tinha saído de Chicago, não fazia ideia do que esperar.

— Faz parte do acordo. Sem celulares. — Apontou. — E tem mais um detalhe. — Ele estreitou os lábios em um sorriso contido quando uma venda surgiu em sua mão direita.

— Vai me vendar? — disse, engasgada.

— Vai valer a pena, amor. — Ele a posicionou sobre meus olhos e a amarrou. — Confia em mim?

Sorri com a pergunta.

Christopher se tornou meu porto seguro, meu companheiro e a cada dia que passava eu o amava ainda mais. Nossa rotina era muito corrida, mas preciosa. Lobo ainda não aceitava nenhuma missão que precisasse passar a noite fora. Antes disso, ele queria ter certeza de que o terror noturno tinha mesmo desaparecido e eu

o amava ainda mais por aquilo. Fazia três meses que não tinha nenhuma crise e poderia garantir que estava vivendo uma das fases mais preciosas da minha vida.

— Confio — respondi, ciente de que aquela era a verdade mais absoluta da minha alma.

Não demorou muito até que parássemos novamente e Lobo me ajudou a descer do carro sem tirar a venda dos meus olhos.

— Aprendi muito com você nestes últimos meses, meu amor — ele sussurrou no meu ouvido enquanto continuávamos caminhando. Podia ouvir outros barulhos e sons pelo lugar, mas não conseguia identificar do que eram. — Aprendi que você, definitivamente, corre o risco de matar alguém quando entra na cozinha. Que sapatos têm o poder de se multiplicar, que posso me apaixonar por coelhos amarelos, pandas azuis e todo tipo de bichinhos cor de rosa, além de descobrir que panelas e eletrodomésticos podem ser usados como armas.

— O que aconteceu com o aspirador de pó foi um acidente. Juro que não ouvi o Fantasma se aproximando, coitado.

— Eu avisei que ele deveria andar batendo os pés. — Lobo riu às minhas costas e subitamente parou. — Também aprendi que dormir abraçado com alguém é infinitamente melhor do que dormir sozinho, e que existem pessoas que nos completam de um jeito tão perfeito que chega a assustar. — Ele começou a desatar o nó da venda. — Também descobri a beleza que existe nas estrelas, e toda vez que olho para elas eu só penso em você. Hoje, o único medo que percorre meu coração é o de um dia te perder, Jasmin, minha estrela. — Ele tirou a venda que caiu revelando um cenário inacreditável.

— Christopher... — Abri a boca, descrente, quando percebi que estávamos em frente a um pequeno castelo de paredes de pedra muito alta, no topo de uma colina onde a neblina criava um cenário mágico.

Havia uma mesa quadrada, pequena, bem na beirada da colina que dava vista para uma floresta que brilhava sob as incontáveis estrelas do lugar, e dois pratos dispostos em um arranjo lindo, onde um candelabro mantinha quatro velas acesas sobre a mesa.

— Um jantar à luz de velas — comentei mais para mim do que para ele e olhei para o céu, impressionada. Nunca na vida vi estrelas tão de perto a olho nu. Elas criavam uma estrada de pedras brilhantes pelo céu e pareciam tão perto que precisei conter a vontade de erguer as mãos para descobrir se conseguiria ou não tocá-las.

— Que lugar é esse? — gaguejei, perdida na beleza imensurável.

— Este é um dos melhores sítios do mundo para observação astronômica. — Ele apontou um telescópio gigantesco que ficava em um ponto estratégico da colina. — Um dos 10 lugares onde pretendo levá-la para observar as estrelas. — Ele espalmou a mão na base da minha coluna, nem sequer consegui ver se havia alguém por perto que eu deveria cumprimentar. No instante em que meus olhos encontraram os de Christopher todo o resto se desfez. — Dança comigo?

— Mas não há nenhuma música tocando. — Ele riu de lado.

— Uma especialista me disse uma vez que há música em todos os lugares. Basta prestar um pouco de atenção. — Sorri.

Meus olhos arderam e mordi os lábios para conter a vontade de chorar quando ele levou minha mão ao seu coração. — Bem aqui, consegue ouvir? Ele canta para você todos os dias.

Inclinei-me e recostei a cabeça em seu ombro, dançando com Christopher sob a luz de incontáveis estrelas pelo que me pareceu uma eternidade.

— Eu te amo tanto — sussurrei um tempo depois.

Meu coração era dele e o dele era meu. Nunca ganhei algo tão precioso antes.



Lobo

Um mês depois...

Jasmin ainda estava dormindo quando me levantei da cama para atender um telefonema de Fantasma. Meu irmão tinha recebido a missão de fazer a segurança de um VIP, cobrindo-o em um grande evento na Itália. Pelo visto, o VIP era um homem perigoso, já foi integrante de uma das maiores máfias da região e agora atuava nos Estados Unidos. Snake, que era quem geralmente adorava casos como aquele, não pôde pegá-lo, já que surgiu algum imprevisto com sua informante da CIA. Algo que também me preocupava. Cedric não era o tipo de pessoa que deixava outras questões influenciarem no trabalho, mas visto que ele não estava disponível e Fantasma já conhecia o VIP, o arranjo acabou se dando bem daquela forma, mas receber uma ligação às 04h da manhã era no mínimo preocupante.

— Zion? — chamei-o, ainda sonolento.

— Olá, irmão!

— Aconteceu alguma coisa?

— Ah sim, com certeza. — Tentei notar algo diferente em sua voz, mas Fantasma era especialista em se esconder por trás daquele tom confiante e alegre de um jeito que chegava a me irritar. — Ainda tem aquele esconderijo na Itália?

— Tenho. As chaves estão no mesmo lugar de sempre. Mas para que precisa dele? Aconteceu algo com o VIP?

— Ele está bem, por uma fatalidade do destino, mas sim, ele sobreviveu. Só está um pouco irritado comigo porque roubei uma coisa que não devia pertencer a ele. — Estreitei os olhos.

— Você... roubou o VIP?

— Sim.

— Pela minha santa paciência, Fantasma, o que roubou daquele homem, caralho?

— Uma prisioneira. Não é excitante?

— UMA PRISIONEIRA?

NA SOMBRA DE UM FANTASMA - EM BREVE NA AMAZON

LEIA TAMBÉM

nos Braços da tempestade

Link: https://amzn.to/30Ya8zr





Horror, medo e o mais puro desespero me açoitavam, assim como uma das tempestades mais fortes que já testemunhei na vida.

Corri por minutos, depois continuei pelo que pareceram horas. O frio entrava em meus ossos, assim como a água da chuva impiedosamente encharcava minha roupa. Não conseguia enxergar um palmo à minha frente, só havia mato e mais mato por todos os lados.

Tropecei em um buraco e caí com tudo em uma poça de lama. Tentei me levantar, mas o que estava preso em minha garganta se libertou. Vomitei tudo que ainda restava em meu estômago.

Passei o dorso da mão pela boca, uma das poucas partes ainda limpas, e mais uma vez comecei a chorar. Não conseguia dizer se saíam lágrimas dos meus olhos ou se por dentro eu já estava tão vazia quanto meu estômago, mas meu peito doía tanto que eu sequer consegui me mover.

Meu coração estava sendo arrancado, aquela era a sensação. A dor latente se espalhou por todo meu corpo que começou a tremer ainda mais de frio, cada centímetro da minha pele doía, assim como minha cabeça, mas eu não podia parar, tinha que continuar fugindo.

Não posso desistir!

Estremeci. A chuva aumentou drasticamente e eu não fazia ideia de onde estava, mas tinha certeza de que se continuasse caminhando, provavelmente conseguiria chegar a uma das estradas.

Levantei-me, sem saber o que faria quando chegasse a alguma estrada, e percebi que estava com mais medo daquela resposta do que da escuridão que me cercava.

Com todo aquele breu, seria fácil cair em uma vala, ou um buraco mais profundo. Então comecei a caminhar um pouco mais devagar. Tentei me convencer de que aquele era o motivo pelo qual começava a arrastar os pés e não o frio absoluto unidos ao cansaço extremo que sentia.

Andei, vagando em pensamentos, pelo que me pareceu uma eternidade. Estava exausta, com frio, com medo. Meu casaco estava pesado de tão encharcado, mas, se o tirasse, perderia a proteção contra os ventos fortes, e não sabia o que poderia ser pior.

Depois de um longo tempo imersa em escuridão, minha mente cogitou a hipótese de desistir. Sentia-me fraca demais, gelada demais. Não era assim que as pessoas morriam? De frio no meio de uma tempestade e perdida nas matas?

Cambaleei, em dúvida se conseguiria sair dali viva e como uma resposta divina, vi ao longe uma luz clara, piscando. Um fio de esperança brotou em meu peito, mas a dor lancinante da incerteza continuava me cercando.

Comprimi os lábios, contendo a súbita vontade de me abaixar e chorar até perder o pouco de força que ainda me restava.

Precisava continuar correndo, mas estava tão cansada.

Tão zonza!

Não consigo sentir meus dedos, o pensamento me ocorreu.

Quanto mais eu olhava para aquela pequena luz, mais longe dela eu parecia estar. Minhas pernas começaram a fraquejar e, de repente, eu caí!

Meus joelhos bateram estrondosamente no chão de pedras e lama. Tombei para a frente e me apoiei nas mãos, lutando para

conseguir me levantar, mas a fraqueza me venceu. Ergui o rosto a tempo de ver uma figura escura vindo rápido em minha direção.

Era um animal?

Fiquei tonta e perdi as forças dos braços, assim como meu apoio. Minha visão embaçou, mas ainda tive tempo de ver a figura se aproximar, grande, enorme.

Fechei os olhos incapaz de mantê-los abertos por mais um segundo e senti minha mente se desligar.

É tarde demais para mim.



Ninguém sabe como é
Ser uma pessoa ruim
Ser o amargurado
Por trás de olhos tristes
Behind Blue Eyes – Limp Bizkit

Natan Kannenberg

Virei mais um copo de conhaque em uma das madrugadas mais chuvosas que já presenciei desde que cheguei àquele lugar. O breu ao redor da casa principal da fazenda Kannenberg fazia brotar em meu peito a mais pura sensação de solidão.

De certa forma, até gostava daquilo. Estava tão cansado de ver todos que conhecia ao meu redor esperando que algo em minha vida mudasse repentinamente, que estar sozinho era de longe minha opção predileta, assim não precisava encarar ninguém, dar satisfações ou sequer me preocupar com o que estivessem pensando sobre mim. Já me bastavam os tormentos que tiravam minhas noites de sono.

Observei com precisão as gotas ricocheteando da beirada da varanda até sua ponta. O vento balançava com força o matagal ao redor da casa, que transformava a vinícola no horizonte em uma cena de um filme de terror.

Nunca fui fã de chuva. Preferia um sol ameno que mantivesse as estradas secas e com fácil acesso do que o lamaçal em que se encontravam agora, além do mais, tempestades também causavam desastres naturais que costumavam levar muitas vidas e eu não gostava nem um pouco delas. Enchentes, desmoronamentos, trombas d'água e...

— Tsc! — interrompi meus devaneios, quando percebi que mais uma vez estava pensando como um bombeiro.

Precisava abandonar aquele tipo de pensamento, assim como abandonei a profissão. Levei o copo novamente até os lábios, lembrando-me que fazia anos que tentava e não conseguia me desapegar daquilo.

Recostei-me na cadeira de balanço que ficava na varanda principal e sorvi um grande gole da bebida quente. Uma risada estranha escapou por meus lábios quando constatei o quão patético havia me tornado. Trinta e cinco anos, às 3 horas da manhã, balançando meu corpo para frente e para trás em um vaivém rotineiro, em uma daquelas cadeiras que os idosos adoravam, mas que frequentemente causavam algum tipo de acidente e...

Merda! Lá fui eu de novo. Inferno!

Balancei a cabeça, prestes a me amaldiçoar pelo resto da madrugada quando vi o matagal à direita da fazenda balançar com mais intensidade do que antes. Comprimi as sobrancelhas, buscando entender se aquilo era mesmo real ou algum delírio

causado pela bebida. As folhas do mato se moviam rápido e em minha direção.

Não! Crispei os olhos, não era uma miragem causada pelo álcool. Era real.

Ergui-me em um salto.

E se fosse algum animal? Deveria ser grande para lutar contra todo aquele mato, e ainda mais sob aquela chuva forte.

— Porra! — praguejei, ao perceber que não dava tempo de alcançar o antigo rifle do meu pai no escritório.

A segunda opção era quebrar a garrafa de conhaque e usá-la para me defender.

Ergui a garrafa no ar no mesmo instante em que uma sombra, bem mais fina do que imaginara, escapou do matagal.

Foi então que eu a vi. Os cabelos longos e escuros cobriam grande parte do rosto claro. O pequeno corpo lutava para continuar correndo e precisei de mais alguns segundos observando aquela cena para entender o que de fato acontecia.

É uma mulher!

A porra de uma mulher no meio daquele matagal dos infernos!

Ela me olhou por um segundo, ou menos, e eu soube que ela não resistiria mais.

Larguei a garrafa no chão que fez um som oco do vidro contra a madeira e corri em sua direção. Entrei na tempestade que açoitou meu rosto com fervor. Infelizmente não fui rápido o bastante para evitar que seu corpo fosse ao chão com um baque.

— Ei! — Ajoelhei-me ao seu lado. — Está me ouvindo? — Segurei seu rosto entre minhas mãos e afastei seus cabelos.

Ela estava pálida, gelada demais. Ainda assim, poderia jurar que, por um lapso de segundo, aquela mulher viu meu rosto antes de apagar de vez.

— Mas que porra... — rosnei.

Quem era ela? Por que estava correndo no meio da madrugada em um lugar ermo e completamente tomado pela mata daquele jeito?

Peguei-a no colo, sem pensar duas vezes. Seu corpo estava tão gelado que temi por sua vida.

Entrei em casa com seu corpo mole colado ao meu. Parecia tão indefesa, tão machucada que estremeci só de pensar o que podia ter acontecido a ela.

— Genosvaldo do céu, corre aqui! — uma voz gritou e logo em seguida passos apressados vieram do primeiro andar pela lateral da casa. Nicolina e Geno apareceram no meu campo de visão em menos de um minuto.

— Santo Deus! — A mulher levou a mão à boca assim que me viu passar correndo com um corpo em meus braços. — O que houve, menino?

Ela sempre me chamava assim, com algumas pequenas variações entre querido, garoto, e o pior de todos... *criança*.

Nicolina era a governanta daquela casa quando minha mãe ainda era viva. Tanto ela quanto Geno me viram crescer. Eles me conheciam de trás para frente.

Nicolina era como se fosse uma segunda mãe para mim e esteve comigo desde que nasci, até o momento em que fiz a maior besteira da minha vida. E, pelo visto, as surpresas não acabariam

nunca mais. Ao menos, daquela vez, eu não era culpado pela expressão horrorizada presa ao rosto da mulher.

— Nicolina... — Corri em direção ao segundo andar com a mulher no colo e entrei no primeiro quarto que encontrei pelo caminho.

— Diz logo, menino, antes que eu morra do coração. — Ela se empertigou em meu encalço.

— Traga roupas quentes e cobertas, rápido!

— Ai, meu Jesus!

Coloquei a jovem cautelosamente sobre a cama de um dos quartos de hóspedes e comecei a retirar sua roupa. Seus lábios estavam roxos demais, temia que o grau de hipotermia estivesse evoluindo.

— Aqui, menino! — Ela parou ao meu lado e começou a me ajudar, tirando as calças da jovem. Agi rápido e profissionalmente, evitando qualquer parte íntima exposta do seu corpo e, Geno, quando viu o que acontecia, saiu do quarto imediatamente e ficou aguardando parado rente à porta.

Quando retirei o casaco preto, pesado de água e sujo de lama, assim como o rosto da jovem, parei por um segundo e encarei o arroxeado enorme que tomava grande parte do seu ombro esquerdo.

— Meu Deus! — Nicolina levou a mão à boca quando notou o mesmo que eu.

— Não podemos perder tempo. Precisamos esquentá-la. Prepare um chá.

— É pra já! — Ela saiu trêmula.

Tentei ignorar o hematoma que parecia recente e tirei todas as peças de roupa, envolvendo-a logo a seguir com uma manta quente. Não era térmica, mas serviria por hora. Cobri a jovem com mais alguns cobertores na esperança de aumentar a temperatura de seu corpo o mais breve possível.

— Você também está todo molhado. O que aconteceu, patrãozinho? — Nicolina retornou com uma garrafa de chá fumegante e uma xícara, só então me lembrei de que “criança” não era o meu apelido menos favorito no leque de opções de Nicolina, não. O pior de todos era aquele.

Patrãozinho... Acaso o meu tamanho dava espaço para diminutivos?

— É exatamente o que estou me perguntando. — Passei as mãos entre os cabelos úmidos. — Estava na varanda quando ela chegou correndo, passando pela mata.

— Que mata? A do riacho? — Geno questionou, surgindo na porta, e eu meneei um aceno confirmando. O semblante do homem se transformou em pura descrença. — Impossível! É difícil andar por aquele lugar durante o dia. De noite é... impossível — ele repetiu a palavra.

— E o riacho sobe muito com as chuvas. Quais as chances de ela ter conseguido escapar da ribanceira que termina naquelas águas? — Nicolina levou a mão até a testa dela. — Se isso for verdade, patrãozinho, essa menina chegou aqui por um milagre.

— Não acredito em milagres, Nicolina. O que acredito é na verdade, e essa garota vai ter que me contar o que estava fazendo nas minhas terras — vociferei, ainda abalado pelo susto.

— Mas, patrãozinho, ela precisa de cuidados, não de um interrogatório. — Nicolina saiu em defesa da garota misteriosa e precisei concordar com a mulher.

Ela precisava de socorro e urgente!

— Com uma tempestade dessas, é impossível chegar ao hospital pelas estradas, estarão todas enlameadas — Geno alegou. — Faz tempo que não vejo uma chuva tão forte.

— Natan, você pode cuidar dela — Nicolina afirmou com convicção e a leve sombra da esperança que perpassou o seu olhar não me passou despercebido. — Ela pode estar correndo risco de vida.

Nem sequer sei por que relutei, sendo que sabia exatamente o que faria assim que a vi saindo daquela mata. Faria qualquer coisa ao meu alcance para salvar sua vida.

— Pegue o kit de primeiros socorros. — A mulher suspirou aliviada e voltou alguns minutos depois com tudo o que eu precisava.

Aferi a pressão da garota e conferi os batimentos cardíacos. Ela ainda tremia, mas ao que tudo indicava, começava a ficar mais quente e seus sinais em breve voltariam ao normal, mas precisaria continuar acompanhando. Levei o estetoscópio até seu peito, tentando fazer a ausculta enquanto Nicolina revirava as roupas da garota.

— Achei uma identidade, mas... — Peguei o documento, desesperado por qualquer informação que fosse, mas a lama e toda a água destruíram grande parte dele. Só conseguia ver a data de nascimento. Vinte e oito de abril. Faria aniversário daqui a alguns dias, e pelo ano de nascimento, tinha 20 anos de idade.

Encarei seu rosto, antes branco como mármore, agora ganhando aos poucos uma nova tonalidade. A garota tinha traços meigos. Cílios grossos modelavam seus olhos fechados. Os lábios pareciam desenhados, tamanha delicadeza, e estavam entreabertos. Os cabelos eram uma massa pesada e ondulada de fios escuros que moldavam o rosto fino. Assemelhava-se a uma boneca de porcelana.

Vê-la ali, desacordada, trouxe uma sensação estranha de impotência ao meu peito.

— Onde será que ela conseguiu esse hematoma? Olha o rosto, também está bem marcado. — Sondei o lugar que Nicolina apontou e então vi a pele bem vermelha de um lado só.

Nicolina começou a ajeitar as cobertas ao redor da jovem quando ela repentinamente abriu os olhos e deu um salto no mesmo lugar.

— Porra!

— Meu Deus! — Nicolina e eu falamos juntos.

— Ela acordou! — Pisquei, aflito.

A jovem tentou se levantar, empurrando as cobertas, mas perdeu as forças e desabou sobre o colchão.

— Ei, moçinha, se acalme. — Nicolina segurou a mão da garota que parecia estar vendo dois fantasmas diante dela.

Geno continuava espreitando da porta e a única coisa que eu conseguia pensar era o que faria com aquela moça prestes a desmaiar novamente.

— Consegue me ouvir? Entende o que eu falo? — falei em alto e bom tom para testar seus sentidos.

Ela meneou um aceno fraco, sem me encarar nos olhos, e tentou se sentar mais uma vez.

— Sente as pontas dos dedos das mãos e dos pés? Consegue mexê-los? — Ela escorou o corpo na parede atrás de si.

— Sim. — Foi a primeira vez que ouvi sua voz, ou pensei ter ouvido, de tão baixo que ela falou, e quando percebeu que estava nua embaixo das cobertas, arregalou os olhos e sugou o ar com força.

— Suas roupas iam te causar uma hipotermia severa — expliquei e ela se encolheu sob as cobertas. Ainda estava trêmula.

Observei seus sinais vitais e sua reação ao acordar. Além da marca roxa em seu ombro, não havia ferimentos graves, apenas algumas escoriações que eu julgava terem sido causadas pela sua luta contra a mata que era densa demais.

— Qual é o seu nome? Sua identidade foi destruída no caminho até aqui — comecei, louco de vontade de complementar a pergunta e questionar que diabos ela estava fazendo ali, mas sabia que a assustaria. Podia ver em seu rosto que estava tomada de medo.

— M-melanie. — Bateu os dentes e abaixou o rosto, privando-me de ver seus olhos.

— O que faremos, patrãozinho? — Nicolina uniu as mãos em frente ao peito. — Não podemos deixá-la assim. — E logo se apressou em passar uma toalha no rosto da jovem que por um momento mostrou relutância. — Shh, fica calma, mocinha. Vamos te ajudar. — Ela fechou os olhos e permitiu que Nicolina se aproximasse.

Temi que ela não tivesse forças nem para reclamar.

Nicolina estava certa. Não podíamos deixá-la daquele jeito, mas ainda havia tanto que eu não entendia de toda aquela história.

— Precisamos levá-la ao hospital, assim que a chuva cessar, não sabemos o que aconteceu e...

— NÃO! — A simples menção de levá-la ao hospital fez a garota dar um grito agoniado. Ela me encarou nos olhos pela primeira vez. Foi então que vi o par de íris douradas brilhando em minha direção, mas pareciam reluzir do mais puro desespero. — Não — repetiu, fraca, e fez menção de se levantar enrolada nos cobertores que se provaram pesados demais para que ela pudesse suportar.

Melanie... se aquele era mesmo o nome dela, sequer conseguiu sustentar o próprio corpo e caiu na cama mais uma vez.

— Mas que merda, fique quieta, garota! — praguejei e recebi um olhar de reprimenda de Nicolina. Bufei, irritado. — Não vamos levá-la ao hospital — garanti, para que se acalmasse, mas vai precisar me dar algumas respostas.

Como ela tinha conseguido chegar até ali? Era difícil andar naquela escuridão e ainda por cima com uma tempestade forte varrendo toda a cidade.

Do que diabos ela estava fugindo?

Várias perguntas surgiram em minha mente.

— Patrãozinho — Nicolina sussurrou, chamando minha atenção. — Acho que a conheço de algum lugar. Seu rosto não me é estranho. Além do mais, ela parece ser uma boa menina — ela garantiu, pressionando o documento de identidade sujo e estragado entre os dedos e eu sabia o que aquela senhorinha esperta estava

fazendo. — Não podemos deixá-la à própria sorte. — Nicolina queria amolecer meu coração para, no fim, ajudar a garota.

Soltei uma rajada de ar pela boca com força. Ela nem sequer sabia quem era aquela moça de verdade.

Pousei meus olhos na jovem que começava a tremer novamente e a se encolher na cama, como se tomasse consciência, aos poucos, de onde estava. Seu olhar baldio vagava pela cama. Ela parecia tão perdida quanto eu, tão assustada que sequer conseguia erguer o rosto.

Quem é você, Melanie?

— Natan? — Geno chamou. — O que vamos fazer com ela?

— Patrão? — Nicolina tocou meu braço, pressionando-me.

— Ajude-a a beber um pouco do chá. Depois, leve-a para tomar um banho bem quente e então... — ponderei, ciente de que já tinha tomado aquela decisão minutos antes. — Coloque-a em um dos quartos de hóspedes e me avise. Vamos esperar que ela acorde para saber o que faremos. — Virei-me de costas, evitando encará-la mais uma vez.

— Ela está acordada — Geno disse, às minhas costas.

— Ela parece acordada — garanti. — Mas ainda não está assimilando as coisas.

Uma sensação estranha se apossou do meu peito. O desespero que vi estampado no rosto daquela mulher segundos antes que ela desmaiasse ainda era palpável no ar. Temia o que quer que tivesse acontecido a ela, mas temia ainda mais descobrir o quê, ou quem causou tudo aquilo. Olhei para ela novamente.

— O senhor está bem? — Nicolina tentou se aproximar e só então percebi que encarava a jovem com o semblante fechado.

— Não é comigo que vocês precisam se preocupar. — Desviei os olhos para a mobília do quarto. — Avise-me quando terminar. Estarei no escritório.

Saí de lá a passos duros, trazendo comigo todos os meus demônios para mais uma noite em claro.



Por sua causa
Eu nunca ando muito longe da calçada
Por sua causa
Eu aprendi a jogar do lado seguro, assim não me machuco
Por sua causa
Eu acho difícil confiar não só em mim
mas em todos à minha volta
Por sua causa eu tenho medo
Because Of You - Kelly Clarkson

Melanie Passos

Há tantos mistérios que nunca vamos entender...

O que tem lá no fundo do mar, onde nenhum metal é capaz de suportar a pressão?

O que tem no misterioso e infinito universo?

Por que as pessoas mentem e machucam?

Por que amar pode ser tão doloroso?

Por que eu me sinto tão culpada?

Meu corpo doía, mas já não sentia frio. Só me lembrava de ter apagado. Na verdade, não sabia se tudo não passava de um longo e tortuoso pesadelo.

Não sei se desmaiei ou dormi, mas naquele momento respirava fundo, com medo de me mover e continuar presa naquele sonho. Tinha medo de que, na verdade, tudo o que aconteceu comigo naquele dia fosse real.

— Oh, oh! Ela está acordando. Genosvaldo do céu! Vem ver — uma voz chamou ao longe.

— Que foi mulher?! — Outra voz, bem mais agitada que a primeira, me despertou e lentamente comecei a abrir os olhos. Era tão difícil fazer aquilo. Como se uma força invisível me obrigasse a fechá-los e foi com muito esforço que tentei mantê-los aberto.

Uma luz bem fraca fez com que minhas pupilas ardessem e aos poucos o ambiente ao meu redor começou a se destacar. A mulher que surgiu no meu campo de visão era baixinha, de cabelos cor de mel presos em um coque, vestida com uma camisola azul que batia em seus joelhos. Ela me encarava aflita com as mãos unidas em frente ao rosto que destacava algumas rugas, mas ainda assim parecia uma mulher jovial.

— Oi, querida. — Ela se aproximou.

Só então reparei no homem parado à porta. Vestido de roupas largas e um par de chinelos, seu semblante parecia o de quem estava dormindo e se levantou às pressas. Devia ter a mesma idade da mulher, que agora tocava minha perna.

— Onde estou? — perguntei, confusa. — Que lugar é este?

Estava deitada em uma cama com um travesseiro sob a cabeça. O quarto era pequeno e tinha uma janela, que estava

fechada, mas pelo barulho de vários batuques na madeira, lá fora ainda estava chovendo.

— Bem que o patrão disse para esperarmos. Ela parece bem melhor — o homem comentou. — Você está na Vinícola Kannenberg.

— Você foi encontrada bem aqui em frente a nossa casa — a mulher o interrompeu bruscamente. — Eu sou a Nicolina, governanta daqui, e esse parado feito uma estátua ali na porta é o meu marido, Genosvaldo. Ele cuida das terras.

— E sou motorista — o homem completou com orgulho.

Vinícola Kannenberg!

As palavras ressoaram em meu subconsciente, mas não conseguia raciocinar muito sobre nada do que falavam. Meus olhos pesaram um pouco mais e tive a impressão de que cheguei a fechá-los por um momento.

— Ela parece cansada — o homem comentou.

— O que aconteceu com você, menina? — a mulher perguntou, mesmo que não parecesse esperar de fato alguma resposta e eu me encolhi, fraca demais para abrir a boca direito.

Ainda que conseguisse falar, não conhecia aquelas pessoas, como poderia dizer qualquer coisa a eles? De qualquer forma, estava com tanto medo e vergonha que não saberia por onde começar.

— Geno... — Abri os olhos e a vi encarar o marido, que pareceu entender algum recado.

— Ah... vou avisar ao patrão que a moça acordou. — Ele meneou um aceno rápido para a mulher, passou os olhos por mim e saiu em disparada.

Quem é o tal patrão?, o pensamento vagou em minha mente confusa.

— Pronto, estamos sozinhas. — Ela tocou minha mão. — Pode ficar tranquila.

Baixei os olhos para o lençol azul e só então percebi que estava vestida com um vestido bege, largo demais para mim.

— Onde estão minhas roupas? — Minha voz surgiu arrastada. — Quem...

— Trocamos suas roupas assim que o patrão te trouxe para dentro. — Novamente aquela palavra. Quem era aquele homem? — Depois, eu te levei para um banho quente e você tomou uns dois goles de chá antes de dormir novamente.

Será que aquele tal patrão foi quem me trouxe para cá? Ele quem... tirou as minhas roupas?

Tentei falar, mas minha garganta parecia colada, como se eu fizesse um esforço absurdo para que qualquer palavra coerente saísse por meus lábios.

— Se está preocupada com quem tirou suas roupas molhadas, já adianto que pode ficar tranquila. O patrãozinho é bombeiro. Está tão acostumado com essas coisas que te garanto que não viu nada demais. — Ela deu um tapinha na minha mão como se lesse minha mente. — Estava mais preocupado em salvar sua vida. — Suspirou pesadamente. — O patrãozinho perde o sono na maioria das madrugadas, uma tristeza. Mas hoje, graças à insônia, ele viu um vulto vindo em direção à casa. Saiu para ver o que era. Aquele menino imprudente. E se fosse um ladrão? — ela falava rápido demais, o que tornava difícil entendê-la. — Mas por

sorte era você. — Sorte? Aquela era uma palavra que eu desconhecia.

Tentei me lembrar de algo. Lembrava-me de ter visto um animal bem grande vindo em minha direção, pouco antes de desmaiar. Será que era o tal *patrãozinho* daqueles dois?

A mulher se inclinou em minha direção e levou a mão até minha testa, arrancando-me dos meus devaneios.

— Ah, graças ao bom Deus, não está com febre. — Ela sorriu com delicadeza. — Durma um pouco e descanse. Vai se sentir melhor quando acordar... — Ela mal terminou a frase e eu já não conseguia manter meus olhos abertos.

Melanie...

Melanie...

Busquei a voz que me chamava com tanta dor, olhei de um lado para o outro e só consegui ver escuridão. Um frio cortante dilacerava minha pele.

Onde estou?

— Ei! Tem alguém aí? — chamei e ouvi uma gota cair com um som oco e abafado em algum lugar. Virei o rosto de um lado para o outro, rodopiando na escuridão sem fim.

Dei um passo e meu pé se prendeu em algo. Caí no chão no mesmo instante em que senti meus cabelos sendo violentamente puxados para trás.

— Por que você fez isso? — A voz lenta e perfurante entrou pelos meus ouvidos e prendi o ar em pânico.

Não! Não podia ser!

— Por que fez isso, minha menina? — Senti seus dedos afundarem na carne do meu ombro com força. Um grito reverberou pela minha garganta com a dor latente que se espalhou pelo meu corpo. — Eu vou tirar isso de você.

— Não! — Minha voz saiu baixa. Todo o meu ser se debatia, implorando para que ele me deixasse em paz, mas diferente do que eu sentia, mal conseguia falar ou me mover.

Assisti a ele me arrastar para a casa escura da esquina, de paredes de madeira abarrotadas de mudas de plantas secas, como um mau agouro. Tentei me debater, mas me sentia congelada. Tentei implorar, mas não encontrei minha própria voz.

— Você vai se livrar disso — rosnou o homem em quem confiei toda a minha vida. — Ou eu vou me livrar de você.

Foi então que minha alma se descolou do corpo, e como se assistisse a um filme de terror, eu o vi me arrastando enquanto eu me debatia e implorava para que me soltasse. O vi me agredir com socos, chutes e me jogar no chão com tanta voracidade que perdi o ar e temi por minha vida.

Ele ia me matar!

Ele ia *nos* matar!

— Não! Por favor, por favor — comecei a gritar com tudo o que tinha até sentir o gosto de sangue tocar minha garganta. — Para! Para! PARA!

— Calma, Melanie. Fica calma, você está segura.

Arregalei os olhos e bati os braços por alguns segundos até entender que havia alguém ali.

— Foi só um pesadelo, já passou! — A voz do homem tocou meus ouvidos com suavidade. Era forte, como o som de um trovão,

mas estava sendo contida e me agarrei aquele som para voltar à realidade.

Meu peito subia e descia em uma velocidade impressionante. Todo o meu corpo estremeceu. Não conseguia me acalmar, não conseguia sequer raciocinar. O ar desapareceu dos meus pulmões, e quando me dei conta, lágrimas espessas estavam rolando por meu rosto.

O homem na escuridão me abraçou com força quando tombei para frente. Não sabia quem era, mas me agarrei a sua camisa como se soubesse. Não conseguiria me manter sã se não fizesse.

Soluços inconstantes irromperam por minha boca, e tudo desabou de vez quando ele uniu as mãos em minhas costas e subiu os dedos por ali, sussurrando palavras que deveriam me acalmar.

— Vai ficar tudo bem, você está segura. — Então por que me sentia tão vulnerável? — Coloca para fora, estou aqui para te ajudar — ele continuou e meus ombros estremeceram com o choro violento que me tomou.

Chorei, tossi, me engasguei. O medo que assolava cada cantinho do meu corpo ganhou ainda mais forma.

Agarrei-me à camisa de um completo estranho, enquanto tentava não me afogar no meu próprio desespero. Um bom tempo se passou até que eu conseguisse respirar novamente, mas ainda me via enlaçada ao homem misterioso, como se ali, nos braços quentes e firmes de alguém que nunca tinha visto antes, fosse o lugar mais seguro do mundo, muito mais seguro do que os braços que conheci desde o dia que nasci e que agora me causavam tanta dor.

— O que posso fazer por você? Diga alguma coisa, qualquer coisa. — Ele soprou entre os meus cabelos, quando percebeu que voltei a respirar. Só então me dei conta do quão absurdo era aquela situação.

— Tenho que ir... — foi tudo que consegui falar. — Preciso ir embora!

Lembrei-me que estava na Vinícola Kannenberg, o que significava que estava bem longe de casa e aquilo era bom, mas não bom o bastante. Não podia continuar ali, precisava fugir para o lugar mais distante possível. Mas como?

— Você não está pensando direito. — Ele acariciou minhas costas e tentei endireitar meu corpo. Minhas mãos trêmulas foram cercadas pelas dele. Foquei no calor que elas traziam à minha própria pele e consegui respirar depois disso.

— N-não posso ficar aqui.

— Você tem para onde ir? — Ergui os olhos na escuridão do quarto e tudo que vi foram os contornos do corpo dele. Meneei um aceno negando.

— Então, descanse, durma mais um pouco. Ainda estamos na madrugada. Se acalme e veremos o que vamos fazer amanhã cedo. — Ele se inclinou sobre meu corpo, ajudando-me a me deitar mais uma vez. Depois saiu da minha cama e se sentou em um banquinho ao lado.

Será que ele estava ali há muito tempo?

O pensamento vagou por minha mente por mais alguns minutos.

Encolhi-me com a possibilidade de fechar os olhos novamente e ter outro pesadelo. O medo ainda estava latente em

meus ossos.

A mão do homem ao meu lado alcançou a minha, como se adivinhasse o que me fazia temer, e o contato da sua pele me fez prender a respiração com o medo profundo que me afetou.

— Não quero fechar os olhos — confessei.

— Sei que nosso subconsciente pode esconder armadilhas terríveis e dolorosas, e sei também o quanto é difícil lidar com isso sozinho. — Ele acariciou meus dedos. — Acredite em mim, você não está sozinha. Feche os olhos e continue segurando minha mão. Estarei aqui se os pesadelos voltarem a aparecer. — Estremeci, e sem cerimônia agarrei a mão dele com ambas as minhas. Respirei fundo e meus olhos marejados se tornaram mais pesados conforme ele rodava os polegares em meus dedos.

Adormeci agarrada ao desconhecido que se tornou um porto seguro em meio à tempestade.

Continue lendo aqui: **https://amzn.to/30Ya8zr**

RECADO DA AUTORA



Olá, minha gente linda!

Gostaria de agradecer a todos que chegaram até aqui. Este livro é muito especial para mim e espero do fundo do coração que tenham gostado do nosso Lobinho e seu Cristal precioso.

Também gostaria de aproveitar e pedir que avaliem o livro aqui na Amazon, isso ajuda muito, muito, muito. E se quiser comentar algo comigo sobre a história, se tiver gostado ou não, se encontrou algum errinho que gostaria de me dizer, ou se quiser me ameaçar pedindo logo o livro do Fantasma (que promete), não se acanhe, pode entrar em contato comigo. Estou te esperando com muito carinho.

Que tal fazer parte do meu grupo de leitoras no WhatsApp?

É um GRUPO SÓ PARA MULHERES e lá fazemos muitas brincadeiras, inclusive brincadeiras musicais e se você não gosta de cantar, pode vir rir com gente, porque é muito divertido. Também temos sorteios e muito amor e carinho. Costumo dizer que o grupo é

uma família, onde você pode desabafar desde os personagens que te fazem sofrer até coisas do seu cotidiano.

Para participar, basta clicar no link abaixo:



https://chat.whatsapp.com/InUzIMZvVQk13ky83bX0ky

Também estou no Instagram e por lá você vai encontrar de tudo um pouco. Só não se assuste, de vez enquando apareço meio descabelada, surtando com algum livro novo, mas garanto boas risadas.



https://instagram.com/nathanyteixxeira?r=nametag

E por fim, também podem entrar em contato comigo por e-mail através do endereço abaixo:



nathanyteixeira.escritora@gmail.com

Mais uma vez, obrigada por ter chegado até aqui. Um beijo no coração e até logo.



Todos os livros da autora na Amazon

https://amzn.to/3e3PKmw

AGRADECIMENTOS

Gratidão é uma palavra que define muito o conceito deste livro. Sou imensamente grata a cada uma das pessoas que estiveram comigo durante o processo de escrita até as edições finais.

Tici Pontes, obrigada por ter dedicado tanto tempo, carinho e atenção na preparação deste texto. Não sei o que eu faria sem suas dicas. Te amo muito.

Miah, minha *sunshine*, amiga e revisora, obrigada por sempre estar comigo nessa loucura de vida.

Layce, minha amiga e capista, obrigada por mais uma vez aceitar minhas ideias loucas e dar vida aos meus pensamentos.

Minhas betas, sem vocês eu estaria perdida. Kelly (Que sempre está ao meu lado para tudo), Winnie (Que sempre me acalma), Naah (Que sempre me apoia e ameaça aparecer na minha porta quando eu sumo), Lola (Que sempre segura minha mão e, por sinal, foi quem me ajudou a fechar o nome da trilogia dos irmãos) e Biia (Que sempre aquece meu coração), amigas, amo muito cada uma de vocês e sou muito grata ao meio literário por ter nos apresentado. Obrigada pelos surtos, trilhões de áudios e todo apoio que sempre me dão.

Layla Loul, não cabe em mim toda a gratidão que tenho por você ter estado ao meu lado e o tanto que me ajudou neste livro.

Obrigada, minha amiga. Nunca vamos soltar nossas mãos. Juntas somos mais fortes.

E agora, um agradecimento mais que especial para as três mulheres que estiveram comigo durante todo o processo e são minha fonte de inspiração.

Jô Magrini, só posso agradecer por estarmos juntas neste processo. Eu de cá, com meu Lobo e você de lá, com seu Muralha. E juntas passamos por tudo que se pode imaginar, transpondo barreiras que eu nem sequer imaginava enfrentar. Obrigada por estar ao meu lado nos sufocos e nas alegrias. A verdade é que transformamos tudo em uma longa risada.

Mari Sales, minha Mari-Sensei, obrigada por tanto apoio e incentivo. Por todas as vezes que fui correndo te pedir algum conselho porque estava perdida e você, com todo seu carinho e atenção, sempre esteve ali para me socorrer. Desde o meu primeiro livro, há tantos anos. Obrigada, Mari, você é um exemplo para mim. O maior de todos.

Renata Corrêa, obrigada por ter entrado na minha vida. Hoje não consigo imaginar um dia sequer sem mandar alguma mensagem para você. Amo muito sua amizade e te admiro como autora, médica, mãe e a mulher incrível que você é. Obrigada por todo apoio.

E por fim, aos meus leitores que são minha fonte de energia, alegria e motivação. Vocês são tudo que eu poderia pedir em meus sonhos mais lindos.